

Cristiano Nicolini

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO VALE DO TAQUARI: ETNOGRAFIA DOS
GRUPOS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA E DO 47º FESTIVAL
DO CHUCRUTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Desenvolvimento Regional; Linha de Pesquisa em Território, Planejamento e Sustentabilidade, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ângela Cristina Trevisan Felippi

Santa Cruz do Sul

2013

Cristiano Nicolini

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO VALE DO TAQUARI: ETNOGRAFIA DOS
GRUPOS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA E DO 47º FESTIVAL
DO CHUCRUTE**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Desenvolvimento Regional; Linha de Pesquisa em Território, Planejamento e Sustentabilidade, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Dr^a Ângela Cristina Trevisan Felippi
Professora Orientadora - UNISC

Dr. Olgário Paulo Vogt
Professor examinador - UNISC

Dr^a Roswithia Weber
Professora examinadora – FEEVALE

Santa Cruz do Sul
2013

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque, antes dele ser pensado, conheci pessoas que me inspiraram a fazê-lo. A principal personagem desta história é uma grande amiga que conheci em 1998, no curso de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Esta pesquisa surgiu numa aula de História Contemporânea em que o grupo do qual Mônica Nunes e eu fazíamos parte deveria apresentar um trabalho, mas naquele dia ela não pode comparecer, porque estava representando os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* como a rainha adulta do *Festival do Chucrute*. Esta dissertação se desenvolveu a partir da curiosidade sobre aquilo que estava tão perto, e ao mesmo tempo tão distante do que eu conhecia sobre o lugar onde nasci e cresci: o que motivava a minha colega do curso de História a assumir tal identidade? Por que aquelas pessoas investiam tanto esforço numa festa típica?

Alguns anos depois daquela curiosidade inicial, decidi conhecer melhor o universo das representações e das manifestações culturais do território denominado Vale do Taquari. Eis então que a Mônica surgiu novamente como personagem-chave, me oferecendo subsídios e abrindo caminhos para a realização desta pesquisa. A partir de uma conversa inicial, realizada no final de 2011, pude entrar em contato com os diversos atores sociais que possibilitaram a realização desta dissertação. Pessoas da Comunidade Evangélica de Estrela, integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas*, comendadores do 47º *Festival do Chucrute*, e uma lista interminável de pessoas cuja disponibilidade foi indispensável durante esta trajetória de pesquisa.

Igualmente, não poderia deixar de agradecer às pessoas que me orientaram na outra frente desta dissertação – o campo teórico e metodológico que instrumentalizou o trabalho de campo. Neste sentido, foi um privilégio conviver e partilhar conhecimentos com os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGDR UNISC). Um agradecimento em especial à Profª Drª Ângela Cristina Trevisan Felippi, que aceitou esta orientação às vésperas da chegada do seu segundo filho. Mesmo no período de sua licença maternidade, não mediu esforços e foi à UNISC orientar a elaboração do projeto para esta dissertação, tendo que conciliar a recente maternidade com as reflexões sobre identidade cultural, representações, território, desenvolvimento... (os estudos culturais nos auxiliam a compreender estas *múltiplas identidades*).

Agradeço também às outras pessoas que me auxiliaram e acompanharam durante estes vinte e quatro meses de leituras, reflexões e questionamentos que agora tomam forma de

texto: aos integrantes do PPGDR UNISC – secretárias, professores e coordenadores Prof^ª Dr^a Virginia Elizabeta Etges e Prof. Dr. Silvio Cezar Arend; à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da Bolsa Modalidade II; à instituição Universidade de Santa Cruz do Sul, na qual realizei estudos desde 2005, na Especialização em História do Brasil, e pela qual tenho muito respeito e admiração; aos colegas da turma de mestrado e doutorado 2011; meus amigos, familiares, colegas das escolas e alunos. Minha gratidão a todos, pela paciência, pelas palavras de incentivo quando os desafios pareciam intransponíveis. Lembrando das vezes em que me perguntaram: “E a dissertação, como vai?”... Hoje, posso responder: “Está aqui, nestas páginas que traduzem não apenas a minha estreia como pesquisador das Ciências Sociais Aplicadas, mas todo um conjunto de vivências que estes dois anos do curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional puderam me proporcionar”.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma reflexão teórica acerca das relações entre cultura e desenvolvimento, situando esta discussão dentro do contexto da globalização. Partindo da perspectiva dos estudos culturais, a análise inicial é direcionada para a compreensão do território e dos atores regionais na dinâmica que existe entre a dimensão global e local/regional. Neste cenário, surge a discussão sobre a identidade cultural, cuja atuação é indispensável para se pensar a diferenciação dos territórios na sociedade global. A última parte desta dissertação elege dois produtos culturais situados no território denominado Vale do Taquari – RS – Brasil, onde atuam, desde a década de 60, na construção da referida identidade territorial. Estes artefatos se constituem de manifestações culturais inspiradas em representações da *germanidade*, que tem suas origens associadas à imigração ocorrida nos séculos XIX e XX. Criados e mantidos pela *Comunidade Evangélica de Estrela (IECLB)*, os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* vêm atuando na construção da identidade territorial desta região. Para compreender como se dá esta inserção e atuação, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico junto a estas duas instituições, cujos resultados foram analisados a partir das referências teóricas dos estudos culturais e das relações entre cultura e desenvolvimento regional.

Palavras-chave: identidade territorial; *germanidade*; estudos culturais; globalização; Vale do Taquari.

ABSTRACT

This dissertation approaches a theoretical reflection about the relation between culture and development, placing the issue in the context of globalization and cultural studies perspective. The initial analysis leads to a comprehension of concepts as territory and regional actors in the dynamic that exists between the global and the local/ regional. Further more, my aim is to study the concept of cultural identity, which is essential to think about the differences that distinguish and determine *belongness* to territories in the global society. The last part of this paper elects two cultural products placed in the territory called Taquari Valley – RS - Brazil, where they act in the construction of a territorial identity since the sixties. The mentioned cultural events called artifacts are the *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* and the *Festival do Chucrute*, both created and supported by the Evangelical Community in Estrela (IECLB). These artifacts constitute cultural events inspired by representations of *germanness*, whose origin is placed in the time of German immigration in the Brazilian South in the nineteenth and twentieth centuries. An ethnographic research has been done upon these two institutions in order to analyze how the integration among members and their performance interferes in the construction of a territorial identity in this region. The results were analyzed based on the theoretical reflections of cultural studies mainly the relation between culture and regional development.

Key-words: territorial identity- *Germanness* - cultural studies - globalization - Taquari Valley.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Parque Histórico de Lajeado	58
Fotografia 2 - Representação dos colonos imigrantes, no <i>Centro Administrativo de Teutônia</i>	62
Fotografia 3 - <i>Monumento ao Imigrante</i> , em Lajeado	80
Fotografias 4 e 5 - O município de Forquethina e as edificações em estilo germânico	81
Fotografias 6 e 7 - <i>Museu Henrique Üebel</i> e <i>Antick Haus Bergmann</i> , pontos integrantes da <i>Rota Germânica</i>	82
Fotografia 8 - Construção de prédios inspirados no estilo enxaimel, em Estrela	89
Fotografia 9 - Casal Adolfo Guilherme Frederico Ziebell e Helga Vier Ziebell, fundadores dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> (1964)	97
Fotografias 10 e 11- Painéis e objetos expostos no <i>Salão da IECLB – Lar do Jovem</i> - contam a trajetória dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i>	109
Fotografia 12 - Participação dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> na <i>Janta Baile da Comunidade de Novo Paraíso de Estrela</i>	112
Fotografias 13 e 14 - O <i>site</i> dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> registra as suas excursões pela Europa	117
Fotografias 15 e 16 - Os <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> diversificam as apresentações com estilos de dança de outras regiões do Brasil	117
Fotografia 17 - Instrutor Andreas Hamester realizando oficina de danças em Buenos Aires (agosto de 2012)	120
Fotografias 18 e 19 - Imagens dos primeiros <i>Bailes do Chucrute</i> , hoje <i>Festival do Chucrute</i>	124
Fotografia 20 - Mascotes do <i>Festival do Chucrute – Chuck e Ruth</i> -, incorporados como símbolos do município de Estrela	125
Fotografias 21, 22, 23 e 24 - Etapas do preparo do chucrute, principal prato do evento que leva o seu nome	131
Fotografia 25 - Noite do lançamento oficial do <i>47º Festival do Chucrute</i> de Estrela (13/4/2012)	135
Fotografias 26 e 27 - Integrantes realizam entrega de material de divulgação do <i>47º Festival do Chucrute</i> no pórtico de entrada do município	137
Fotografias 28 e 29 - Os integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> preparam os carros para o desfile temático	137
Fotografias 30 e 31- Desfile temático pelas ruas de Estrela e Lajeado	138

Fotografias 32 e 33 - Separação do cipreste e preparo das correntes e guirlandas para a decoração do salão do <i>Festival do Chucrute</i>	141
Fotografias 34, 35, 36 e 37 - Divisão de tarefas na ornamentação do salão para o <i>47º Festival do Chucrute</i>	142
Fotografias 38, 39 e 40 - Salão decorado para as festividades do <i>47º Festival do Chucrute</i> . No detalhe, painéis expostos no local	144
Fotografia 41 - Coreografia de abertura do <i>47º Festival do Chucrute</i>	145
Fotografia 42 - Apresentação da categoria Mirim no <i>47º Festival do Chucrute</i>	146
Fotografias 43 e 44 - <i>Buffet</i> servido no <i>47º Festival do Chucrute</i>	148
Fotografia 45 - Apresentação da categoria das Senhoras no <i>47º Festival do Chucrute</i>	148
Fotografia 46 - Coreografia da categoria Juvenil no <i>47º Festival do Chucrute</i>	149
Fotografia 47 - Dramatização da <i>Lenda da Floresta de Grunenwald</i> no <i>47º Festival do Chucrute</i>	150
Fotografias 48 e 49 - Café colonial do <i>47º Festival do Chucrute</i>	151
Fotografia 50 - <i>6ª Festa das APAES</i> , no <i>47º Festival do Chucrute</i>	152
Fotografias 51 e 52 - <i>19ª Festa do Idoso</i> , na programação do <i>47º Festival do Chucrute</i>	154
Fotografia 53 - Categoria de Casais dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> representam um baile de Kerb, no segundo baile do <i>47º Festival do Chucrute</i>	155
Fotografias 54 e 55 - Segundo baile do <i>47º Festival do Chucrute</i>	156
Mapa 1 - Representações identitárias predominantes no Vale do Taquari	77
Mapa 2 - Planta parcial da <i>Fazenda Estrela</i> em 1861	84
Mapa 3 - Município de Estrela em 1922	85
Mapa 4 - Formação do município de Estrela	87
Ilustração 1 - Cartaz alusivo ao roteiro turístico <i>Delícias da Colônia</i> , abrangendo Estrela e outros municípios de colonização germânica	88
Ilustração 2 - Brasão dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i>	99
Ilustração 3 - Site dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i>	106
Ilustração 4 - <i>Folder</i> de divulgação dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i>	107
Ilustração 5 - <i>Folder</i> de divulgação do <i>47º Festival do Chucrute</i>	121
Ilustração 6 - Cartaz-convite para o <i>1º Baile do Chucrute</i> (1966)	123
Ilustração 7 - Cartaz de divulgação do <i>6º Baile do Chucrute</i> (1971)	127
Ilustração 8 - Adesivo de divulgação do <i>33º Festival do Chucrute</i> (1998)	127
Ilustração 9- Cartaz de divulgação do <i>34º Festival do Chucrute</i> (1999)	128
Ilustração 10 - Cartaz de divulgação do <i>35º Festival do Chucrute</i> (2000)	128

Ilustração 11 - Cartaz de divulgação do <i>47º Festival do Chucrute</i>	136
Ilustração 12 - Ingressos para o <i>47º Festival do Chucrute</i> (19 e 26 de maio de 2012)	143
Organograma - Funcionamento da <i>IECLB</i>	104
Notícias de jornal 1 e 2 - Grupos folclóricos da região do Vale do Taquari promovem eventos ao longo do ano	106
Notícia de jornal 3- Imprensa local divulga ações dos <i>Grupos</i> na preparação do <i>Festival do Chucrute</i>	113
Notícia de jornal 4 - Imprensa local noticia apresentação dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> em Porto Alegre	115
Notícia de jornal 5 - <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> se apresentam na Europa	116
Notícia de jornal 6 - Participação dos <i>Grupos da Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> na <i>Bauernfest'92</i> , em Petrópolis, RJ	118
Notícia de jornal 7 - Divulgação do preparo do chucrute na imprensa regional	132
Notícia de jornal 8 - Imprensa divulga desfile do <i>47º Festival do Chucrute</i>	140
Notícia de jornal 9 – Imprensa noticia primeiro Baile do <i>47º Festival do Chucrute</i>	147
Notícia de jornal 10 - Imprensa divulga o encerramento do <i>47º Festival do Chucrute</i>	157
Notícia de jornal 11 - Divulgação da participação dos argentinos no <i>47º Festival do Chucrute</i>	158
Tabela 1 - Etnografia dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> e do <i>47º Festival do Chucrute</i>	94
Tabela 2 - Resultados do <i>47º Festival do Chucrute</i> em números	160

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	26
2.1	Cultura e globalização.....	28
2.1.1	A identidade cultural na atualidade.....	31
2.1.2	Os estudos culturais e a identidade cultural.....	34
2.2	Desenvolvimento Regional na perspectiva territorial.....	37
2.2.1	A guinada territorial.....	39
2.3	Conexões entre a identidade cultural, o desenvolvimento e a perspectiva territorial.....	43
3	FORMAÇÃO HISTÓRICA DO VALE DO TAQUARI E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL.....	47
3.1	Povoamento e colonização da região do Vale do Taquari.....	48
3.2	A escrita da história dos municípios.....	54
3.3	Os atores locais e a construção da identidade regional do Vale do Taquari.....	69
3.3.1	Elaboração de materiais publicitários: a identidade propagandeada.....	72
3.3.2	Símbolos, ritos e lugares de memória: territorialização da identidade do Vale do Taquari.....	79
3.4	Estrela no cenário regional: representações da germanidade.....	83
4	ETNOGRAFIA DOS <i>GRUPOS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA</i> E DO <i>47º FESTIVAL DO CHUCRUTE</i>	90
4.1	Por que a etnografia?.....	90
4.2	Etnografia dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> : do local ao global.....	95
4.2.1	A função da comunidade nas manifestações culturais germânicas... 101	
4.2.2	Os <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> : motivações e representações individuais e coletivas.....	105
4.2.3	As excursões dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> : a identidade regional levada ao espaço global.....	114
4.3	Etnografia do <i>47º Festival do Chucrute</i> : uma festa de representação 120	
4.3.1	Acompanhando os preparativos: preparo do chucrute, divulgação, desfile típico e ornamentação.....	128
4.3.2	Os bailes do <i>47º Festival do Chucrute</i> : cultura germânica ou cultura híbrida?.....	143
4.3.3	Repercussões e resultados do <i>47º Festival do Chucrute</i>	157
5	CONCLUSÃO.....	162
	REFERÊNCIAS.....	169
	ANEXO A - Roteiro da entrevista-piloto com a família Nunes (novembro de 2011).....	178
	ANEXO B - Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos	

	<i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> (março a dezembro de 2012).....	179
ANEXO C -	Ofício encaminhado ao instrutor dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> (dezembro de 2011).....	180
ANEXO D -	Ofício encaminhado aos membros da Comenda do <i>47º Festival do Chucrute</i> de Estrela (dezembro de 2011).....	181
ANEXO E -	Transcrição de áudio da entrevista não-estruturada com ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> (abril de 2012).....	182
ANEXO F -	Discurso do instrutor geral de danças dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> , Andreas Hamester, no lançamento oficial do <i>47º Festival do Chucrute</i> (13 de abril de 2012) – transcrito a partir de vídeo.....	186
ANEXO G-	Discurso do prefeito municipal de Estrela, Celso Brönstrup, no lançamento oficial do <i>47º Festival do Chucrute</i> (13 de abril de 2012) – transcrito a partir de vídeo.....	187
ANEXO H-	Roteiro prévio de observação do <i>47º Festival do Chucrute</i> (maio de 2012).....	188
ANEXO I -	Culto celebrado pela pastora da IECLB de Estrela, Ângela Ulrich, na abertura do <i>19ª Festa do Idoso</i> , dentro da programação do <i>47º Festival do Chucrute</i> (23 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.....	189
ANEXO J -	Discurso do presidente da IECLB de Estrela, Ernani Sehn, durante a <i>19ª Festa do Idoso</i> (23 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.....	190
ANEXO K -	Discurso de Ernani Sehn, presidente da IECLB de Estrela e da Comenda do <i>47º Festival do Chucrute</i> , na abertura do segundo baile típico do evento (26 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.....	191
ANEXO L -	Abertura das apresentações de danças, feita pelo instrutor geral dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> , Andreas Hamester, no segundo baile típico do <i>47º Festival do Chucrute</i> (26 de maio de 2012) – transcrição de gravação de áudio.....	192
ANEXO M -	Discurso do pastor da IECLB de Estrela, Gilcinei Tetzner, na abertura do segundo baile típico do <i>47º Festival do Chucrute</i> (26 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.....	193
ANEXO N -	Entrevista sobre os primeiros <i>Bailes do Chucrute</i> (hoje <i>Festival do Chucrute</i>).....	194
ANEXO O -	Entrevista com o casal Ernani e Aneli Sehn, integrantes da viagem dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> à Europa, realizada no período de 10/06 a 12/07/2012 (entrevista realizada em janeiro de 2013).....	196
ANEXO P -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - via email...	198
ANEXO Q -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - via email...	199
ANEXO R -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - via email...	200

ANEXO S -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> – respondido pelos integrantes após um ensaio.....	201
ANEXO T -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - respondido pelos integrantes após um ensaio.....	202
ANEXO U -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - respondido pelos integrantes após um ensaio.....	203
ANEXO V -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - respondido pelos integrantes após um ensaio.....	204
ANEXO X -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - respondido pelos integrantes após um ensaio.....	205
ANEXO Y -	Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> - respondido pelos integrantes após um ensaio.....	206

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto da globalização¹ identifica-se uma tensão entre os interesses globais e regionais. Nesta dinâmica, as diferentes regiões e territórios buscam afirmar a sua identidade frente aos processos de mudança impostos pelo desenvolvimento da sociedade capitalista. Esta identidade é construída historicamente, através da atuação dos diversos atores que compõem a realidade. (HALL, 2006). Na Região do Vale do Taquari – RS - Brasil², é possível identificar determinados processos de construção de identidade, formados principalmente a partir da cultura dos imigrantes italianos e alemães, os quais ocuparam grande parte deste território a partir do século XIX.³ A cultura destes imigrantes foi incorporada como o principal referencial identitário dos municípios que se emanciparam ao longo do século XX. Hoje, os trinta e seis municípios que compõem a região investem na promoção de uma determinada identidade, a qual se concretiza através de diversos projetos gerenciados pelas iniciativas pública, privada e de natureza comunitária.

Os atores sociais envolvidos nesta dinâmica buscam evidenciar as “raízes históricas” de seus respectivos municípios a partir da elaboração de diferentes estratégias, utilizando um conjunto de elementos materiais associado ao imaginário acerca do passado que, por sua vez, viabiliza a construção da referida identidade regional do Vale do Taquari. Observando a divisão político-administrativa dos municípios da região, é possível identificar três grandes grupos de representações identitárias predominantes – açorianos, italianos e alemães -, que não coincidem, necessariamente, com o processo de imigração que ocupou este território.

¹ Entende-se *globalização* como um processo que “[...] se aplica, [...] à produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial, e voltada para um mercado mundial. [...] corresponde a um nível e a uma complexidade da história econômica, no qual as partes, antes inter-nacionais se fundem agora numa mesma síntese: o mercado mundial.” (ORTIZ, 1994, p.16).

² Denominação correspondente aos COREDEs (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) do Rio Grande do Sul, criados oficialmente pela Lei 10.283, de 17 de outubro de 1994. Estes conselhos são fóruns de discussão e decisão a respeito de políticas e ações que visam o desenvolvimento regional. Seus principais objetivos são: a promoção do desenvolvimento regional harmônico e sustentável; a integração dos recursos e das ações do governo na região; a melhoria da qualidade de vida da população; a distribuição equitativa da riqueza produzida; o estímulo a permanência do homem na sua região; e a preservação e a recuperação do meio ambiente. (Fonte: www.scp.rs.gov.br. Acesso em: 28 jun. 2012). O COREDE do Vale do Taquari compreende os seguintes municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Brésia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sérico, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália. (Fonte: Fundação de Economia e Estatística – FEE. In: Banco de Dados Regional, março/2011).

³ Inicialmente povoada por indígenas, a atual região foi sucessivamente sendo ocupada por outros grupos étnicos, dentre os quais se destacam os portugueses, africanos e açorianos (séc. XVII – XVIII); no século XIX, os imigrantes vindos da Europa Continental passaram a ocupar as terras altas e baixas dos atuais trinta e seis municípios que compõem a região.

As formas de representação do passado variam de acordo com o tempo e o lugar aos quais nos referimos. Porém é possível identificar algumas estratégias comuns em todos os municípios da região. Dentre elas, pode-se destacar a elaboração de roteiros turísticos, confecção de panfletarias de divulgação das potencialidades locais, construção de monumentos, restauração de edificações coloniais, criação de espaços de memória (museus, parques temáticos, praças etc.) e, com maior frequência e evidência, a promoção de eventos municipais cuja temática se associa, em maior ou menor grau, à cultura dos antepassados alemães e italianos e, em raras exceções, à cultura açoriana. Estes eventos, por sua vez, buscam divulgar as respectivas potencialidades econômicas e culturais dos municípios que os promovem. São empreendimentos planejados e financiados pela iniciativa privada associada às administrações municipais. Ocorrem em diferentes momentos do ano, com periodicidades também variáveis. Geralmente, elegem um produto local como tema central do evento, mas acabam envolvendo também outros setores da economia local e regional, bem como dão espaço às manifestações culturais destes municípios. Nesta estratégia de mostrar a cultura local durante os eventos, seja no seu próprio tema central ou através de espaços criados em seus entremeios, é possível identificar a ênfase em “determinadas culturas”, em contraposição às demais que também fazem parte destes municípios.

Neste contexto, um dos referidos eventos se torna mais evidente por inúmeras peculiaridades: o *Festival do Chucrute* de Estrela, promovido pela *Comunidade Evangélica (IECLB)* do município desde o ano de 1966, ininterruptamente. Este evento, diferentemente das demais feiras e festas existentes nos outros municípios do Vale do Taquari, se diferencia por não ser promovido pela administração pública nem pela iniciativa privada (apenas recebendo apoio parcial destas instituições), pois foi criado e é mantido pelos próprios membros da comunidade, com destaque aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, criados em 1964, dois anos antes do primeiro festival. Estes grupos de danças são os mais antigos do Brasil, em atividades ininterruptas, neste gênero (danças folclóricas alemãs). Às vésperas de completarem meio século de existência, o *Festival do Chucrute* e os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* representam, na presente pesquisa de mestrado, um interessante objeto de estudo quando se pretende investigar as representações e manifestações culturais elaboradas pelos atores sociais do território, bem como o papel desempenhado por estas ações na construção de uma determinada identidade regional no Vale do Taquari.

Apesar de estarem situados no município de Estrela, vinculados a uma determinada comunidade religiosa dentro dele, os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* extrapolam esta delimitação espacial, atuando de forma muito mais

ampla no território onde surgiram e se mantêm por tanto tempo. São quase cinquenta anos de atividades ininterruptas, sendo que o número de dançarinos que atuam nos *Grupos*, hoje, supera os quinhentos integrantes. Esta entidade, no entanto, não se limita ao município, levando as suas apresentações a diversas localidades do Rio Grande do Sul, do Brasil, da América e da Europa. Participam de eventos, promovem cursos, viagens e intercâmbios durante o ano inteiro, destacando-se a sua atuação, nos meses de março a maio, na preparação, divulgação e realização do *Festival do Chucrute*. A justificativa para a escolha destes objetos de pesquisa se dá a partir da relevância que as duas entidades têm no contexto das representações identitárias predominantes no Vale do Taquari – neste caso, a identidade *germânica*. Apesar de terem surgido de forma independente, hoje os *Grupos* e o *Festival* atuam de forma conjunta na construção da identidade territorial da região.

Este tradicional evento, que em 2012 chegou à sua 47^a edição, representa um dos mais evidentes momentos de manifestação cultural e de construção identitária da região, recebendo visitantes de vários estados do Brasil e até mesmo representantes de outros países. O evento mobiliza não apenas a *Comunidade Evangélica (IECLB)* de Estrela, entidade responsável pela criação e manutenção do *Festival*, como também atores dos mais variados segmentos do município e da região. Hoje, os *Grupos* e o *Festival* representam cenários privilegiados para observar e analisar como se dá o processo de construção de identidade territorial no contexto da globalização. Por isso, compõem a parte empírica principal desta pesquisa.

Assim, esta dissertação parte do seguinte problema de pesquisa: de que forma os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* vêm atuando, ao longo de quase cinco décadas, no processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari? Para responder a esta questão propôs-se, como objetivo geral, compreender as relações existentes entre as representações presentes nas manifestações culturais germânicas e a construção da identidade territorial no Vale do Taquari, através do estudo das duas entidades eleitas como objetos para este estudo. Como objetivos específicos propôs-se: a) caracterizar a trajetória dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *Festival do Chucrute*, no contexto histórico do Vale do Taquari; b) analisar a identidade cultural presente na trajetória destes *Grupos* e do *Festival*; c) estabelecer relações entre a identidade cultural presente nestas manifestações, o processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari e o desenvolvimento regional.

O papel da cultura e da identidade cultural no desenvolvimento regional vem à tona no momento em que buscamos compreender a dimensão territorial dos diferentes lugares em que os atores sociais interagem. Considerar a dimensão do território significa perceber que uma

região transcende um espaço geográfico delimitado pela natureza ou por questões de outra ordem que não humanas. Nesta perspectiva, é indispensável considerar a identidade cultural de um território como algo que se constrói em tempos e espaços determinados, a partir das suas próprias características, sejam elas físico-naturais ou histórico-culturais. (FLORES, 2006). São estas construções identitárias que dão sentido ao território em que diferentes atores se relacionam. Assim como a natureza impõe certos limites às ações humanas, também a formação sócio-histórica atribui ao lugar um conjunto de especificidades que não pode ser negado ou invisibilizado quando se pretende criar projetos de desenvolvimento para esta região. Afinal, esta categoria é também uma construção humana, sendo assim indispensável identificar, reconhecer e valorizar a formação histórica que levou a determinada configuração regional.

A tentativa de homogeneizar as culturas fez parte, durante muito tempo, da economia global, que ignorava as diferenças territoriais em função de uma uniformização das condições de produção. (PECQUEUR, 2009). Hoje, no entanto, com a retomada da dimensão territorial dos diversos espaços mundiais, forma-se uma rede de economias regionais, que busca atender às demandas locais, valorizando a diversidade de manifestações presentes em cada território, bem como as corporações globais tendem a identificar e valorizar as particularidades territoriais para obter sucesso em seus empreendimentos. No Vale do Taquari, por exemplo, é possível observar que as representações identitárias partiram do pressuposto de que o passado colonial germânico e italiano seriam as matrizes para desencadear uma série de atrativos aos visitantes e aos próprios atores locais. Uma das estratégias de identificação cultural da região foi a projeção de eventos que divulgassem as potencialidades dos municípios que integram o Vale. A promoção de festas e de feiras municipais e regionais começou a ser difundida já na década de 60 do século XX.

Naquele período, quando os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* foram criados, o Vale do Taquari era representado por apenas quatorze municípios⁴, sendo que Estrela foi o segundo território a se emancipar de Taquari. (BANCO DE DADOS REGIONAL, 2011). Neste sentido, o município possuía uma delimitação político-administrativa que representava grande parte da atual região, hoje subdividida em trinta e seis unidades municipais⁵. No entanto, quando se trata de compreender a identidade

⁴ As datas de emancipação dos municípios do Vale do Taquari são as seguintes, até 1965: Taquari (1849), Estrela (1876), Lajeado (1891), Encantado (1915), Arroio do Meio (1935), Roca Sales (1954), Bom Retiro do Sul, Muçum e Arvorezinha (1959), Anta Gorda, Cruzeiro do Sul, Putinga e Ilópolis (1964), Nova Brésia (1965).

⁵ Estrela deu origem a cinco novos municípios.

regional, estas divisões não impedem de visualizar as características que interligam estes municípios, cujas representações do passado elegeram, em sua ampla maioria, as memórias da imigração italiana e alemã como legitimadoras de uma identidade cultural homogeneizada através de estratégias em comum. É possível constatar esta unidade na disseminação de associações, eventos, reuniões, estudos, publicações e demais ações efetuadas em parceria entre as administrações e entidades privadas e comunitárias, cujas metas se resumem em evidenciar as potencialidades do Vale no contexto regional e global.⁶

A identidade cultural, segundo Hall (2006), é uma construção dos sujeitos que se dá através dos processos sociais. Se fosse inata, a identidade cultural não precisaria ser evocada, evidenciada e narrada. A luta apela afirmação identitária emerge sempre que há alguma dúvida ou incerteza. Este esforço por evidenciar determinada identidade cultural pode ser percebido em diferentes tempos e lugares, na medida em que as pessoas buscam pelos referenciais históricos que sustentem o discurso que pretendem afirmar. No entanto, vivemos um processo em que estas identidades, antes coesas e duradouras, hoje estão “(...) entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (HALL, 2006, p. 12). Assim, pode-se afirmar que não existe uma identidade unificada, mas sim diversas identidades que convivem na atualidade, sejam elas culturais, étnicas, de gênero, etc.

Nesta dissertação, pensar o processo de desenvolvimento regional implica, portanto, em considerar também a dimensão cultural como elemento fundamental da dinâmica social. Hall (1997) denomina “centralidade da cultura” a “forma como a cultura penetra em nossas vidas”, mediando todas as relações sociais. Isso provoca mudanças na vida cotidiana, interferindo nas outras dimensões da realidade – economia, política, sociedade. Neste sentido, os estudos culturais são relevantes para compreender de que forma a dimensão cultural atua nos diferentes tempos e espaços, na medida em que oferece subsídios teóricos para pensar a vinculação entre os processos culturais e as relações sociais. (JOHNSON, in SILVA, 1999). Nesta perspectiva, a cultura é vista não como um campo externamente determinado, mas como um local de diferenças e de lutas, cujos efeitos agem diretamente na sociedade. Os estudos culturais contribuem para pensar a identidade cultural e suas relações com o desenvolvimento regional, pois “(...) dizem respeito às formas históricas da consciência ou da

⁶ Dentre estas associações, pode-se destacar: a Associação dos Municípios de Turismo do Vale do Taquari (AMTURVALES); a Associação dos Municípios do Vale do Taquari (AMVAT); o Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (CODEVAT); a Câmara de Indústria e Comércio do Vale do Taquari (CIC VT); etc.

subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, (...), os estudos culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”. (JOHNSON, in SILVA, 1999, p. 25).

No momento em que se propõe analisar o desenvolvimento regional na perspectiva dos estudos culturais, portanto, redimensionam-se as duas categorias às quais esta dissertação se refere: desenvolvimento e região. O desenvolvimento se dá a partir de estratégias diversas, a partir de diferentes atores que contracenam no âmbito regional, estabelecendo relações com o espaço global. A região, portanto, é vista como o cenário do processo de desenvolvimento planejado e desencadeado pelos referidos atores. No entanto, existem inúmeras formas de se compreender este cenário, o qual pode ser visto como um simples espaço de ação, ou então como um território, o qual compreende uma complexidade de elementos não considerados na primeira concepção. Neste sentido, esta pesquisa busca compreender o desenvolvimento regional a partir da dimensão territorial, que privilegia as ações dos atores locais/regionais sobre o lugar ao qual se refere este processo. Região, aqui, é compreendida como uma construção histórica e coletiva; e o seu desenvolvimento, por sua vez, significa um conjunto de estratégias materiais e imateriais – econômicas, políticas, sociais, culturais - desencadeadas pelos próprios atores da região.

Tendo em vista o caráter etnográfico deste trabalho, é necessário ressaltar a importância desta metodologia para captar as referidas representações e manifestações culturais às quais se refere o título desta dissertação. A etnografia tem por objetivo compreender a cultura das diferentes sociedades, a partir de levantamentos acerca das crenças, valores, desejos e comportamentos humanos originários de suas próprias vivências. De acordo com Mattos (2001, p. 1):

Etnografia é também conhecida como: pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica, pesquisa hermenêutica. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária; estuda ainda os fatos e/ou eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos.

Considerando estas discussões teóricas acerca da cultura e da identidade cultural vinculadas ao processo de desenvolvimento regional, justifica-se a escolha do objeto de estudo desta dissertação – os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* – como forma de contribuir para as pesquisas acerca do desenvolvimento regional

dissociado da perspectiva que o restringe estritamente ao crescimento econômico, voltado para atividades que tenham apenas o intuito de atrair divisas à região. No presente trabalho, pretende-se mostrar que a cultura e a identidade cultural de uma região, seja ela híbrida, inventada ou reformulada, são fundamentais quando se pretende pensar o desenvolvimento a partir do território – ou seja, a região e seus atores, com suas características e potencialidades em diálogo com o contexto global.

Nesta perspectiva, a região do Vale do Taquari representa um território onde estas questões relativas à dimensão cultural se fazem presentes de forma bastante evidente, considerando as iniciativas dos atores regionais no sentido de evidenciar a identidade associada à imigração alemã e italiana na maioria dos atuais trinta e seis municípios. Isso ocorre em contraposição a outras etnias que, apesar de se fazerem presentes na trajetória histórica da formação da região, acabam sendo invisibilizadas frente às representações presentes nas manifestações culturais. No entanto, este trabalho elege como objeto de estudo, de forma mais específica, as festividades inspiradas no referencial cultural de inspiração germânica, através do estudo dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *Festival do Chucrute*, cujas manifestações representam um projeto mais amplo de construção da referida identidade regional, a qual se dá de diversas formas e em diferentes lugares do território aqui analisado.

A pesquisa apresentada nesta dissertação tem como método de abordagem o materialismo cultural, na medida em que se propõe a analisar a realidade material, considerando também a sua dimensão subjetiva (cultura). O materialismo cultural é uma forma de estudar a cultura para entender a sociedade e transformá-la. Ocorre uma “(...) ampliação do materialismo para abarcar domínios pouco explorados na teoria fundante de Karl Marx, uma continuação da tradição em sua chave mais relevante, a de apresentar respostas à situação social cambiante.” (CEVASCO, 2001, p. 126). E cultura, como afirma Williams, é ordinária. Ela está dada em nosso modo de vida. (CEVASCO, 2001).

Para realizar esta pesquisa, cuja metodologia é a etnografia, foram empregadas algumas técnicas que viabilizaram a aproximação e análise do objeto de estudo, paralelamente à seleção de referenciais bibliográficos que sustentaram a respectiva análise. Primeiramente, foram utilizadas obras de autores locais/regionais que se destinam a contar a história da região e do município de Estrela, especificamente, para construir uma leitura acerca do cenário a partir do qual foi elaborada a dissertação. Juntamente a esta bibliografia, analisou-se a historiografia da imigração no Rio Grande do Sul e no Brasil, para contextualizar as referidas histórias locais/regionais. Em seguida, foi feita uma revisão bibliográfica mais ampla acerca

do tema cultura e identidades culturais, visando elaborar o referencial teórico sinalizado nesta introdução e especificado no segundo capítulo. Utilizaram-se também obras referenciais acerca da temática sobre globalização, território, região, regionalização e desenvolvimento regional.

Quanto ao levantamento de dados sobre o objeto específico de estudo – os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* -, pesquisou-se no arquivo existente na sede da *Comunidade Evangélica de Estrela (IECLB)*, o qual possui documentação, fotografias, peças de vestuário, recortes de jornal, etc. Foram coletados também os materiais de divulgação do *Festival* e dos *Grupos*, cuja tarefa já foi iniciada no ano de 2011. Os *Grupos de Danças* possuem um endereço eletrônico de divulgação que apresenta imagens e uma retrospectiva histórica da instituição, o qual foi analisado para esta pesquisa, assim como outros meios de divulgação da entidade. Há também um monumento na cidade alusivo ao *Festival do Chucrute* (mascotes *Chuck e Ruth*), que foi fotografado e analisado, bem como outros artefatos que fazem referência ao *Festival* e à “cultura alemã” no território.

Outra técnica que foi utilizada consistiu na entrevista, a qual foi primeiramente realizada com personagens ligados aos *Grupos de Danças* e ao *Festival do Chucrute* - o coordenador Andreas Hamester, que dirige os grupos desde 1985; a família Nunes, que participa dos *Grupos* e do *Festival* desde a década de 70, bem como atua na diretoria da *Comunidade Evangélica*; atuais e ex-dançarinos dos *Grupos de Danças*; membros da IECLB do município; bem como outros atores locais e regionais que, de uma forma ou de outra, estiveram ou ainda estão ligados a estas entidades.

A fotografia, importante forma de registro para a pesquisa etnográfica, foi utilizada em diversos momentos do trabalho de campo, cujas imagens serviram como referenciais de análise juntamente com as demais informações obtidas. Boni e Moreschi (2007, p. 141) ressaltam que a linguagem da fotografia “[...] deve ser de fácil compreensão para que o receptor entenda e absorva as informações imagéticas e textuais. [...] as linguagens escrita e fotográfica devem ser utilizadas de forma independente e complementar [...]” Ou seja, apesar de terem as suas particularidades, imagem e escrita podem ampliar a compreensão do objeto analisado, a partir do cruzamento de informações.

No mês de maio de 2012, participou-se de todas as atividades preparativas do *Festival do Chucrute* e, após esta etapa, realizou-se uma pesquisa de campo com observação durante a realização da sua 47^a edição, objetivando acompanhar todos os aspectos possíveis que compõem esta manifestação cultural, desde a decoração do salão do baile até os momentos finais. Neste período, realizaram-se entrevistas com as pessoas que estiverem participando da

festividade, desde dançarinos até o público presente, buscando captar as interações dos diferentes atores no momento em que o festival acontecia.

A etnografia possibilita a realização de uma leitura das falas, dos fatos e dos comportamentos das pessoas, fornecendo ao pesquisador evidências que levam a uma visão de mundo compreendida como a própria teoria em ação. (PEIRANO, 2009). Este método de pesquisa permite ao investigador perceber os significados e descrevê-los nos seus próprios termos, adaptando-os ao seu aparato intelectual. A etnografia, portanto, é

[...] uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, [...] comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento, [...] não previsto anteriormente. (MAGNANI, 2009, p. 135).

As entrevistas e o levantamento de dados aqui mencionados são de cunho qualitativo, tendo em vista que este tipo de pesquisa, conforme Flick Von Kardorff e Steinke (*apud* GÜNTHER, 2006, p. 202), apresenta “[...] quatro bases teóricas: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições ‘objetivas’ de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa”. Partindo destas bases teóricas, buscou-se utilizar a metodologia qualitativa em todos os passos da pesquisa, não excluindo, no entanto, a possibilidade de conciliar aspectos quantitativos, quando estes se fizeram necessários, o que a caracteriza como uma pesquisa *quali-quantitativa* ou mista.

Finalizando a pesquisa, foram analisados os dados coletados nas entrevistas, na pesquisa documental e nas demais técnicas da pesquisa de campo, frente aos referenciais teóricos apresentados neste projeto. A partir dos conceitos de região, território, regionalização, cultura, identidade cultural, globalização e *glocalização*, analisou-se de que forma as manifestações culturais do município de Estrela, e mais especificamente o *Festival do Chucrute* e os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs*, atuam na construção de uma determinada identidade regional, pautada nas representações acerca da *germanidade*⁷.

⁷ O termo *germanidade* foi forjado por uma elite intelectual no Brasil, na transição do século XIX para o XX, que defendia a preservação de uma identidade étnica germânica. Este discurso foi construído a partir da noção de *Deutschtum* (germanismo), dando origem ao termo *deutschbrasilianisch* (teuto-brasileiro). Esta noção afirma uma dupla identidade, de pertencimento à nação alemã (entidade étnica, cultural e linguística) e, ao mesmo tempo, à pátria e ao Estado brasileiro (entidade territorial e política, onde se situa a colônia alemã enquanto comunidade étnica). Portanto, quando há referências a estes termos nesta dissertação – *germanidade*, *cultura*

As entrevistas e a pesquisa de campo, especificamente, serviram para captar aquilo que os estudos culturais denominam de subjetividades, ou seja, as manifestações que permeiam as relações sociais, evidenciando os valores, as crenças, as ideologias e representações que os atores locais/regionais empregam na construção de sua identidade e da região. Esta análise foi desenvolvida considerando o que Ortiz (1994, p. 184) afirma acerca do tema em questão:

[...] os folcloristas são uma invenção do século XIX. Eles descobrem que as ‘superstições’ são sobrevivências de um passado longínquo, mas que se encontram ameaçadas. Diante da transformação da sociedade, eles buscam desesperadamente uma atividade salvacionista. Curiosos dos costumes populares, eles colecionam os pedaços desta memória fraccionada, procurando reificá-la nos museus, livros e exposições.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos, de acordo com a pesquisa realizada ao longo do ano de 2012. O primeiro capítulo consiste na presente introdução à dissertação. No segundo capítulo, desenvolve-se uma revisão bibliográfica seguida de uma discussão teórica acerca dos temas que norteiam a presente pesquisa: cultura e desenvolvimento regional. Busca-se, nesta primeira etapa, contextualizar a questão cultural no cenário da globalização, evidenciando-se as diferentes dimensões desta temática – global, regional e local. De acordo com Mattelart (2005, p. 90),

[...] a globalização nomeia o projeto de construção de um espaço homogêneo de valorização, de unificação das normas de competitividade e de rentabilidade em escala planetária. Ela deveria se limitar a significar o projeto de capitalismo mundial integrado. Mas na terminologia transgride as fronteiras da geoeconomia e da geofinança, irradiando-se pela sociedade. A noção de concorrência com seu corolário, a eficácia, [...], penetra progressivamente em todos os estratos da sociedade. O léxico da economia global transmuta-se em vetor da uniformização dos modos de dizer e de ler o destino do mundo.

A partir desta definição de *globalização*, é possível perceber que este processo transcende a esfera econômica, atingindo também a sociedade e as suas organizações. Este movimento de integração entre as diferentes áreas do globo acaba trazendo consigo uma série de consequências, as quais se refletem diretamente na forma como as regiões se organizam. Neste sentido, cabe observar como os autores que trabalham com esta temática analisam estas duas dimensões – global e regional -, no momento em que se pretende pensar a identidade cultural e do desenvolvimento regional, tema desta pesquisa.

Ainda neste capítulo, são analisados os referenciais teóricos acerca do conceito de

germânica ou *teuto-brasileira* – faz-se referência a esta noção criada e disseminada principalmente nas regiões de colonização alemã no país. (MALTZAHN, 2009).

identidade cultural. Apesar de comumente utilizado para se referir às particularidades e peculiaridades das diferentes regiões, este conceito não possui uma única definição. Na atualidade, é possível perceber um processo de busca de identidades, o que Hall (2006) associa a uma crise em que os sujeitos necessitam se afirmar frente às transformações da realidade. Esta perspectiva de análise se enquadra no campo teórico denominado estudos culturais, cujos autores vêm contribuindo, desde a década de 60, na compreensão da dimensão subjetiva dos processos sociais.

Cevasco (2003) lembra que os estudos culturais surgiram em determinado ambiente sócio-histórico, em que a cultura passou a ser vista de uma forma diferente, ou seja, ampliou-se a visão restrita do passado, afirmando-se que “a cultura é ordinária, você e eu também a experimentamos, mesmo que não entremos na catedral, não vejamos a biblioteca, não entremos no cinema.” (CEVASCO, 2003, p. 47). Esta visão impôs novas necessidades teóricas, as quais tiveram como resposta os referidos estudos. Raymond Williams e Stuart Hall foram responsáveis pelas obras mais produtivas neste campo, bem como Richard Hoggart e Edward Thompson, que escreveram textos fundantes da disciplina estudos culturais. Em síntese, estes pensadores iniciaram o processo de ressignificação do termo *cultura*, sendo que Williams percebeu o surgimento da *Era da Cultura*, no momento em que houve um desvio do político-social para o cultural. (CEVASCO, 2003). A cultura passa a ser recomendada como meio para resolver os conflitos/problemas sociais.

Nesta perspectiva, emergem também as questões relativas à cultura como parte do processo de desenvolvimento. Afinal, cada território produz e utiliza um conjunto de elaborações que extrapolam o campo econômico, associando a ele aquilo que alguns denominam “universo imaginado”, repleto de significados que traduzem as chamadas identidades culturais. (HALL, 2003). Estas manifestações, de acordo com cada região ou território, são elementos indispensáveis quando se pretende compreender e projetar o desenvolvimento regional.

No terceiro capítulo, aborda-se a questão da formação histórica do Vale do Taquari e a construção da identidade regional neste território. Primeiramente, propõe-se uma historicização do processo de formação dos municípios da região, ressaltando-se as diferentes etnias e o seu papel na referida trajetória. A ocupação da atual região iniciou com a presença de vários povos indígenas, dentre os quais se destacavam os Guaranis. (SCHIERHOLT, 2002). A partir do século XVIII, a região foi acompanhando os fluxos de povoamento que se sucederam no Brasil e no Rio Grande do Sul. Os jesuítas e bandeirantes transitaram pelas margens do Rio Taquari, com diferentes objetivos em relação aos povos indígenas que

habitavam estas terras. (PORTO, 1943). A chegada dos colonos açorianos significou o início do povoamento efetivo pelas populações de origem europeia. Os casais originários das ilhas portuguesas foram estabelecidos principalmente no então município de Taquari⁸. Juntamente com estes povoadores, chegaram os primeiros negros de origem africana, que vinham para trabalhar como escravos. Este tipo de trabalho esteve mais presente nas fazendas dos atuais municípios de Taquari, Bom Retiro do Sul, Fazenda Vilanova, Estrela, Cruzeiro do Sul e Lajeado. (SCHIERHOLT, 2002).

No século XIX, iniciou o processo de ocupação que trouxe o maior número de povoadores à região do Vale do Taquari, representado pelos colonos alemães e italianos⁹. Além dos problemas enfrentados em seus países de origem, alemães e italianos vinham ao Brasil atraídos pelas promessas de terras, ajuda financeira, alimentos e outros benefícios para o cultivo inicial nas colônias que eram então criadas em diversos pontos do país. (AZEVEDO, 1975; ROCHE, 1969). No início, estes imigrantes enfrentaram inúmeras dificuldades, apesar da propaganda com a qual tomavam contato ainda na Europa. Os agentes “pintavam” para estes imigrantes a existência de lugares paradisíacos, sendo que nas novas terras todos teriam a chance de prosperar e superar as dificuldades, diferentemente do que ocorria no Velho Mundo. Porém, nem sempre a realidade condizia com aquilo que os agentes haviam prometido, sendo que os imigrantes eram obrigados a enfrentar os habitantes locais, a mata fechada, a falta de recursos e o descaso do governo e das empresas de colonização.

Neste cenário, o município de Estrela se configura como um dos locais onde os imigrantes se fizeram presentes de forma mais intensa, através da fundação das chamadas linhas e picadas, nos arredores do núcleo urbano que já havia se instalado pelos portugueses. A partir da década de 50 do século XIX, o atual município passa a ser um dos destinos de inúmeros alemães que chegaram de São Leopoldo, navegando pelo Rio Taquari e ocupando em seguida as terras a eles destinadas. Estrela foi o primeiro município a se emancipar de Taquari, o núcleo inicial do povoamento europeu no Vale do Taquari, através da Lei 1.044/76, de 20 de maio de 1876. O território que atualmente representa este município abrange 184,2 quilômetros quadrados, bem inferior à sua primeira divisão político-administrativa, que englobava diversos municípios hoje emancipados¹⁰.

O quarto capítulo é dedicado a descrever e analisar os dados obtidos através da

⁸ Taquari recebeu sete casais açorianos, inicialmente, em 1760. Emancipou-se no ano de 1849, vindo a se constituir em um dos primeiros municípios do Rio Grande do Sul. Deu origem, mais tarde, aos outros trinta e cinco municípios que hoje compõem o Vale do Taquari.

⁹ Também houve algum contingente de poloneses e povos de outras origens, porém em menor escala.

¹⁰ Entre 1891 e 1954, Estrela possuía 749 quilômetros quadrados de extensão territorial. (HESSEL, 1983).

pesquisa etnográfica, realizada entre o final do ano de 2011 e o início de 2013, junto aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e ao *Festival do Chucrute*, surgidos no município em meados da década de 60. Naquela época, cabia ao coral evangélico preparar e executar *Baile do Coro* ou *do Coral*. Os casais da comunidade organizavam esta festividade, sendo que os jovens ficavam excluídos. No ano de 1964, na ocasião em que este evento era preparado, houve uma integração entre jovens e casados, surgindo os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*. Em 1966, a partir das apresentações daqueles dançarinos, surgiu o *Baile do Chucrute* (hoje *Festival*), que vem sendo realizado anualmente, em dois finais de semana que se intercalam antes e após o dia 20 de maio, data de aniversário do município. No ano de 2012, foi realizada a 47ª edição deste festival, no *Salão Cristo Rei*, promovida pela *Comunidade Evangélica de Estrela*. Durante os meses de março a abril, houve uma série de preparativos, como a apresentação em uma comunidade do interior, o preparo do chucrute, reuniões de planejamento, etc. A pesquisa etnográfica realizada durante esta edição do evento é descrita e analisada na perspectiva teórica dos estudos culturais e contextualizada no processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari.

No capítulo cinco, faz-se uma breve revisão do que fora desenvolvido nos quatro capítulos anteriores da dissertação e a sua referida análise, retomando a questão inicial desta pesquisa frente aos dados obtidos. A partir desta síntese, indicam-se os resultados obtidos e novas possibilidades de investigação no complexo e instigante campo das identidades culturais e suas relações com o desenvolvimento territorial.

2 CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ao analisar os antecedentes históricos do conceito de cultura, Laraia (2009) aponta que, na virada do século XVIII para o XIX, a definição deste termo foi sintetizada por Edward Tylor, no vocábulo *culture*, o qual englobaria tudo aquilo que o ser humano adquiria ao longo da sua vida em sociedade. (TYLOR *apud* LARAIA, 2009). Esta ideia revelava que a cultura era algo aprendido, e não adquirido de forma inata. Ainda segundo Tylor, conforme explicita Laraia, a cultura é algo que pode ser estudado sistematicamente, a fim de se formular leis e regras para a sua compreensão. Estas considerações permitem que se elaborem pesquisas nas quais a cultura seja objeto de compreensão da realidade, considerando a sua dimensão histórica e social – ou seja, é construída e repassada pelos atores sociais, seja na esfera global ou regional. Segundo Laraia (2009, p.45): “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.”

Na segunda metade do século XX, no contexto da *virada cultural*, Williams (2000, p.11) afirmou que o termo *cultura* tem diversos significados, de acordo com o contexto em que foram elaborados. Por isso, segundo o autor:

Respostas alternativas [...] têm produzido amplo leque de significados convincentes, tanto dentro da antropologia quanto, por extensão, a partir dela: desde a antiga ênfase no ‘espírito formador’ – ideal, religioso ou nacional – até ênfases mais modernas em uma ‘cultura vivida’ determinada primordialmente por outros processos sociais, hoje designados de maneira diversa – comumente certos tipos de ordem econômica ou política. Dentro das tradições alternativas e conflitantes que têm resultado desse leque de respostas, a própria ‘cultura’ oscila, então, entre uma dimensão de referência significativamente global e outra, seguramente parcial.

De acordo com Hall (1997), a cultura está no centro das discussões atuais. O século XX foi palco de acelerações culturais que geraram inúmeras transformações nas diferentes dimensões da realidade. Economia, política e sociedade dialogam incessantemente com a cultura, estabelecendo trocas que dão sentido às ações humanas. Este intercâmbio de influências se dá através de “[...] sistemas ou códigos de significação.” (HALL, 1997, p. 16). Se toda ação social é cultural, pode-se afirmar que o estudo das relações entre cultura e desenvolvimento regional surge como uma temática de extrema importância no atual contexto de globalização. A partir deste pressuposto, é possível identificar de que forma os projetos de desenvolvimento de uma determinada região ou território levam em consideração a dimensão cultural da realidade a partir da qual é desencadeado. Neste sentido, é relevante destacar até

que ponto as demais esferas – economia e política, principalmente – determinam os referidos sistemas de significação, e de que forma a cultura atua sobre as ações destas outras dimensões. Hall (1997, p. 18) evidencia que, na atualidade, os “[...] novos ‘sistemas nervosos’ [...] enredam numa teia sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento [...]”. Para compreender os referidos processos, especificamente aqueles voltados ao território¹¹, é preciso identificar e interpretar estas distinções como um conjunto de particularidades e especificidades que norteiam as estratégias de desenvolvimento, considerando as limitações e potencialidades regionais e as suas relações com o contexto global.

Williams (2000, p.11) destaca, portanto, os diferentes significados que o termo *cultura* pode assumir: “(i) *um estado mental desenvolvido* – como em ‘pessoa de cultura’, ‘pessoa culta’, passando por (ii) *os processos desse desenvolvimento* – como em ‘interesses culturais’, ‘atividades culturais’, até (iii) *os meios desses processos* – como em cultura considerada como ‘as artes’ e ‘o trabalho intelectual do homem’”. Ainda segundo o autor, o termo é usualmente empregado para indicar o “[...] ‘modo de vida global’ de determinado povo ou de algum grupo social.” (WILLIAMS, 2000, p.11). O estudo da dimensão cultural leva a compreender as relações deste campo da sociedade com as outras esferas da vida humana. Nas diferentes sociedades, o desenvolvimento da cultura indica as formas de organização dos grupos de atores sociais, cujas ações podem ser classificadas, segundo Williams (2000), em *idealista* e *materialista*. Enquanto as atividades ditas “primárias” estariam associadas à classificação material, a “cultura” seria desencadeada pelo chamado “espírito formador”, o qual levaria às manifestações artísticas e demais expressões dos valores e interesses essenciais de um “povo”. No entanto, os estudos culturais não dissociam estas duas dimensões, sendo que ambas interagem nas diferentes esferas da realidade: na economia, na política e na sociedade.

Sobre os estudos que envolvem o campo da cultura, Ortiz (2004, p. 124), destaca o seguinte:

É possível dizer que a tradição marxista, talvez de forma inconsciente, tenha nisso desempenhado certo papel, pois a “superestrutura”, como reflexo ou não da “infraestrutura”, designava às manifestações culturais uma posição secundária. De

¹¹ Segundo Carneiro (2008, p. 70), é preciso “(...) ter em conta que o uso da noção de ‘território’ se tornou mais frequente recentemente, estimulado pela mudança de orientação das políticas públicas governamentais para o meio rural, por meio da já consagrada noção de ‘desenvolvimento territorial’ (...). A ideia de território permite, ao menos em tese, romper com a inoperante dualidade entre o rural e o urbano (...)”. Milton Santos (1996) afirma que a Geografia, no passado, havia se interessado mais pela forma das coisas que por sua formação, esquecendo a dinâmica social que dava sentido ao espaço, daí surgindo a noção de *território* empregada nesta dissertação. Já Rambo e Rückert (2008, p. 1) afirmam o seguinte: “Quando se trata da questão territorial, necessariamente refere-se ao exercício do poder sobre o espaço”.

qualquer maneira, com exceção da antropologia culturalista norte-americana (confinada aos estudos das sociedades indígenas, camponesa, e à aculturação) e a discussão da cultura nacional na América Latina, a esfera da cultura era vista não em sua totalidade, mas recortada segundo temas e disciplinas. Os estudos literários pouco tinham a ver com as análises sociológicas, a antropologia dificilmente dialogava com a dimensão “moderna” da chamada “cultura de massa”, e assim por diante. Atualmente, em contraposição a essa tendência de compartimentalização do conhecimento, o universo da cultura passou a ser percebido como uma encruzilhada de intenções diversas, como se constituísse um espaço de convergência de movimentos e ritmos diferenciados: economia, relações sociais, tecnologia etc.

E é no contexto da globalização que esta concepção de cultura como espaço de poder e de mediação entre as diferentes dimensões da realidade – economia, política, sociedade -, assume uma importância cada vez maior, pois as manifestações culturais representam aquilo que as pessoas sentem, pensam e vivem num tempo em que a realidade derruba as certezas do passado, tornando o presente incerto e o futuro insólito.

2.1 Cultura e globalização

Segundo Baller (2008), o conceito *globalização* começou a ser utilizado principalmente na década de 80 do século XX, com mais frequência associado às transformações econômicas. A autora analisa diversas perspectivas teóricas acerca da globalização, evidenciando a questão da cultura e das identidades frente ao processo de homogeneização. Hall (1997, p. 18) destaca que este processo de globalização tenderia a transformar o mundo em um “[...] lugar único, tanto do ponto de vista espacial e temporal quanto cultural: a síndrome que um teórico denominou de *MacDonaldização* do mundo”. A partir deste contexto, Baller (2008) destaca o conceito de *glocalização*, o qual conduziria os indivíduos a uma aproximação com o seu passado, voltando-se às suas “origens” como forma de evidenciar a sua identidade frente aos processos de padronização cultural. Assim, estaria ocorrendo o “[...] desenvolvimento de uma indústria da nostalgia em que o passado é resgatado, idealizado, romantizado e não raras vezes inventado, mediante processos que incluem a patrimonialização da cultura.” (ANICO *apud* BALLER, 2008, p.18). Assim, segundo Woodward (in SILVA, 2000, p. 21):

A globalização [...] produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

Ao irradiar-se pela sociedade, a globalização altera as diferentes dimensões da

realidade, provocando mudanças em uma velocidade que antes não era conhecida pela humanidade. As conexões entre os diferentes territórios mundiais conduzem a transformações na forma como as pessoas vivem e pensam o seu cotidiano local ou regional, cujas influências externas provocam mudanças de hábitos, costumes e tradições de uma forma muito mais acelerada do que aquela que caracterizava as sociedades tradicionais. Segundo Hall (1997, p.22), “[...] são raros os lugares que estão fora do alcance destas forças culturais que desorganizam e causam deslocamentos.” A partir do século XX, principalmente, tornou-se acessível tomar conhecimento sobre outros povos e suas formas de vida, através de imagens e informações veiculadas pela mídia. A comunicação assumiu, com a globalização, um ritmo que leva a cultura a penetrar “[...] em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo.” (HALL, 1997, p. 22).

Ainda segundo Hall (1997, p. 22) é “[...] quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma ‘cultura herdada’, que inclui panoramas e costumes de época.” Esta cultura, segundo ao autor: “Não pode ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.” (HALL, 1997, p.23). A cultura é vista, portanto, como uma força de mudança da história global, e não apenas como um simples reflexo de outros desencadeamentos. Ela permeia todas as dimensões que compõem a realidade, atribuindo significados e alterando as formas de vida. E este processo acelerou-se com a globalização, cuja dinâmica provocou transformações no funcionamento da economia, da política, da sociedade e da própria cultura em si.

Conceitualmente, a partir da década de 60, tem havido uma *virada* no conceito de cultura. (HALL, 1997). As ciências sociais e humanas atribuíram ao termo uma importância muito maior do que aquela que tinha no passado. Esta noção de cultura passou a visualizá-la como algo constitutivo da vida social, provocando uma mudança paradigmática que Hall (1997, p. 27) denomina “virada cultural”. Este processo iniciou, segundo o autor, com mudanças de atitudes em relação à linguagem, a qual recebeu atenção devido à sua atuação na construção de significados. Esta construção de sentido a partir da realidade daria origem, de acordo com Hall (1997), aos fenômenos discursivos, desnaturalizando os fatos e acontecimentos. O termo ‘discurso’ refere-se, aqui, tanto “[...] à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento.” (HALL, 1997, p. 29).

Uma característica fundamental da sociedade moderna¹² é o seu extremo dinamismo, o que a diferencia das organizações pré-modernas. As transformações nas formas de vida se dão de modo muito mais acelerado, provocando rupturas e descontinuidades com as características pré-existentes. (GIDDENS, 2002). Estas mudanças ocorrem em duas grandes dimensões: global e local. Em cada uma delas este processo se desencadeia de forma específica, considerando as condições em que os atores sociais interagem. No contexto de globalização, haverá aproximações e distanciamentos entre a cultura destas duas esferas, cujos resultados interferem diretamente na forma como as pessoas se organizam, convivem e praticam as suas ações no território onde se situam.

Para autores como Mattelart (2005), no entanto, existe uma mitificação em torno do termo *globalização*, quando se pretende afirmar que ela significa um movimento total na esfera planetária. Para o autor, houve um momento inicial deste processo, caracterizado pelas grandes fusões de empresas e pela crença de que não havia limites para a integração mundial. No entanto, não foi possível aos investidores ignorar a diversidade, a qual precisou ser administrada para articular o nível local com o global. Os teóricos japoneses, segundo o mesmo autor, criaram o termo *glocalização* para caracterizar a atitude daqueles que precisavam [...] partilhar as dobras e redobras dos territórios, dos contextos, dos diferentes universos simbólicos.” (MATTELART, 2005, p.95).

Com as mudanças advindas das novas formas de produção e acumulação do capital¹³, o mundo passou a conviver com um processo de transposição das fronteiras nacionais, levando à aproximação entre as diferentes culturas que compunham um cenário multicultural, mas cuja variedade de costumes, crenças, hábitos e práticas culturais tinham um território relativamente fixo e determinado. Com a aceleração do modelo de acumulação flexível, estas delimitações espaciais foram se diluindo, dentro de um processo de desterritorialização e aproximação entre as diferentes culturas regionais e locais. A modernidade, sob esta tendência globalizante, provoca uma reorganização do espaço e do tempo em que a vida social moderna

¹² Utiliza-se aqui o conceito de *modernidade* adotado por Giddens (2002, p.21), que emprega o termo para referir-se “[...] às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A ‘modernidade’ pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao ‘mundo industrializado’ desde que se reconheça que o industrialismo não é a sua única dimensão institucional.” Nesta dissertação, os termos *modernidade*, *contemporaneidade* e *modernidade tardia*, quando empregados, se referem ao mesmo tempo e significado, ou seja, são usados como sinônimos.

¹³ Na virada do século XX para o XXI, o mundo viveu um processo de transformação na forma de produzir e acumular o capital. A partir da década de 1980, ocorreu a substituição do modelo de acumulação fordista pelo de acumulação flexível, caracterizando-se pela implantação de inovações na economia capitalista. No entanto, esta mudança de paradigma ainda está em processo, concretizando-se apenas parcialmente na contemporaneidade. (HARVEY, 1992).

se encontra com as práticas tradicionais já estabelecidas. O campo cultural, conectado com as demais instâncias da realidade, reflete de forma evidente estas interações entre a modernidade e a tradição, moldando a sociedade globalizada, mas sem perder de vista as culturas locais. (GIDDENS, 2002).

Ninguém, na atualidade, pode se eximir das influências de uma cultura global transmitida pela modernidade. No entanto, a globalização deve ser entendida como “[...] fenômeno dialético” (GIDDENS, 2002, p. 27), em que o global e o local estão incessantemente influenciando-se mutuamente. Na pré-modernidade, segundo Giddens (2002), havia uma variedade fragmentada de comunidades humanas, frente às quais o *lugar* era determinante na formatação da cultura local. Com a modernidade, surge uma comunidade mundial¹⁴, a qual assume também características culturais globais. Nesta nova formatação, o tempo e o espaço não têm mais vinculação direta com os lugares, dando origem a culturas-mundo que convivem com as culturas localizadas.

2.1.1 A identidade cultural na atualidade

Na atualidade, o tema identidade tem sido abordado por diferentes áreas do conhecimento, bem como a partir de variadas perspectivas teóricas. Portanto, encontrar uma definição do termo torna-se uma tarefa complexa para quem se propõe a investigar este aspecto da realidade. A identidade ganha forma quando ela é reivindicada.

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na ‘raça’ e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável. (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 13-14).

As identidades se constroem historicamente através de representações sociais ou culturais. “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis

¹⁴ Ianni (1993, p. 39) esclarece o que seria esta comunidade mundial: “As sociedades contemporâneas, a despeito das suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório. Nesse contexto, as formas regionais e nacionais evidentemente continuam a subsistir e atuar. Os nacionalismos e regionalismos sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, linguísticos, religiosos e outros podem até ressurgir, recrudescer. Mas o que começa a predominar, a apresentar-se como uma determinação básica, constitutiva, é a sociedade global, a totalidade na qual pouco a pouco tudo o mais começa a parecer parte, segmento, elo, momento. São singularidades, ou particularidades, cuja fisionomia possui ao menos um traço fundamental conferido pelo todo, pelos movimentos da sociedade civil global”.

respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 17). É desta forma, a partir da construção de símbolos, que as identidades vão se definindo na sociedade, a partir de referências que a tornem legítima frente ao percurso da história. Este processo se dá pela

[...] marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 39-40).

A construção de identidade se dá a partir de narrativas que ordenam e dão sentido ao imaginário dos atores sociais. De acordo com Martín-Barbero (2002), para que a pluralidade das culturas do mundo seja reconhecida, é preciso que ela seja contada. Assim, diante da globalização, as diferentes culturas e identidades são colocadas em circulação, comunicando-se num cenário de múltiplas narrativas, onde cada território, região ou nação atua no sentido da *interculturalidade*, comunicando ao mundo as suas heterogeneidades através de diferentes linguagens. O pós-modernismo põe fim, no entanto, “[...] às *grandes narrativas* sobre o progresso, desenvolvimento, Iluminismo, racionalidade e verdade que, até recentemente, foram os fundamentos da filosofia e da política ocidentais.” (HALL, 1996, p. 19), dando lugar às narrativas acerca da diferença e da identidade.

É neste campo teórico que se situa a presente dissertação, a qual parte do pressuposto de que a identidade não é a *essência* do sujeito, mas resultado de um complexo processo de escolhas, classificações e exclusões. É um elemento fundamental para compreender a dimensão cultural da realidade, nas suas interrelações com a economia, a política e a sociedade. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.” (SILVA, 2000, p. 76).

A identidade, portanto, é um tema bastante complexo na atualidade, considerando as diferentes abordagens através das quais vem sendo discutida pelas ciências. A modernidade trouxe consigo a desestabilização de muitas certezas, dentre as quais aquelas que diziam respeito às identidades coesas e estáveis. Os atores sociais se vêem, na atualidade, confrontados com múltiplas identidades, dependendo da situação em que se encontram. (HALL, 2006). A chamada “crise de identidade” que caracteriza a modernidade refere-se a um

processo de fragmentação e deslocamento, a partir do qual estão sendo geradas as complexas identificações culturais da atualidade. De acordo com Hall (2006, p. 9): “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e racionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.”

Hall (2006) distingue três concepções de identidade: o *sujeito do Iluminismo*, “[...] baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia [...].” (HALL, 2006, p. 10-11). Em seguida, o autor destaca o *sujeito sociológico*, que “[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para os sujeitos os valores, sentidos e símbolos [...].” (HALL, 2006, p. 11). Nesta concepção, portanto, haveria a costura entre a identidade do indivíduo e a estrutura na qual ele habita, tornando ambas “[...] unificadas e predizíveis.” (HALL, 2006, p. 12). Finalmente, o *sujeito pós-moderno* é produzido pelas mudanças que vêm ocorrendo na atualidade, na qual as identidades se fragmentam frente às incertezas e contradições da realidade. Assim: “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (HALL, 2006, p. 12).

A partir destas concepções de sujeito e identidade, é possível observar, no atual cenário de globalização, a complexidade que envolve a identidade cultural. O que antes era fixo, essencial e permanente, agora se configura como algo em constante mobilidade e transformação. A cultura que nos rodeia age permanentemente na reformulação de hábitos, crenças, valores e práticas sociais. Os referenciais assentados na etnicidade, na religião, no gênero ou nas demais categorias de identificação perdem sua unicidade em função da interpelação das representações acerca destes grupos, cujas certezas e essencialidades se perdem na indefinição espacial e temporal. Os lugares, que antes determinavam a identidade dos sujeitos, também se vêm alterados pela globalização e a sua conseqüente transformação dos territórios em espaços mundializados, inseridos numa cultura que não se limita frente às fronteiras nacionais ou limites regionais.

Assim, os sujeitos passam a assumir diferentes identidades, dependendo do lugar onde se encontram. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma

fantasia.” (HALL, 2006, p. 13). E este processo de mudança está diretamente relacionado à modernidade tardia, ou seja, à globalização. As sociedades modernas têm como característica central a mudança constante, devido à velocidade com que as informações chegam aos sujeitos, os quais as recebem e alteram as suas formas de pensar e de agir. A esfera de vida local, típica das sociedades tradicionais, perde espaço para a dimensão global, cujo tempo e espaço são marcados pela indefinição. (GIDDENS *apud* HALL, 2006).

2.1.2 Os estudos culturais e a identidade cultural

Na modernidade tardia, é possível perceber um processo de busca de identidades, o que Hall (2006) associa a uma crise em que os sujeitos necessitam se afirmar frente às transformações da realidade. Esta perspectiva de análise se enquadra no campo teórico denominado estudos culturais, cujos autores vêm contribuindo, desde a década de 60, para a compreensão da dimensão subjetiva dos processos sociais.

Os estudos culturais iniciaram com a crítica ao velho marxismo, a partir de diferentes áreas do conhecimento. Segundo Johnson (in SILVA, 1999), há três premissas marxistas que influenciaram estes estudos: os processos culturais estão vinculados com as relações sociais; a cultura envolve poder; a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. Segundo o autor, os estudos culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais, adotando algumas abstrações do marxismo e utilizando estes preceitos de acordo com a atualidade. Em *O Capital*, segundo analisa Johnson (in SILVA, 1999, p. 26), Karl Marx mostra que o homem é “[...] caracterizado por uma vida ideal ou imaginária, na qual a vontade é cultivada, os sonhos são sonhados e as categorias elaboradas”. Assim, Marx já teria identificado, segundo esta perspectiva de análise, a *consciência* como característica do “ser da espécie”, ou seja, o aspecto subjetivo dos processos sociais.

Após 1950, Richard Hoggart, E.P. Thompson e Raymond Williams¹⁵ passam a difundir o olhar sobre a cultura do ponto de vista da classe trabalhadora. Comunista, Thompson busca recuperar a “história dos de baixo”, em sua obra *The Making of the English Working Class*, de 1965. (CEVASCO, 2003). As “tradições culturais da classe trabalhadora” são um dos

¹⁵ Conforme Escosteguy (2001, p.25), “[...] faz-se necessário reconhecer que existem desacordos entre os considerados ‘pais fundadores’ dos estudos culturais: Williams, Thompson e Hoggart. Porém, para a constituição dos estudos culturais é mais significativo destacar os pontos de vista compartilhados entre eles.” Apesar destes desacordos, os três autores preocuparam-se em estabelecer relações entre cultura, história e sociedade. Através destas aproximações, é possível compreender como homens e mulheres produzem ativamente a cultura, a partir das suas atividades cotidianas, não como um consumo passivo.

primeiros exemplos de estudos culturais, na obra de Hoggart (*The Uses of Literacy*, de 1957). A partir daí, fundou-se o *Centro de Estudos Culturais Contemporâneos* (CCCS), com a participação de Stuart Hall, Dick Hebdige e Paul Gilroy. Segundo Escosteguy (2001, p. 21): “As relações entre a cultura contemporânea, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação dos CCCS.” Nestes estudos,

[...] o padrão estético-literário de cultura, ou seja, aquilo que era considerado ‘sério’ no âmbito da literatura, das artes e da música passa a ser visto apenas como *uma* expressão da cultura. Esta refere-se, então, a um amplo espectro de significados e práticas que move e constitui a vida social. O fato de se alargar o conceito de cultura, incluindo práticas e sentidos do cotidiano, propiciou, por sua vez, uma segunda mudança importante: todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26).

A partir da década de 60, os estudos culturais passam a trabalhar com a questão das diferenças e combatem o universalismo. O termo *cultura* é substituído por *culturas*, numa referência às identidades nacionais, étnicas, sexuais e regionais. “Esse novo movimento, por um lado, deitou por terra as pretensões à neutralidade e à inocência da cultura. Por outro, estreitou a noção de político, reduzido agora a uma prática cultural e à defesa do particularismo de diferenças culturais.” (CEVASCO, 2003, p. 25). Os estudos culturais lutaram por uma concepção de *cultura* mais abrangente, diferindo daquela que a restringia à esfera ideal, considerada então uma visão elitista. Na perspectiva dos novos estudos, a antiga ideia de cultura a dissociava da luta por uma sociedade democrática.

Como lembra Cevasco (2003, p. 48), “[...] fica difícil intervir na sociedade a partir de uma concepção da cultura como separada da organização social, um campo apartado de onde efetivamente se desenrola a vida social. Esta uma das percepções fundantes dos estudos culturais”. Ou seja, os pensadores desta vertente propõem uma nova forma de ver a cultura, como meio de intervir na realidade: uma cultura comum, para a maioria. Mas, para que isso acontecesse, seria necessário que todos produzissem a cultura, e não apenas a consumissem. “Williams vê a cultura como inextricavelmente ligada à organização social, regida pela economia [...]” (CEVASCO, 2003, p. 55).

Assim, os estudos culturais, no momento de sua formação, tinham a tarefa de “[...] juntar sua teorização à de outros pensadores influentes do marxismo cultural e refinar os modos de pensar as determinações da cultura pela base econômica.” (CEVASCO, 2003, p. 66). Esta perspectiva teórica, ao propor uma releitura do marxismo, trabalha com conceitos

fundamentais para a realização de estudos que têm como tema a dimensão cultural: estrutura, mediação, hegemonia, civilização, ideologia, tradição, cultura. Raymond Williams, em sua obra *Marxismo e literatura* (1979), recupera o modo como estes conceitos foram se constituindo na prática dos sujeitos sociais, “[...] passando por diferentes sentidos e assumindo um sentido genérico destituído do significado que os sujeitos lhe atribuíram.” (apud VIEIRA, 2007, p. 80).

Outro autor a romper com a ortodoxia marxista é Edward P. Thompson, na obra *A formação da classe operária na Inglaterra: 1780-1832* (1986); ao pensar “[...] cultura como toda forma de vida, que é de luta, incorpora novas fontes considerando-as como expressão das práticas sociais dos diferentes sujeitos. Considera a classe trabalhadora se fazendo no processo de luta e portanto não redutível a esquemas explicativos previamente construídos.” (apud VIEIRA, 2007, p. 80).

Na trajetória dos estudos culturais, é importante destacar o papel desempenhado por Stuart Hall¹⁶. A partir da década de 70, ele se torna um expoente das reflexões acerca da cultura e das identidades culturais. Conforme Escosteguy (2003), é importante compreender o contexto histórico em que a obra do autor se desenvolve. “Na atualidade, a relevância da reflexão de Hall consiste no seu permanente engajamento com a fluida movimentação da sociedade contemporânea, seja através do debate de temas do momento como a globalização, o multiculturalismo, a participação negra e sua inserção na cultura britânica e a constituição das identidades em geral [...]” (ESCOSTEGUY, 2003, p. 62). É este autor que destaca a transição da definição moral-literária para uma definição antropológica de *cultura*. (ESCOSTEGUY, 2001). Foi esta mudança que possibilitou o desenvolvimento dos estudos culturais.

Pensar a questão das identidades se tornou um dos pontos centrais da trajetória intelectual de Stuart Hall, cuja temática acabou influenciando muitos pensadores da atualidade. O autor constata que:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império

¹⁶ Conforme Escosteguy (2001, p. 23), Stuart Hall teve importância fundamental na “[...] formação dos estudos culturais britânicos é unanimemente reconhecida. Avalia-se que [...], de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises de meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de ‘aglutinador’ em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um ‘catalizador’ de inúmeros projetos coletivos.”

em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28).

A partir desta realidade, a obra de Hall busca compreender como estas identidades são construídas e revividas na atualidade, num contexto em que a globalização da cultura tenta impor formas de vida que não consideram as diferenças culturais. Por isso, ele afirma que: “Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’.” (HALL, 2003, p. 36). Porém, o autor afirma que as identidades, “[...] concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera.” (HALL, 2003, p. 44). Esses dois movimentos contraditórios, de homogeneização e de diferenciação, marcam de forma evidente a obra do autor, cuja atualidade é indispensável para se pensar as questões locais e regionais, principalmente quando se pretende analisar as relações entre as identidades culturais de um território e os projetos de desenvolvimento para ele elaborados.

2.2 Desenvolvimento Regional na perspectiva territorial

Dada a concepção de globalização como um conjunto de processos “[...] atuantes na escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo [...]” (HALL, 2006, p.67), é possível perceber que este processo transcende a esfera econômica, atingindo também a sociedade e as suas organizações. Este movimento de integração entre as diferentes áreas do globo acaba trazendo consigo uma série de consequências, as quais se refletem diretamente na forma como as regiões se organizam. Neste sentido, cabe observar como os autores que trabalham com esta temática analisam estas duas dimensões – global e regional -, no momento em que se pretende pensar a identidade cultural e do desenvolvimento regional, sendo este compreendido através da perspectiva territorial.

Inicialmente, até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o conceito de desenvolvimento estava associado especificamente à ideia de crescimento econômico. Como afirma Oliveira (2002), existe uma associação entre desenvolvimento e a promoção do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Nesta perspectiva, a problemática da qualidade de vida estava dissociada deste conceito. De acordo com Dallabrida (2010, p. 110), a partir do final da década de 40 houve um crescimento, principalmente na área da economia, de um

“[...] debate entre os que negam e os que afirmam a especificidade teórica do fenômeno do desenvolvimento”. O autor destaca que este debate segue até os dias atuais, mas a partir da década de 50 vários autores, de diferentes matrizes teóricas – liberais, keynesianos, marxistas -, realizaram abordagens acerca desta temática. A partir destas abordagens, Dallabrida (2010, p. 111) caracteriza três conceitos associados ao desenvolvimento: local, regional e territorial.

Sobre desenvolvimento local [...]: é um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e assentamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população [...].

Em relação ao desenvolvimento regional, [...] refere-se a um processo de mudanças sociais e econômicas que ocorrem em uma determinada região. Tal recorte regional tem como referência aspectos geográficos, administrativos, econômicos, físico-naturais, culturais, políticos, etnográficos, dentre outros [...].

Já o termo desenvolvimento territorial, [...] tem-se referido a ele como um processo de mudança estrutural empreendido por uma sociedade organizada territorialmente, capaz de promover a dinamização socioeconômica e a melhoria da qualidade de vida de sua população.

Hoje, portanto, a tendência das reflexões é compreender o desenvolvimento como algo mais amplo, buscando melhorias na vida das pessoas, juntamente com o crescimento econômico sustentável. Em síntese, o desenvolvimento local, regional ou territorial tem em comum três aspectos: “(1) refere-se a um processo de mudança estrutural localizado; (2) remete a uma responsabilidade fundamental à sociedade regional; (3) inclui a dinamização socioeconômica associada à melhoria da qualidade de vida da população.” (DALLABRIDA, 2010, p. 111).

Dentre as diversas definições do conceito de desenvolvimento, na atualidade, Oliveira (2002) destaca alguns deles: Sandroni (*apud* OLIVEIRA, 2002) associa crescimento econômico com a melhoria da qualidade de vida. O autor considera que o desenvolvimento depende da história da sociedade, da sua posição geográfica, das condições demográficas, da cultura e dos recursos naturais que possui. Milone (*apud* OLIVEIRA, 2002) vincula desenvolvimento ao crescimento positivo do PIB e PIB per capita, mas ressalta a necessidade de que se promova, concomitantemente, a redução dos níveis de pobreza, desemprego, desigualdade, melhoria dos níveis de saúde, nutrição, educação, moradia e transportes. Souza (*apud* OLIVEIRA, 2002) considera que o processo de desenvolvimento só pode ser entendido como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e social. Afirma, ainda, que desenvolvimento deve ser compreendido como um processo continuado de crescimento capaz de satisfazer as mais diversas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras. De acordo

com Oliveira (2002, p. 39), os debates acerca do desenvolvimento ganharam importância com a criação da ONU (Organização das Nações Unidas), pois:

[...] foi criada [...] uma série de programas e organismos especiais para ajudar os países a tratar dos problemas econômicos e sociais de modo a manter o equilíbrio mundial. Dentre esses, pode-se citar o Fundo Monetário Internacional, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, o Acordo Geral de Tarifas e Comércio, o Programa das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, o Programa para a Educação, Ciência e Cultura, Organização Mundial de Saúde, a Organização Internacional do Trabalho, cada um com função e instrumentos específicos de atuação, mas com um objetivo em comum: melhorar a qualidade de vida das pessoas.

No entanto, o conceito de desenvolvimento ainda é bastante indefinido nas ciências sociais, pois recebe inúmeros significados que indicam, por si só, as intenções daqueles que pensam sobre a sua finalidade. Dependendo das pretensões de quem planeja as estratégias de desenvolvimento, o termo é empregado como sinônimo de “progresso”, “crescimento”, “industrialização”, “transformação”, “modernização”, dentre outros. Por isso, antes de se falar em desenvolvimento, é necessário deixar claro qual a definição conceitual que delimita a abordagem do tema. Esta dissertação, neste sentido, está pautada na concepção do desenvolvimento como algo muito mais amplo e complexo do que o simples crescimento econômico de um lugar. Parte-se do pressuposto de que somente há desenvolvimento quando as diversas dimensões da realidade são tomadas como referência para compreender as necessidades destes lugares; ou seja, condicionalmente visualizando-os como territórios – cenários em que diferentes atores sociais constroem a realidade em que vivem, identificando as potencialidades e as limitações locais ou regionais. Neste contexto, a economia, a política, a sociedade e a cultura são vistas de forma integrada, sendo que todas estas dimensões agem umas sobre as outras, gerando o que se denomina de perspectiva territorial do desenvolvimento.

2.2.1 A guinada territorial

Ao se constatar a diversidade que persiste no contexto da globalização, é possível afirmar que as regiões não vêm as suas potencialidades serem suprimidas. Etges (2001) evidencia um processo inverso: no atual cenário mundial, o capitalismo acaba por utilizar-se das propriedades destas regiões, sendo que podem estar situados no próprio local ou então para além dele. Tomando como exemplo a Região do Vale do Rio Pardo -RS- Brasil, a autora demonstra que a mesma pode ser dividida em três sub-regiões, de acordo com as

características particulares de cada área. Santos (1996) diferencia, neste sentido, as verticalidades e as horizontalidades presentes nos territórios, sendo que as primeiras são as imposições dos grupos que asseguram o funcionamento global da economia, enquanto as segundas representam os pontos que se agregam sem descontinuidade.

Dois movimentos ocorrem nos territórios, fazendo com que estes processos se efetivem: as forças centrípedas - levando à horizontalização - e as centrífugas - conduzindo à verticalização. O território, segundo Etges (2001, p. 359), “[...] tem que ser visto como algo que está em processo, uma forma-conteúdo, o traço de união entre o passado e o futuro imediato. Ele tem que ser visto como um campo de forças, como um lugar de exercício, de contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos”.

Ao se trabalhar com questões de caráter regional, é indispensável compreender e definir, primeiramente, os conceitos de território, região e regionalização. Conforme evidenciam autores como Corrêa (1997) e Lencione (2001), é possível visualizar a construção epistemológica destes conceitos geográficos, desde o século XIX até o período recente. Após o reconhecimento das antigas definições de região, como a dos positivistas, por exemplo, que a viam como algo dado pela natureza, ou então dos historicistas, que aliavam a esta análise o papel da transformação da paisagem, dentre outras definições posteriores, chegamos, após esta retrospectiva, às concepções atuais que norteiam os trabalhos acerca desta categoria de análise. Hoje, não podemos mais conceber território, região e regionalização de forma limitada; é necessário inseri-los na perspectiva das horizontalidades¹⁷, considerando que a compreensão se dá em função das perguntas que o pesquisador faz em relação à realidade, percebendo as diferenças de um determinado território em relação ao contexto global ou de outras regiões. (SANTOS, 1996).

Para que uma região exista de fato, ela tem que ser “[...] construída socialmente, a partir de laços comuns, de traços de identidade que se expressam no âmbito do cultural, do econômico e do político, que permitam vislumbrar desafios comuns à comunidade envolvida.” (ETGES, 2001, p. 362). Neste sentido, ressalta-se a necessidade da participação dos atores locais no processo de desenvolvimento, para que se canalizem as ações coletivas na direção dos verdadeiros interesses da região, valorizando as suas potencialidades e a sua identidade. A ordem local, que parte do cotidiano das pessoas, deve se impor, assim, à ordem

¹⁷Milton Santos (1996) define como verticalidades os processos em que atores hegemônicos agem no sentido da desterritorialização, promovendo um desenvolvimento sustentado; as horizontalidades, por sua vez, são as ações dos atores regionais, que agem no sentido de uma contiguidade territorial, gerando desenvolvimento sustentável.

global, que segue uma lógica organizacional. Para que haja desenvolvimento regional, é fundamental valorizar a dimensão horizontal do processo.

Santos (1996) ressalta as diferentes visões acerca da região e do significado de regionalizar; no entanto, evidencia também que cabe ao pesquisador que trabalha com estas categorias definir em que sentido teórico irá desenvolver o seu trabalho. Hoje, por exemplo, não é possível definir uma região apenas baseando-se em critérios naturais; porém, eles continuam sendo relevantes, não significando que devam ser ignorados na compreensão do objeto de estudo. Assim como é necessário considerar as verticalidades para se compreender as horizontalidades presentes na realidade.

No contexto de globalização em que vivemos atualmente, é preciso perceber as imposições verticais que se dão nas diferentes áreas do globo, identificando as intenções e os agentes deste processo. Em contraposição, para compreender e propor projetos de desenvolvimento regional, deve-se olhar para as particularidades e para as especificidades dos lugares, concebendo-os como territórios (e não espaços abstratos) que se reelaboram constantemente em função das horizontalidades, nos quais emergem diferentes regiões e regionalizações.

Autores como Rambo e Rückert (2008) pensam sobre a questão do desenvolvimento regional a partir do território. O pensamento de Raffestin (*apud* RAMBO; RÜCKERT, 2008), analisado pelos autores, explicita a importância de se considerar o território vivido e usado pelos atores sociais na constituição do desenvolvimento, principalmente regional. Esta perspectiva leva à compreensão do poder de ação dos indivíduos em determinados espaços, os quais são vistos como uma realidade inicial, a partir da qual o território é desenvolvido. Para compreender este pensamento, é relevante destacar os conceitos de “malha” e “nós” aferidos por Raffestin: “Pode-se considerar assim que a malha é a base, ou o substrato do território, é o que há de mais concreto e enraizado. Os limites da malha são definidos pela ação dos nós ou dos pontos, os quais estabelecem redes ou fluxos, reforçando os limites ou as fronteiras dessa malha e dando dinamicidade ao território.” (RAMBO; RÜCKERT, 2008, p. 2).

Nesta malha, portanto, é que os atores se movimentam no sentido de construir as redes e fluxos que dão sustentabilidade e identidade aos territórios. As ações, estratégias e políticas desencadeadas por estes atores mantêm, segundo Raffestin, as relações de poder nestes territórios, sendo que a este processo atribui-se o conceito de territorialidade. Esta pode ser reformulada constantemente, a partir das ações daqueles que fazem parte do seu processo constitutivo. O desenvolvimento territorial, portanto, segundo o autor analisado, se dá a partir das potencialidades do território, que neste processo interage com outras realidades (regiões,

lugares, territórios). Não são apenas as necessidades econômicas que são contempladas por este tipo de desenvolvimento, o qual se amplia para atender às demais demandas do lugar: sociais, culturais, ambientais, etc. Esta perspectiva valoriza os processos de inovação e de iniciativa dos atores, que não obedecem mais a um único poder dominante, pois interagem na construção coletiva de estratégias de desenvolvimento local/ regional.

Já Pecqueur (2009) faz pensar sobre as mudanças ocorridas a partir da incorporação do território nas estratégias de desenvolvimento dos sistemas produtivos. Para o autor, estas inovações estão surgindo dentro do contexto pós-fordista (acumulação flexível). Diante da perspectiva da homogeneização cultural supostamente imposta pela globalização, surge outra análise que evidencia a complexidade das dimensões global e local (modelo dialético). Neste sentido, Pecqueur destaca o pensamento de autores que indicam uma realidade em que as economias regionais se interligariam através de uma rede, caracterizando uma economia não padronizada ou homogeneizada, mas voltada para as particularidades e diversidades dos territórios. Na mudança do sistema de acumulação capitalista, as territorialidades surgem como fator evidente no desenvolvimento das diferentes regiões, pois se valorizam as potencialidades das comunidades que constituem estes espaços.

O mesmo autor ainda destaca o caráter endógeno da inovação como algo essencial ao desenvolvimento sob a perspectiva territorial, cujo processo de dá a partir do meio, como uma construção social dos atores a ele pertencentes. O conceito de “cesta de bens” (turismo) clarifica bem esta questão, pois está associado à ideia de pertencimento ao lugar. É uma oferta de bens co-construída por fornecedores e consumidores, diferenciando-se de ofertas que eram impostas por grupos externos, alheios às características e necessidades regionais. O território, portanto, na perspectiva do autor, é algo construído historicamente, no qual as relações extrapolam a esfera das transações econômicas e avançam para outras áreas, antes negligenciadas pelos projetos de desenvolvimento impostos ao meio.

A identidade dos atores e dos seus respectivos lugares de ação está intrínseca nesta concepção de territorialidade, a qual promove, na atualidade, a guinada territorial da economia global. O fator cultural que interfere na produção é valorizado, neste sentido, não apenas como uma especificidade local ou regional, mas como um algo determinante nas ações dos agentes do desenvolvimento. É nesta perspectiva que a presente dissertação está pautada, buscando evidenciar o papel da cultura e da identidade cultural no desenvolvimento regional, a partir das estratégias elaboradas pelos próprios atores do território para divulgar as potencialidades da sua região.

2.3 Conexões entre identidade cultural, o desenvolvimento e a perspectiva territorial

Partindo da concepção de desenvolvimento na perspectiva territorial, é indispensável compreender o papel da identidade cultural na formação histórico-social das diferentes regiões que compõem o cenário global. Somente a partir deste referencial é possível identificar as origens e os significados dos elementos que constituem as paisagens construídas pelos atores locais. A identidade cultural representa o conjunto de crenças, valores, hábitos, práticas e demais manifestações que caracterizam as regiões. No entanto, este cenário não é mais compreendido numa perspectiva essencialista, segundo a qual a identidade era adquirida naturalmente pelos sujeitos.

Na modernidade, as culturas nacionais tenderam a forjar identidades unificadas ou homogêneas. No entanto, esta coesão se deu a partir de representações elaboradas por atores sociais que visavam governar a cultura das nações, buscando firmar posições no cenário caracterizado por “[...] processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’.” (HALL, 1997). Neste sentido, a cultura envolve relações de poder. Quanto mais importante uma cultura, mais disputas pelo seu controle serão desencadeadas. Hall (1997) afirma que tanto o estado quanto o mercado e a economia agem sobre a cultura, bem como ela atua sobre estes outros segmentos. Nesta interação, é necessário perceber quem regula a cultura, visto que ela é resultado de discursos e significações elaboradas por estes atores.

A cultura, apesar de regulada, também é reguladora de nossas vidas; por isso, é importante tê-la em mãos, como fizeram os dirigentes de projetos nacionalistas, por exemplo, principalmente ao longo do século XX. Esse movimento resulta na redução das distâncias entre os lugares, agindo diretamente sobre as identidades culturais que antes se abrigavam nas chamadas culturas nacionais. Desde a década de 70 do século XX, esta tendência à aproximação entre os diferentes lugares do globo se acentuou, levando ao aumento dos fluxos e laços econômicos e culturais entre as nações. Frente a este processo, Hall (2006, p. 69) identifica três possíveis consequências no cenário global:

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’.

As identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.

As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Estes resultados da globalização refletem-se na multiplicidade de identidades e territórios que emergem na modernidade tardia. O que antes era visto como parte de um todo denominado cultura nacional, agora aparece num cenário que equivale a um imenso mosaico cultural, formado por uma diversidade de elementos que se transformam constantemente, assumindo feições de acordo com a fluidez espaço-temporal que caracteriza a globalização. Hall (2006, p. 71) lembra ainda que “[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.”

Os diferentes territórios, por sua vez, são também formados por estas representações¹⁸ do imaginário das pessoas que neles vivem. Através de simbologias e materializações deste imaginário, cada território busca afirmar a sua identidade cultural, elegendo elementos que possam vir a fortalecer a sua posição frente aos movimentos incertos da globalização. Mais do que nunca, as múltiplas identidades e os múltiplos territórios investem na diferenciação, tentando sobreviver num contexto em que a padronização cultural pode representar uma ameaça à diversidade. Para isso, são inventadas as tradições, que ligam o presente a um passado cheio de mitos, de narrativas imaginadas a partir de processos históricos muitas vezes diferentes daquilo que se conta. Os indivíduos são conectados a um passado de forma que sintam herdeiros de costumes, crenças, valores e práticas sociais tornadas essência de uma cultura, naturalizando e cristalizando aquilo que fora historicamente forjado. Neste sentido, Hall (2006) destaca que a globalização tem gerado o enfraquecimento de identidades nacionais, as quais são substituídas por outras identificações “[...] locais, regionais ou comunitárias”, que acabam se tornando mais importantes.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades [...]. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como ‘homogeneização cultural’. (HALL, 2006, p. 75-76)

Diante deste movimento de homogeneização cultural, pergunta-se como os territórios e

¹⁸ “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 17).

comunidades locais ou regionais podem manter as suas características. Que estratégias os atores destes cenários utilizam para preservar o que consideram importante na sua identidade cultural, já que a globalização acelera as mudanças e leva ao desmantelamento destes traços? Estas e outras questões levam à constatação de que as pesquisas acerca da cultura devem se ocupar destes movimentos, buscando captar as ações desenvolvidas a partir dos diferentes territórios e das diferentes identidades culturais que constituem o mosaico do espaço global.

Hall (2006) evidencia que juntamente com a homogeneização cultural da globalização caminha um processo de diferenciação. Neste sentido, haveria uma mercantilização da etnia e da “alteridade”. Esta exploração da diversidade local levaria a uma articulação entre o “global” e o “local”. Porém, segundo o autor: “Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente localizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização.” (HALL, 2006, p. 78). Outras duas críticas em relação ao papel homogeneizador da globalização residem no fato de que ela é um processo desigual no planeta, bem como pode se um fenômeno exclusivamente ocidental, em função desta “geometria do poder” que exerce nos dois hemisférios. (HALL, 2006).

“Tanto o liberalismo quanto o marxismo, em suas diferentes formas, davam a entender que o apego ao local e ao particular dariam gradualmente vez aos valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais [...]” (HALL, 2006, p. 97). A globalização caminha, enfim, contra todos os tipos de determinismo. Não se reduz a simplificações teóricas, pois está em constante mudança; é um processo dialético, que traduz as incertezas e nos leva a repensar, dentre outras questões, as múltiplas identidades e os múltiplos territórios que formam este cenário mundializado. Conforme Wassermann (2001, p.12), quando analisamos a construção da identidade, é importante destacar que:

A temporalidade [...] adquire especial significado porque a conformação das identidades coletivas está estreitamente relacionada com a questão do passado, de como os valores adquiridos como símbolos da identidade formou-se num passado comum a todos os membros daquela comunidade. A idéia que todos os contemporâneos já compartilharam, mesmo num passado longínquo, aquelas experiências é muito importante para conformação da identidade social.

Partindo desta afirmação, é possível compreender de que forma as comunidades organizam as estratégias de construção da identidade de uma região ou de um território. Considerando a definição de região e território como elaborações dos atores que neles atuam, é possível afirmar que a identidade se dá a partir de escolhas, de orientações e de reações

frente àquilo que se propõe como pertencente ao local. Este processo se dá de forma dialética, a partir de disputas entre diferentes atores. A identidade regional ou territorial é um conjunto de significados que estes sujeitos atribuem ao universo material com o qual interagem, sendo que alguns elementos assumem caráter hegemônico¹⁹ sobre os demais, enaltecendo determinadas etnias, culturas, produtos e outras categorias em prol de um discurso comum, ao qual os atores podem ou não aderir.

Costa (1999), afirma que determinadas identidades são construídas a partir da relação dos grupos sociais com o território. Estas seriam *identidades territoriais* por serem construídas pela ação de diferentes atores, que fazem isso de forma simbólica ou funcional. De acordo com o autor, cada território se constrói por uma combinação de múltiplas relações de poder, do mais material e funcional, ligado a interesses econômicos e políticos, ao poder mais simbólico e expressivo e às relações de ordem mais estritamente cultural.

Neste sentido, quando se analisa a dimensão cultural da constituição dos diferentes territórios, a questão das identidades e de suas representações surge como tema central das ciências sociais. A identidade territorial, nesta perspectiva, pode se dar a partir de um produto culturalmente marcante na região, de uma ou mais etnias, da religiosidade, da acontecimentos e personagens históricos, etc. Cabe aos pesquisadores e planejadores do desenvolvimento regional a tarefa de compreender e discutir estas identidades, que não são essências do território, mas resultados de lutas e escolhas simbólicas dos próprios atores locais e regionais.

¹⁹ “A noção de hegemonia foi criada no seio da tradição marxista para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço. Apesar de ter suas origens na social-democracia russa e em Lênin, é Gramsci que apresenta uma noção de hegemonia mais elaborada e adequada para pensar as relações sociais, sem cair no materialismo vulgar e no idealismo encontrados na tradição. A noção de hegemonia propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais.” (ALVES, 2010, p. 71).

3 FORMAÇÃO HISTÓRICA DO VALE DO TAQUARI E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL

Sociólogos, historiadores, antropólogos e outros pesquisadores concordam que as identidades são socialmente construídas. Porém, como afirma Castells (2000, p.23), deve-se perguntar “[...] como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece”. Neste processo, vão se elegendo os atributos que os atores sociais consideram importantes para a sua autoafirmação frente à realidade. Estes referenciais são construídos ao longo da história, sendo que não se dão de forma natural ou espontânea. Há diferentes interesses em jogo, os quais determinam as escolhas que integram verdadeiros projetos de legitimação identitária. Assim, é possível afirmar que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam o seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/ espaço. (CASTELLS, 2000, p. 23).

Nas diferentes regiões que constituem o mundo, atualmente, é perceptível a necessidade que os atores têm de manifestar as suas características frente à cultura mundial resultante da dinâmica da modernização. Os processos de afirmação identitária caminham paralelamente à tendência massificadora da globalização, revelando o que cada território manifesta como a sua marca no espaço global. No sentido contrário a estas manifestações, alguns autores identificam um fenômeno denominado *desterritorialização*, segundo o qual os territórios perderiam suas particularidades frente à globalização. Costa (2006, p. 22), no entanto, argumenta o seguinte:

Temos [...], pelo menos, duas interpretações bastante distintas daquilo que é percebido como desterritorialização, e que muitas vezes os discursos correntes confundem: uma, a partir dos grupos hegemônicos, efetivamente ‘globalizados’, outra, a partir dos grupos subordinados ou precariamente incluídos na dinâmica globalizadora.

Neste sentido, os atores locais interagem com as forças globais, gerando um fenômeno que Costa (2006) denomina *reterritorialização*. O autor aponta que o suposto fim dos territórios estaria levando, na verdade, a uma *multiterritorialidade*. Esta nova configuração seria fruto do debate sobre *desterritorialização*, que acaba reafirmando o território ao invés de

liquidá-lo. Costa (2006, p. 24) lembra, ainda, que “[...] o discurso das desterritorialização tomou vulto e acabou se propagando pelas mais diversas esferas das Ciências Sociais, da desterritorialização política com a crise do Estado nação à deslocalização das empresas na Economia e à fragilização das bases territoriais na construção das identidades culturais, na Antropologia e na Sociologia.”

Nesta perspectiva, é possível pensar sobre a trajetória de um grupo específico que atuou na formação do território de diversas regiões do Brasil: os imigrantes germânicos e seus descendentes. Este período da história do país, que se deu principalmente entre os séculos XIX e XX, criou um cenário em que a identidade territorial foi se constituindo a partir de uma identidade cultural construída ao longo do tempo, a partir de manifestações culturais que buscaram evidenciar um passado diferenciado das demais etnias que participaram desta formação histórica.

Como afirma Seyferth (2000, p. 149) “[...] é preciso lembrar que o sentido de identidade étnica é procurado pelos atores sociais naqueles laços que envolvem ascendência e sangue (ou raça), cultura e língua singulares – portanto, percepção cognitiva de diferenças associadas à origem comum”. Estes elementos foram os elos que mantiveram a continuidade de uma identidade construída nos territórios colonizados pelos europeus durante os séculos XIX e XX, e que hoje permanecem alimentando discursos e representações acerca dos cenários em que atores regionais buscam se *reterritorializar* frente à suposta *desterritorialização*. Tem-se assim, baseando-se em Costa (2006), uma situação que integra o processo de criação das chamadas *multiterritorialidades*.

3.1 Povoamento e colonização da região do Vale do Taquari

A atual região denominada Vale do Taquari, de acordo com a divisão estabelecida pelos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs), abrange trinta e seis municípios situados na porção centro-leste do estado do Rio Grande do Sul. A ocupação deste território iniciou com a presença de vários grupos indígenas²⁰, dentre os quais se destacavam os

²⁰ Segundo Herrlein Jr. e Carvalho (1999, p. 2): “A chegada dos Guarani ao território sul-rio-grandense coincide com o início da era cristã, há dois mil anos atrás. Eles configuram uma nova tradição indígena no território, que já era habitado por índios da tradição Taquara, na zona do planalto serrano, e da tradição Vieira na zona pampeana. Durante 1500 anos, até a chegada do homem branco, essas três diferentes tradições de índios ceramistas originaram diversos subgrupos, com grande predominância do tronco tupi-guarani. Esses últimos deram origem aos índios do litoral, chamados carijó, encontrados também mais ao norte, desde São Paulo. Essas tribos de carijó povoaram o litoral costeiro e também as zonas dos rios dos Sinos, Caí e Taquari-Antas (onde eram conhecidos como *ibiaçanguara*)”.

Guaranis. Os ibiaiaras e os carijós habitavam as margens do *Rio Tibiquari*, assim denominado pelos indígenas. Eram grupos nômades, que transitavam ao longo da região em busca de alimentos. Todos falavam dialetos guaranis, o que mais tarde possibilitou o contato com os padres jesuítas espanhóis. (SCHIERHOLT, 2002). Estes indígenas, mais tarde, foram escravizados pelos bandeirantes portugueses que chegaram à região próxima ao Rio Taquari:

Para compreender o significado da presença de traficantes e aventureiros no território do Vale do Taquari e do Rio Grande do Sul, é preciso considerar que nos dois primeiros séculos da colonização portuguesa ela esteve limitada ao sul até a vila de São Paulo. A tardia ocupação do território mais ao sul, que nominalmente cabia à Espanha, deve ser atribuída à ausência de interesse econômico do Reino de Portugal e à dificuldade de acesso. Como se sabe, os portugueses formaram povoados somente junto ao litoral, com a exceção do de Piratininga (São Paulo). O então chamado “Continente de São Pedro” é quase inabordável pela costa, onde é impraticável acolher embarcações. Esse território permaneceu virgem da ocupação portuguesa, em caráter permanente, até os anos 1700, quando fundaram-se os primeiros povoados luso-brasileiros[...]. (HERRLEIN JR. e CARVALHO, 1999, p. 4).

Assim, este território foi incorporando outros elementos humanos, a partir do século XVIII, quando os primeiros exploradores passaram pelas suas terras. Nos quinhentos e seiscentos, jesuítas e bandeirantes transitaram pelas margens do Rio Taquari, com diferentes objetivos em relação aos grupos indígenas que habitavam estas terras: os bandeirantes pretendiam aprisioná-los, enquanto os jesuítas tinham a intenção de levá-los para viver nas Missões. (PORTO, 1943). É importante assinalar que:

O Rio Grande do Sul foi, pode-se dizer, a derradeira parte do Brasil a ser povoada. Não deixa de ser significativo o fato de que, ao findar a quarta parte do século XVIII, quando em todas as regiões que futuramente constituiriam os estados da federação já germinavam as “células mater” do povoamento, o território rio-grandense era ainda uma vasta terra de ninguém. Estavam em pleno funcionamento os centros de mineração que originaram a expansão demográfica para o interior do país, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, enquanto o Rio Grande ainda permanecia uma região remota e pouco conhecida na qual a fronteira, em disputa, se diluía por centenas de quilômetros. (BERNARDES, 1997, p. 53).

No século XVIII, a chegada dos colonos açorianos significou o início do povoamento efetivo pelas populações de origem europeia. Os casais originários das ilhas portuguesas foram estabelecidos principalmente no atual município de Taquari²¹. “Com o objetivo de acelerar o adensamento da população, por demais rarefeita em função da atividade extensiva dominante e, assim, visando a garantir a subsistência, cogitou o governo de generalizar as

²¹ Taquari recebeu sete casais açorianos, inicialmente, em 1760. Emancipou-se no ano de 1849, vindo a se constituir em um dos primeiros municípios do Rio Grande do Sul. Deu origem, mais tarde, aos outros trinta e cinco municípios que hoje compõem o Vale do Taquari.

atividades agrícolas introduzindo no Rio Grande o colono.” (BERNARDES, 1997, p. 59). A partir desta ocupação, foram surgindo os primeiros núcleos populacionais e urbanos, cujas fundações deram origem aos atuais municípios.

A partir de 1740, o território da região do Vale do Taquari recebeu os primeiros portugueses e, a partir de 1760, colonos açorianos, que se instalaram nas imediações da foz do rio. A colonização do território da região do Vale do Taquari, que encontrava-se junto à ‘fronteira do Rio Pardo’, correspondeu ao objetivo estratégico de garantir a posse do território sul-riograndense. Junto com a ocupação lusitana estável no território, estabeleceu-se a propriedade privada da terra e a implantação e organização do Estado português e da Igreja católica. (HERRLEIN JR. e CARVALHO, 1999, p. 13).

Os colonos açorianos foram assentados em diversos pontos do território riograndense. No entanto, esta colonização não chegou a constituir núcleos fortes de povoamento, levando os poderes públicos a pensar em novas opções povoadoras na região que, ainda neste período, sofria ameaças de invasão. Além disso, pretendia-se “[...] contrapor ao latifúndio escravocrata uma forma de exploração agrária refletindo o tipo europeu da pequena propriedade familiar. Nada mais seria, pois, que a continuação da experiência açoriana.” (BERNARDES, 1997, p. 67). Quanto à presença dos latifúndios (lembrando que hoje o território se identifica pela pequena propriedade familiar), é interessante destacar que: “Na região do Vale do Taquari, as sesmarias concedidas geralmente foram menores que as de outros pontos do território sul-riograndense. A primeira concessão de sesmaria na região ocorreu em 1754 para Francisco da Silva e localizava-se no território de Taquari [...]” (HERRLEIN JR. e CARVALHO, 1999, p. 13-14).

Juntamente com estes povoadores, chegaram os primeiros negros de origem africana, que vinham para trabalhar como escravos. O trabalho escravo esteve mais presente nas fazendas dos atuais municípios de Taquari, Bom Retiro do Sul, Fazenda Vilanova, Estrela, Cruzeiro do Sul e Lajeado. (SCHIERHOLT, 2002). Como as sesmarias concedidas no Vale do Taquari eram de tamanho menor do que as demais (devido às peculiaridades geomorfológicas da região, com relevo entrecortado e muita mata fechada), as fazendas que ali se formaram dedicaram-se à extração de madeira e erva-mate e a lavouras de subsistência, com o emprego de escravos africanos. Não há muitas pesquisas sobre a presença africana na região durante período colonial, sendo que muitas informações ainda são oriundas da tradição oral. Mas há registros de que havia grande número de escravos em algumas propriedades. (HERRLEIN JR. e CARVALHO, 1999).

No século XIX, iniciou o processo de ocupação que trouxe o maior número de

povoadores à região do Vale do Taquari, representado pelos colonos germânicos e italianos²². Devido aos problemas enfrentados em seus países de origem, estes imigrantes vinham ao Brasil atraídos pelas promessas de terras, ajuda financeira, alimentos e outros benefícios para o cultivo inicial nas colônias que eram então criadas em diversos pontos do país. (AZEVEDO, 1975; ROCHE, 1969). No Rio Grande do Sul, e mais especificamente no Vale do Taquari, a propaganda para atrair imigrantes europeus resultou num intenso fluxo populacional, o qual deu origem às povoações a partir das quais se formou a maioria dos trinta e seis municípios da região.

A partir dos dados levantados por Jean Roche (1969) e Rambo (1999), bem como baseando-se na obra de autores como Bernardes (1997) e Seyferth (1994), podem ser estabelecidas as fases da imigração alemã no Rio Grande do Sul²³:

a) 1824 a 1847, iniciando com a fundação da colônia de São Leopoldo, às margens do rio dos Sinos. De acordo com Bernardes (1997), esta colônia obteve sucesso porque, ao contrário de outros núcleos, ficava a poucos quilômetros de Porto Alegre e tinha facilidade de atingi-la via fluvial. “Esta proximidade facilitou não só os contatos, a assistência aos colonos, como, principalmente, a acessibilidade ao mercado consumidor, permitindo, inclusive, a exportação dos produtos excedentes.” (BERNARDES, 1997, p. 70). Segundo Seyferth (1996, p. 44), “[...] a primeira fase do sistema de colonização com imigrantes não produziu grandes resultados e foi interrompida, no Sul, em 1830 e só retomada em 1846, após a revolução farroupilha”.

b) 1848 a 1874: enquanto não surgiam novos planos de colonização, os grandes proprietários passaram a vender pequenos lotes de suas sesmarias aos filhos dos colonos que necessitavam de terras. Após 1849, São Leopoldo expandiu-se encosta acima, dando origem a outras colônias: Mundo Novo, Bom Princípio, Caí, etc. (BERNARDES, 1997). A partir da lei de 1848, o Império passou a conceder às províncias terras a colonizar, sendo que as terras florestais passaram a ser valorizadas. Neste período surgiram as colônias de Santa Cruz (1849), Santo Ângelo (1857), Nova Petrópolis (1858), Conventos (1853), Estrela (1853), Teutônia (1858), Arroio do Meio (1869) e São Lourenço (1858). (BERNARDES, 1997). Em 1859 diminuiu a imigração, mas a multiplicação dos colonos garantia a expansão das colônias.

²² Também houve algum contingente de poloneses e povos de outras origens, porém em menor escala.

²³ Conforme Giralda Seyferth, em reportagem disponível no site www.comciencia.br (Acesso em: 8 jan. 2013), embora haja “[...] discrepâncias estatísticas, houve certa constância do fluxo alemão desde 1824 até a década de 1930, ocorrendo dois períodos numericamente mais significativos (e que concentraram mais de um terço das entradas) - antes da 1ª Guerra Mundial e nos primeiros anos da década de 1920, no auge da crise da República de Weimar.

c) 1890 a 1914: com o advento da república, “[...] as terras devolutas passaram ao domínio dos estados e a estes caberiam, então, as tarefas de colonização, diretamente ou por concessões a particulares. No Rio Grande do Sul, via de regra, o estado seria o agente colonizador e a ação dos particulares passaria a ser, em área, muito reduzida.” (BERNARDES, 1997, p. 76). Conforme Seyferth (1994, p. 13), “[...] o momento de maior afluxo ocorreu após a Primeira Guerra Mundial: na década de 20, o Brasil recebeu pouco mais de 75 mil alemães, o que representa quase 30% do total.” Nesta fase, o Vale do Taquari já não recebe fluxos de imigrantes, sendo que as áreas ocupadas no estado são as localizadas nos campos da Depressão e nos de “cima da serra”, no Alto Uruguai, etc.

Portanto, as medidas em relação à entrada de imigrantes foram caracterizando as diferentes áreas do estado, sendo que em cada período houve motivações, objetivos e conjunturas específicas que moldaram a forma de ocupação das terras e a adaptação destes contingentes à nova realidade que se lhes apresentava. Já em relação aos italianos, não encontramos esta periodização tão definida nas obras analisadas, mas é possível compreender a trajetória destes imigrantes através dos estudos de Thales de Azevedo (1975). O autor identifica uma fase inicial, de 1875 a 1885, quando a vinda de imigrantes foi mais escassa, e um consecutivo aumento deste contingente, de 1885 a 1892; em seguida, a colonização italiana se estende até 1914.

Procurando acelerar a expansão da pequena propriedade de trabalho livre, o governo imperial criou, dentro de um grande plano, uma série de colônias no sul do país, destinadas a serem povoadas por italianos. No Rio Grande do Sul, as colônias deste plano foram Caxias, Conde D’Eu e Dona Isabel (1874-75), que deveriam constituir uma continuação da área já ocupada por alemães ao norte de Porto Alegre [...] Novas colônias surgiram rapidamente mais ao norte e pela bacia do Taquari – Alfredo Chaves (1884), Antônio Prado (1889), Guaporé (1892). (BERNARDES, 1997, p. 75-76).

A imigração para o Rio Grande do Sul, e conseqüentemente para a região do Vale do Taquari, se deu em função de que as terras do sul do Brasil eram consideradas “vazios demográficos”, apesar de estarem ocupadas, na época, por indígenas e caboclos. (SEYFERTH, in MAUCH, 1994). Os imigrantes que se estabeleceram nesta região receberam lotes de terras nos quais foi implantado o regime da pequena propriedade familiar, modelo inexistente nos latifúndios de outras regiões do Brasil até aquele momento. Estes imigrantes passaram gradativamente a assumir uma nova identidade ligada às colônias nas quais se instalaram, no entanto sem deixarem de se identificar com a nação de origem, cujo passado passou a constituir a memória que daria sustentação às representações da identidade étnica

construída no novo território. Apesar de nem todos terem se tornado colonos, lembrando que alguns assumiam atividades comerciais e até mesmo industriais, a imagem que se perpetuou nas representações dos imigrantes, especificamente no Vale do Taquari, foi a do *colono-imigrante*, que até hoje é utilizada para recontar a história dos municípios da região.

De acordo com Ahlert (2001, p. 3), havia uma diversificação de atividades desempenhadas pelos imigrantes germânicos no Vale do Taquari. O autor destaca:

[...] à maioria das colônias era concedida uma forma de adiantamento para a compra de terras boas e baratas, bem como também para cobrir as necessidades de custos para as suas primeiras instalações. Para os artesãos, operadores de máquinas e outros, que assim o quisessem, também, haveria serviços com bons salários, nas cidades como no campo, em atividades agrícolas.

A diversificação de atividades foi uma característica da colonização alemã na região, sendo que, além do campesinato e do artesanato, o comércio passou a se destacar entre os imigrantes, tendo em vista que os colonos, “[...] ao tomarem posse de sua propriedade, tiveram que se preocupar desde logo com a necessidade de produzir excedentes para serem vendidos, pois precisavam de recursos para pagar as dívidas contraídas com a compra de terras.” (AHLERT, 2001, p. 3). Assim, surgiram em todas as localidades as “vendas”, nas quais ocorria a comercialização desses excedentes, sendo que trocavam produtos da agropecuária por mantimentos e vestuário.

Esta nova configuração socioeconômica dos imigrantes alemães levou também à formação de uma nova identidade que, conforme Seyferth (2004, p. 155), foi sintetizada pelas palavras *Deutschtum*, *Volkstum* e *Kultur*. Estes termos são

[...] usadas como marcadores da diferença cultural mais intensivamente do que as traduções dicionarizadas, que apontam, respectivamente, para germanismo, nacionalidade (alemã) e cultura/civilização, sugerem. Termos conceituais como *Volkstum* ou *Deutschtum* remetem à ideia de uma cultura popular apropriadamente germânica, construída na longa duração, mas o significante nacional inclui também uma noção de pertencimento comunitário que, no discurso teuto-brasileiro, está mais próximo de uma representação “nativa” de etnicidade primordial. Há uma reinvenção da “civilização” germânica no território colonizado [...].

Segundo Maltzahn (2009, p. 2), o “[...] campesinato e o isolamento relativo permitiram [...] aos imigrantes alemães formarem e organizarem, desde os primeiros anos da colonização, uma sociedade étnica, cultural e econômica própria [...], primordialmente familiar, escolar e religiosa [...]”. Esta sociedade foi se fortalecendo nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, sendo que no Vale do Taquari esta construção identitária marcou a trajetória da formação do

território, cujas representações estão até hoje pautadas fortemente nos referenciais da colonização germânica. Estrela, Teutônia e Lajeado foram os núcleos pioneiros, mas a partir deles foram se desenvolvendo as chamadas linhas e picadas, que ao longo do século XX deram origem a grande parte dos municípios da região. A partir das representações da imigração germânica - foco desta análise - e também italiana, portanto, surgiram as obras que visam contar e valorizar a história destes municípios, as quais podem revelar muitos aspectos da construção da identidade regional/territorial do Vale do Taquari.

É preciso evidenciar que, além da colonização alemã e italiana, o Vale do Taquari recebeu imigrantes de outras regiões da Europa, durante os séculos XIX e XX. Assim, além dos indígenas, portugueses, negros, alemães e italianos, o território foi formado a partir da presença de imigrantes poloneses, austríacos, franceses, holandeses, açorianos, dentre outros. No decorrer do século XX, pode-se destacar ainda ocupações de imigrantes asiáticos, mesmo que sua representatividade seja bem inferior às demais. No entanto, estas presenças étnicas levam a pensar no Vale do Taquari como um cenário multicultural, constituído a partir de uma ocupação que, até a atualidade, está em constante movimento.

3.2 A escrita da história dos municípios

Contar a sua própria história é um processo que se dá a partir de discursos e de representações acerca do passado. Cada um busca, através do uso da memória, os elementos necessários para que a narrativa em questão se configure o mais real possível, a tal ponto que, através desta (re)construção, se possa revelar ao outro aquilo que se denomina *identidade*. Como afirma Canclini (1996, p.163): “A identidade é uma construção que se narra.” Assim, para que estas interrogações viabilizem alguma forma de compreensão, desencadeia-se um processo de busca de pessoas e lugares através dos quais seja possível encontrar aquilo que, metaforicamente, se configura como “raízes” de um indivíduo ou grupo social.

Quando esta busca de referenciais identitários expande-se para além do *eu*, compreendendo então um maior número de elementos que compõem uma determinada realidade, a investigação do passado adquire proporções e significados evidentemente mais amplos. Renuncia-se às individualizações em função de uma *história em comum*, cuja materialização estará disposta a favor de uma coletividade, esteja ela organizada autonomamente, sendo assim auto-promotora da suas próprias representações, ou, então, caracterizada pelo domínio de determinadas instituições promotoras desta afirmação dita coletiva. No entanto, é preciso lembrar que este processo se dá em um contexto no qual “[...] a

identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas.” (CANCLINI, 1996, p. 166).

De acordo com essas afirmações, é possível analisar, dentro de uma determinada perspectiva teórica e metodológica, a multiplicidade de representações²⁴ construídas ao longo do tempo, nos espaços artificialmente institucionalizados, dentro das dimensões nas quais foram sendo concebidos. Ao se pensar que “[...] a realidade é social ou culturalmente constituída.” (BURKE, 1996, p. 13), cabe aos pesquisadores a tarefa de investigar como os atores sociais viabilizam a construção das *suas histórias*, resgatando não apenas a dimensão material e oficial destas trajetórias, como também e fundamentalmente as manifestações simbólicas envolvidas nas situações cotidianas – suas crenças, seus hábitos, suas ideologias, seus projetos de vida -, registradas naquilo que, hoje, se concebe como fontes de compreensão e interpretação da realidade. São diversos os materiais passíveis desta análise, desde que se tenha a precaução de contextualizá-los e estabelecer critérios de leitura que alertem sobre a aceitação das *verdades* contidas nestes portadores de discursos.

No Vale do Taquari, este trabalho de busca do passado vem se ampliando visivelmente nas últimas décadas, promovido fundamentalmente pelas administrações municipais e por setores ligados à educação, cultura e turismo destas mesmas instituições. Muitas vezes, identifica-se também a existência de parcerias entre as prefeituras e iniciativas particulares, ambas interessadas no *resgate* do passado local e na sua posterior divulgação nos diversos meios de comunicação.

Para compreender o empenho destes grupos na reconstituição do passado local, é imprescindível lembrar que:

[...] não é em função de sua condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com modelos de comportamento que são o produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam, no decorrer da história, às realidades materiais. (DUBY, 1979, p. 131).

Partindo desta constatação, é pertinente visualizar um conjunto de obras sobre *histórias locais*, a partir do contexto no qual foram produzidas, considerando também os indivíduos e grupos envolvidos na sua montagem, bem como os processos através dos quais as informações foram coletadas, organizadas e divulgadas. Este conjunto se refere a inúmeras

²⁴ O termo *representações* se refere à tentativa de “[...] decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) [...].” (CHARTIER, 1991, p. 177). É a forma pela qual os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo em que vivem.

obras sobre a história dos municípios, as quais são visualizadas, nesta análise, como parte de um projeto historiográfico mais amplo vinculado ao território denominado Vale do Taquari. É possível destacar alguns materiais publicados por instituições que promoveram essas narrativas da história dos municípios da região, através de seminários, grupos de estudos, eventos regionais, etc; cujas temáticas abordadas foram registradas em forma de anais, livretos, relatórios e outras publicações financiadas pelos grupos envolvidos neste trabalho. Em seguida, analisam-se obras escritas por personagens das localidades, que assumiram a tarefa de contar a história local. (NICOLINI, 2006).

Em 1997 e 1998, esse *resgate* das “raízes históricas e culturais”²⁵ dos municípios do Vale do Taquari fora motivo para a realização do *I e II Simpósio Raízes do Vale*, em Lajeado, cujos Anais foram publicados em março de 2000 pela Prefeitura do município, em parceria com a Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES), 3ª Delegacia de Educação (atualmente denominada 3ª Coordenadoria Regional de Educação) e Associação Nacional de Pesquisadores em História (ANPUH). Esse registro é apresentado ao público como uma fonte de pesquisas para possíveis interessados no tema, seguindo-se de uma explicação das “razões de ser” do evento, que fora realizado alguns anos antes. O organizador da obra destaca, nesta breve introdução, o significado da palavra raiz, justificando a sua escolha como título do simpósio:

O que fixa a planta na terra para crescer e resistir aos temporais é a raiz. Quanto mais a raiz se aprofunda, fixa e se lastra pelo solo, quanto mais forte o tronco e viçosa a copa, mais capaz de produzir flores e frutos, mais resistente às intempéries. A vida humana tem igualmente alguns aspectos semelhantes à vida vegetal, como fecundação da semente, dependência da família e do meio ambiente, condições ideais de crescimento... Uma planta pode ser conduzida, necessita do amparo de estacas, proteção contra excessos de calor e frio, poda de brotos prejudiciais. Na vida do ser humano, conduzir uma criança significa educar, necessitando de amparo, proteção, estímulo, correção... (SCHIERHOLT, 2000, p. 8).

A partir dessa definição, compreendem-se as reflexões feitas por Le Goff (1990, p. 46), para quem “[...] o homem qualquer, diante da aceleração da história, quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes [...]”, e busca “[...] apaixonadamente sua identidade [...]” procurando por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir bancos de dados, tanto para o passado como para o presente [...]”; este homem “[...] procura dominar uma história que parece lhe escapar [...]”. Neste sentido, os participantes do Simpósio *Raízes do Vale* apresentam, sob diferentes abordagens, trabalhos que possibilitem a preservação e o

²⁵ Termo constante no subtítulo dos *Anais do I e II Simpósios “Raízes do Vale”* (2000).

registro da história local, enfatizando a questão da imigração italiana e germânica no Vale do Taquari. Os autores apontam que as atuais gerações “[...] têm limitado conhecimento e consciência quanto às suas origens [...]”, sendo que muitos “[...] não se importam ou até mesmo desprezam qualquer preocupação que se relacione às origens [...].” (SCHIERHOLT, 2000, p.9).

Em dezembro de 2000, a iniciativa de dois autores de Lajeado levou ao lançamento de uma obra sob o título *Arquitetura em Enxaimel*, elucidando, em seu prefácio, que “[...] a Secretaria de Cultura e Turismo deste município realizou este trabalho [...] partindo da premissa de que os prédios construídos com a técnica ‘enxaimel’ geralmente são os mais antigos, que ainda remanescem do período pioneiro [...].” (COLLISCHONN; RICHTER, 2000, p. 3). O livro apresenta uma coleção de fotografias produzidas pelos autores, que percorreram o interior dos municípios de Lajeado, Forquetinha e Canudos do Vale – os dois últimos emancipados do primeiro - e realizaram um levantamento dos prédios construídos em estilo germânico. Ao apresentar o resultado de seus esforços, eles evidenciam a importância de valorizar este patrimônio dos municípios, considerando-os como verdadeiros marcos históricos a serem preservados. A iniciativa pretendeu não apenas mostrar este aspecto do passado destas localidades, como também conscientizar as pessoas sobre a necessidade da preservação dos prédios. A partir deste momento, já apontavam para a construção do *Deutscher Kolonie Park*, hoje denominado apenas *Parque Histórico de Lajeado* (fotografia 1), para onde muitos destes prédios foram remanejados e restaurados, vindo a constituir uma espécie de vila germânica aberta à visitação pública²⁶.

Hoje, o parque conta com uma associação de amigos, a qual atua na divulgação e na manutenção do local. A partir do discurso da “conscientização histórica e cultural”, no mesmo município foi publicada uma obra escrita em português e alemão, pois, segundo os autores, esta seria uma “[...] homenagem aos pioneiros e seus descendentes entre os quais ainda existem idosos que foram alfabetizados em alemão [...]”, e “[...] porque observamos que cada vez mais europeus de língua alemã se interessam pelo destino de seus conterrâneos que emigraram para o Brasil no século XIX.” (COLLISCHONN; RICHTER, 2000, p. 4). Estas e

²⁶ O parque foi construído num local próximo ao centro de Lajeado, que é o município mais urbanizado da região. Apesar de estas construções terem sido originalmente edificadas nas localidades do interior (hoje totalmente emancipado de Lajeado), a escolha da área urbana aponta para o processo de construção de identidade que se dá na região, cujo passado é narrado ao público através da criação de espaços de memória. No período em que foi construído, Baller (2008) destaca que houve muita polêmica em torno da sua construção, inclusive levando descendentes de italianos a se manifestarem contrários ao projeto, em função de um suposto “esquecimento” desta presença étnica na história do município e da região. Frente a isso, a administração municipal decidiu mudar a denominação germânica prevista, denominando-o *Parque Histórico de Lajeado*, apesar de abrigar construções exclusivamente dos imigrantes germânicos.

outras iniciativas, sejam elas gerenciadas pela iniciativa pública ou privada, materializam o processo de construção identitária na região, evidenciando a *germanidade* através destas ações.

Fotografia 1 - Parque Histórico de Lajeado



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Lajeado - SECULTUR, 2005.

Porém, é preciso analisar estas iniciativas sob uma perspectiva mais ampla, envolvendo trabalhos realizados em outros municípios pertencentes a esta região denominada Vale do Taquari. Apesar de Estrela e Lajeado se constituírem nos municípios onde a colonização alemã tenha se efetivado com maior intensidade e anteriormente às demais localidades - até porque muitas delas emanciparam-se destas duas antigas colônias -, é fundamental que se tenha uma visão geral das iniciativas voltadas à *preservação* e à *narração* de um passado associado principalmente à imigração italiana e alemã.

No levantamento realizado acerca das obras destinadas a contar a história das diferentes localidades, constatou-se a sua presença na maioria dos atuais trinta e seis municípios que integram a referida região do Rio Grande do Sul. Conhecida pelo seu caráter essencialmente agrícola, esta área colonizada por imigrantes europeus a partir do século XIX já havia sido ocupada por portugueses, indígenas, espanhóis, negros e açorianos. Porém, a história registrada nestes livros, frequentemente produzidos por pessoas provenientes das respectivas localidades, preocupa-se fundamentalmente com a temática da ocupação a partir do século XIX, enfatizando, invariavelmente, as “façanhas” dos alemães e italianos nos “vales e montanhas” que formam uma paisagem peculiar, enaltecida como cenário ideal para os “sucessos” destes imigrantes. Estes atores são apresentados como verdadeiros heróis, forjados perante as dificuldades impostas pela realidade da imigração. A partir desta caracterização do

homem que ocupou a região, os autores destas obras tratam de representar aos leitores a imagem ideal daquele que hoje tem a missão de preservar e perpetuar a herança deixada pelos imigrantes. No entanto, esta imagem é construída sem levar em consideração as demais etnias que fizeram a história da região, delimitando personagens, tempos, espaços e ações que viabilizem um determinado discurso, legitimando-o através de *histórias* parciais.

Antes da análise das obras mais recentes, escritas após os movimentos emancipacionistas do Vale do Taquari, é interessante destacar que, já em 1926, foi elaborado no então município de Estrella - que englobava diversos municípios da atual configuração geopolítica da região -, um álbum alusivo ao cinquentenário da localidade, no qual se identifica uma das primeiras manifestações que direcionavam o público a admirar e valorizar as “belezas e riquezas do Vale”:

O município de Estrella, pertencente ao ubérrimo vale do Taquary, apresenta variados e lindíssimos panoramas, quer o visitemos na sua parte ribeirinha, quer percorramos o seu interior. No primeiro districto são diversos os painéis formosíssimos que se destacam no meio de sorridentes terrenos, excedendo a todos em graça e encanto o sitio onde se acha collocada a sede do município, - a Vila de Estrella (*Álbum Commemorativo do Cincoentenário do Municipio de Estrella*, 1926, p.25).

No decorrer do século XX, mas principalmente a partir das suas últimas décadas, pode-se elencar iniciativas diversas direcionadas ao fortalecimento deste discurso, cada vez mais associado à imagem do imigrante europeu – com ênfase no alemão e no italiano - na formação deste cenário europeizado. Exceto em períodos nos quais estas identidades foram negadas ou suplantadas por contextos políticos nacionalistas, como na década de 30, frente às determinações varguistas²⁷, a região do Vale do Taquari lutou pela preservação desta imagem diferenciada, cujas dimensões se ampliaram ou reduziram, conforme a época ou localidade na qual emergiu.

Certas comunidades têm os traços evidentemente mais marcantes em relação à valorização da cultura italiana ou germânica, enquanto outras, por motivações diversas, acabaram suplantando certas características em função da inserção de outras manifestações culturais. É interessante destacar os dois municípios que tendem a acentuar, ao invés da *cultura alemã e italiana*, a *herança açoriana* na sua formação histórica – Taquari e Bom Retiro do Sul -, mas cujas identidades não se evidenciam no contexto geral da propaganda

²⁷ Política de nacionalização organizada pelo governo de Getúlio Vargas, que negou e perseguiu a presença estrangeira no país, durante as décadas de 30 e 40.

acerca do Vale do Taquari. A identidade *afro-brasileira* também não é significativamente representada, sendo que nenhum município a incorporou como marca referencial, exceto em pequenas e eventuais passagens da sua narrativa histórica. Na visão da historiografia local, “[...] mesmo mal libertados pela Lei Áurea e outras anteriores antiescravocratas, o trabalho do negro serviu de alicerce para o nosso desenvolvimento. Os negros aqui permaneceram e se irmanaram aos demais brasileiros.” (SCHIERHOLT, 1992, p. 34).

Para uma análise das narrativas historiográficas no processo de construção identitária do Vale do Taquari, foram selecionadas as seguintes obras sobre a história dos municípios: *Poço das Antas: primeiro lugar no ranking de alfabetização*, do Frei Pedro Knob e de Darcisio Knob; *Resgatando a História de Sério*, de Ilsi Maria Schons Mattei; *Lajeado I*, de José Alfredo Schierholt; *Reminiscências da Colônia Teutônia-Estrela*, de Arno Sommer; *Raízes da Colonização - Brasil- Rio Grande do Sul: em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados*, de Elaine Maria Consoli Karam; *Relvado: 100 anos depois*, de Airto Francisco Gomes; *Ilópolis: origens e raízes*, de André Bozzeto Junior; *Capitão: nossa gente fazendo História*, organizado pela Secretaria Municipal de Educação de Capitão; *A Virada do Milênio: História e Memória (volumes I e II)*, do colinense Herbert Bergesch; *O Município de Estrela: História e Crônica*, de Lothar Hessel; *Colonização de Teutônia e Corvo: imigração alemã no sul do Brasil*, de Ruben Gerhardt; *Estrela: ontem e hoje*, de José Alfredo Schierholt; *Nas Barrancas*, de Assis Sampaio; *Município de Imigrante: registros e memórias*, de Lothar Hessel; *Raízes e Evolução*, de Osmar Fadanni Canton; dentre outros textos sobre a história local, produzidos e divulgados pelos representantes das municipalidades, porém não editados em forma de livro²⁸.

As obras acima mencionadas referem-se ao período dos anos 80 e 90, até a atualidade. Foram editadas através de projetos financiados pelas administrações municipais, por entidades de apoio à cultura ou por iniciativas particulares. Em todos os casos, percebe-se a vinculação do autor com a localidade referenciada nos textos, cuja característica afere um caráter emocional à forma como os fatos e demais aspectos da história são mencionados e explorados. Como afirma Maestri (2002, p. 10), em relação a este tipo de estudos históricos “[...] regionais e municipais, de cientistas sociais e, sobretudo, de pesquisadores não

²⁸ Este levantamento bibliográfico acerca da historiografia regional iniciou ainda em 2005, quando foi realizada uma pesquisa acerca das representações históricas do imigrante no Vale do Taquari, para o curso de Especialização em História do Brasil na Universidade de Santa Cruz do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Olgário Paulo Vogt. (NICOLINI, 2006). A partir daquele levantamento inicial, foram selecionadas outras obras posteriores, cujos exemplares estavam disponíveis em bibliotecas municipais da região, livrarias e acervos particulares. A leitura deste material foi sintetizada através de fichamentos, os quais deram subsídios para a presente análise.

profissionais [...]”, são trabalhos que registram o fenômeno da valorização da imigração e das raízes étnicas coloniais, sendo que os autores pertencem, em geral, “[...] à etnia e, não raro, à região estudada.” É o que pode ser conferido nas obras selecionadas acerca das histórias sobre as localidades do Vale do Taquari, cujos autores, pela própria observação de seus sobrenomes, revelam estar inseridos emocionalmente nestas trajetórias sobre as quais detêm a sua atenção, descrevendo os acontecimentos passados sob a ótica de um descendente daquele contexto. As crônicas, predominantes entre os textos analisados, são expostas de uma forma claramente pessoal, sendo que o emissor procura passar ao leitor as suas impressões sobre a história analisada, numa abordagem que revela a admiração e o enaltecimento das culturas europeias transplantadas para o Brasil no período da imigração. Maestri (2002, p. 10) aponta que:

A produção dessas narrativas dá-se também através da seleção, potencialização e ignorância de fatos e tendências históricas. Através desse procedimento, constroem-se narrativas totalizantes e integradoras que escamoteiam os ‘segredos internos’ do passado colonial, no preciso momento em que seu conhecimento avança a galope.

Através do velamento de aspectos essenciais para a compreensão do processo histórico acerca da imigração no Vale do Taquari, cuja trajetória ainda requer estudos e trabalhos mais específicos, alimentam-se ideias que forjam uma realidade pretendida por aqueles cujos interesses estão voltados ou para a glorificação de um passado mítico, ou então para a construção de uma imagem que favoreça a propaganda atual acerca desta região, vinculando-a à imagem de uma realidade idealizada. Maestri (2002, p. 26) lembra que:

Precisamente para sustentar o mito de uma predestinação étnica ao sucesso econômico e social, as narrativas apologéticas da historiografia étnica expurgam a contradição e o insucesso de seus relatos, que abordam comumente apenas a constituição e consolidação da sociedade colonial. Assim sendo, não se historicam a crise e a frustração da reprodução da comunidade camponesa diante da posse latifundiária da terra, que levou milhares de ítalo-descendentes a proletarizarem-se nas cidades ou a se arrancharem, sob o toldo negro dos acampamentos das beiras das estradas sulinas, na dura luta por um naco de terra para trabalhar.

Apesar da identidade regional do Vale do Taquari construir-se a partir das representações dos imigrantes alemães e italianos, nesta dissertação será dado um enfoque maior às representações da *germanidade*, cujo processo dá origem ao objeto desta pesquisa. Assim, a imagem do colono imigrante germânico, que foi apresentado desde a sua chegada como o “trabalhador”, favorece a identificação dos municípios de colonização alemã da região como espaços construídos a partir do esforço coletivo, afirmando-se que “[...] a vocação ao trabalho, à cultura e à religião são características que os descendentes dos pioneiros continuam

apresentando (fotografia 2).

**Fotografia 2 - Representação dos colonos imigrantes,
no Centro Administrativo de Teutônia**



Fonte: <<http://espiadanovale.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

A atual configuração destas localidades é atribuída ao trabalho dos imigrantes alemães. Ignora-se a presença de outras etnias, prevalecendo o discurso que supervaloriza a herança cultural germânica, atribuindo a ela supostas *vantagens* do Vale do Taquari em relação a outras áreas do estado, onde não ocorrera a colonização europeia no século XIX. São enaltecidos os problemas enfrentados pelos colonizadores, o que tende a tornar ainda mais intensa a valorização destes grupos, que teriam provado, através destas superações, a sua excelência étnica. Conforme Seyferth (2000, p.161):

A imagem que emerge nos discursos sobre o pioneirismo [...] é a da conquista pelo trabalho: a colônia, como espaço construído, onde a floresta vai sendo paulatinamente substituída pelas plantações, comércio, escolas, cooperativas, associações, igrejas, e, finalmente, pelas cidades e indústrias, no curso de um processo histórico de colonização visualizado pela ótica do progresso.

A tendência das obras sobre a história local, no Vale do Taquari, aproxima-se bastante daquilo que se afirmava no começo do século, quando os descendentes de alemães eram homenageados pela passagem do centenário da imigração no estado. Em 1924, com a publicação de *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul – 1824 - 1924*, editado pelo *Verband Deutscher Vereine*, constatava-se que “[...] todos os imigrantes que se dispõem a trabalhar, em poucos anos, sentem-se em casa no Rio Grande do Sul e com o futuro garantido para si e para seus filhos. Isso não significa, porém, que em nosso Estado os pombos assados

vêm voando. Também aqui é válido o princípio que trabalho e economia, são pressupostos para o bem-estar.” (RAMBO, 1999, p. 22). A partir desta constatação, passou-se a fortalecer a imagem do *colono trabalhador*, a qual fora adotada como verdade incontestável pelos escritores locais, inserindo-a na descrição das trajetórias de seus municípios. Conseqüentemente, esta conduta teria forjado uma população voltada para o progresso, cujo trabalho teria possibilitado o alcance da prosperidade e da manutenção dos valores, hábitos e costumes europeus em meio à adversidade. No rol das atividades desenvolvidas pelos imigrantes, a agricultura ocupa lugar de destaque nas narrativas, sucedida pelo comércio e pela indústria incipiente. Dentre as inúmeras descrições acerca do trabalho colonial, podem ser destacados os seguintes excertos:

Em se tratando do difícil serviço de uma olaria, onde tudo era feito manualmente, a matéria-prima – a terra – era carregada com uma carroça de bois e a prensa dos tijolos tocada por três mulas. (BERGESCH, 2003, p. 51).

Através desse sistema rudimentar se efetuavam as trocas de produtos, assentando-se em suas páginas até as agulhas que a dona de casa adquiria, os carretéis de linha e a cerveja que de tardezinha [...] o laborioso colono se permitia tomar ao balcão da venda. (HESSEL, 1998, p. 28).

Dava alimento, trabalho, repouso e riqueza. De outra parte, um dos fortes do povo alemão é o trabalho. Trabalho que por vezes faz esquecer defeitos não leves. Apreciam pessoas trabalhadoras, não importa de que raça sejam. Sejam ‘tüchtig’ e o indivíduo ‘ipso facto’ tem meio passaporte na alma do teuto. [...] E a disposição contrária também se acusa: detestam preguiçosos, seja de que raça forem. A indolência do caboclo brasileiro, explicável por diversos motivos que a sociologia e outras ciências poderiam precisar, nem ela teria boa acolhida entre os teuto-brasileiros de Arroio da Seca. (HESSEL, 1998, p. 43).

A importância atribuída ao trabalho, portanto, é fator evidente nas narrativas locais; porém, a disseminação dessa ideia vem desde as primeiras obras sobre a imigração. Em 1952, encontramos o livro de Wolfgang Harnisch, no qual o autor descreve a região do Vale do Taquari: “Por esse tempo vieram 300 colonos da Westfália para Teutônia, que transformaram essa zona de matas ínvias e clareiras abandonadas em região surpreendentemente rica de toda espécie de produtos agrícolas. Por muitas décadas estava ali o centro da produção de milho e, conseqüentemente, da produção porcina.” (HARNISCH, 1952, p. 370). A riqueza da terra, aliada ao esforço dos que ali se instalaram, dá sustentação à imagem de prosperidade associada à região. Apesar das variadas proveniências dos discursos acerca deste tema, todos acabam confluindo para uma mesma conclusão: graças aos colonos, os vales férteis transformaram-se naquilo que hoje representa uma região “rica e próspera”.

O trabalho, portanto, é representado como a estratégia fundamental dos imigrantes frente às adversidades do meio. Apesar dos autores relevarem as características propícias do

Vale do Taquari, não deixam de destacar os percalços surgidos na ocupação desta região. Diversas são as passagens que se preocupam em evidenciar cartas de imigrantes, relatos de descendentes, passagens guardadas na memória daqueles que vivenciaram ou ouviram histórias sobre a imigração local. Os autores buscam nestas passagens argumentos que viabilizem o discurso em questão, muitas vezes retratando cenas dramáticas que configuram verdadeiras epopeias.

A ênfase às dificuldades transpostas pelos imigrantes alemães acaba suplantando a realidade anterior, na qual outras etnias também enfrentaram dificuldades semelhantes ou logicamente mais acentuadas, tendo em vista que as matas eram significativamente mais densas, os animais ferozes apresentavam-se em maior quantidade, as vias de transporte terrestre eram praticamente inexistentes, etc. Enfim, os colonos imigrantes não foram os “primeiros” a ocupar a região; portanto, não foram os pioneiros. Mas, por que então denominá-los desta forma? Segundo os autores, a eles atribui-se o pioneirismo devido ao fato de fazerem esta terra prosperar. Nesta concepção, subentende-se que os imigrantes “venceram” as dificuldades do meio e usufruíram de forma produtiva dos recursos naturais, enquanto os povos anteriores apenas teriam utilizado o meio para sobreviver e extrair riquezas, mas não para fazer a terra progredir. Esta tese transformou-se num paradigma dominante através do tempo, permeando discursos, justificando a suposta superioridade étnica e contribuindo para a exclusão daqueles que não se adequavam a este padrão humano. O “preguiçoso”, o “caboclo”, o “bugre”, o “pêlo-duro”, dentre outros indivíduos estigmatizados ao longo dos anos, foram perdendo seu espaço em função da cultura europeia germânica, considerada ‘pioneira’ na construção do Vale do Taquari.

Conforme Le Goff (*apud* GONÇALVES, 1984), as identidades são construídas a partir da memorização de determinados fatos, relegando outros ao esquecimento; a memória coletiva é manipulada para que permaneçam apenas aos aspectos que interessam para os grupos envolvidos neste processo. Assim, explicações até mesmo míticas servem para dar sustentabilidade a esta identidade, pois estas efetuam simplificações dos “[...] acontecimentos históricos, sociais e naturais comumente totalizados, naturalizados e antropomorfizados. Tem a função de manter o grupo social coeso, estabelecendo regras, ordenando-o, dando-lhe segurança, facilitando a manutenção da autoridade. (CORTEZE, 2002, p.50). As explicações míticas têm uma função social claramente definida. Elas organizam o presente conforme as necessidades do grupo, sendo que os fatos relatados são indiscutíveis e inalteráveis. Vão se fixando ao longo do tempo, passados de geração para geração, oralmente ou através de registros como os livros de história dos municípios.

A moralização embutida nesses relatos atinge o público na medida em que as pessoas lêem e assimilam as mensagens propostas pelas passagens selecionadas pelo autor. Através dos relatos do passado, pretende-se deixar ao leitor a impressão de que a realidade atual é fruto dos esforços dos antepassados, devendo-se a eles a herança material e cultural usufruída pela sociedade presente. Criam-se, assim, vínculos não apenas entre o passado e o presente, mas principalmente entre as pessoas que formam este grupo, neutralizando ações contrárias ao projeto de cooperação entre as diversas partes deste conjunto denominado Vale do Taquari. Permanentemente, detecta-se a presença de argumentos voltados para os esforços coletivos da população, seja na imprensa, nos discursos políticos e empresariais, nas escolas, administrações municipais, etc. Há, indubitavelmente, uma coesão discursiva, que pode ser verificada e analisada também em outros aspectos destacados pelos autores das obras sobre históricos municipais.

Outro aspecto relevante nos livros de história local relaciona-se à dimensão cultural da sociedade colonial italiana e germânica. Em primeiro lugar, os autores enfatizam a religiosidade dos imigrantes e de seus descendentes na formação dos municípios do Vale do Taquari. Empregam este tema com nítido envolvimento emocional, atuando como legitimadores do papel da fé na constituição e fortalecimento das comunidades, tenham sido elas luteranas ou católicas. Há capítulos especificamente dedicados a relatar os esforços empregados pelas comunidades e por pessoas de destaque – religiosos ou não – na construção de capelas, igrejas, salões, grutas, etc. A religiosidade do colono é apresentada como o elemento-chave da sobrevivência em meio às dificuldades impostas pelo meio.

Novamente, cabe ressaltar a importância dos relatos pessoais na construção destes discursos, considerando-se que “[...] os depoimentos, apesar de serem frutos da lembrança individual, estão imbricados num tempo histórico formalizado pela fala dos depoentes [...]. O indivíduo se constrói como pessoa relacionando a sua vida com a vida de uma comunidade, que possui uma história coletiva [...]” (WASSERMANN, 2001, p. 10). E, neste caso, a vida comunitária está invariavelmente associada aos três pilares culturais evidenciados anteriormente: a religiosidade, a escola e as atividades de lazer surgem nas narrativas locais de forma integrada, funcionando como espaços de construção identitária e de fortalecimento dos vínculos entre os indivíduos. Este espírito comunitário é ressaltado em diversas passagens das obras analisadas, permeando os relatos produzidos pelos autores. Evidentemente, todos acabam relacionando esta característica ao povoamento ocorrido na região a partir do século XIX, ou seja, atribuindo aos imigrantes alemães e italianos a capacidade de construir este tipo de sociedade.

Geralmente, os autores das obras de histórias municipais destacam os esforços e a trajetória das diferentes comunidades na construção das sedes escolares, das capelas, igrejas, salões de festas, clubes esportivos, etc. São nestes espaços que, segundo eles, ocorrem as passagens mais significativas da história destas comunidades. Percebe-se a associação que os autores estabelecem entre educação e religião, cujos valores são diretamente ligados à personalidade dos imigrantes e seus descendentes. Como afirma Nagel (2001, p. 16): “No trabalho de lembrar os acontecimentos, às vezes se sobrepõem alguns elementos em detrimento de outros, o que permite a formação de uma imagem que, se narrada por outra pessoa, poderia trazer detalhes anteriormente não ressaltados [...]”. As festividades são retratadas como “[...] manifestações culturais [...]” que “[...] sempre estiveram presentes na evolução da comunidade, por fazer parte da vida dos antepassados, em que se cultivavam os valores morais, religiosos, cívicos e estéticos, legado dos imigrantes.” (Fonte: <www.doutorricardo.rs.gov.br>. Acesso em: 18 jan. 2012).

Esta sistematização do passado, dentro de padrões estabelecidos ao longo da história do Vale do Taquari, perpetua-se não apenas nas esferas até aqui mencionadas. Há inúmeros aspectos a serem analisados nas obras municipais, que levam a compreender as intenções daqueles que veiculam os referidos discursos. Ao fazerem esses registros, tornam evidentes as características consideradas essenciais para a formação destes municípios. Pesavento (1993, p. 15) analisa essa questão e conclui que “[...] as sociedades, ao longo da sua história, elaboram para si um sistema articulado de ideias e imagens de representação coletiva, através do qual constroem sua identidade.”

Outro aspecto relevante nas narrativas locais refere-se à trajetória política e econômica dos “pioneiros” no Vale do Taquari, sendo que as atividades desenvolvidas pelos imigrantes alemães e italianos, bem como pelos seus descendentes, recebem maior destaque na reconstituição histórica deste passado. Por se tratarem de aspectos vinculados à historiografia mais tradicional, estes dois campos temáticos acabam ocupando grande parte das páginas destes livros produzidos nos municípios. Os autores utilizam caracterizações mais detalhadas ao tratarem da vida de “grandes personagens” da política local, bem como dos empreendimentos econômicos que, geralmente, tiveram êxito “em função do espírito laborioso e empreendedor” dos imigrantes. Conforme destaca Seyferth (2000, p. 147):

Na realidade, denominações como “colônia alemã” ou “colônia italiana” expressam muito mais do que a procedência nacional dos seus fundadores. Além de diferença linguísticas e, às vezes, também religiosas, elas indicam estilos de vida distintivos, culturas camponesas diversas, costumes, hábitos, organização comunitária, etc. estruturadas num contexto vivido como “pioneiro”, quando o contato com a

sociedade nacional abrangente era intermitente e muitas vezes restrito à parcela da população envolvida na atividade comercial ou residente nos núcleos urbanos.

Para sustentar essas narrativas, os autores valorizam, novamente, as dificuldades encontradas pelos primeiros povoadores, apontando tudo o que deveria ser transposto até que os seus empreendimentos tivessem sucesso. Hessel (1998, p. 52), por exemplo, considera que “[...] o estabelecimento de europeus na primitiva Seca, a vida cotidiana da sociedade que se formou, e o progresso lento e firme daquele conjunto de picadas e do povoado central (...)”, hoje dão origem à “[...] bonita cidadezinha de *Imigrante*.” Todos esses “progressos” estão vinculados, segundo os autores, à persistência dos povoadores, sendo atribuídas a estes personagens características comumente marcadas pela “boa conduta”, pela religiosidade e pela “firmeza”, que seriam, pretensamente, os diferenciais dos “europeus” em relação aos demais povos que habitavam o Vale do Taquari.

As atividades econômicas que mais aparecem nestes textos estão relacionadas à agricultura, criação de animais, comércio e pequenas fábricas. Juntamente a isso, são enfatizadas questões ligadas ao desenvolvimento dos transportes e das comunicações entre os diferentes lugares que, mais tarde, dariam origem aos atuais municípios do Vale do Taquari. São citados os principais estabelecimentos, relacionando-os aos seus respectivos fundadores e proprietários, geralmente atribuindo-se a estas características peculiares, dando a impressão de que são pessoas de qualidades superiores às demais.

Nesta perspectiva, encontramos diversos excertos de históricos municipais, alguns constantes em materiais de divulgação de empresas, não necessariamente estando inseridos numa obra específica. Também é possível encontrarmos estes textos em sites das prefeituras municipais, dentre outras fontes que apresentam dados históricos das localidades, porém vinculando-os a temas específicos. Podemos citar, neste conjunto, as agências bancárias, entidades religiosas, empresas de turismo, escolas, bem como inúmeras outras instituições que, ao contarem sua própria história, acabam utilizando informações levantadas pelos autores anteriormente abordados. Conforme Giron (2000, p. 27-28):

A memória [...] deixaria o domínio da lembrança individual, para tornar-se de domínio coletivo. A memória desdobrar-se-ia do indivíduo para o grupo a partir de suas vivências comuns, sua língua e sua classe social. O grupo social que fala, trabalha, tem valores e eventos comuns, elabora também suas lembranças coletivas.

Assim, a partir desta intenção de coletivizar histórias individuais, os autores dão ênfase, nas narrativas acerca da política local, aos “grandes personagens” que teriam forjado as bases

para a formação destas comunidades. Comumente são mencionadas as lideranças locais e sua atuação nas tomadas de decisões, as quais são retratadas como representantes das demais pessoas envolvidas nos processos políticos em questão. Muitas destas personalidades estão vinculadas ao trabalho de valorização da cultura germânica no Vale do Taquari, cujos sobrenomes são evidenciados nas obras de forma que estejam associados ao desenvolvimento local.

Além destes temas anteriormente destacados, podem-se evidenciar inúmeros outros aspectos constantes nestas obras que narram a história das localidades do Vale do Taquari, cujas manifestações acabam referenciando-nos para uma análise do discurso construído ao longo dos anos nesta região do Rio Grande do Sul. Concomitantemente aos registros realizados, foi-se forjando uma imagem acerca do Vale do Taquari, a qual foi sendo desenhada a partir das características naturais e humanas que, de uma forma ou outra, integraram-se às narrativas no decorrer das gerações.

Outros temas que merecem destaque nesta obras referem-se aos contatos dos imigrantes com os indígenas, os quais são geralmente retratados como “colaboradores indiretos na formação dos costumes do imigrante na região dos Vales.”

A influência do índio sobre os colonos europeus foi, pois, de caráter indireto. O uso da erva-mate, das folhas medicinais, das raízes para tempero, do milho, do fumo, da mandioca e do aipim, do vocabulário, acrescido de termos indígenas, e de outros usos e costumes foram integrados à vida do nosso pequeno agricultor por via indireta. Mesmo assim, o legado ocorreu. Não há dia e não há hora em que não façamos algo que foi herança desse maltratado habitante das Américas. (KNOB; KNOB, 1998, p. 24).

Alguns autores preocupam-se em descrever as divisões de terras entre os recém-chegados da Europa, a abertura das picadas, as sociedades colonizadoras, as listas de famílias, etc. Muitas vezes, apresentam compilações exaustivas de documentos sobre os primeiros atos legais acerca destas terras, explicando em seguida o sentido de alguns termos utilizados. Novamente, são descritas cartas de moradores antigos da localidade, as quais procuram retratar o cotidiano dos primeiros habitantes e evidenciar as dificuldades transpostas até que se construíssem as referidas comunidades. Neste sentido, as personagens do passado são diretamente associadas aos “herdeiros” desta história, os quais teriam a missão de propagar e perpetuar as crenças, sentimentos, valores e costumes dos antepassados. Valores religiosos e étnicos são colocados como fundamentadores desta construção identitária, sendo eles a base para a compreensão e explicação da personalidade positiva atribuída ao imigrante. Como afirma Arruda (2002, p. 24):

A natureza, a terra, tornou-se, [...], a partir especialmente do século XIX, depositária de um sentido comum de pertencimento. As narrativas sobre o espaço, especialmente as da geografia e da história, investiram pesadamente em constituir uma delimitação e uma individualização das culturas e do território em confronto com os outros territórios e culturas fronteiriças.

A partir desta territorialização da cultura germânica no Vale do Taquari, os autores, intelectuais e outros empreendedores locais ocupam-se insistentemente, contrariando as dificuldades financeiras e o descaso de muitas instâncias da sociedade, para inserir seus nomes no rol destes “contadores” da história local, seguindo, de forma espontânea ou manipulada, uma tendência à generalização da identidade cultural do Vale do Taquari, calcada fundamentalmente no destaque aos elementos da imigração italiana e germânica na busca da compreensão do passado e fortalecimento da imagem presente, a qual participa de um projeto mais amplo, direcionado à acentuação e definição dos traços identitários desta região num contexto irreversivelmente globalizante da contemporaneidade.

3.3 Os atores locais e a construção da identidade regional do Vale do Taquari

A construção da identidade étnica pautada na imigração é um processo que nasceu já no século XIX, em função das circunstâncias em que a ocupação do território colonizado se desencadeou. Assim:

Essa configuração sócio-econômica e política aponta para o fato simples de que limites étnicos, enquanto elementos de uma identidade de grupo, são acionados na situação de contato. Nesse caso, a organização comunitária que deu características próprias às diversas “colônias” – sem apresentar motivação de natureza étnica no início – passou a ser acionada como símbolo identitário, paradigma de distinção a legitimar pertencimentos primordiais, referenciados a concepções de nacionalidade diversas da brasileira. (SEYFERTH, 2000, p. 149).

Na região do Vale do Taquari, a formação étnico-cultural envolve a participação de diversos grupos, sendo que a ocupação desta área nunca se estagnou ao longo da história. Até hoje podemos constatar a renovação desta população, que participa, obviamente, de um processo interminável de movimentos migratórios. As pessoas, enfim, mudam de lugar a todo o momento, gerando movimentos que podem constituir ondas migratórias, envolvendo grande número de habitantes, ou apenas situações isoladas em que poucas famílias ou indivíduos se deslocam de um lugar para outro. Hall (2003, p. 28) denomina este processo de diáspora: “A

pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades [...] podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.”

Neste fluxo de mudanças, as diferentes regiões buscam manter a sua identidade cultural, incorporando ou se adaptando à cultura dos que chegam, visando manter, sempre que possível, os referenciais daqueles que já estavam no território. Assim, surgem as manifestações culturais de uma região, que em muitos municípios do Vale do Taquari estão fortemente associadas à identidade germânica; ou seja, busca-se evidenciar e manter as crenças, valores e práticas inspiradas no passado colonial daqueles que fundaram grande parte dos atuais trinta e seis municípios.

Para criar as propagandas acerca do potencial turístico da região, são utilizados recursos diversos, que variam entre paisagens naturais e iconografias do patrimônio histórico e cultural presente nos municípios (casas em estilo *enxaimel*, antigos moinhos coloniais, alambiques, etc). Estas imagens estão invariavelmente ligadas à trajetória dos imigrantes alemães nestas localidades, com algumas alusões aos açorianos/ lusitanos e outras etnias. Porém, a marca publicitária maior recai sobre a simbologia germânica, manifestando a intenção de evidenciar o papel destas etnias na formação histórica dos municípios e a sua relevância na construção da identidade cultural da região. A revista *Caminhos do Vale*, publicada pela *Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (AMTURVALES)*²⁹, resume a tendência das entidades do Vale do Taquari no sentido de divulgar as riquezas desta região dentro da lógica empreendedora do turismo. Em seu editorial, afirma-se que:

[...] o turismo é a atividade econômica que mais cresce no mundo. [...] as atividades primárias e secundárias poderão se transformar em atrações turísticas, como é o caso das agroindústrias e o próprio turismo rural. Nesse sentido, o ‘Grande Vale do Taquari’, com seus rios e afluentes, oferece atrações belíssimas, onde a natureza, as etnias, a gastronomia e a hospitalidade são seus principais produtos turísticos. Um breve passeio por este ‘Vale’ nos leva a caminhos ainda desconhecidos da grande mídia, mas que possuem peculiaridades a serem desvendadas. [...]. Bonitas e simpáticas, as cidades proporcionam atrações diversificadas, eventos, festas,

²⁹ Esta associação segue outro tipo de regionalização, diferente dos COREDEs (Conselhos Regionais de Desenvolvimento). A AMTURVALES, criada em 1995, vem elaborando estratégias para o desenvolvimento do turismo regional nos municípios que compõem o Vale do Taquari, além de outros pertencentes a outras regiões vizinhas. Atualmente fazem parte da entidade os seguintes municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Boqueirão do Leão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Guaporé, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Brésia, Paverama, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabai, Taquari, Teutônia, Sério, Vespasiano Corrêa, Westfália. De 1995 a 1999, a entidade contava apenas com a participação das prefeituras municipais da região. Em seguida, as instituições privadas – hotéis, restaurantes, agências de viagem, etc. - passaram a integrar este quadro associativo, aliando o poder público e a sociedade civil na promoção das atividades turísticas na região. (Fonte: <www.sitesdovale.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2013).

gastronomia, artesanato e excelente infra-estrutura de restaurantes e de hospedagem, além de um comércio diversificado. A arquitetura vai desde as construções em enxaimel, bávara, colonial (italiana) e portuguesa até prédios com traços arquitetônicos modernos. [...] Entre os roteiros destacam-se: o ‘Caminho da Erva-Mate’, a ‘Rota Germânica’, o ‘Caminho das Pedras Preciosas’ e o roteiro ‘Delícias da Colônia’. (Revista *Caminhos do Vale*, 2000, p. 2)

Além do turismo histórico e cultural, outras manifestações caracterizam as iniciativas dos municípios no sentido de evidenciar as chamadas “raízes” germânicas na formação do Vale do Taquari. Dentre elas, pode-se destacar a construção de “espaços de memória”, como analisa Baller (2008) em sua dissertação de mestrado acerca de dois tipos de museus existentes nos municípios de Teutônia e Lajeado³⁰. A autora revela a importância que estes espaços adquirem na construção da identidade local/regional, e como os atores interagem na construção e preservação dos referidos museus. Estes espaços, aqui analisados sob a perspectiva teórica da história e da antropologia, são apenas exemplos de manifestações culturais passíveis de análise. Existem inúmeros outros espaços, construídos ou adaptados, que podem servir de objeto de estudo para quem pretende compreender o processo de construção identitária na região do Vale do Taquari.

Nos materiais de divulgação das festividades promovidas pelos municípios da região, geralmente aparecem pessoas vestidas com trajes típicos, adaptados aos dias atuais – principalmente para caracterizar as Rainhas e Princesas do Município e os grupos de danças típicas ou folclóricas. Há sempre o destaque à gastronomia local, cujas mesas fartas são retratadas para atrair os visitantes, repletas de alimentos coloniais cultivados e produzidos (nem sempre, pois alguns elementos foram incorporados ao longo do tempo) pelos imigrantes germânicos.

A questão identitária permeia, portanto, cada ação promovida pelas instituições e pessoas responsáveis por esta divulgação. Procuram responder à necessidade individual de pertencimento que as pessoas manifestam naturalmente, cuja identidade se constrói em contato com o universo circundante. (HALL, 2006). Muitos passam a pertencer à cultura germânica sem nem mesmo possuir qualquer vínculo com as referidas etnias. Interagem com o universo simbólico e acabam penetrando o cenário proposto, assumindo uma identidade que transcende qualquer definição étnica ou cultural, abarcando uma região historicamente constituída, delimitada e caracterizada pelos agentes humanos.

³⁰ Gisele Baller (2008) elegeu o Museu Henrique Uebbel, de Teutônia, e o Parque Histórico de Lajeado como objetos de estudo, visando comparar dois tipos de museus (um convencional e outro ao ar livre). A autora problematiza a questão da construção de identidade germânica a partir destes espaços.

3.3.1 Elaboração de materiais publicitários: a identidade propagandeada

Para criar as propagandas acerca do potencial turístico do Vale do Taquari, são utilizados recursos diversos, que variam entre paisagens naturais e iconografias do patrimônio histórico e cultural presente nos municípios. Estas imagens estão invariavelmente ligadas à trajetória dos imigrantes alemães e italianos nestas localidades, com algumas alusões aos açorianos/lusitanos e outras etnias. Porém, a marca publicitária maior recai sobre a simbologia germânica, manifestando uma suposta predominância desta etnia na formação histórica dos municípios e a sua relevância na construção da identidade cultural da região.

Assim como as festas e demais eventos que têm como pano de fundo a cultura germânica, também o setor empresarial, através do turismo e da promoção de atividades que fomentam esta esfera da economia, buscam retratar um cenário no qual o passado vem à tona de uma forma peculiar, cujas imagens, personagens, monumentos, decorações, adereços e demais artefatos de divulgação colaboram para a chamada “invenção das tradições”. (HOBBSAWN, 1984, p. 10). Assim, a *AMTURVALES*, juntamente com a *AMVAT* (Associação dos Municípios do Vale do Taquari), o *CODEVAT* (Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari), a *UNIVATES* (Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior) e outras instituições, buscam canalizar esforços para o fortalecimento da atividade turística na região, incentivando, para isso, ações que viabilizem o resgate do passado colonial destes municípios, cuja história transparece nos materiais de divulgação de uma forma extremamente comprometida com determinado discurso, construído ao longo dos anos e agora, mais do que em qualquer outro contexto, materializado nos impressos veiculados pelas instituições.

Na mesma revista anteriormente mencionada, há uma pequena mostra das potencialidades econômicas, turísticas e, concomitantemente, uma alusão ao passado colonial de cada município integrante das associações anteriormente citadas. Nas imagens selecionadas para compor este livreto, transparecem cenas do cotidiano das populações do Vale do Taquari, envolvendo o trabalho, a religião, o lazer, o esporte, os produtos típicos, etc. Destacam-se as iniciativas empreendedoras da região, porém constantemente vinculando-as ao passado, cujo personagem central figura como o imigrante alemão. O universo do colono/imigrante aparece nos monumentos, nos museus, nas praças, nas construções típicas preservadas e restauradas, nos parques, nos eventos comemorativos, enfim, no cotidiano daqueles que são retratados como responsáveis pela manutenção das práticas e dos valores do passado.

Nos materiais de divulgação dos municípios da região, os valores adotados pelos

habitantes são ressaltados nos textos de divulgação. Essas construções discursivas são, essencialmente, idealizadas por aqueles que objetivam a criação de uma identidade que diferencie as populações e os lugares do Vale do Taquari das demais regiões do estado e do país. Em outras palavras, estas publicações visam “[...] fornecer à coletividade uma imagem na qual as pessoas se reconheçam e que seja um símbolo de referência regional, que lhes dê caráter distinto individualizado em relação a outras comunidades, fato que no Rio Grande do Sul é marcante em função de toda uma cultura do regionalismo.” (NAGEL, 2001, p. 15).

Através destas seleções de imagens e palavras, as entidades promovem a construção identitária do Vale do Taquari, a partir de memorizações deterministas, que elegem os fatos, valores e conceitos que tenham consonância com o discurso empregado na valorização do potencial turístico da região. A memória coletiva acaba sendo direcionada para determinadas *verdades*, sendo que as características naturais e culturais tendem a se fundir numa única pintura: aquela que revela lugares tipicamente rurais, bucólicos, europeizados, com bonitos jardins e pomares, plantações, animais domésticos, cascatas e, imprescindivelmente, a imagem das águas do Rio Taquari, o qual, apesar de não banhar todas as cidades, configura-se como o principal ícone regional.

Segundo a mentalidade local, do Rio Taquari surgem as condições para a produção de todas as riquezas disponíveis na região, cujo próprio nome advém deste referencial natural. Vários autores utilizaram o rio como tema de suas obras, assim como a simbologia dos brasões e dos hinos municipais utiliza este ícone, de formas variadas, homenageando e enaltecendo as dádivas do rio. Na obra *O Vale do Taquari: sinais de uma identidade*, organizado pela professora Ivete Huppés (2002), a autora Maria da Graça Vilanova considera o seguinte: “[...] pretendo fazer uma análise da importância do rio para o desenvolvimento do Vale, dando um enfoque especial para as empresas de navegação que durante um bom tempo foram responsáveis pelo transporte de mercadorias e de pessoas.” (HUPPES, 2002, p. 11). Em seguida, são mencionadas as alusões feitas ao rio nas diversas instâncias da sociedade, nas obras de caráter histórico, nos brasões, nos hinos, enfim, na vida da população que circunda suas margens. A autora acrescenta ainda que: “[...] O vale do rio Taquari é um dos mais ricos do estado em fertilidade e está incluído entre os mais férteis do mundo.” (HUPPES, 2002, p. 13).

Assim, caracterizando-se a paisagem natural do vale como *fértil e promissora*, para as entidades promotoras da região se torna inevitável a associação deste cenário com a figura do imigrante trabalhador. Homem e natureza fundem-se num par perfeitamente conciliável, gerando as riquezas do vale e o seu consequente destaque no cenário geopolítico atual.

Ignoram-se as cheias do rio, a miséria das periferias, as dificuldades na agricultura (estiagens, típicas na região), as desigualdades sociais, raciais e de gênero, enfim, problemas que assolam qualquer cenário contemporâneo, mas que não aparecem nos *recortes* idealizados, pois destoam daquilo que se pretende mostrar ao público.

Essas tradições, evocadas nos materiais publicitários do Vale do Taquari, assumem a função de fixar os valores, as significações e os papéis das pessoas na sociedade que, conforme Nagel (2001, p. 18), “[...] necessitam de legitimidade social, de confirmação por parte de seus semelhantes.” Assim, fica fácil compreender porque existe esta preocupação com o registro das imagens, com a preservação da linguagem, dos hábitos alimentares e de vestimenta, com a arte, e muitas outras manifestações culturais criadas a partir das concepções que os grupos envolvidos nesta tarefa têm a partir da realidade. Na verdade, são símbolos do imaginário destas comunidades, que investem na narração de um passado idealizado frente às transformações da globalização, mesmo que para isso tenham que forjar situações inexistentes.

No município de Poço das Antas, por exemplo, a própria origem do nome da localidade confunde-se com a trajetória dos imigrantes:

No tempo em que os primeiros imigrantes, vindos do Vale do Caí aqui se estabeleceram, abundavam na região ‘antas’. Onde hoje há a represa do moinho colonial e que em tempos antigos tinha a forma de um grande poço, era o reduto onde as ‘antas’ se reuniam, em grandes grupos para se banharem, o que acabou dando o nome ao município. [...] Os colonizadores germânicos deixaram marcas profundas na história do município, quer na cultura, na gastronomia, no folclore, na arquitetura e na religiosidade. (Revista *Caminhos do Vale*, 2000, p. 42).

Conforme a opinião do presidente da *Associação dos Municípios do Vale do Taquari (AMVAT)*, Sérgio Reginatto Velere (Revista *Caminhos do Vale*, 2000, p. 5):

Minifúndios e muita beleza natural dão ao vale características de uma identidade própria, onde destacam-se as tradições, costumes e folclore dos imigrantes europeus que colonizaram a região. Estes ‘ingredientes’, aliados ao esforço e vontade política de governantes, entidades e da população, estão contribuindo de forma decisiva para que o turismo também seja uma das marcas regionais, impulsionando mais o crescimento econômico.

Observando os materiais de divulgação dos municípios, tem-se a nítida impressão de que, ao visitarem os recantos do Vale do Taquari, as pessoas terão acesso a um pedaço da Europa dentro do Brasil. Criam-se ou reformulam-se cenários para que os visitantes e também moradores locais incorporem os significados atribuídos a cada elemento constitutivo destes

lugares. São propostas de retorno ao passado que, ao receberem os turistas, oferecem subsídios para que as construções mentais se concretizem, remetendo os indivíduos e as coletividades ao passado que se pretende mostrar. Torna-se uma *viagem* prazerosa, romantizada, idealizada, na qual cada um experimenta sensações particulares, porém associadas às imagens que estão disponíveis. A memorização acaba sendo fragmentada, guiada, selecionada, para que certos aspectos da história sejam relegados ao esquecimento, enquanto outros se concretizam na cultura local preservada e enaltecida.

Além dos materiais publicitários distribuídos nas ocasiões festivas, os municípios também empregam esforços para que esta propaganda permaneça circulando durante todos os períodos do ano. Para isso, juntamente com as demais instituições municipais interessadas nesta divulgação, as administrações aplicam recursos na elaboração de calendários, revistas, manuais, adesivos, panfletos e inúmeros outros artefatos, para que o imaginário seja alimentado constantemente.

A questão identitária permeia, portanto, cada ação promovida pelas instituições e pessoas responsáveis por esta divulgação. Procuram responder à necessidade individual de pertencimento que as pessoas manifestam naturalmente, cuja identidade se constrói em contato com o universo circundante. Os atores locais e os visitantes, assim, interagem com o universo simbólico e acabam penetrando o cenário proposto, assumindo uma identidade que transcende qualquer definição racial ou cultural, abarcando uma região historicamente constituída, delimitada e caracterizada pelos agentes humanos: o Vale do Taquari.

Cabe salientar as observações de Wasserman (2001, p. 12) a respeito da constituição das identidades através do tempo:

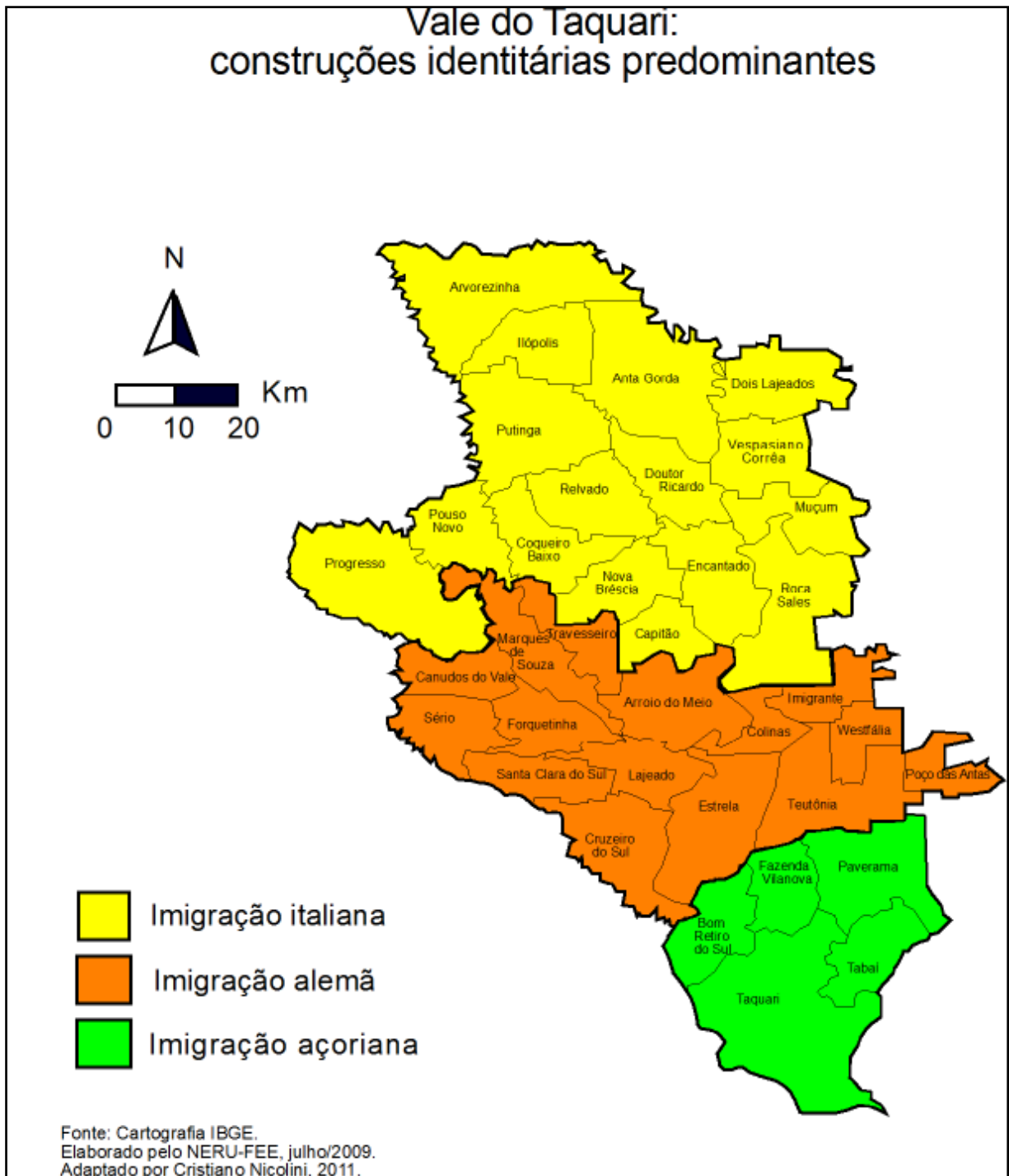
A temporalidade também adquire especial significado porque a conformação das identidades coletivas está estreitamente relacionada com a questão do passado, de como os valores adquiridos como símbolos da identidade formou-se num passado comum a todos os membros daquela comunidade. A idéia que todos os contemporâneos já compartilharam, mesmo num passado longínquo, aquelas experiências é muito importante para conformação da identidade social.

Em Teutônia, por exemplo, é comum encontrarmos materiais publicitários nos quais a colonização alemã é retratada como o elemento fundador da identidade municipal, buscando-se neste “passado comum” os valores compartilhados pela comunidade. Atualmente, oferecem este passado como pano de fundo para as atividades turísticas e econômicas desenvolvidas no município. Ressaltam que:

[...] o turismo está em evidência, principalmente, por ter um forte produto turístico com a formatação da Rota Germânica, constituído por 16 locais, alguns já conhecidos até no exterior, entre os quais o Centro Administrativo. Com arquitetura que lembra o enxaimel, em forma de cruz, esse local simboliza a fé do povo teutoniense. [...] no quadrante noroeste, está o ‘Relógio de Flores’, cuja beleza ímpar representa a pontualidade do povo germânico. No quadrante nordeste vislumbra-se a ‘Praça das Tradições’, com seu gigante sapato-de-pau, símbolo do município, réplicas do forno de barro, da moenda e do poço, atualmente conhecido por poço dos milagres. Já no quadrante sudeste, está um belo lago com o formato do mapa do município, estando o mesmo decorado por uma escultura de um casal de colonos, homenagem aos imigrantes que colonizaram p progressista município de Teutônia. (Revista *Caminhos do Vale*, 2000, p. 15).

Os municípios empregam esforços para que a sua formatação espacial ofereça aos visitantes e moradores locais os elementos necessários a este retorno ao passado, organizando uma série de imagens associadas à colonização. Destacam-se as atividades cotidianas dos imigrantes alemães e italianos, as quais procuram convencer o observador de que a vida nestas municipalidades é voltada para o meio rural, e que nelas as tradições são conservadas pelas gerações presentes. Imediatamente, associa-se a esta premissa a tendência progressista e desenvolvimentista da região do Vale do Taquari. São combinações de imagens estigmatizadas que levam a crer que, de fato, teria sido a presença dos imigrantes a principal e, senão, a única responsável pelo crescimento das diversas localidades por eles povoadas e colonizadas a partir do século XIX.

Mapa 1 - Representações identitárias predominantes no Vale do Taquari.



Fonte: Elaborado pelo autor, através do software Feehand, 2011.

O regime de colonização de pequena propriedade³¹, que caracterizou a imigração alemã no sul do Brasil, em que famílias camponesas europeias ocuparam terras destinadas a estes projetos de colonização, é insistentemente mencionado nos materiais de divulgação dos

³¹ “Como um todo, o sistema de colonização produziu um campesinato com características próprias, tendo como unidade básica a pequena propriedade familiar [...]” (SEYFERTH, 2000, p. 147).

municípios. Entre estes imigrantes, havia um contingente de trabalhadores urbanos e rurais, uns pobres e outros mais abastados, homens, mulheres, com profissões ou ocupações bastante diversificadas; porém, a imagem que se fixou nessas narrativas do passado foi a do *colono imigrante*, ou seja, aquele que aparece sempre desempenhando tarefas ligadas à agricultura e à criação de animais. As demais atividades, que eram inúmeras e significativas entre estes contingentes, desaparecem em meio às generalizações e construções de estereótipos históricos. Ao observarmos as imagens veiculadas pelas administrações municipais e demais órgãos envolvidos neste processo, concluímos, erroneamente, que a vida nestas localidades era essencialmente camponesa.

É preciso olhar para estas representações da mesma forma que Huppés (2002, p. 57) vislumbra os símbolos dos municípios do Vale do Taquari (hinos, brasões, etc.), através dos quais a autora constrói uma interpretação acerca da identidade da região. Em sua análise, a autora considera que existem “[...] traços da identidade cultural explicitados [...]” nestas representações. “[...] Que tipo de ideias estariam visíveis nas insígnias oficiais?” Este questionamento conduz a verificar os temas mais relevantes destas representações. A autora consegue arrolar alguns deles, inserindo-os no quadro constitutivo desta identidade cultural. São eles: os valores (família e trabalho como alicerces da cultura local); a prosperidade (crença na superação das dificuldades iniciais e na auto-confiança); enaltecimento da paisagem do Vale do Taquari (natureza linda, poética e promissora; capacidade produtiva da região); ideia de progresso; valores turísticos da região; religiosidade (mas com a confiança no humano); educação (evidenciando a valorização da educação pelos imigrantes); futuro (evolução). Estes temas relevantes, segundo a autora, mostram os valores associados aos imigrantes e, conseqüentemente, aos atuais habitantes dos municípios do Vale do Taquari.

Os símbolos não brotam do instinto nem são fotografias da realidade. São antes peças criadas para promover, divulgar, exaltar certos conteúdos importantes na coletividade que os adota. Na medida em que destacam atividades e comportamentos, eles, ao mesmo tempo, revelam características de quem os elegeu. Assim, mesmo quando os hinos ou brasões são criações encomendadas a autores estranhos à comunidade, constituem testemunho importante. Se não foram criados por munícipes, os símbolos são por eles aceitos e reconhecidos como representativos de seu pensamento. Lembremos que os símbolos resultam da convergência de ideias, de construções convencionais; tornam-se legítimos porque têm a cultura vigente na base. Nesta medida, os símbolos são capazes de tornar sensíveis os valores compartilhados ou, ao menos, podem ser tomados como peças relevantes, quando se procura identificar os valores a eles subjacentes. (HUPPÉS, 2002, p.78).

Segundo Correa (2001, p. 130), a “[...] urbanização das áreas de colonização e

imigração do Rio Grande do Sul imprimiu um *modus vivendi* no qual grande parte dos descendentes se adaptou. Alguns usos e costumes foram se perdendo. A vida urbana não exige a mesma solidariedade ou a mesma vida em coletividade daquela no meio rural.” Assim, muitas características daquelas comunidades rurais foram se alterando; porém, a imagem construída a partir do colono permanece viva nos materiais veiculados atualmente. O espírito de solidariedade dos anos iniciais da colonização é evocado quando se quer definir o povo que habita e trabalha no Vale do Taquari, sugerindo que as relações predominantes no meio rural teriam influenciado e permaneceriam vivas nas cidades formadas a partir desta povoação. Por isso, são mantidas as iniciativas que preservam estes elementos do passado, sejam eles materiais ou imateriais. O Vale do Taquari, além das fronteiras naturais, institui, através destas ações, uma delimitação cultural: ela define-se a partir da identidade forjada nas narrativas acerca do passado, para as quais o imigrante representa a personificação do indivíduo ideal no concerto político, econômico, social e cultural destas pequenas *Alemanhas* edificadas “entre vales e montanhas.”

3.3.2 Símbolos, ritos e lugares de memória: territorialização da identidade do Vale do Taquari

A partir das representações elaboradas acerca do passado colonial que caracterizou a região do Vale do Taquari, surgiram iniciativas públicas e privadas no sentido de erigir monumentos, construir praças e parques temáticos, reformar construções típicas dos colonizadores, dentre uma série de outras ações direcionadas à edificação dos chamados lugares ou espaços de memória. Mesmo que os atores envolvidos nestas representações não incluam todos os segmentos da sociedade, considera-se que estes espaços de memória atuam na construção da identidade territorial do Vale do Taquari, pois

[...] a territorialidade gira em torno de ações, estratégias, políticas que mantêm as relações de poder dos atores sobre seu território. Estes projetam ações e usufruem de seus resultados que, *a priori*, visam uma autonomia maior do território frente aos poderes exógenos, os quais, não raro, apresentam objetivos divergentes. (RAMBO e RÜCKERT, 2008, p. 3).

A partir desta concepção de territorialidade, pode-se afirmar que nesta região há um conjunto de atores sociais que investe na diferenciação do território, a partir de diversas estratégias que materializam as suas intenções, sejam elas projetadas por empresas, prefeituras, associações ou demais instituições públicas e privadas. Há, nesse sentido, uma

diversidade de interesses que acabam assumindo um discurso comum, forjado histórica e culturalmente pelos próprios atores regionais.

Dentre as ações que se destacam na materialização desta memória e identidade, associadas ao passado colonial e à *germanidade*, está a construção de espaços de memória, ou seja, locais planejados para a visita do público onde elementos desta identidade são representados a partir de imagens da colonização. Em Lajeado, por exemplo, ao entrar no centro da cidade, o visitante se depara com o *Monumento ao Imigrante*, uma representação em concreto dos imigrantes alemães, feita por um artista local. A obra é composta pela figura de dois homens, uma mulher e uma criança, sendo que cada um tem em mãos um objeto que remete a um tipo de trabalho. A mulher é representada como uma gestante que semeia grãos, associando-a à fertilidade; a criança segura a mão da mulher e carrega um cesto, representando a infância laboriosa; um homem maneja um martelo e trabalha num moinho d'água, representando o artesão; o último personagem carrega a enxada, símbolo do trabalho na lavoura. O monumento, assim, serve para materializar a memória, que “[...] se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (NORA, 1993, p. 9). Edificada em uma das avenidas mais movimentadas do município e da região, a obra de arte invade o espaço urbano e fala, através de seu significado, aos milhares de transeuntes que por ela passam diariamente, olhando-a de relance ou parando para apreendê-la nos seus detalhes.

Fotografia 3 - *Monumento ao Imigrante*, em Lajeado.

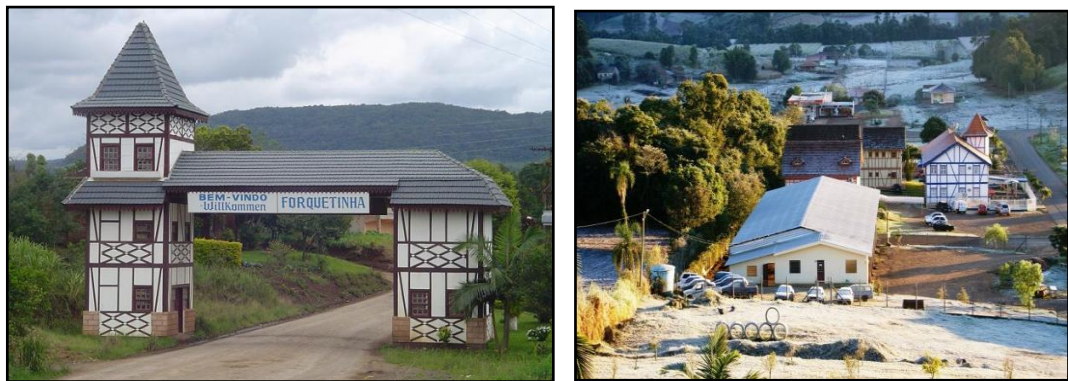


Fonte: Fotografia do autor, maio de 2012.

Outros municípios também investem nestas edificações da memória, em diferentes espaços e de variadas formas. Geralmente, as prefeituras municipais contratam serviços de

artesãos ou escultores locais, aos quais são encomendadas estas obras. Forquetinha, por exemplo, município que se emancipou de Lajeado em 1996, há um verdadeiro cenário construído a partir das representações da imigração alemã na região. Nesta localidade, todos os prédios públicos são inspirados na arquitetura germânica (estilo *enxaimel*), porém adaptados por construtores locais. Chegando ao pequeno município do Vale do Taquari, o visitante se depara com uma réplica de prédios da Alemanha, estilizados de acordo com a sua função. (Fonte: <www.regiaodosvales.com.br>. Acesso em: 14 jan. 2013).

Fotografias 4 e 5 - O município de Forquetinha e as edificações em estilo germânico.



Fonte: <<http://aepan.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

Teutônia e Westfália - que se emancipou do primeiro em 1996 - são também municípios que investem intensamente nestas representações. Em 2001, ambos se uniram para a criação de um roteiro turístico denominado *Rota Germânica*, no qual “[...] aproveitou-se o potencial existente nos municípios (arquitetura *enxaimel*, belezas naturais, expoentes culturais), aliada à vontade do poder público de promover e desenvolver o turismo no município [...]. Nasceu, desta forma, a Primeira Rota turística do Vale do Taquari [...]” (Fonte: <www.rotagermanicateutonia.com>. Acesso em: 14 jan. 2013).

**Fotografias 6 e 7 - Museu Henrique Üebel e Antick Haus Bergmann,
pontos integrantes da Rota Germânica.**



Fonte: <www.rotagermanicateutonia.com>. Acesso em: 14 jan. 2013.

Paralelamente a estas materializações da memória, os eventos realizados nos municípios de colonização alemã do Vale do Taquari também atuam na construção da respectiva identidade territorial. As festas típicas e as feiras municipais, que são organizadas pelo poder público associado a entidades do setor privado, aliam interesses econômicos e culturais para divulgar a indústria, o comércio, a agricultura e outros setores regionais. Todas as entidades tornam-se difusoras da cultura germânica durante estas festividades; enfeitam-se vitrinas, colam-se adesivos nos carros, distribuem-se camisetas, *bottons*, e uma infinidade de produtos que, de forma mais evidente, *germanizam* o município durante os dias de festividade. Geralmente, estes eventos estão associados à data de emancipação das localidades, ou então ligados a momentos religiosos, datas relacionadas a eventos significativos do passado, etc. Estas elaborações materiais acabam retratando as ideias, os valores e as intenções dos atores locais, que investem esforços e recursos nestes projetos de celebração da memória coletiva.

Wolff e Flores (1994, p. 211) destacam que, nestas festividades, “[...] as reminiscências do passado são figuradas através de imagens, de símbolos, de práticas e atitudes. Tudo é mostrado como se fosse um retorno da história”. Os atores locais organizam estas celebrações a partir de referências simbólicas do passado, as quais servem de matriz para a elaboração de um cenário que atraia os olhares do público sobre a diferença, sobre os marcadores de identidade que fazem do evento um produto cultural a ser consumido e, ao mesmo tempo, que regule as práticas e representações acerca do território onde vivem.

No Vale do Taquari há um extenso calendário de eventos que buscam marcar essa identidade territorial, os quais elegem produtos locais, na maioria dos casos, como tema das festividades. Porém, estes produtos são inseridos num conjunto de representações que remetem à presença da colonização alemã no território, seja através da música, dos

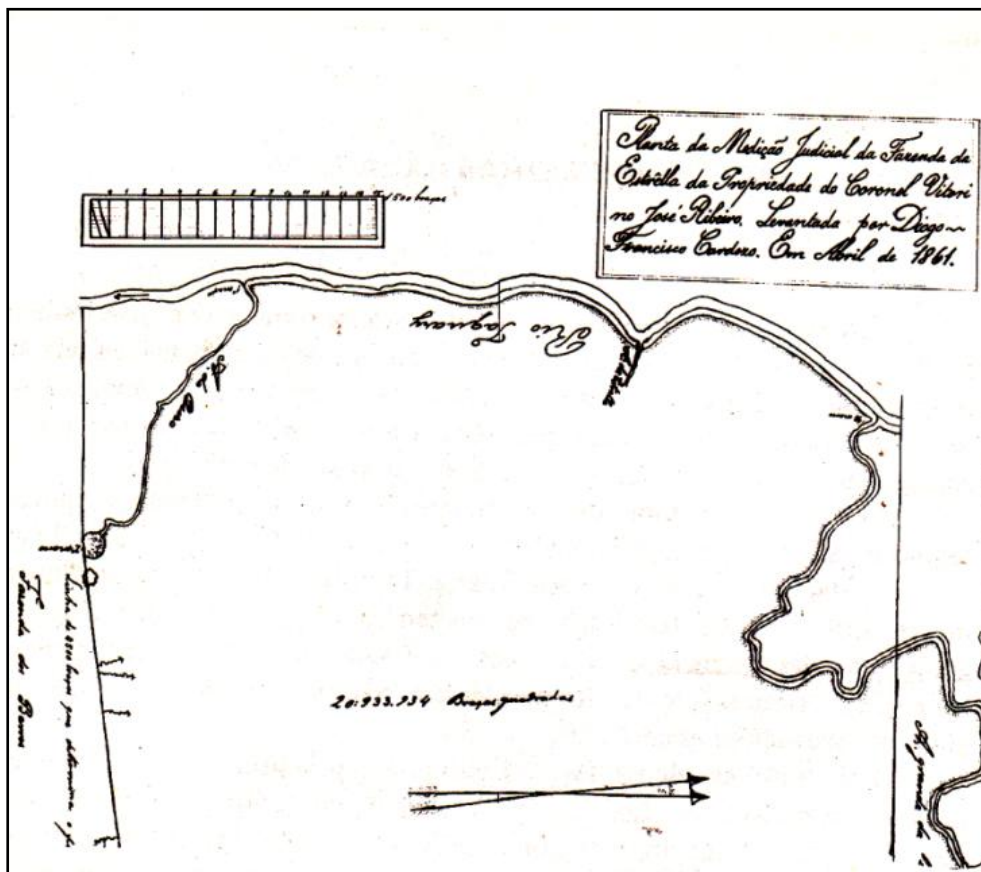
ornamentos, da comida, das danças ou de diversas outras materializações da memória no espaço festivo. Dentre estes eventos cujas representações estão relacionadas à *germanidade*, destacam-se os seguintes: *Westfália em Festa* (Westfália); *Expocruzeiro* (Cruzeiro do Sul); *Paveramafest* (Paverama); *Transcitrusfest* (Poço das Antas); *Festa de Maio* (Teutônia); *Festa das Flores* (Colinas); *Estrela Multifeira* (Estrela); *Santa Flor* (Santa Clara do Sul); *OktoberFreundFest* (Roca Sales); *Expowink* (Estrela); *Exagric* (Forquetinha); *Expomarques* (Marques de Souza).” (Fonte: <www.valedotaquari.org.br>. Acesso em: 14 jan. 2013).

3.4 Estrela no cenário regional: representações da germanidade

Neste cenário, o município de Estrela se configura como um dos locais onde os imigrantes se fizeram presentes de forma mais intensa, através da fundação das chamadas linhas e picadas, nos arredores do núcleo urbano que já havia se instalado pelos portugueses. A partir da década de 50 do século XIX, o atual município passou a ser um dos destinos de inúmeros alemães que chegaram de São Leopoldo, navegando pelo Rio Taquari e ocupando em seguida as terras a eles destinadas. Estrela foi o primeiro município a se emancipar de Taquari, o núcleo inicial do povoamento europeu no Vale do Taquari, através da Lei 1.044/76, de 20 de maio de 1876. O território que atualmente representa este município abrange 184,2 quilômetros quadrados, bem inferior à sua primeira divisão político-administrativa, que englobava diversos municípios hoje emancipados.³²

³² Entre 1891 e 1954, Estrela possuía 749 quilômetros quadrados de extensão territorial. (HESSEL, 1983).

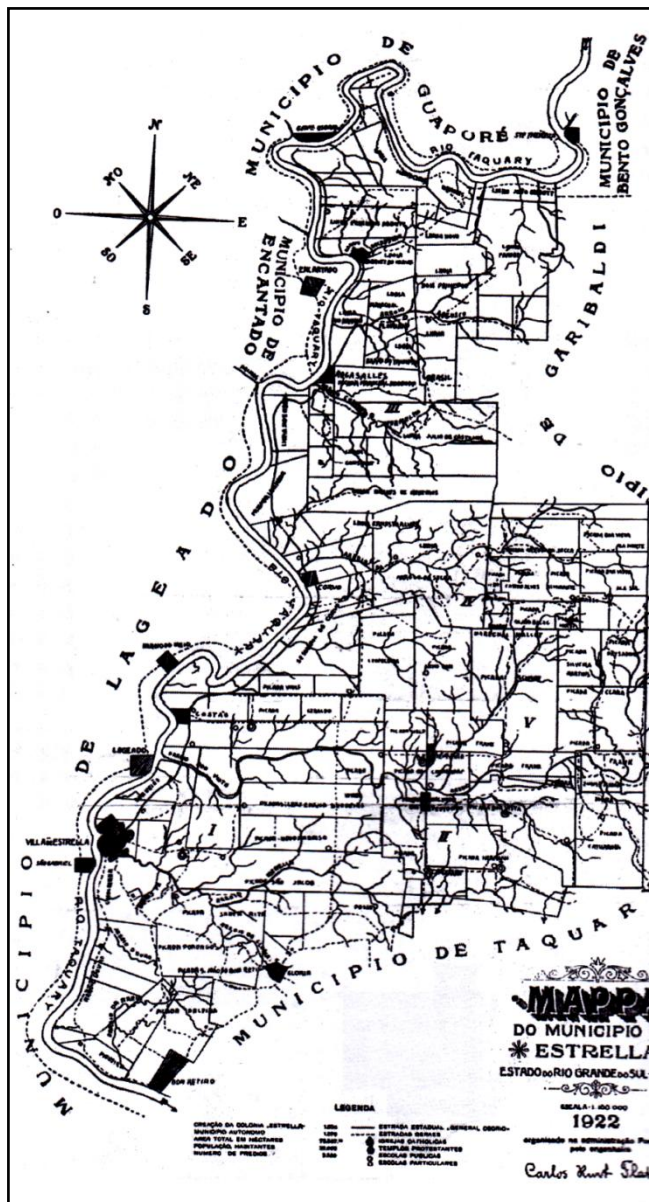
Mapa 2 - Planta parcial da *Fazenda Estrela* em 1861.



Fonte: HESSEL, 1983, p. 12.

A colonização das terras que atualmente pertencem a Estrela se desencadeou com a atuação dos latifundiários Antônio Vítor Menna Barreto, à margem esquerda do Rio Taquari, e Antônio Fialho de Vargas, à margem direita (hoje Lajeado). O processo de ocupação começou com poucas famílias, oriundas, em sua maioria, de Dois Irmãos. (RAMBO, 1999).

Mapa 3 - Município de Estrela em 1922.



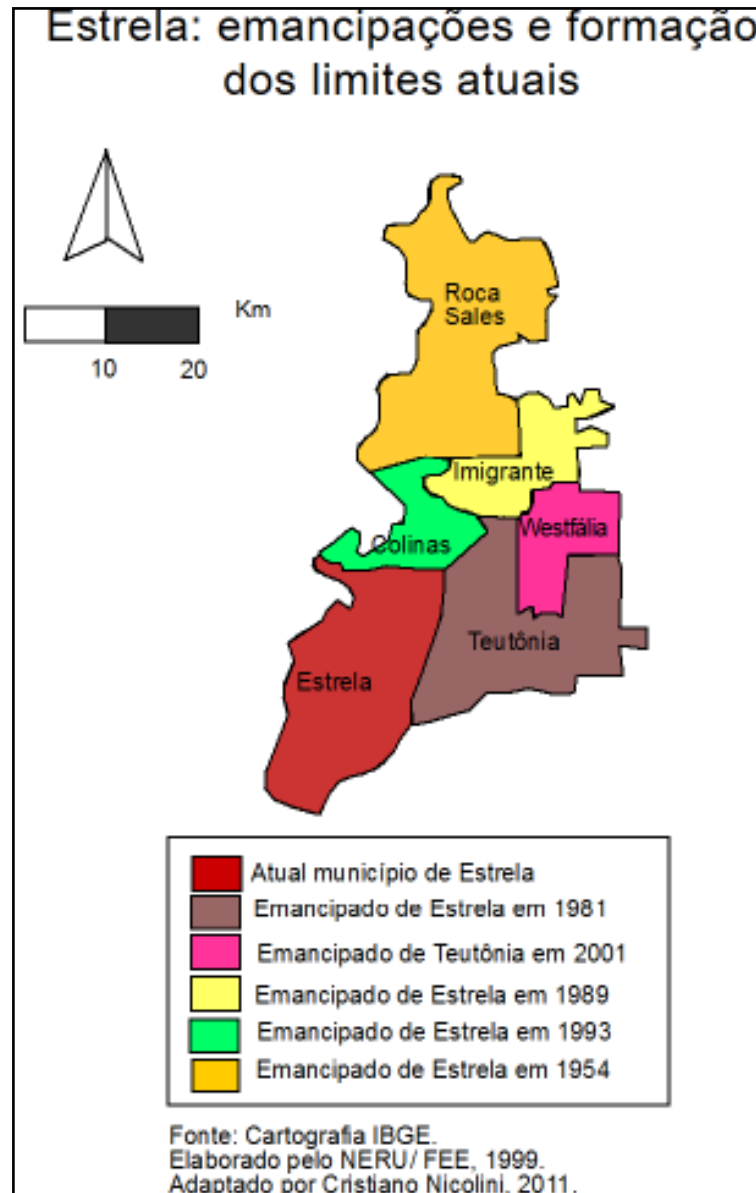
Fonte: SCHIERHOLT, 2002, p. 20.

Por volta de 1856, foi criada a colônia de Estrela, por Vitorino José Ribeiro, na fazenda de sua propriedade, entre os arroios Estrela e Boa Vista. A partir desta data, os imigrantes alemães passaram a ocupar os seus lotes de terra, criando as chamadas picadas ou linhas. Segundo Hessel (1983, p.22): “Em 1865, Antônio Vitor mandou abrir grandes picadas: Boa Vista, Picada Grande e outras, nas quais foram se estabelecendo os colonos que em grande número afluíam das zonas de São Leopoldo e de Feliz.” Em seguida, a colonização atingiu as

terras do interior desta região, onde foi fundada a colônia particular denominada Teutônia, em 1858 (hoje município com este nome). Na terceira fase da colonização, as picadas atingiram os distritos de Arroio da Seca e Corvo, hoje denominados, respectivamente, municípios de Imigrante e Colinas. O atual município de Roca Sales, na parte setentrional do território que pertencia a Estrela, também foi ocupado por imigrantes alemães, bem como recebeu italianos vindos das colônias do norte (Conde d'Eu, por exemplo). Esta parte de Estrela passou a ser Distrito em 1898, vindo a emancipar-se no ano de 1954. (HESSEL, 1983).

Por volta de 1868, segundo Hessel (1983, p. 24), “[...] Estrela passou a atrair migrantes não-agricultores, os quais, estabelecendo-se junto à sede da Fazenda, iriam propiciar o surto de um comércio ativo, o aumento da população local, a formação do primeiro povoado do Alto Taquari, a criação da primeira freguesia e [...] a emancipação política em 1876.” A partir de então, o município de Estrela passou a se desenvolver a partir das suas colônias e pequenos núcleos urbanos, os quais foram se emancipando a partir do final do século XIX (Lajeado) e ao longo do século XX (Roca Sales, Imigrante, Teutônia, Colinas).

Mapa 4 - Formação do município de Estrela.



Fonte: Elaboração própria, através do software Feehand, 2011.

No município de Estrela, as manifestações culturais sempre estiverem presentes, seja no cotidiano ou nos eventos promovidos pela administração e entidades privadas. Inicialmente, eram ações organizadas pela própria comunidade, conforme revelam as narrativas dos antepassados, contidas em livros e outros documentos sobre a história local ou nas memórias de testemunhas vivas de tempos passados. De acordo com obras como *Reminiscências da Colônia Teutônia-Estrela*, de Arno Sommer (2001), *A Virada do Milênio: História e Memória*

(volumes I e II), do colinense Herbert Bergesch (2001/2003), *O Município de Estrela: História e Crônica*, de Lothar Hessel (1983), *Colonização de Teutônia e Corvo: imigração alemã no sul do Brasil*, de Ruben Gerhardt (2004), *Estrela: ontem e hoje*, de José Alfredo Schierholt (2002), *Nas Barrancas*, de Assis Sampaio (2004), dentre outros trabalhos realizados por pesquisadores locais, o passado de Estrela foi marcado por inúmeras ocasiões em que as manifestações culturais tinham destaque, como nos bailes de *Kerb*³³, por exemplo.

Atualmente, o calendário de eventos anuais do município de Estrela demonstra que as atividades culturais, festividades e demais manifestações culturais continuam servindo como estratégias de afirmação da identidade cultural local e regional, integrando um amplo projeto que grande parte dos municípios do Vale do Taquari desencadeia no sentido de afirmar e divulgar as suas potencialidades a partir do enaltecimento da identidade cultural germânica.

Ilustração 1 - Cartaz alusivo ao roteiro turístico *Delícias da Colônia*, abrangendo Estrela e outros municípios de colonização germânica.



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Estrela, 2011.

Além das festividades, o município vem se inserindo na elaboração de roteiros turísticos, como o *Roteiro Delícias da Colônia*, criado na década de 90 em parceria com outros municípios da região. Também é possível identificar estas manifestações na arquitetura estilizada de alguns prédios do centro da cidade, bem como na restauração e preservação de

³³ Festas tradicionais da cultura alemã. Originalmente significa “o dia da inauguração da igreja.” (COSTA, 2009).

locais de memória, muitos deles associados à presença germânica na região.

Fotografia 8 – Construção de prédios inspirados no estilo *enxaimel*, em Estrela.



Fonte: <<http://aepan.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

E é no município de Estrela que ocorre o evento mais tradicional relacionado à celebração da cultura germânica na região: o *Festival do Chucrute*, que ocorre ininterruptamente desde o ano de 1966, organizado pela *Comunidade Evangélica (IECLB)* local. Este evento, pela sua especificidade, vem a ser o objeto principal do problema de pesquisa desta dissertação, juntamente com os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e a sua atuação na construção da identidade territorial do Vale do Taquari. A partir das proposições e análises realizadas neste capítulo 3, partiu-se para a etnografia dos referidos objetos, do final do ano de 2011 ao início de 2013, cuja descrição e análise são apresentadas no capítulo 4.

4 ETNOGRAFIA DOS GRUPOS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA E DO 47º FESTIVAL DO CHUCRUTE

Olhar de perto o que *parecia* tão próximo: esta foi a motivação inicial da pesquisa etnográfica desenvolvida do final de 2011 ao início de 2013 junto aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e ao *47º Festival do Chucrute*. Estas duas instituições culturais atuam desde a década de 60 no território do Vale do Taquari. No entanto, muitos atores locais e regionais não participam efetivamente de suas atividades. Muitos não se identificam com as manifestações culturais que os caracterizam, inspiradas nos costumes trazidos pelos imigrantes germânicos ainda no século XIX e reelaboradas pelos seus descendentes ao longo dos anos seguintes. De que forma, então, esta identidade *de um determinado grupo* pode representar um *município*, uma *região*, um *território*? Por isso, para compreender como se desencadeia a atuação destas duas entidades na construção da identidade territorial do Vale do Taquari, foi necessário se aproximar do objeto de estudo, tentando ver de perto o funcionamento desta dinâmica social.

4.1 Por que a etnografia?

Para os estudos culturais, a etnografia surge como uma metodologia capaz de captar as condições concretas da existência cultural, possibilitando que o pesquisador vá além da teoria e participe do cotidiano a partir do qual elabora a sua escrita. Os processos acompanhados através desta metodologia levam a repensar e redirecionar a teoria, observando-se que “[...] o material obtido diante de práticas metodológicas etnográficas não pode ser entendido, à moda positivista, como um dado natural.” (ESCOSTEGUY, 2010, p.59). Isso orienta o trabalho do pesquisador no campo dos estudos culturais, evitando que se tome a realidade como algo dado, mas como o resultado de processos de construção sociais e culturais.

Assim, a pesquisa etnográfica realizada com os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *47º Festival do Chucrute* buscou conciliar estas duas dimensões – teórica e empírica -, visando compreender a atuação destas entidades no processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari. A convivência com os atores sociais em diferentes situações ao longo do ano de 2012 possibilitou observar inúmeros aspectos da organização e funcionamento dos *Grupos* e do *Festival*, seja através de entrevistas, conversas ou do acompanhamento de diversas situações - os ensaios, as reuniões, as promoções para a arrecadação de recursos, os preparativos para o *Festival*, etc. Estes momentos da pesquisa de

campo ocorreram após a realização de leituras acerca daquilo que se pretendia observar, cujos referenciais teóricos nortearam as observações e os seus respectivos registros. Após cada período de trabalho, fez-se a devida organização dos dados, para a posterior elaboração da análise teórica e a sua conseqüente produção escrita, a qual compõe esta dissertação.

Juntamente com o levantamento de dados realizado nas idas a campo, a pesquisa se desenvolveu através de consultas aos acervos documentais da *Comunidade Evangélica Luterana de Estrela (IECLB)*, bem como através de levantamentos a partir de *sites*, blogs, bibliografias, materiais audiovisuais, etc. Estas duas frentes de pesquisa empírica – no campo e nos acervos – foram empregadas como forma de estabelecer um diálogo permanente com o conhecimento teórico acerca das relações entre cultura e desenvolvimento regional, cujos referenciais fundamentam a análise proposta nesta dissertação (ver fundamentação teórica no capítulo 2).

Cabe observar que, já no mês de novembro de 2011, quando foi elaborado o respectivo projeto de pesquisa para esta dissertação, fez-se uma *entrevista-piloto* (ANEXO A) com uma família residente em Estrela, cujos membros fazem parte da *Comunidade Evangélica* do município (IECLB), bem como participam das atividades dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *Festival do Chucrute* há vários anos. A família Nunes, composta pelo casal Adroaldo e Vanice, pelas filhas Mônica, Bruna e Laura, e pela avó Érica Gaussmann (a qual participou das atividades da IECLB por mais de 40 anos), auxiliou na elaboração do roteiro das entrevistas, questionários e observações que seriam realizados no ano de 2012. A partir desta entrevista prévia, pode-se elaborar um mapeamento de possibilidades, a partir da listagem de lugares e atores significativos para o desenvolvimento da pesquisa.

Em seguida, durante os meses de março a julho de 2012, foi realizado o referido trabalho de acompanhamento das atividades dos atuais integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *47º Festival do Chucrute*, empregando-se a metodologia da etnografia. Este acompanhamento fez-se através de diversas idas a campo, utilizando-se de roteiros de observação, registros fotográficos³⁴ e audiovisuais, gravações de áudio, entrevistas e questionários que possibilitaram um contato com os integrantes e demais atores envolvidos. Estes instrumentos de pesquisa (ANEXOS B ao Y) foram elaborados previamente, mas estiveram abertos às intervenções dos próprios envolvidos, partindo-se dos pressupostos

³⁴ “Uma vantagem do uso da fotografia pelo antropólogo [...] é a possibilidade de análise das imagens para perceber detalhes de uma cena, que podem evitar a necessidade do pesquisador voltar a campo ou mesmo que ele perceba informações que não poderiam ter sido capturadas em forma de entrevista ou que não foram anotadas.” (BONI; MORESCHI, 2007, p. 140). A partir desta afirmação, optou-se pelo uso da fotografia como um importante instrumento para esta pesquisa, cujas idas a campo foram registradas com a finalidade de observar detalhes não captados no momento em que as situações ocorriam.

teórico-metodológicos da etnografia. De acordo com Fino (2003, p. 5), existem

[...] três tipos de observação participante. O primeiro tipo – observação participante periférica – é escolhido pelos investigadores que consideram ser indispensável um determinado grau de implicação para captarem a visão do mundo dos observados e uma participação apenas suficiente para serem admitidos como “membros”, sem, no entanto, serem admitidos no centro das atividades. Não assumem, portanto, um papel muito importante na situação em estudo [...]. O segundo tipo – observação participante ativa – é adotado pelos investigadores que se esforçam por adquirir um determinado estatuto no seio do grupo ou da instituição em estudo. Esse estatuto é o que lhes permitirá participar em todas as atividades como membro, mas mantendo um certo distanciamento do gênero “um pé dentro e outro fora”. O terceiro tipo – observação participante completa – divide-se em duas subcategorias: por oportunidade, caso o investigador seja já membro da situação que irá estudar, e por conversão, como forma de cumprir uma recomendação etnometodológica, segundo a qual o investigador deve tornar-se o fenômeno que estuda.

Na presente pesquisa, optou-se pelo primeiro tipo de observação participante identificado pelo autor, tendo em vista que se manteve um determinado grau de distanciamento do objeto para a realização da pesquisa. Para que se compreenda esta opção, é necessário evidenciar que esta não é uma pesquisa estritamente etnográfica ou antropológica; apenas são empregados conceitos e metodologias destas áreas de conhecimento para se atingir os objetivos propostos. Portanto, a observação participante aqui realizada não foi ativa nem completa, restringindo-se aos questionamentos e observações necessários à realização da pesquisa.

Quanto à perspectiva teórica e metodológica desta pesquisa, cabe ressaltar que, quando se busca compreender os processos de desenvolvimento de uma região a partir da esfera cultural, surge a questão da relação que este campo da realidade tem com a economia. Respondendo a esta indagação, Ortiz (1994) destaca que a história cultural das sociedades capitalistas não se confunde com as estruturas permanentes do capitalismo. Não há uma relação direta entre economia e cultura. Há configurações do mundo que são irredutíveis ao processo econômico. Quando a cultura é vista apenas como a esfera ideológica do sistema mundial, os limites desta análise nos impedem de pensar sobre as mentalidades, o universo simbólico, deixando de lado uma infinidade de manifestações da vida dos homens. A partir destas considerações, percebeu-se a necessidade da referida opção metodológica, cujos instrumentos correlatos viabilizariam o contato com este universo simbólico do campo da cultura. Sobre a etnografia, Magnani (2009, p. 136) destaca:

Entendido como método em sentido amplo, engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a experiência etnográfica e que levam à escrita final. Condição necessária para o seu

exercício pleno é a vinculação a escolhas teóricas, o que implica não poder ser destacada como conjunto de técnicas (observação participante, aplicação de entrevistas, etc.) empregados independentemente de uma discussão conceitual.

A partir desta opção, iniciaram-se as leituras acerca da etnografia como metodologia da pesquisa antropológica. Apesar de sua dimensão transdisciplinar, esta dissertação se amparou fortemente no campo da Antropologia, buscando em seus referenciais a base para a elaboração textual. Voltando à questão da cultura e suas relações com o campo da economia, destaca-se que, ao se propor a análise da atuação das manifestações culturais na construção da identidade territorial, é necessária a delimitação destas fronteiras entre as diferentes áreas, para que não se reduza a cultura a um simples reflexo da economia e vice-versa. Estas considerações permitem retomar a problemática cultural em outro nível. A esfera cultural não pode ser mensurada como a econômica na globalização. Uma cultura mundializada não aniquila as demais culturas. (ORTIZ, 1994). Neste cenário, entra o papel da Antropologia como um caminho para acessar a dimensão da cultura, na qual reside o objeto desta pesquisa.

Para compreender a importância da cultura nos processos de construção de identidade territorial e os resultantes projetos de desenvolvimento das diferentes regiões, é preciso observar a atuação dos grupos sociais no lugar onde vivem. Para captar a dimensão do território vivido e a partir dela elaborar uma análise teórica, cabe ao pesquisador fazer opções metodológicas e elencar objetos empíricos que dêem fundamento à pesquisa que se propõe. A etnografia segue três grandes princípios que possibilitam este tipo de apreensão: o *naturalismo* – ou seja, o pesquisador vai até o local onde os fenômenos ocorrem, sem criar espaços artificiais para a observação do objeto; a *compreensão* – leva a compreender as ações humanas dentro da perspectiva cultural em que elas se inserem, mesmo que a situação pareça familiar; a *descoberta* – mesmo que o pesquisador tenha hipóteses acerca do que irá observar, elas não podem cegá-lo frente às descobertas que surgem no decorrer do trabalho de campo. (GENZUK *apud* FINO, 2003).

No caso desta dissertação, foram destacados como objetos de análise dois segmentos que atuam há quase meio século no território denominado Vale do Taquari, a partir do município de Estrela. Neste sentido, segue-se para a exposição e análise da atuação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *Festival do Chucrute* na construção da identidade territorial da referida região. Para isso, parte-se da etnografia realizada durante o ano de 2012 junto a estas entidades, cuja esquematização está exposta no quadro a seguir.

Tabela 1 - Etnografia dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela e do 47º Festival do Chucrute.

Período	Pesquisa de campo
Novembro de 2011	<i>Entrevista-piloto</i> com a família Nunes – mapeamento de possibilidades
Março de 2012	24/03: observação e registros da reunião dos integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> . 25/03: primeira observação dos ensaios dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> , no Lar do Jovem (IECLB). Entrevista informal com o coordenador das danças, Sr. Andreas Hamester. 31/03: observação do lançamento do <i>47º Festival do Chucrute</i> na Linha Novo Paraíso – Estrela.
Abril de 2012	09/04: observação do preparo do chucrute, pelos membros da OASE e da IECLB, na cozinha da Comunidade Evangélica. 13/04: observação do lançamento oficial do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no salão da IECLB, com a presença de representantes de diversos segmentos do município e região do Vale do Taquari.
Maio de 2012	1º/05: acompanhamento e observação da divulgação do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no pórtico de acesso ao município de Estrela, com a entrega de brindes pelos comendadores do evento. 03/05: registros fotográficos do acervo histórico dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> e do <i>Festival do Chucrute</i> , no Lar do Jovem – IECLB. 05/05: observação e acompanhamento da decoração dos carros e do Desfile Temático de divulgação do <i>47º Festival do Chucrute</i> , pelo centro dos municípios de Estrela e Lajeado. 12/05: entrevista com as ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> . 13, 14 e 15/05: observação ornamentação do salão para a realização do <i>47º Festival do Chucrute</i> . 19/05: participação, observações, registros e entrevistas no 1º baile do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no Salão da Comunidade Cristo Rei – Estrela. 20/05: participação, observações, registros e entrevistas no Café Colonial do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no Salão da Comunidade Cristo Rei – Estrela. 21/05: participação, observações, registros e entrevistas no Baile das APAES do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no Salão da Comunidade Cristo Rei – Estrela. 23/05: participação, observações, registros e entrevistas no <i>Baile do Idoso</i> do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no Salão da Comunidade Cristo Rei – Estrela. 25/05: acompanhamento do lançamento do livro dos 100 anos da OASE, no ginásio da SOGES – Sociedade Ginástica Estrela. 26/05: participação, observações, registros e entrevistas no 2º baile do <i>47º Festival do Chucrute</i> , no Salão da Comunidade Cristo Rei – Estrela.
Junho de 2012	Aplicação de questionários com atuais integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> .
Julho de 2012	Aplicação de questionários com ex-integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> .
Agosto a dezembro de 2012	21/08: Entrevista com Andreas Hamester sobre as oficinas de dança realizadas na Argentina. Organização dos dados obtidos na pesquisa de campo.
Janeiro de 2013	10/01: Entrevista com o casal Ernani Sehn e Aneli Sehn, integrantes dos <i>Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela</i> e comendadores do <i>47º Festival do Chucrute</i> . 05/01: Entrevista com Érica Gaussmann, ex-membro da OASE e organizadora dos primeiros <i>Bailes do Chucrute</i> .

Fonte: Elaboração do autor, 2012.

Nesta pesquisa, foi necessário observar a atuação tanto dos atores envolvidos nas respectivas entidades – os *Grupos* e o *Festival* - quanto dos demais segmentos sociais presentes no cenário em questão. Em todos os momentos mencionados na Tabela 1, realizou-se o acompanhamento das atividades desenvolvidas por estes vários atores, observando-se as interações entre eles, as tarefas assumidas por cada integrante, os significados das ações e as representações elaboradas a partir das manifestações culturais em questão. Quanto ao *47º Festival do Chucrute*, especificamente, desde a colocação das primeiras flâmulas de divulgação nos principais locais do município, até a realização da festividade e a sua repercussão na região, foram quatro meses de atividades, que revelaram as nuances desta que é uma das principais manifestações culturais associadas à identidade germânica no Vale do Taquari.

Para organizar os registros desta fase da pesquisa, dividiu-se o texto em duas seções (4.2 e 4.3): o primeiro corresponde à etnografia dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, e o segundo à etnografia do *47º Festival do Chucrute*. No entanto, esta foi apenas uma estratégia para facilitar a organização dos dados e da análise. A divisão proposta não significa que as duas manifestações culturais se dão de forma segmentada; na verdade, funcionam como se fossem uma única instituição, apesar do *Festival* não representar um evento exclusivo dos *Grupos* e nem destes existirem em função do primeiro. São duas manifestações que, ao longo da sua trajetória histórica, foram projetando-se mutuamente, ao mesmo tempo em que atuavam na divulgação do município de Estrela e da região do Vale do Taquari no espaço global. Juntos, ambos participam da construção da identidade territorial. De que forma isso se dá? Em que espaços? Em que medida e sentido eles interagem? Que tipo de identidade ajudam a construir acerca deste território? Estas e outras questões buscam respostas através da etnografia. No entanto, é preciso lembrar que esta metodologia oferece sempre novas questões, pois cada ida a campo devolve novos dados ao pesquisador.

4.2 Etnografia dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*: do local ao global

As manifestações culturais cuja inspiração é a identidade étnica estão presentes em diferentes contextos na contemporaneidade. Através da expressão cultural, os grupos sociais buscam nestes referenciais identitários a legitimação de uma cultura, seja ela local, regional ou nacional. Neste conjunto de expressões culturais, destacam-se, principalmente nas regiões de colonização germânica e italiana do Rio Grande do Sul - dentre elas o Vale do Taquari -, os denominados grupos de danças folclóricas. Inspirados em danças do país de onde vieram os

imigrantes nos séculos XIX e XX, os atuais atores sociais reafirmam o desejo de manter “vínculos” com este passado, expressando-o através da música, das coreografias e dos trajes típicos minuciosamente elaborados para estas encenações. Conforme Seyferth (1994, p. 123):

A formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização (ainda que compartilhado com imigrantes europeus de outras etnias). O que os brasileiros chamaram de "enquistamento étnico" dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias; este resultou da própria condução da política de colonização e não da livre escolha dos imigrantes.

Contrariando a ideia de um isolamento voluntário dos imigrantes, a autora nos auxilia a compreender o processo de diferenciação que os alemães e seus descendentes sofreram ao se instalarem no Brasil. A partir desta situação histórica, a cultura trazida da Europa foi se remodelando no novo território, construindo-se assim uma nova identidade, que a autora denomina *teuto-brasileira*. Ainda conforme Seyferth (1994, p. 124):

[...] a elaboração de uma forte organização comunitária [...] serviu de respaldo ideológico a um dos temas preferidos do discurso étnico: o ‘trabalho alemão’. Associações assistenciais (religiosas e leigas), escolas comunitárias ou ligadas a ordens religiosas católicas ou à igreja luterana, diversas sociedades culturais e recreativas, o uso cotidiano da língua alemã, além de todo o complexo econômico e social originado da colonização com base na pequena propriedade familiar, deram feição própria às colônias, distinguindo-as da sociedade nacional.

É a partir desta configuração histórica que se construíram, ao longo do século XX e neste início de XXI, as representações acerca da imigração no cenário nacional, e mais especificamente associada ao sul do país. A região do Vale do Taquari, cuja formação histórica está fortemente ligada à imigração alemã e italiana, passou a destacar este passado nas representações do território ao longo do tempo, atuando neste sentido através do incentivo às manifestações culturais inspiradas na *germanidade* e na *italianidade*. Esta identidade permanece fortemente visível tanto na cultura material quanto imaterial da região, o que leva a pensar sobre os significados e os efeitos destas manifestações na construção da identidade territorial do Vale do Taquari.

Os grupos de danças folclóricas são exemplos típicos desta construção, podendo ser identificados em diversos municípios do Vale do Taquari. São mantidos por entidades públicas, privadas e comunitárias, geralmente associados às comunidades de origem alemã, italiana, portuguesa/ açoriana, polonesa, etc. Na região, existem atualmente dezenas destas instituições culturais. Alguns grupos de danças ligados à identidade germânica, que se

destacam pela participação em eventos regionais, estaduais, nacionais e internacionais, são: *Sonnenlicht*, de Lajeado; *Centro Cultural Morgenstern*, de Colinas; *Helmuth Kuhn*, de Arroio do Meio; *Fröliche Kreis*, de Santa Clara do Sul; *Frohsin*, de Arroio do Meio; *Origens*, de Paverama; etc (Fonte: <www.valedotaquari.org.br>. Acesso em: 6 jan. 2013). Há também grupos de danças inspirados em outras etnias que fazem parte da formação dos municípios da região - italiana, açoriana, africana, polonesa, dentre outras, porém em menor número.

Nesta pesquisa, antes de participar das atividades desenvolvidas pelos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* durante o ano de 2012, fez-se um breve levantamento histórico sobre a sua origem. De acordo com bibliografias regionais, eles surgiram em 1964, sob a coordenação do casal Adolfo Guilherme Frederico Ziebell e Helga Vier Ziebell (ilustração 15). Esta iniciativa não foi pioneira no município, tendo em vista que, já em 1924, um semanário intitulado *O Paladino* (jornal semanal publicado na década de 20) anunciou um *Curso de Danças*, no salão da *Sociedade Turn-Verein Estrela*, ministrado por Carlos Schwarz, professor de danças (SCHIERHOLT, 2002). Porém, os grupos fundados pelo referido casal vieram a se tornar referência no município e na região, por estarem em atividades ininterruptas até os dias atuais, completando em breve cinquenta anos de existência.

Fotografia 9 - Casal Adolfo Guilherme Frederico Ziebell e Helga Vier Ziebell, fundadores dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (1964).



Fonte: Acervo da IECLB de Estrela, 2012.

Atualmente, os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* ensaiam as danças típicas sob a coordenação do instrutor Andreas Hamester, o qual exerce esta função desde 1985. Segundo Schierholt (2002), eles sempre estiveram presentes na vida cultural e social de

Estrela. Os critérios para formação dos grupos de danças se baseiam na idade: Mirim (3 aos 6 anos); Infantil (7 e 8); Juvenil (9 e 10); Semi-um (11 e 12); Semi-dois (12 a 14); Especial (15 a 20); Oficial A e B (16 a 30 anos); Esperas (categoria de apoio composta por novatos e reservas que aguardam nas categorias Especial e Oficial); Sênior (recém casados, com média de 35 anos); Coroas (casados com média de 45 anos) e 3ª Idade (dos 60 aos 80 anos de idade). (SCHIERHOLT, 2002). Desta forma, identifica-se a incorporação de todas as faixas etárias na entidade, o que estimula, em muitos casos, a participação de todos os membros de famílias envolvidas nos *Grupos*. Um casal de dançarinos da categoria Casais (Coroas) destacou que as suas “[...] filhas dançam desde os três anos, formando muita amizade entre os componentes. Nas promoções (*Festival do Chucrute*), a participação das famílias na organização é fundamental.” (ANEXO T).

O brasão que representa os *Grupos* revela uma simbologia associada à *germanidade*: o círculo, simbolizando as danças; o nome da entidade, escrita em estilo gótico³⁵; o ano de fundação, ao centro; os escudos representando o estado Renânia-Palatinado³⁶, da Alemanha, e o município de Estrela, em destaque; e abaixo o nome do município, estado e país que representam. A imagem situa esta manifestação cultural, revelando a identidade construída por aqueles que nela atuam: representam-se como *estrelenses*, *riograndenses* e *brasileiros*, mas com uma quarta característica, associada à *germanidade*, que os diferencia no cenário multicultural.

³⁵ De acordo com Straub (2009), a escrita gótica tem sua origem na Europa medieval, tendo sido trazida ao Brasil pelos imigrantes alemães no século XIX. Segundo o autor, para os germânicos, assim como o idioma, a escrita, a tipografia e os meios de comunicação eram um meio de resguardar a sua cultura.

³⁶ Estado de onde vieram muitos imigrantes para a região do Vale do Taquari. (Fonte: Jornal *Folha de Estrela* - Suplemento especial sobre os 40 anos do *Festival do Chucrute*, maio de 2005, p. 9).

Ilustração 2 - Brasão dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela.



Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2013.

As cores da bandeira do município de Estrela predominam nos símbolos utilizados pela entidade, cujas apresentações são sempre precedidas de uma fala realizada pelo instrutor geral de danças Andreas Hamester, o qual evidencia o pertencimento dos *Grupos* ao município e à região. A montagem das coreografias é realizada a partir de pesquisas coordenadas pelo instrutor, segundo o qual são feitas adaptações a partir do folclore germânico. Se na década de 60 as danças eram anunciadas como *autêntica cultura germânica*, hoje os dançarinos admitem que as coreografias são inspiradas nesta tradição, mas sofrem modificações em função dos objetivos dos *Grupos* e dos diferentes públicos para os quais se apresentam.

No entanto, de acordo com integrantes, os figurinos hoje são feitos com maior atenção aos detalhes da pesquisa, sendo que há uma seleção de tecidos adequados e que reproduzam *com mais fidelidade* os trajes do passado. Ou seja, ao mesmo tempo em que os dançarinos assumem o hibridismo desta manifestação cultural, também atuam no sentido de legitimar as representações de uma cultura. A identidade germânica permanece sendo a inspiração dos atores envolvidos nos *Grupos*, os quais dão a ela sentidos que se transformam ao longo do tempo. As músicas e as danças também são seleções feitas pelos instrutores e dançarinos, que buscam legitimá-las através de pesquisas bibliográficas e outras fontes de informação, as quais são feitas no Brasil ou até mesmo na Alemanha. Há uma preocupação com a historicidade destes símbolos, cujas narrativas atuais vão se constituindo a partir de narrativas do passado.

Atuais e ex-dançarinos afirmaram, a partir de entrevistas e conversas informais, que

para integrar esta entidade não há critérios religiosos ou étnicos. O ingresso se dá a partir de interesses diversos, sendo que a participação comunitária é apontada como um dos principais fatores de mobilização. De acordo com Mônica Nunes, que dançou em várias categorias durante mais de vinte anos: “Dentro dos *Grupos* tem, por exemplo, afrodescendentes; nem todos integrantes são de origem alemã. Mas a maioria é, pela própria cultura da cidade.” Janaína Tenn-Pass, que atuou na entidade no mesmo período, faz uma ressalva: “Mas nunca foi critério.” (ANEXO E). Os depoimentos dos atores que participam ou participaram diretamente destas manifestações culturais evidenciam, neste sentido, que os agrupamentos sociais se dão a partir “[...] dos múltiplos, diferentes e criativos ‘arranjos coletivos’, [...]”, que originam “[...] encontros e trocas nas mais diferentes esferas, através de comportamentos que não são estáticos, mas apresentam padrões discerníveis.” (MAGNANI, 2009, p. 137). E são estes padrões que marcam as particularidades do território, construídas de forma representacional pelos atores sociais e pelas instituições nas quais estes se inserem.

De acordo com depoimento³⁷ do coordenador de danças dos *Grupos*, Andreas Hamester, durante todo o ano são feitas promoções que ajudam a divulgar e angariar fundos para a manutenção das atividades. Não existe um apoio oficial por parte da administração pública e de empresas privadas, apesar de esporadicamente serem beneficiados com alguns recursos. Segundo o mesmo depoimento, os *Grupos* funcionam baseados na participação comunitária, sendo que as pessoas que nele atuam não são remuneradas, tanto pelas danças quanto pelos trabalhos nos preparativos da festa anual. Na semana que antecede o *Festival do Chucrute*, os *Grupos de Danças* realizam desfiles pelas ruas de Estrela e Lajeado, divulgando e chamando as pessoas para participarem da festividade. Com trajes típicos e acessórios que lembram a colonização alemã, cantam e dançam sobre caminhões, colocando em evidência o lema do festival: “Venha viver a alegria do mais tradicional Festival de Folclore Alemão do Estado do Rio Grande do Sul, animado com muita música, dança e gastronomia típica.”³⁸

A seguir, seguem a descrição e a análise das observações realizadas junto aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* durante o ano de 2012, a partir da etnografia. Na medida em que estas observações foram se concretizando, a pesquisa seguiu rumos nem sempre previstos, os quais levaram à identificação de cenários, atores e ações que, mais tarde, serviriam para responder ao questionamento central desta pesquisa. Ou seja: “de que forma os

³⁷ Durante as visitas aos ensaios dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, o instrutor geral de danças, Andreas Hamester, expôs sobre as características da instituição, mostrando os espaços de ensaios e do acervo da entidade. Neste e outros momentos de diálogo, pode-se obter informações sobre a atuação dos *Grupos* no território. Assim, ao longo do texto desta dissertação, são mencionadas diversas falas deste ator social.

³⁸ Lema extraído do site do festival: <www.festivaldochucrute.com.br>. Acesso em: 20 set. 2011.

Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela e o Festival do Chucrute atuam na construção da identidade territorial do Vale do Taquari?” Esta e outras questões secundárias foram sendo repensadas na medida em que os fragmentos oferecidos pela etnografia eram coletados, como se fossem pedaços de um grande *mosaico*, cuja imagem a ser montada foi se tornando mais complexa na medida em que novas e inesperadas peças iam surgindo.

4.2.1 A função da *comunidade* nas manifestações culturais germânicas

O emprego do termo *comunidade* pode ter significados diversos, dependendo do contexto em que está colocado. Para Bauman (2003, p. 15-16):

O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de tal união. É um ‘sentimento recíproco e vinculante’ – ‘a vontade real e própria daqueles que se unem’; e é graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas ‘permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam’.

No entanto, quando se fala em *comunidade germânica* ou *teuto-brasileira*, é preciso contextualizar o significado que o termo representa. De acordo com Seyferth (1994, p. 15), existe uma construção simbólica acerca desta nomenclatura, sendo que os alemães e seus descendentes construíram-na a partir de referenciais associados ao suposto isolamento que teriam sofrido ao ocupar as terras brasileiras. Assim:

Ao falar em comunidade estamos preservando um termo valorizado na ideologia étnica teuto-brasileira em muitos planos, e cujo corolário mais óbvio é o privilegiamento do coletivo. Comunidade étnica, nesse sentido, substitui o termo grupo étnico, e sua concepção se aproxima bastante das definições mais tradicionais, que ressaltam usos e costumes comuns como base das diferenças. A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães [...], da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico [...].

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, um dos locais centrais de visitação e observa o foi a sede da Igreja *Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*, que atua desde o ano de 1873 em Estrela, possuindo diversos segmentos que interagem com a comunidade. De acordo com os arquivos da paróquia do município, o Vale do Taquari é fortemente marcado pela presença evangélico-luterana, sendo que 57 comunidades da *IECLB*

compõem o sínodo da região³⁹. Segundo dados da paróquia, a edificação das primeiras comunidades na região coincide com a data da imigração alemã. “Ainda no ano de 1856, quando chegaram os primeiros imigrantes ao município, foi batizada a primeira criança evangélica luterana e apenas sete anos depois, constitui-se a Comunidade Evangélica de Novo Paraíso.” (Fonte: Acervo documental da *IECLB* de Estrela, 2012). A Igreja,

com sede em Porto Alegre, tem sua origem no movimento da Reforma da Igreja no século XVI, do qual Martinho Lutero foi um grande protagonista [...]. O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 com a imigração alemã e, embora tenha permanecido mais concentrado no Sul e Sudeste do Brasil por mais de um século, hoje há comunidades luteranas espalhadas em quase todos os estados brasileiros. Desde a sua origem, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem nas comunidades sua base de sustentação mais importante [...]. A Igreja abre espaço e valoriza a participação dos membros na vida comunitária. Estimula o seu testemunho na sociedade mediante seu engajamento em entidades e instituições educacionais e diaconais. Em nível nacional a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil se estrutura em 18 sínodos [...]. (Fonte: <www.valedotaquari.org.br>. Acesso em: 31 out. 2012).

Diferentemente da comunidade no sentido étnico, compartilhada pelos imigrantes e seus descendentes nos séculos XIX e XX, o significado que a *IECLB* tem no município de Estrela extrapola esta delimitação. Apesar de ter iniciado como uma associação restrita aos que falavam a língua alemã e participavam dos costumes inspirados na *germanidade*, hoje os seus integrantes se identificam principalmente pela crença e pela prática religiosa luterana. Conforme entrevista realizada com a ex-integrante da *OASE* (*Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas*)⁴⁰ de Estrela, Érica Gaussmann, no período em que ela atuou junto à comunidade luterana, “[...] havia pessoas de outras origens [além da alemã, na comunidade]. Mas a língua que se falava era o alemão. Mas tinha que aceitar os outros. Não estávamos na Alemanha!” (ANEXO N). Hoje, esta comunidade funciona de acordo com o que Bauman (2003, p. 16) afirma ao se referir a este tipo de associação: “Dentro do ‘círculo aconchegante’

³⁹ “O Sínodo é a unidade descentralizada da *IECLB*. É formado pelo conjunto de comunidades e paróquias existentes em uma determinada área geográfica. Cabe-lhe o planejamento e a coordenação do trabalho eclesialístico na sua área de abrangência, podendo estruturar-se em setores de trabalho regionalizados. Assim como a comunidade e a paróquia, o Sínodo tem orçamento próprio e pode desenvolver atividades autônomas na sua área.” (FONTE: <www.ieclb.org.br>. Acesso em: 16 nov. 2012).

⁴⁰ Um importante segmento da *IECLB* de Estrela é a *Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas* (*OASE*), que em 2012 completou um século de existência na comunidade. Através desta entidade, muitas atividades são realizadas no âmbito do município. A *OASE* surgiu em 1912, sendo que esta organização social e cultural é uma das grandes responsáveis pela organização do *Festival do Chucrute*, se responsabilizando pela preparação de todo o cardápio dos bailes. Nestas atividades assumidas pela *OASE* e pela *IECLB*, é possível identificar práticas atuais de preservação e valorização dos hábitos e costumes do passado, a partir de referenciais da identidade cultural germânica. Seyferth (1994, p. 17) lembra que o sentimento de pertencimento a esta cultura se expressa também através “[...] do estímulo às atividades folclóricas (especialmente na organização do conjunto musicais, corais e de dança).”

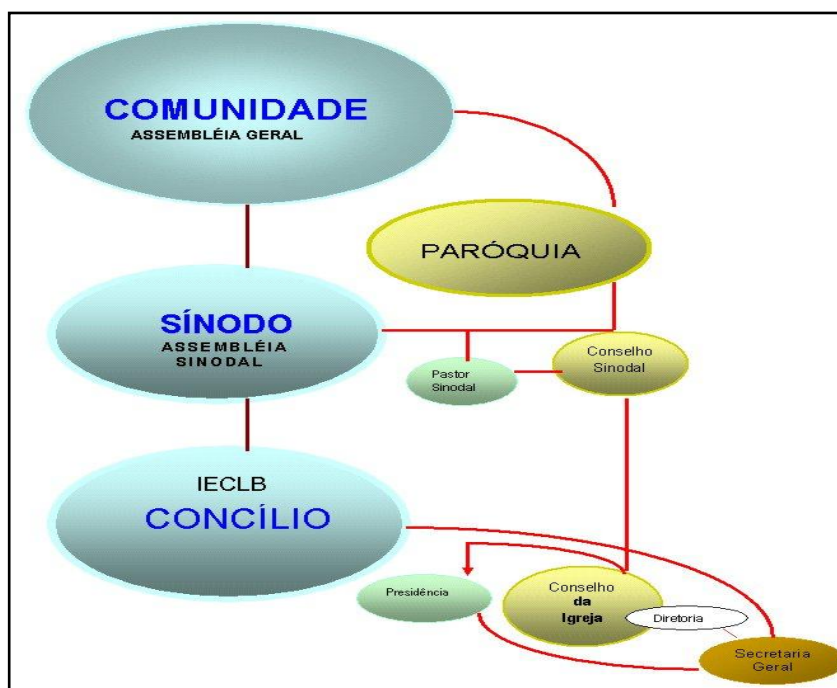
elas [as pessoas da comunidade] não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda.”

Este espírito de coesão e de cooperação entre os membros da comunidade sustenta, na atualidade, o discurso de um grupo social, que acaba levando as suas regras e valores para os demais atores que não integram a referida associação. A comunidade, neste sentido, extrapola o local específico denominado *IECLB* de Estrela, vindo a atuar no cenário maior que é o próprio município e, para além dele, na região do Vale do Taquari, inserindo-se no processo de construção da identidade do território. De acordo com o texto disponível na página virtual da *IECLB*:

A comunidade tem autonomia administrativa e de planejamento, dentro das normas e diretrizes definidas pela Assembleia Sinodal e pelo Concílio da Igreja. Tem orçamento próprio. Pode desenvolver atividades específicas como trabalhos de assistência social, missão em bairros ou programas recreativos. Pode também manter instituições como escolas e creches. (Fonte: <www.ieclb.org.br>. Acesso em: 16 nov. 2012).

Esta atuação, portanto, se dá de diferentes formas, mas principalmente a partir de práticas culturais que integram os membros da comunidade na projeção de uma identidade cultural pautada em valores e princípios do passado. Estes referenciais, por sua vez, se assentam, em grande parte, nas práticas culturais daqueles que teriam sido os precursores da comunidade na região: os imigrantes alemães e seus descendentes. No organograma a seguir, extraído do *site* da *IECLB* nacional, pode-se perceber de que forma se dão as relações dentro desta instituição. O que se destaca nesta representação é a esfera da comunidade, a qual está interligada com as outras instâncias da Igreja. A representação mostra que esta trama de relações dá origem e se mantém devido ao trabalho da comunidade. Ou seja, é nesta instância que residem, de acordo com a ilustração, as forças que mobilizam o todo.

Organograma - Funcionamento da *IECLB*.



Fonte: <www.ieclb.org.br> Acesso em: 16 nov. 2012.

Érica Gaussmann, que durante mais de quarenta anos atuou na *IECLB* de Estrela, afirmou em entrevista que a sua maior motivação para participar destas atividades era “[...] a vontade de ajudar a comunidade.” (ANEXO N). Outro que destacou a relevância do comunitarismo nas ações da *IECLB* foi o presidente da comunidade, Ernani Sehn: “O voluntariado é importante para a manutenção das nossas atividades. Não temos grande apoio financeiro, por isso é importante que haja continuidade no voluntariado.”⁴¹ A identidade da comunidade, assim, vai se formatando a partir da valorização das suas características internas, contrastando-as com as externas, o que os *semelhantes* e distingue-os dos *diferentes*. Através da linguagem e dos sistemas simbólicos utilizados, esta identidade é representada e construída historicamente.

A partir dos segmentos que compõem a paróquia da *IECLB* de Estrela, os atores sociais que a ela se integram atuam diretamente na realidade local e regional, projetando a identidade territorial através de seus valores, crenças e práticas sociais. Nesta pesquisa, destacam-se, no entanto, duas destas organizações ligadas à referida comunidade, mas que acabam transcendendo o círculo religioso para projetar o município e a região do Vale do Taquari no contexto global: os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do*

⁴¹ Depoimento realizado no dia 9 de abril de 2012, na ocasião em que se acompanhou o preparo do chucrute pelos membros da *IECLB*, cujo prato seria servido no 47º *Festival do Chucrute*.

Chucrute. Esta atuação se dá a partir das manifestações culturais ligadas à identidade cultural germânica, construída conjuntamente com os demais segmentos e atores do território, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

4.2.2 Os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela: motivações e representações individuais e coletivas

Os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* se destacam por serem os mais antigos em atividades ininterruptas neste tipo de manifestação cultural, não apenas na região, como também no Brasil⁴². Fundados em 1964, vêm atuando no cenário regional, nacional e internacional ao longo deste quase meio século de existência, mantidos pelos membros da *Comunidade Evangélica de Estrela* e coordenados, desde 1985, pelo atual instrutor de danças Andreas Hamester. No entanto, apesar desta caracterização, os *Grupos* de Estrela não participam, atualmente, dos encontros regionais de dançarinos e outros eventos deste tipo realizados nos municípios do Vale do Taquari⁴³. A sua atuação se dá de forma mais significativa no contexto fora da região, no cenário nacional e internacional. Estas relações revelam disputas que caracterizam as manifestações culturais, sendo que as contradições geralmente não são explicitadas no discurso destes grupos.

Nesta dissertação, portanto, os referidos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* representam um dos objetos de análise para a compreensão do processo de construção identitária que vem se realizando na região do Vale do Taquari, principalmente a partir da década de 60 do século XX, cujas manifestações culturais são elementos importantes para a referida análise. A partir do estudo da atuação deste segmento cultural, pretendeu-se compreender até que ponto e em que sentido uma instituição como esta pode contribuir para a construção da identidade de um território. Afinal, são estes os atores que dão sentido ao lugar onde vivem. E é a partir de organizações sociais e culturais que muitas das ações são planejadas e viabilizadas nos cenários regionais, conectando-se ao contexto global.

⁴² Informação constante nos documentos do acervo da *IECLB* e evidenciada pelo instrutor geral de danças Andreas Hamester, que fez questão de evidenciar este dado em todos os momentos observados nesta pesquisa, ao longo de 2012.

⁴³ Informação obtida a partir de recortes de jornal consultados, cujas notícias sobre estes eventos não citam a presença dos *Grupos* de Estrela. Conversando com a instrutora de danças de um município vizinho, ela destacou que “[...] os estrelenses não interagem com os demais grupos da região, pois suas danças não são folclóricas, mas sim coreografias inspiradas no folclore alemão.” (Depoimento realizado em maio de 2012, com a instrutora cujo nome e grupo não são mencionados a pedido dela).

Notícias de jornal 1 e 2 - Grupos folclóricos da região do Vale do Taquari promovem eventos ao longo do ano.



Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, 12/5/2012, p. 8; 12/11/2012, p. 7.

Ilustração 3 - Site dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela.



Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 6 jan. 2013.

Partindo destes referenciais, foi elaborado um roteiro de acompanhamento das diversas atividades realizadas pelos dançarinos dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*,

desde os primeiros ensaios, no mês de março, até as apresentações nos bailes típicos do 47º *Festival do Chucrute*, momento mais significativo de atuação da entidade durante o ano. Concomitantemente, foram consultados materiais diversos acerca da história da entidade, disponíveis no acervo da *IECLB* e no *site* que possuem na internet (ilustração 3), bem como outras fontes bibliográficas e acervos fotográficos particulares. Estes acervos materiais e virtuais representam, portanto, ações dos atores sociais que visam construir narrativas de si próprios, confirmando que os dados obtidos pela etnografia não são *naturais*, mas construídos por aqueles que os disponibilizam ao pesquisador ou à sociedade como um todo.

Ilustração 4 - Folder de divulgação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela.



Fonte: Acervo dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - Lar do Jovem, 2012.

O contato inicial com os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* se deu no dia 24 de março de 2012, quando foi realizada a primeira visita ao local dos ensaios, que ocorrem em diferentes horários ao longo da semana, de março a dezembro. Estes ensaios são intensificados nos meses que antecedem o *Festival do Chucrute*, sendo que alguns dançarinos participam apenas neste período. As categorias principais ensaiam antes e após o *Festival*, pois se apresentam também em outras ocasiões ao longo do ano. De acordo com Mônica Nunes, ex-integrante dos *Grupos*, o que mantinha o seu interesse nesta atividade era [...] a questão das amizades, isso é o principal, porque todos os nossos programas de finais de semana estavam relacionados ao *Grupo*... então, as pessoas que estavam de fora achavam meio engraçado (...).” (ANEXO E).

Apesar da entidade representar a *manutenção das tradições germânicas* na atualidade, os próprios depoimentos dos atuais e ex-dançarinos revelam que as motivações para participar desta manifestação cultural nem sempre (ou na maioria dos casos) estão associadas à identidade germânica. Muitos apontam que ingressaram nos *Grupos* porque viam nesta atividade uma oportunidade de fazer novos amigos, praticar atividades físicas, viajar e conhecer novos lugares, ou porque representava uma forma de satisfazer a vontade dos pais. Já alguns destacam que participavam para “[...] preservar a cultura alemã. Participar junto dos pais e de nossas filhas, bem como se integrar com demais membros da comunidade.” (ANEXOS PAO Y).

No primeiro dia de observação das atividades dos dançarinos⁴⁴, foi possível conhecer o ambiente de ensaios, bem como dialogar com o instrutor Andreas Hamester, que autorizou o acompanhamento dos *Grupos* ao longo do ano. Também foi autorizado o acesso à documentação e ao acervo das indumentárias, fotografias, cenários e demais objetos pertencentes à entidade, todos guardados no *Lar do Jovem*, espaço onde funcionam diversas ações realizadas pela *IECLB* de Estrela. Quanto ao ambiente observado, verificou-se que há uma grande quantidade de painéis nos corredores e no salão principal, expondo a trajetória dos *Grupos* aos visitantes. São fotografias, reportagens de jornais, bem como objetos trazidos dos lugares onde eles se apresentaram ao longo de quase cinco décadas. O instrutor Andreas Hamester mencionou que coordena os dançarinos há vinte e sete anos, e fez questão de enfatizar que o trabalho realizado pelos integrantes é baseado na cooperação e na autonomia, o que, segundo ele, explica a permanência ininterrupta dos *Grupos de Danças* no cenário cultural da região.

Em meio aos diversos objetos e fotografias expostas no local dos ensaios, pode-se identificar um conjunto de símbolos que remetem à *germanidade*. São flâmulas, certificados de participação em eventos, cartões de agradecimento, *souvenirs* e outros itens que associam os *Grupos* de Estrela à Alemanha, estabelecendo uma vinculação identitária que, pela via das representações, torna legítima a sua atuação no território do Vale do Taquari. Cria-se uma narrativa que naturaliza estas relações construídas historicamente, por diferentes atores locais e regionais. Segundo o instrutor de danças Andreas Hamester: “Esta tradição é passada de pai

⁴⁴ Os ensaios dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* ocorrem ao longo da semana, de acordo com as categorias de dançarinos: Mirim (3 aos 6 anos) – sábados, às 9 h 30 min; Infantil (7 e 8 anos) – sábados, às 10h 30 min; Juvenil (9 e 10 anos) – sextas, às 17 h 3 min; Semi-Um (11 e 12 anos) – terças, às 17 h 30 min; Semi-Dois (12 e 13 anos) – terças, às 18 h 30 min; Esperas (acima de 13 anos) – sextas, às 18 h 30 min; Especial, Oficial A e Oficial B – sábados à tarde; Senior (casados, noivos, namorados) – domingos, às 18 h; Casados (acima de 45 anos) – terças, às 20 h; Senhoras – quintas, às 8 h 30 min. (Fonte: Material de divulgação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, 2012).

para filho, de geração para geração... isso é folclore, onde jovens e idosos [...] se reúnem há 48 anos [...] em atividades ininterruptas.” (ANEXO F).

Fotografias 10 e 11- Painéis e objetos expostos no Salão da IECLB – Lar do Jovem - contam a trajetória dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*.



Fonte: Fotografia do autor, abril de 2012

Durante o ensaio, foi possível observar as funções assumidas pelos integrantes, bem como a rede de relações que se estabelece nestes encontros. Os dançarinos se incumbem não apenas de ensaiar as coreografias, como também assumem a responsabilidade de produzir parte dos figurinos utilizados nas apresentações. Na ocasião em que foi feita esta observação participante, os integrantes estavam discutindo acerca das indumentárias que seriam utilizadas na primeira apresentação oficial dos *Grupos de Danças* em 2012. Esta “estreia” foi agendada para o dia 31 de março, na *Comunidade de Novo Paraíso*, interior do município de Estrela, em cuja ocasião seria feita a primeira divulgação do *47º Festival do Chucrute*, programado para o mês de maio.

O primeiro contato com as atividades dos integrantes dos *Grupos* possibilitou também a observação da interação entre os dançarinos, a qual ocorreu de maneira espontânea, sendo que cada um podia se manifestar e participar da elaboração das apresentações. Há um regulamento exposto no mural do salão, cujas regras são critério para se integrar e permanecer nos *Grupos*. Estas regras, elaboradas de forma conjunta, segundo afirmou o instrutor Andreas Hamester, revelam algumas características desta entidade.

Os *Grupos Folclóricos de Estrela* possuem um regulamento com 50 itens que ditam regras e diretrizes de todo o trabalho. Além deste regulamento, os grupos estrelenses têm um regimento interno com adendos específicos para cada assunto. Ambos são aprovados pelos dançarinos, casais conselheiros e diretoria. A condecoração de méritos aos dançarinos exemplares, bem como advertências, são avaliadas por este

regulamento. Boa conduta, respeito, dedicação e boas maneiras são considerados vitais para o sucesso do trabalho.(Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br.> Acesso em: 16 nov. 2012).

O que se destaca no envolvimento dos integrantes é a questão da valorização de uma prática cultural diferenciada daquela vivenciada em grandes centros urbanos, nos quais são oferecidos aos jovens, principalmente, uma infinidade de produtos associados à *cultura-mundo*. Isso ocorre em função do processo identificado por Ortiz (1994, p. 31): “Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. Isto não significa, porém, que o traço comum seja sinônimo de homogeneidade.” No contexto em que os *Grupos* se situam, atuam as marcas de identidade local ou regional, na medida em que estes consumidores optam por estas práticas diferenciadas. Carneiro (2008, p. 74) contribui para esta análise, afirmando que:

Transportando-nos para o âmbito local, podemos citar como ilustração desse processo as inúmeras manifestações de resistência nos movimentos que reforçam e valorizam as particularidades das práticas culturais de diferentes grupos confrontados pelos poderosos processos de imposição de valores e costumes tidos como universais.

Dando continuidade à pesquisa de campo, realizou-se a observação participante em diversos outros momentos em que os integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* se reuniram para ensaiar, fazer reuniões, arrecadar recursos para a sua manutenção e divulgar o *Festival do Chucrute* de 2012. Algumas atividades realizadas não puderam ser acompanhadas, em função da distância e horários inadequados para a pesquisa. Nos meses de junho e julho, por exemplo, ocorreu uma viagem à Europa, onde divulgaram o seu trabalho através de apresentações e momentos de integração com localidades de vários países. Esta viagem foi custeada pelos próprios dançarinos, os quais organizaram promoções para auxiliar nas despesas desta atividade. Um dos integrantes afirmou que o objetivo da excursão foi o de promover a “[...] integração, trocas culturais, diversão e aprendizagens. Tem uma cidade da Alemanha que é parceira de Estrela, onde há uma banda musical que faz intercâmbio. Eles estiveram em Estrela em outubro de 2012, retribuindo a visita feita em junho e julho.”⁴⁵

As estratégias desenvolvidas pelos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* ocorrem num cenário em que outros elementos culturais se misturam com os referenciais da cultura germânica, cujas representações são utilizadas como marcas de diferenciação. Por isso, esta manifestação cultural não significa que há uma cultura alemã no Vale do Taquari. O

⁴⁵ Depoimento de Ernani Sehn, participante da viagem à Europa (ANEXO O).

grupo étnico que se instalou na região a partir do século XIX foi se transformando na medida em que entrava em contato com outras etnias e culturas, fossem elas nativas ou também imigrantes. Deste contato foram surgindo novas formas de interação com o território, cujos resultados deram origem a uma *cultura híbrida*⁴⁶. No entanto, a identidade germânica vem se formatando como hegemônica na região, mesmo que hoje conviva com outras identidades concomitantes.

No dia 31 de março de 2012, acompanhou-se, no *Salão da Comunidade Evangélica de Novo Paraíso – Estrela*, a *Janta Baile* de divulgação do 47º *Festival do Chucrute*, com apresentações dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*. Na entrada, os integrantes dos *Grupos* receberam o público, trajando as vestimentas inspiradas na cultura germânica. No salão, duas pessoas caracterizadas representavam as mascotes *Chuck e Ruth*, casal de bonecos símbolo do *Festival*. Havia guirlandas enfeitadas com flores e ramos verdes, as quais são também utilizadas na ornamentação do salão na ocasião em que ocorrem os dois bailes típicos que compõem o evento. A simbologia associada à *germanidade* compunha um ambiente estruturado para preparar o evento que ocorreria no mês de maio. O som, o aroma de cipreste, as guirlandas, as vestimentas, a comida e a dança, inseridos num contexto rural, criaram o cenário ideal para que os integrantes dos *Grupos* e os organizadores do *Festival* apresentassem a 47ª edição do evento para toda a sociedade.

As músicas escolhidas para receber o público foram as chamadas ‘bandinhas’⁴⁷, associadas à identidade cultural germânica. Os integrantes dos *Grupos* mostraram-se alegres e festivos, fazendo brincadeiras e recebendo o público com motivação. Este público estava composto por diversas faixas etárias, desde crianças até idosos. Dando início à festividade, foi realizada uma oração em agradecimento ao alimento, coordenada pelo pastor da *Comunidade Evangélica*. Ele ressaltou a presença dos *Grupos* no evento e, em seguida, o representante da Comenda do 47º *Festival do Chucrute*, Ernani Sehn, convidou os presentes para participarem dos bailes típicos que iriam se realizar no mês de maio. Destacou a presença de cinquenta e quatro dançarinos na *Janta Baile*, os quais estavam distribuídos nas categorias Oficial, Sênior e Terceira Idade. Percebeu-se grande envolvimento e entusiasmo dos dançarinos e coordenadores do *Festival*, os quais evidenciaram os esforços para concretizar o evento e manter os *Grupos* em constante funcionamento.

⁴⁶ O termo se refere à *hibridação* ou *hibridismo cultural*, processo em que diversas culturas se inter cruzam e dão origem a novas culturas, as quais misturam elementos religiosos, étnicos, simbólicos, etc. (CANCLINI, 1997).

⁴⁷ Wollf (2001, p. 40), que escreveu sobre o *Kerb* e as bandinhas alemãs em Santa Catarina, afirma: “Não havia festa sem bandinha. Os casamentos, os batizados, as festas religiosas como um todo eram sempre animadas por estes grupos musicais. Eles possuíam sobre si a aura de reunir a coletividade. Além do que simbolizavam a ‘conservação de velhos usos’.”

Na preparação da festa, percebe-se aquilo que Wollf (2001, p. 68) acentua quando analisa os bailes de *Kerb*. Para a autora, estes momentos revelam que as

[...] relações vão se constituindo em meio à festa. Relações estas que não estão alicerçadas tão somente na questão religiosa ou de classe. As relações de vizinhança, de etnia e de gênero permeiam este espaço de sociabilidade onde se constrói laços de solidariedade e companheirismo. A festa não se caracteriza como uma instituição pré-estabelecida onde os rituais são lembranças de um passado remoto. Possível se torna entender que a festa reporta-se a algo anterior, mas que também é criada na experiência, partilhada nos valores e ideais da coletividade. Portanto, ultrapassando sua estrutura fixa é que será possível perceber sua reelaboração e sua ressignificação dentro deste espaço social que está se configurando.

Durante a festa, no espaço central do salão foram realizadas algumas danças ensaiadas pelos *Grupos*, iniciando com uma coreografia de origem polonesa, seguida de danças “típicas alemãs”, como afirmou o instrutor geral dos *Grupos*, Andreas Hamester. Os integrantes trajavam indumentárias variadas, as quais foram confeccionadas de acordo com cada coreografia.

Fotografia 12 - Participação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela na Janta Baile da Comunidade de Novo Paraíso de Estrela.



Fonte: Fotografia do autor, 31/3/2012.

A imprensa local e regional, durante todo o período acompanhado na pesquisa, atuou na divulgação das atividades alusivas ao *Festival* e aos *Grupos de Danças*. Em todas as ocasiões havia representantes dos jornais e rádios locais para realizar a cobertura dos momentos de preparação, divulgação e realização da 47ª edição do evento. Estes jornais expressaram, semanalmente, os significados que estas manifestações culturais representam para a região do

Vale do Taquari, atuando na construção da identidade do território no qual atuam. São também atores sociais que, através do texto e da imagem jornalísticos, ratificam o que os atores dos *Grupos* e do *Festival* enunciam como características regionais. Isso ocorre porque:

A transmissão da tradição, ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada, ressalta a importância da festa enquanto prática para a continuidade da cultura local. A transmissão da tradição, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana. (MORIGGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 182).

O jornal *A Hora*, por exemplo, publicou em sua edição de 8/5/2012, imagens do desfile típico dos dançarinos pelas ruas de Estrela e de Lajeado, afirmando que “[...] dezenas de participantes de grupos de dança e de comendadores cantavam músicas tradicionais da cultura alemã. Servidos com grandes canecos de chope, mostravam a alegria da festa.” (p. 8). No dia deste desfile típico, que foi acompanhado desde a sua preparação e depois ao longo de todo o seu trajeto, o que pode ser observado, diferentemente do que a imprensa divulgou, foi que os integrantes *dançavam* ao som de músicas típicas alemãs (e não *cantavam*, pois a maioria dos dançarinos não fala a língua alemã e sequer entende o que é cantado, de acordo com depoimentos de alguns integrantes).

Notícia de jornal 3 - Imprensa local divulga ações dos *Grupos* na preparação do *Festival do Chucrute*.



Fonte: Jornal *A Hora*, 5/4/2012, p. 4.

A notícia, portanto, constrói imagens acerca daquilo que se pretende representar, colaborando com a construção do discurso identitário e com a respectiva diferenciação do território no espaço global. Juntos, os diferentes segmentos da sociedade legitimam, naturalizam e cristalizam a identidade cultural do Vale do Taquari. Porém, este processo não se dá de forma coesa ou livre de conflitos, tendo em vista a multiplicidade de outras identidades que formam o *mosaico cultural* do Vale do Taquari.

4.2.3 As excursões dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*: a identidade regional levada ao espaço global

Uma das características dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* é a sua atuação fora da região do Vale do Taquari, levando as manifestações culturais locais para o espaço global. Durante estes quase cinquenta anos de existência, a entidade já visitou inúmeros lugares dentro e fora do Brasil, participando de eventos diversos em que o município e a região são divulgados e associados à colonização alemã e ao resultante processo de construção identitária. No site da entidade, consta que “[...] a cada ano, são em média 50 a 60 apresentações realizadas pelos *Grupos Folclóricos de Estrela* em dezenas de cidades do estado gaúcho, bem como em outros estados [...]”. Dentre estes municípios, são mencionados “(...) Santa Cruz do Sul, Gramado, Lajeado, Porto Alegre, Canoas, Mato Leitão, Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Ilópolis, Teutônia, Marau, Triunfo, Vera Cruz, etc.” (Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br> Acesso em: 6 jan. 2013).

Ao percorrer os diferentes lugares realizando as apresentações, os integrantes acabam interagindo com as pessoas e ampliando a rede de relações na qual a construção da identidade cultural da região se manifesta. Como afirma Carneiro (2008, p. 69), “[...] a globalização convive com práticas culturais assentadas em referências locais, e muitas vezes, integra um movimento social de reforço das identidades locais ou regionais.” Ou seja, são nestas excursões realizadas pelos *Grupos* que, segundo a afirmação acima, ocorrem os encontros entre as duas dinâmicas que caracterizam a globalização: o reforço das identidades locais ou regionais, concomitantemente à tendência de padronização cultural da modernidade. As referências locais ou regionais, levadas pelos dançarinos aos lugares onde se apresentam, revelam aquilo que os atores do território denominado Vale do Taquari desejam mostrar para o mundo, demarcando a diferenciação da sua identidade cultural em relação às demais.

Notícia de jornal 4 - Imprensa local noticia apresentação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* em Porto Alegre.



Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, 3/9/1992.

Ao longo de sua trajetória, os *Grupos* já haviam realizado quatro excursões à Europa (1994, 1996, 2005 e 2008), sendo que em 2012 foi a quinta ocasião em que os dançarinos das categorias mais antigas organizaram esta atividade. Dentre os países visitados estão República Tcheca, Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda, França, Bélgica e Luxemburgo. Nestas viagens, não são apenas indivíduos que se deslocam de um país a outro. Com eles, viajam as experiências e sentidos do território no qual habitam. Estrela e o Vale do Taquari têm a sua identidade projetada no espaço global, na medida em que as manifestações culturais regionais são apresentadas ao público dos lugares que visitam. Este movimento atua na construção de identidade do território, a partir das representações levadas através das danças folclóricas.

Conforme entrevista realizada em janeiro de 2013 com o casal Ernani e Aneli Sehn (ANEXO O), integrantes do grupo que viajou à Europa entre 10 de junho e 12 de julho de 2012, composto por quarenta e oito pessoas (quatro instrutores, trinta e oito dançarinos e seis músicos), eles vivenciaram diferentes situações nesta excursão. A *IECLB* organizou um livro de bolso para os integrantes, constando todo o roteiro da viagem. “Conhecemos cidades do interior, onde realizamos apresentações de danças em escolas, casas de idosos, comunidades. Eram cidades muito pequenas, e as pessoas gostavam muito. Também realizamos vários passeios, ficávamos em hotéis e pousadas reservados pelos organizadores, e o trajeto era feito de ônibus entre os países”. Quanto às impressões e receptividade do público frente ao trabalho apresentado pelos estrelenses, o casal destacou que os europeus “[...] prestigiaram muito o nosso trabalho, aplaudindo *em pé*... chegavam a coletar dinheiro para doar aos *Grupos*. O que mais gostam de assistir são apresentações diferentes das danças alemãs; valorizam o carnaval,

as danças gauchescas, o bumba-meu-boi [danças ensaiadas por coreógrafos que os *Grupos* contratam]. A dança alemã eles já conhecem, querem ver coisas diferentes.”

Notícia de jornal 5 - *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela se apresentam na Europa.*

NA EUROPA, TRUPE VIVE A INTEGRAÇÃO

Grupo de Danças Folclóricas de Estrela cumpre roteiro de apresentações e concilia passeios com roteiros surpreendentes

O Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela, ligado à Comunidade Evangélica, encontra-se em um roteiro de apresentações por países da Europa. Coordenado por Andréas Hamester, a trupe também realiza passeios por diversas cidades dos países que integram a turnê. Partiu no dia 10 de junho e retorna em 10 de julho.

Entre as atividades, os integrantes tiveram um dia livre para um programa com as famílias que os hospedaram em Steineinstadt e região, segundo relata uma das participantes, Mariana Bechert.

No roteiro havia algumas opções como visitar Freiburg e passear pela Floresta Negra. Essa foi a opção dos que estavam em Eschbach. “No início da manhã subimos de teleférico e depois caminhamos até um dos pontos mais altos da região, “Schauinslandturm”, revela Mariana. Após, eles se deslocaram até o Titisee, um lago no sul da Floresta Negra, em Baden-Württemberg, que abrange uma área de 1,3 quilômetro quadrado e tem uma profundidade média de 20 metros.



O grupo estrelense em Freiburger Münster

Em Freiburg

O passeio continuou em Freiburg, para compras, parada em um Biergarten e foto no Centro do município, onde está localizada a Freiburger Münster, a catedral. O último Duque de Zähringen havia iniciado a construção em torno do ano de 1200 em estilo românico e continuou em 1230 em estilo gótico. A catedral foi parcialmente edificada sobre as fundações de uma igreja original de 1120. Em 1827, tornou-se a sede da Igreja Católica e, portanto, uma catedral.

Freiburg foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial. Primeiro, em maio de 1940, aviões largaram cerca de 60 bombas em Freiburg perto da estação de trem, matando 57 pessoas. Em 1944 ocorreu um outro ataque que destruiu grande parte do centro da cidade, com exceção da catedral, que foi apenas levemente danificada. Após o conflito, a cidade foi reconstruída em seu plano medieval.

Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, julho de 2012.

Esta percepção revela a multiplicidade de interpretações que a manifestação cultural pode gerar. Ao levarem a dança para o lugar de origem dos imigrantes alemães, os dançarinos acabaram mostrando outras expressões culturais (fotografias 15 e 16), e não a dança folclórica inspirada na *germanidade*. Geertz (1989, p. 15) lembra que “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Porém, este caminho é repleto de complexidades, de idas e vindas. Na entrevista realizada com o casal participante da viagem, obtiveram-se informações acerca do objeto da pesquisa que não estavam previstos. Imaginava-se que, ao levarem as expressões culturais de Estrela para a Europa, os dançarinos

buscassem mostrar os vínculos mantidos com a Alemanha. No entanto, o que apresentaram foi algo diferente. Neste momento, pode-se perceber que as identidades são múltiplas e se modificam, dependendo do cenário e da situação em que os atores sociais atuam. Ao se apresentarem para os europeus, os dançarinos dos *Grupos de Estrela* eram *brasileiros*, atuando como portadores da cultura de diferentes regiões do país. Na Alemanha, como disse o entrevistado, os alemães não queriam “ver o que já conheciam”.

Fotografias 13 e 14 - O site dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* registra as suas excursões pela Europa.



Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2013.

Fotografias 15 e 16 - Os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* diversificam as apresentações com estilos de dança de outras regiões do Brasil.



Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2013.

Novamente, é importante evidenciar que a imprensa local e regional faz o papel de divulgar estas ações, atuando também na construção da identidade do território. Consultando jornais das décadas de 80 e 90, disponíveis no acervo dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (os recortes de jornal estão expostos nos corredores do *Lar do Jovem*), é

possível identificar a função da imprensa neste sentido, a qual busca enfatizar o trabalho dos *Grupos* na “preservação da identidade germânica”. No texto da notícia de jornal 6, um periódico do município de Petrópolis (RJ) – neste caso, fora da região -, colabora com a divulgação desta imagem, destacando que os *Grupos* representam “[...] um dos orgulhos maiores de Estrela, cidade onde a maioria da população constituída de descendentes de colonos alemães, embora o atual prefeito [...] seja de ascendência italiana. [...] este é o segundo ano [...] que o Grupo se apresenta, com muito sucesso, na maior festa petropolitana do colono alemão, a ‘Bauernfest’ [...]”. (Fonte: *Jornal Tribuna de Petrópolis*, 1992).

Notícia de jornal 6 - Participação dos *Grupos da Danças Folclóricas Alemãs de Estrela na Bauernfest’92, em Petrópolis, RJ.*



Fonte: *Jornal Tribuna de Petrópolis*, 1992.

A veiculação das atividades dos *Grupos* pela imprensa acaba fortalecendo a construção identitária que esta manifestação cultural perpetua ao longo dos anos. Como afirma Carneiro (2008, p. 70), é possível enxergar na “[...] expressão ‘povos do lugar’ a referência tanto à dimensão espacial/territorial quanto à dimensão cultural, enfatizando a íntima relação entre as duas. Essa dupla referência aciona a ideia de pertencimento e de enraizamento (cultural) a um espaço socialmente delimitado: uma localidade ou um território”. Neste caso, em que os estrelenses levam a representação de uma cultura local/regional ao espaço global, é possível relacionar as duas dimensões destacadas pela autora: a territorial e a cultural, no momento em que ambas são evidenciadas nos discursos elaborados tanto pelos integrantes dos *Grupos* quanto por aqueles que o evidenciam nos meios de comunicação, especialmente nos jornais.

Assim, é interessante acompanhar, ao longo dos anos, a projeção que a imprensa escrita deu aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, percebendo os diferentes contextos em que atuaram e de que forma esta atuação foi retratada pelos jornais. Somente no ano de 2012, por exemplo, em que se fez um acompanhamento detalhado das repercussões dos *Grupos* e do *Festival do Chucrute* na imprensa regional do Vale do Taquari, contabilizaram-se vinte e cinco (25) recortes de jornais regionais, entre reportagens, notícias e entrevistas. A visibilidade dada tanto aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs* quanto ao *Festival do Chucrute* na região revelam a importância destas duas manifestações no processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari, as quais atuam na legitimação do discurso da *germanidade*.

Além do papel da mídia na divulgação das manifestações culturais do território, os próprios atores pertencentes às entidades se incumbem de levar as suas representações para além do lugar onde vivem. Os integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, por exemplo, buscam atuar em outras instâncias além do município e do Vale do Taquari, estabelecendo trocas com outras culturas, identidades e territórios. O instrutor Andreas Hamester, por exemplo, foi a Buenos Aires, na Argentina, realizar oficinas de danças folclóricas alemãs com dançarinos argentinos (fotografia 17). Esta atividade vem sendo realizada com frequência desde a década de 90, segundo afirmou o instrutor em entrevista realizada no mês de agosto de 2012. Segundo ele afirma, “[...] o convite foi feito através do *Centro de Cultura Lustige Tiroler*, que organizou uma *Oficina de Danças* com setenta integrantes vindos de seis províncias argentinas e representantes de doze grupos de folclore. Foi realizado um trabalho de dinâmica de grupo, troca de experiências e repasse de novas coreografias aos participantes. O trabalho foi elogiado em vários jornais argentinos como sendo um começo de intercâmbio.” Não identificou-se, ao longo do trabalho, a participação de representantes da imprensa local e regional nas viagens dos integrantes, mas a cobertura das atividades em outros municípios, estados e países se fez através da comunicação constante entre os dançarinos e a imprensa, através de contatos feitos pela internet, telefonemas e relatos posteriores.

Fotografia 17 - Instrutor Andreas Hamester realizando oficina de danças em Buenos Aires (agosto de 2012).



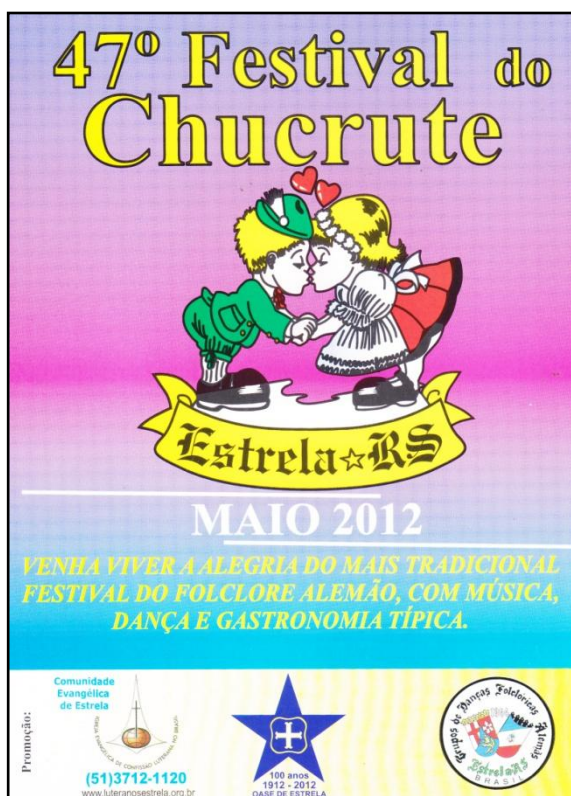
Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2013.

Nesta dinâmica, é possível identificar o que Ortiz (1994, p. 75) afirma sobre a função da memória na preservação e divulgação das manifestações culturais de um território: “A lembrança é possível porque o grupo existe, o esquecimento decorre de seu desmembramento. Entretanto, para ser vivificada, a memória necessita de uma referência territorial, ela se atualiza no espaço envolvente”. Os dançarinos dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, ao se projetarem no espaço global, contribuem para a atualização desta memória, tendo como referência territorial o município de Estrela e, por conseguinte, a região do Vale do Taquari.

4.3 Etnografia do 47º Festival do Chucrute: uma festa de representação

Considerando que “[...] a festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, [...] cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade.” (GUARINELLO, 2001, p. 972), torna-se fundamental a adoção de uma metodologia que leve o pesquisador até este campo de ação, de forma que ele possa observar o grupo e o lugar onde as manifestações culturais de desencadeiam. Neste cenário, é possível enxergar além da teoria, estabelecendo relações permanentes entre os conceitos e as práticas sociais analisadas na pesquisa.

Ilustração 5 - Folder de divulgação do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Comenda do 47º Festival do Chucrute, 2012.

A 47ª edição do *Festival do Chucrute* ocorreu de 19 a 27 de maio de 2012, no salão do *Centro Comunitário Cristo Rei*, localizado no Bairro Cristo Rei, em Estrela. Apesar de ser organizado e realizado pela *Comunidade Luterana* do município (IECLB), o evento ocorre no salão da *Comunidade Católica*, pois a primeira não possui instalações com as proporções necessárias para a realização dos bailes e demais atividades que compõem o evento.

Considerando o *Festival do Chucrute* como uma *festa de representação*, nesta pesquisa etnográfica levou-se em consideração o que Amaral (2000, p. 4) afirma sobre este tema:

Na categoria das Festas de Representação, contam-se aquelas que apresentam “atores” e “espectadores”. Os atores, que podem ser em número restrito, participam diretamente da festa organizada para os espectadores que participam indiretamente do evento ao qual atribuem, entretanto, uma dada significação e pela qual são mais ou menos afetados. O elemento importante é que os participantes são em número limitado enquanto os espectadores são muito numerosos, especialmente hoje, com as reportagens diretas via televisão. É preciso sublinhar que os espectadores e os atores são conscientes das “regras do jogo” (ritos, cerimônias e símbolos), mas que eles “percebem” o evento de modo diferente conforme o papel que lhes é atribuído.

Para compreender a função deste festival germânico estrelense no processo de

construção da identidade territorial do Vale do Taquari, é relevante retomar o conceito de *hegemonia*, tendo em vista que este evento representa uma manifestação cultural elaborada e viabilizada por determinados atores num contexto em que outras manifestações se fazem presentes, mas não alcançaram, ao longo da história regional, a dimensão que este festival germânico obteve a partir do ano de 1966, quando ocorreu a sua primeira edição, e se mantém até a atualidade de forma ininterrupta. Porém, Ang (*apud* ESCOSTEGUY, 2001, p. 37), lembra que: “Precisamos ir além dessas conceitualizações paradigmáticas de hegemonia e desenvolver um sentido de hegemonia mais específico, concreto, contextual, em resumo, *mais etnográfico* (grifo de ESCOSTEGUY, 2001).”

Quando se fala em construção de identidade territorial a partir das manifestações culturais de uma localidade, município ou região, não se pode deixar de considerar que:

O território também pode ser entendido como uma imagem, como uma construção social simbólica, que é alimentada e alimenta uma rede de relações sociais não restrita a uma espacialidade contínua e delimitada fisicamente. Uma localidade político-administrativa (um município, ou mesmo um distrito, por exemplo) pode ser entrecortada por diferentes territórios “construídos” segundo os diferentes interesses em jogo e as marcas culturais que conformam as “identidades territoriais”. (CARNEIRO, 2008, p. 72).

Esta disputa de interesses que caracteriza as relações sociais está presente no território do Vale do Taquari, que não possui uma única formação étnica, mas acaba se revelando ao contexto global a partir de determinadas marcas identitárias que não foram naturalmente constituídas nem herdadas dos antepassados, como o discurso pressupõe. Esta realidade é fruto de disputas simbólicas em que os atores sociais elegeram representações identitárias no decorrer de sua história. A cultura, nas suas relações com a economia, a política e a sociedade, foi o espaço de gestação da identidade cultural que hoje é hegemônica na região: ou seja, aquela associada à *germanidade* e à *italianidade*, predominantemente, em contraposição a outros referenciais, sejam eles étnicos ou de outra natureza.

O *Festival do Chucrute* se enquadra nesta perspectiva histórica, em que atores sociais o elaboraram em um determinado contexto – a comunidade luterana estrelense – e, com o passar dos anos, o projetaram para além dos limites municipais, transformando-o numa marca regional. A partir de sua primeira edição, em 1966, o evento foi se adaptando às diferentes conjunturas históricas. Surgiu como um baile comunitário, que agregava um número limitado de pessoas, e no decorrer de quase cinco décadas passou a representar uma das mais destacadas festividades do calendário regional, integrando, inclusive, a lista de eventos oficiais da *Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul* (Fonte: <www.turismo.rs.gov.br>)

Acesso em: 2 nov. 2012).

De acordo com depoimentos de atores locais⁴⁸, documentos disponíveis no acervo da *IECLB* de Estrela e bibliografias regionais (SCHIERHOLT, 2002; HESSEL, 1983), a história do *Festival do Chucrute* teve início no ano de 1966 (ilustração 6), quando ainda era denominado *Baile do Chucrute*. A partir daquela data, o evento foi adquirindo proporções cada vez maiores, se transformando em festival alguns anos depois, quando passaram a se realizar dois bailes, um antes e outro após o aniversário de emancipação política de Estrela. Durante estes quarenta e sete anos de existência, muitos elementos da festividade se modificaram, apesar dos organizadores ressaltarem a continuidade e manutenção das tradições que caracterizam esta manifestação cultural⁴⁹.

Ilustração 6 - Cartaz-convite para o 1º Baile do Chucrute (1966).



Fonte: Acervo da *IECLB* de Estrela, 2012.

Conforme relatam membros da *IECLB* do município, na década de 60, portanto, o então *Baile do Chucrute* ainda não possuía a dimensão que assumiu na atualidade. Era uma

⁴⁸ Estes depoimentos constam nas entrevistas e discursos constantes nos anexos B ao Y, além de outros registros não constantes nos anexos, mas registrados ao longo do texto da dissertação.

⁴⁹ Em entrevista realizada com os casais comendadores do 47º *Festival do Chucrute*, os integrantes evidenciaram a manutenção das tradições na realização do evento. Por exemplo, na confecção das guirlandas que decoram o salão dos bailes, ainda se utiliza o cipreste natural, apesar de alguns membros mais jovens da Comenda desejarem substituir por material sintético, em função da praticidade. (Fonte: entrevista realizada pelo autor com os casais comendadores do 47º *Festival do Chucrute*, maio de 2012).

festividade voltada basicamente para os membros da *Comunidade Evangélica de Estrela (IECLB)*, sendo que era realizado no Ginásio Esportivo da *Sociedade Ginástica de Estrela (SOGES)*, comportando um público numericamente inferior àquele que hoje prestigia o evento. Em maio de 2005, o Jornal *Folha de Estrela* publicou um suplemento especial sobre os quarenta anos do *Festival*. No editorial, o articulista destacou: “O *Festival do Chucrute* [...], há quatro décadas, encanta os estrelenses, seus vizinhos e todos aqueles que aqui aportam no mês de maio, para conhecer a nossa mais tradicional forma de cultuar as tradições de alegria dos nossos antepassados, vindos da Alemanha há mais de 180 anos.” (p. 2).

**Fotografias 18 e 19 - Imagens dos primeiros *Bailes do Chucrute*,
hoje *Festival do Chucrute*.**



Fonte: <www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br>. Acesso em: 11 jan. 2013.

A partir de relatos e leituras acerca do evento, pode-se perceber que, como toda festa típica, o *Festival do Chucrute* foi incorporando elementos que auxiliaram na sua consolidação como portador de um discurso identitário. Para isso, seus organizadores e incentivadores investiram na criação de símbolos que o identificassem com a cultura germânica. Estas representações simbólicas se deram a partir da elaboração de materiais de divulgação, como panfletos, adesivos, cartazes e outros meios de afirmação de marcas culturais. Dentre estes símbolos, estão os bonecos *Chuck e Ruth*, que hoje foram apropriados como mascotes do município de Estrela⁵⁰. Eles aparecem em diversos materiais publicitários que visam divulgar um lugar específico, que é o município onde ocorre o *Festival*, porém acabam sinalizando um

⁵⁰ Consta que este casal de personagens foi originalmente desenhado pelo artista local Sérgio Werle, mas acabou se transformando em símbolo municipal e hoje ornamenta o trevo de acesso a Estrela. Na época, narra-se que houve uma polêmica em torno da apropriação da imagem dos bonecos, pois o autor não teria sido consultado, bem como a escultura não estaria fiel aos traços originais dos desenhos por ele criados. (Depoimento de um integrante da *Comunidade Evangélica de Estrela*, que solicitou não ter o nome citado. Janeiro de 2013). Polêmicas como esta são interessantes de serem analisadas quando se trata do tema identidade cultural, pois realçam os conflitos que permeiam a dinâmica da sua respectiva construção.

discurso identitário que extrapola este limite espacial. Ao aparecerem nas panfletarias, estes personagens personificam a identidade cultural que se pretende evidenciar no território do Vale do Taquari. Loiros, de olhos azuis, vestidos com roupas típicas e segurando alimentos associados à *germanidade*, eles convidam os visitantes a conhecer uma cultura que é inventada e reinventada ao longo do tempo, necessitando ser legitimada através destas manifestações.

**Fotografia 20 - Mascotes do *Festival do Chucrute* – *Chuck e Ruth* -,
incorporados como símbolos do município de Estrela.**



Fonte: Fotografia do autor, 1º/05/2012.

A origem do *Festival do Chucrute* é narrada por diversos atores locais e regionais, seja através de registros escritos ou pela tradição oral. Conforme Schierholt (2002, p. 267), se tornaram “[...] uma tradição na região de colonização alemã, herdada por imigrantes, a sociedade de cantores ou o coral evangélico [...]”, os quais organizavam um baile anual de aniversário da comunidade que representavam (*Vereins-ball*). Em Estrela, cabia ao coral evangélico preparar e executar essa promoção, conhecida também como *Baile do Coro* ou *do Coral*. Os casais da comunidade organizavam esta festividade, sendo que os jovens ficavam excluídos. No ano de 1964, na ocasião em que este evento era preparado, houve uma integração entre jovens e casados. De acordo com Schierholt (2002, p. 267), naquele ano

[...] Um grupo de 10 a 12 pares de jovens da sociedade se reunia para ensaiar, em conjunto, algumas danças, que eram características de bailes antigos da velha

colônia, chamada *Alt-Kolonie*, em torno de São Leopoldo [...]. Durante semanas, ensaiaram polkas, valsas, *schottish* e folclore *rheinländer*. Já durante os ensaios, cada vez mais animados, previam o sucesso e sua repercussão na região. [...]. Já para 1965, se programou uma janta antes do baile. Novamente a inspiração recorreu às tradições da culinária, herdada dos colonizadores teuto-brasileiros. Depois de várias propostas, foi aprovada a sugestão de Gernot Costa de identificar como Baile do Chucrute, um prato típico dos imigrantes, nome que marcou o evento, a partir de 7/5/ 1966, como o primeiro Baile do Chucrute,[...].

A partir daquela data, o *Festival do Chucrute*⁵¹ vem sendo realizado anualmente, no mês de maio, em dois finais de semana que se intercalam antes e após o dia 20 de maio, data de aniversário do município. Porém, ao longo destas quase cinco décadas, o evento foi incorporando outras festividades além dos bailes principais. Assim, em 2012 chegou à sua 47ª edição com um calendário repleto de atividades que contemplam inúmeros grupos de atores locais e regionais, cujo roteiro é descrito e analisado a seguir, neste capítulo.

Cabe ressaltar que estudos acerca da atuação das festas na sociedade não são recentes, sendo que Émile Durkheim⁵² já trabalhava com esta questão em 1912 (AMARAL, 2000), cujas observações deram base para estudos posteriores. Uma das ideias centrais do pensamento do autor diz respeito à função de coesão social atribuído às festas populares, as quais serviriam como momentos de fortalecimento da consciência coletiva. “As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social.” (AMARAL, 2000, p.2). Ainda de acordo com Durkheim (*apud* AMARAL, 2000), as festas são momentos nos quais as pessoas se libertam do cotidiano do trabalho, deixando a sua imaginação à vontade.

Segundo Amaral (2000), as festas foram mudando seus significados com o desenvolvimento do capitalismo. Para a autora:

Tudo indica que o capitalismo cooptou as festas populares e foi cooptado por elas, mas também que o povo vem reinventando suas festas nas novas condições de vida resultantes de novos contextos econômicos e sociais. Pode-se observar, também, que as antigas festas populares (principalmente as religiosas), compartilhadas por grande número de pessoas, fragmentaram-se em formas diferentes de festejar conforme foram se formando grupos em decorrência do crescente processo de desenvolvimento capitalista e a consequente divisão social do trabalho, dos espaços, das classes sociais e do crescimento de diferentes denominações religiosas com maneiras variadas de festejar. No entanto, surgiram e/ou mantiveram-se grandes

⁵¹ “Chucrute é repolho fermentado naturalmente, com condimentos, [...]. Na verdade é desconhecida a procedência exata deste alimento. Sabe-se que os romanos tinham receitas à base de repolho cru e que o repolho fatiado e fermentado em vinagre de arroz era servido aos operários que trabalharam na construção da grande muralha da China. Esta técnica alimentar chinesa teria chegado aos povos eslavos, na Europa Ocidental, através dos mongóis. E foi muito bem recebida, pois as vitaminas e bactérias lácteas contidas no chucrute se mostraram muito saudáveis e excelentes aliados do organismo para enfrentar o rigoroso inverno. O chucrute, hoje, é consumido em praticamente toda a Europa e aqui no Brasil, onde identifica-se naturalmente como acompanhamento de pratos de origem alemã” (Fonte: Site oficial do *Festival do Chucrute*. Disponível em: <<http://www.festivaldochucrute.com.br>>. Acesso em: 3 nov. 2012).

⁵² Op. cit. DURKHEIM, Emile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, PUF, 1968.

festas em centros de atração regionais. (AMARAL, 2000, p. 3).

Este é o caso do *Festival do Chucrute* de Estrela, que mesmo sofrendo alterações ao longo destas quarenta e sete edições, se manteve no calendário de eventos do município e da região, adaptando-se às novas condições e reinventando as suas tradições. O que permanece no discurso de seus atores é a identidade cultural associada ao passado colonial dos imigrantes germânicos, a qual sustenta as representações acerca do território e as divulga através de diversos meios, dentre eles as festas típicas.

Ilustração 7- Cartaz de divulgação do 6º Baile do Chucrute (1971)



Fonte: Acervo da IECLB, 2012.

Ilustração 8 - Adesivo de divulgação do 33º Festival do Chucrute (1998)



Fonte: Acervo da IECLB, 2012.

Ilustração 9- Cartaz de divulgação do 34º Festival do Chucrute (1999).

Ilustração 10 - Cartaz de divulgação do 35º Festival do Chucrute (2000).



Fonte: Acervo da IECLB (Lar do Jovem).



Fonte: Acervo da IECLB (Lar do Jovem).

Os estudos culturais, de acordo com Escosteguy (2001, p. 43), oferecem a possibilidade de analisar esta dinâmica de comunicação numa perspectiva “[...] interdisciplinar que entende os processos culturais como interdependentes e não como fenômeno isolado, como é a prática usual da maioria das disciplinas”. Este tipo de análise permite compreender a história do *Festival do Chucrute* como um processo cultural conectado à estrutura social em que se insere e ao processo produtivo como um todo, tendo em vista que o evento divulga o município e a região onde está inserido. Os atores locais ou regionais que participam deste processo são os responsáveis pela perpetuação desta manifestação cultural, pois reconhecem a sua importância para o território no qual atuam. Mesmo que para muitos o *Festival* represente tão somente uma oportunidade de expressar valores e tradições culturais, o evento acaba interagindo com as esferas da economia e da política do lugar no qual é produzido.

4.3.1 Acompanhando os preparativos: preparo do chucrute, divulgação, desfile típico e ornamentação

Conforme Oliveira e Calvente (2012, p. 91):

A organização da festa, o modo como ela se espacializa, as danças apresentadas, as roupas, as comidas características, os sons, as músicas, as formas de participação direta ou indireta de quem festeja e de quem observa, enfim todos os elementos que definem a festa não se limitam a uma “figuração” no evento.

Assim, quando partiu-se a campo para observar e acompanhar os preparativos para o 47ª *Festival do Chucrute*, houve um cuidado para que todos estes detalhes da festividade fossem visualizados. A movimentação da festa nem sempre permite que possamos perceber todas as nuances do momento, mas um olhar atento permite captar, no conjunto, como estes elementos - danças, comidas, sons, formas de participação, etc. – interagem entre si, dando vida ao espaço preparado para receber o público.

Quando se observa a preparação e a execução de uma festividade inspirada na etnicidade, ficam evidentes as intenções daqueles que agem na elaboração das diferentes etapas deste processo. São pessoas que interagem com símbolos do passado, mas que são reelaborados no presente. Os preparativos revelam os referenciais dos atores que participam desta criação coletiva, os quais buscam legitimar elementos considerados tradicionais. Na análise das situações observadas, foi necessário considerar a seguinte proposição:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2001, p. 27).

Esta *necessidade de viver* a que o autor se refere justifica, em grande parte, a motivação de um grupo de atores sociais no sentido de reconstruir o passado, de elaborar o seu presente a partir de um tempo que já se perdeu, mas que continua servindo de referência às manifestações culturais de hoje. Não há, portanto, nesta prática, uma tentativa de *reviver o passado*, mas de elaborar espaços de memória cujos artefatos são compostos a partir de representações e idealizações das narrativas vistas e revistas ao longo do tempo. Neste caminho entre o passado e o presente, vão se agregando e desprendendo elementos que cada geração, a partir de interesses específicos de cada tempo e lugar, trata de utilizar ou não nas suas próprias narrativas. O cenário do *Festival do Chucrute* se configura, assim, como uma destas reelaborações do passado, em que os atores acreditam manter as tradições do passado, quando já estão atuando como tradutores culturais. E esta tradução se dá, neste caso, num cenário em que a *comunidade étnica* esteve

[...] associada à ideia de uma nova *Heimat* (pátria) construída pelos imigrantes em solo brasileiro dando à colônia uma contraparte territorial e, ao mesmo tempo, étnica, já que supõe uma *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional) baseada no *jus sanguinis*. O suposto disso é a existência de um espaço alemão no sul do Brasil mais precisamente definido pelas regiões colonizadas mas que também inclui a população teuto-brasileira localizada em áreas urbanas fora do território colonial, identificada

com a germanidade. Essa noção de espaço, paradoxalmente, é reveladora das identidades dos imigrantes [...]: a comunidade nacional e a germanidade supõem que a nacionalidade é herdada através do sangue e perpetuada, longe da pátria original, pela preservação da língua e da cultura germânica – isto é, embora localizada em território brasileiro, a colônia assim representada faz parte da nação alemã!(SEYFERTH, 2000, p. 154-155).

No dia 9 de abril de 2012, quando se iniciou o preparo do principal prato da festividade (fotografias 21, 22, 23 e 24), foi realizada a observação de todas as etapas desta atividade, as quais foram registradas através de fotografias, observações e entrevistas com as integrantes da OASE presentes nesta data. Os trabalhos tiveram início às 14 h e se estenderam até a noite. De acordo com depoimentos das senhoras, todo ano elas participam deste momento que, segundo elas, “[...] ocorre desta forma desde o primeiro *Festival*.”⁵³ As etapas de preparo do alimento foram as seguintes, de acordo com o que se observou: a) corte e separação dos repolhos; b) limpeza do repolho cortado (lavagem); c) picagem do repolho em máquinas especiais; d) segunda limpeza do repolho, já picado; e) armazenamento do repolho picado dentro de recipientes, no qual foi compactado (com sal) para evitar o apodrecimento; e) nestes recipientes, o repolho ficou curtindo até o dia do *Festival*, quando foi cozido e servido ao público, juntamente com os outros itens do cardápio.

⁵³ Depoimento realizado na ocasião por uma das senhoras da OASE.

**Fotografias 21, 22, 23 e 24 - Etapas do preparo do chucrute,
principal prato do evento que leva o seu nome.**



Fonte: Fotografias do autor, 9/04/2012.

A maioria dessas etapas foi realizada pelas integrantes da *OASE*, exceto as fases de corte do repolho e da compactação nos recipientes, realizadas pelos homens. Havia cerca de quarenta pessoas envolvidas neste trabalho. O clima no local era de alegria e cooperação, sendo que todos que ali estavam eram voluntários. A maioria se constituía de senhoras da *OASE*, cuja dedicação à entidade é permanente durante todo o ano. Porém, alguns afirmaram que deixaram o local de trabalho naquele dia para auxiliar na preparação do chucrute. Como nas demais ocasiões dos preparativos para o *Festival*, a imprensa esteve presente nesta ocasião, sendo que depois divulgaram este trabalho nos jornais regionais, enfatizando a questão da tradição no preparo do chucrute.

Notícia de jornal 7 - Divulgação do preparo do chucrute na imprensa regional.

O INFORMATIVO DO VALE. TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2012

O REPOLHO JÁ ESTÁ NA QUARENTENA

Principal prato servido no Festival do Chucrute, em Estrela, começou a ser preparado ontem para ir à mesa em maio

A turma da Comunidade Evangélica de Estrela colocou a mão na massa, ou melhor, no repolho. Vinte voluntários se reuniram ontem, na sede da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (Oase), para preparar o prato que dá nome ao maior evento cultural alemão de Estrela, o chucrute. É isso mesmo, o repolho precisa ficar na quarentena para fermentação. Só depois desse prazo pode ser finalizado.

Ontem, os voluntários tinham a missão de cortar - em tirinhas bem finas - 200 cabeças de repolho. A professora aposentada Ilse Frantz estava na lida, ajudando a picar o alimento. Uma outra equipe se encarregava de separar os pedacinhos maiores, que seriam fatiados novamente. Outro grupo batia e colocava em camadas com sal, água e as folhas de lou-



Preparo do chucrute é uma tradição que reúne amigos

AGENDE-SE
Sexta-feira, lançamento do festival, às 20h, na Oase

Foto: Luciane Eschberger Pereira

Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, Caderno Variedades, 10/04/2012, p. 1.

Durante os trabalhos realizados neste dia, aproveitou-se a oportunidade para conversar com algumas integrantes da *OASE*. A senhora Ilse Frantz afirmou que participa da entidade há muitos anos (não lembrava exatamente a data de ingresso). Nestes anos, ela sempre esteve envolvida em diversas atividades, dentre elas o preparo do cardápio do *Festival do Chucrute*. Para ela, este trabalho representa “[...] o espírito de cooperação e integração.” Ela explicou que a palavra *chucrute* é grafada desta forma no idioma alemão, porém a pronúncia é diferente. Ela foi uma das coordenadoras do grupo que, neste dia, processou aproximadamente duzentas unidades de repolho para se transformarem no prato principal do *Festival*, no mês de maio.

Na mesma ocasião, conversou-se com o presidente da *IECLB* de Estrela, Ernani Sehn, que neste dia ajudava no corte do repolho. Ele destacou que o fator principal para a continuidade do *Festival do Chucrute* é a questão do voluntariado, afirmando que

[...] as pessoas que dão continuidade ao evento são as grandes responsáveis pelo seu sucesso. A prefeitura, neste ano, ajudou com os copos, mas o resto foi feito com trabalho da comunidade e alguns patrocínios. O *Festival* consta no calendário estadual. Mas não há muita ajuda, apoio financeiro. A comunidade preza pela continuidade do evento e das tradições.

O 47º *Festival do Chucrute* foi oficialmente lançado no dia 13 de abril de 2012, no

Salão da OASE, com a presença de autoridades, convidados e participantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*. Durante esta ocasião, o representante dos casais comendadores (todos vestidos com trajes típicos inspirados na cultura germânica), Ernani Paulo Sehn, enfatizou o papel fundamental da comunidade em divulgar o *Festival* e convidar a população a participar desta “importante festa cultural.”⁵⁴ Já o prefeito de Estrela, Celso Brönstrup, falou sobre o *fator cultural*; segundo ele, os *povos* mais fortes são aqueles que têm *raízes culturais*: “[...] parecem mais fácil aqueles que não têm tradições”. Para exemplificar esta afirmação, lembrou a história do povo judeu, que “[...] há mais de três mil anos passou dissabores com os egípcios, babilônios, depois o holocausto, e mesmo assim o mito de Moisés é mantido com pouquíssimas modificações”. Para ele, o *Festival do Chucrute*

[...] potencializa as tradições; a gastronomia, a dança, a decoração, as crianças [...]. Este evento fomenta o comércio, os serviços e o turismo na região. Os gestores devem buscar oportunidades, promover eventos, transformando Estrela em referencial turístico. Para isso, estamos construindo o *Centro Cultural*, que é mais um opção para este segmento. O governo de Estrela vem resgatando os pontos históricos, como a limpeza das escadarias de acesso ao Rio Taquari. Há outros projetos em fase embrionária, como a revitalização da *Cascata da Santa Rita*, o mirante do *Morro Roncador*, etc. Espero que o *Festival do Chucrute* se consolide como evento que leva a garra e a determinação dos estrelenses, os encontros e reencontros, a amizade. Que a mais tradicional festa do folclore alemão do Rio Grande do Sul seja um momento que intensifique a alegria e a diversão. (ANEXO G).

Nos discursos proferidos, é possível identificar inúmeros aspectos que evidenciam a existência de um processo de construção identitária no município e na região. Ao destacar o papel das *tradições* no contexto atual, as autoridades se tornam porta-vozes dos atores sociais que atuam no território. São discursos que se complementam, naturalizando a história da região e legitimando a identidade territorial que se pretende evidenciar. Ao buscarem justificativas para a importância do *Festival do Chucrute*, os oradores se referiram ao passado como um *tempo glorioso*, cujos atores foram os pioneiros de uma cultura que hoje é retratada como elemento de diferenciação e valorização do território onde vivem. Ao mesmo tempo, percebe-se que cada discurso evidenciou aspectos relevantes ao segmento representado pelos oradores: neste sentido, o prefeito destacou a questão econômica e as ações do poder público; o instrutor de danças evidenciou a questão cultural; o representante da comenda analteceu o trabalho da comunidade; e, finalmente, o pastor da *IECLB*, que ressaltou o aspecto religioso. No entanto, todos mantiveram um elemento em comum em suas falas: ou seja, o discurso identitário que interliga estes diferentes interesses, a partir das manifestações culturais

⁵⁴ Discurso proferido na noite do lançamento do 47º *Festival do Chucrute*.

inspiradas na *germanidade*.

Em seguida, falou o instrutor geral dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, Andreas Hamester. Ele iniciou o seu discurso contando a origem do *Festival do Chucrute*, lembrando que:

[...] Naquele ano [quando surgiu o evento], um grupo de pessoas teve saudade das suas tradições, [...] e elas inventaram então um evento que, no íntimo delas, tenho certeza, tinha como objetivo elas (*sic*) matarem a saudade e terem esta tradição que havia se esquecido. [...] Atualmente, o evento visa arrecadar fundos para a comunidade evangélica, mas o festival é diferente, porque mantém a mesma decoração de 1966, cujo modelo é inspirado na Baviera...o cheiro do cipreste fica impregnado no salão. Esta tradição é passada de pai para filho, de geração para geração... isso é folclore, onde jovens e idosos de até 88 anos [se referindo à integrante mais idosa dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*] se reúnem há 48 anos [referindo-se aos *Grupos*, que surgiram um ano antes do *Festival*]” em atividades ininterruptas. Nós gostamos de vestir esses trajes, de ver o festival, que é um super *Kerb*, onde mais de mil pessoas vêm aos bailes...metade de fora. Alguns ficam nas casas dos dançarinos, e os ex-dançarinos também vêm para prestigiar. (ANEXO F).

Após os discursos, foi divulgada oficialmente a programação do evento para 2012:

- 1º de maio (9h): divulgação do *Festival* no pórtico de entrada de Estrela, com entrega de brindes, *folders* e adesivos;
- 5 de maio (15h): tradicional *Grande Desfile Típico* dos grupos folclóricos com carros alegóricos, som e banda pelas ruas de Estrela e Lajeado;
- 19 de maio (20h): *1º Baile Típico* com decoração característica, jantar com comida alemã e cerveja, bem como a apresentação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, compostos por mais de 450 dançarinos (animação da *Banda Happy Brass*), no Centro Comunitário do Cristo Rei;
- 20 de maio (16h): tradicional café colonial por quilo e apresentação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (entrada: 1 kg de alimento não perecível), no Centro Comunitário Cristo Rei;
- 21 de maio (14h): *6ª Festa das APAEs*, com apresentação de danças folclóricas, no Centro Comunitário Cristo Rei;
- 23 de maio (9h): *19ª Festa do Idoso*, com apresentação de grupos de danças convidados de diversas localidades da região; ao meio-dia almoço típico e à tarde o tradicional *Baile do Idoso*, no Centro Comunitário Cristo Rei;
- 24 de maio (14 h): *Festa da OASE - 100 anos*, no Salão da OASE, junto à Comunidade Evangélica de Estrela;
- 26 de maio (20 h): *2º Baile Típico* com decoração característica, jantar com comida

alemã e cerveja, bem como a apresentação dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, composto por mais de 450 dançarinos (animação da *Super Banda K'necus*), no Centro Comunitário Cristo Rei;

- 27 de maio (16): encontro e apresentação de grupos de danças folclóricas de outras cidades com o Tradicional Café da tarde opcional, por quilo, no Centro Comunitário Cristo Rei. (Fonte: *Comunidade Evangélica de Estrela* e Comenda do *47º Festival do Chucrute*, 13/04/2012).

Finalizando a noite, alguns dançarinos dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* ocuparam o espaço central do salão, no qual apresentaram algumas coreografias que simbolizaram a abertura oficial do *47º Festival do Chucrute*. Antes de cada dança, o instrutor geral explicava o significado de cada uma delas, relacionando às origens europeias e à época que se referiam. Os dançarinos vestiam trajes diversos, os quais são usados em números específicos nas apresentações oficiais. A imprensa novamente se fez presente, sendo que nos dias seguintes tratou de divulgar o evento em *sites*, blogs e jornais da região: “Com a presença dos mascotes do município, *Chuck e Ruth*, de autoridades e da comunidade, os oito casais comendadores do *47º Festival do Chucrute* fizeram, de forma oficial [...], o lançamento do tradicional festival do folclore alemão que traz em sua programação música, dança e gastronomia típica.” (Fonte: *Jornal O Informativo do Vale*, 14 e 15/04/2012, p. 3). Aqui é possível perceber a apropriação do evento como marca identitária do lugar, quando as mascotes são mencionados como sendo *de Estrela*, e não *do Festival*. Além disso, são citados juntamente com *autoridades* e *comunidade*, categorizando-os como se fossem atores sociais.

**Fotografia 25 - Noite do lançamento oficial do 47º Festival do Chucrute de Estrela
(13/4/2012).**



Fonte: Fotografia do autor, 2012.

Ilustração 11 - Cartaz de divulgação do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: IECLB de Estrela, 2012.

No dia 1º de maio de 2012, deu-se continuidade à divulgação do 47º Festival do Chucrute, no pórtico de acesso ao município de Estrela. Nesta ocasião, que já faz parte da tradição do evento, os casais comendadores e alguns representantes dos *Grupos de Danças* se reuniram no local e distribuíram material alusivo ao festival para os motoristas que passavam pelo pórtico. Ao som de música germânica, vestiam trajes típicos e se dirigiam aos motoristas de forma alegre, convidando-os para a festividade. Foram distribuídas sacolas de tecido com brindes, adesivos, *folders* e outros acessórios de divulgação. Dois jovens vestiram a fantasia das mascotes do Festival - o casal de bonecos *Chuck e Ruth* -, os quais dançavam e acenavam aos motoristas.

Fotografias 26 e 27 - Integrantes realizam entrega de material de divulgação do 47º Festival do Chucrute no pórtico de entrada do município.



Fonte: Fotografias do autor, 1º/5/2012.

Outra etapa que ocorre todos os anos, antes da realização do *Festival do Chucrute*, é o desfile temático pelas ruas dos municípios de Estrela e Lajeado. Os integrantes enfeitam os carros, vestem trajes típicos e desfilam pelo centro dos dois municípios a fim de divulgar o *Festival*. Nos carros, enfeitados com as cores da bandeira dos *Grupos* - que por sua vez também são as da bandeira de Estrela -, crianças, jovens, adultos e idosos cantam e dançam encenando um baile típico.

Fotografias 28 e 29 - Os integrantes dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela preparam os carros para o desfile temático.



Fonte: Fotografias do autor, 5/5/2012.

No dia 5 de maio de 2012, os integrantes de todas as categorias dos *Grupos de Danças Folclóricas* se dirigiram até um determinado local do município, no qual enfeitaram os veículos para o desfile temático. Este trabalho, como todos os demais realizados para o evento, foi feito de forma voluntária, sendo que cada categoria de dançarinos se

responsabilizou pela decoração do seu carro. Foram colocadas faixas de identificação, de acordo com estas categorias. Os voluntários decoraram os carros com diversos adereços, balões, ramos de cipreste, fitas coloridas, objetos que simbolizam a “cultura germânica”, etc. Juntamente com estes carros alegóricos, desfilaram também carros de som, os quais tocavam músicas típicas do evento ao longo do trajeto. Os integrantes subiram nos carros e encenaram um baile típico, chamando as pessoas por onde passavam, acenando e exibindo canecos com chope.

O público que assistia ao desfile reagia de diferentes formas: alguns acenavam, outros gritavam, cumprimentando os dançarinos; já outros demonstravam certa indiferença ou não pareciam compreender exatamente o que acontecia. Ao acompanhar o desfile nos dois centros por onde passaram os carros, pode-se perceber que no município de Estrela a receptividade do público foi maior, sendo que em Lajeado não houve uma interação tão expressiva. Apesar de representarem a identidade germânica na região, os *Grupos* e o *Festival* continuam sendo *de Estrela*. Mesmo que o discurso integrador seja veiculado por diferentes atores sociais na região do Vale do Taquari, esta construção identitária não elimina as disputas entre as diferentes localidades que a integram.⁵⁵

Fotografias 30 e 31- Desfile temático pelas ruas de Estrela e Lajeado.



Fonte: Fotografias do autor, 5/5/2012.

Nestes momentos observados, foi possível identificar inúmeras relações estabelecidas entre os participantes do período de preparação do *47º Festival do Chucrute*. Apesar de não

⁵⁵ A tradição oral, apoiada pela historiografia regional, construiu a ideia de que Estrela e Lajeado foram se tornando rivais ao longo da sua história. Baller (2008, p. 95), por exemplo, destaca: “Lajeado sempre se sobressaiu a Estrela, o que evidenciava a necessidade de uma separação e a formação de um município. No entanto, para Estrela, a perda de Lajeado significava uma derrota muito grande em termos econômicos e territoriais, o que seria sentido fortemente nos cofres públicos.”

existir um envolvimento idêntico por parte dos diferentes atores que participam da organização do evento, todos demonstraram disposição ao participar destas atividades, denotando um espírito de cooperação e solidariedade entre estas pessoas. A espontaneidade com que as diferentes faixas etárias interagiram também foi um aspecto relevante, considerando que, para muitos indivíduos, estas vivências não fazem parte do seu cotidiano. Esta situação observada condiz com a afirmação de Hall (*apud* WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 30):

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo a ‘mesma pessoa’ em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo. Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais.

Neste desfile, foi possível observar pessoas de diferentes etnias vestidas com trajes típicos germânicos, sem necessariamente assumirem a identidade étnica vinculada a esta representação. No entanto, outros laços identitários tornam a experiência gratificante para estes atores que atuam, de formas variadas, no fortalecimento da identidade regional. Esta participação voluntária se dá em função de diversos motivos, conforme depoimentos de integrantes:

[Os familiares] acompanham [os *Grupos* e o *Festival*] desde que meu irmão e eu começamos a dançar quando pequenos, sempre nos incentivaram por acreditar ser algo “saudável” [...] Penso que o Grupo tem um papel fundamental na comunidade, uma vez que se formam amigos e famílias dentro do grupo. Ir aos ensaios não significa apenas ir dançar, e sim, um ponto de encontro pra se juntar semanalmente com os amigos. (ANEXO P).

Na semana seguinte ao desfile, a imprensa regional novamente se incumbiu de divulgar os preparativos para o evento, destacando que “[...] voluntários e participantes trouxeram um pouco da alegria que tomará conta do ginásio do bairro Cristo Rei [...]. Vestidos a rigor, dezenas de participantes de grupos de dança e comendadores cantavam músicas tradicionais da cultura alemã.” (Jornal *A Hora*, 8/05/2012, p. 8). Assim, a imprensa regional, juntamente com outros segmentos, atua no fortalecimento das manifestações culturais, promovendo a sua legitimação como expressão da identidade não apenas de um grupo isolado, mas do território como um todo.

Notícia de jornal 8 - Imprensa divulga desfile do 47º Festival do Chucrute.

8 CONEXÃO A HORA - TERÇA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 2012

Desfile traz a alegria do Festival do Chucrute

Evento começa dia 19 e termina uma semana depois. Atrações ocorrem no Centro Comunitário Cristo Rei

Estrela Cristo Rei.

Mesmo que falte mais de uma semana para o início da mais tradicional festa da cultura germânica, voluntários e participantes trouxeram um pouco da alegria que tomará conta do ginásio do bairro

Na tarde de sábado, um desfile em carro aberto percorreu as principais cidades de Estrela e Lajeado, divulgando a festa que começa dia 19. Vestidos a rigor, dezenas de participantes de grupos de dança e comendadores cantavam músicas tradicionais da cultura alemã. Ser-

vidos com grandes canecos de chope, mostravam a alegria da festa. Foram 28 carros envolvidos, todos decorados com apoio de pais e instrutoras. No total, são 12 grupos de danças folclóricas e 420 dançarinos participantes.

Na frente do comboio, os oito casais da comenda e a rainha adulta do Festival, Tamie Hatori, e a rainha mirim, Dandara Gross. A organização do festival está adiantada. Restam poucos ingressos para os bailes. Cerca de 400 quilos de chucrute estão em fase final de fermentação. Hoje e amanhã serão colhidos os ciprestes, um dos principais itens da decoração da festa.

PROGRAMAÇÃO

Dia 19 – 1º Baile Típico, com apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela, no Centro Comunitário Cristo Rei, com início às 20h.

Dia 20 – Tradicional Café Colonial e apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela. Início às 16h.

Dia 21 – 6ª Festa das Apae's, com apresentação de danças folclóricas. Início às 14h.

Dia 23 – 19ª Festa do Idoso, com almoço e apresentação de grupos de danças de toda região. Início às 9h.

Dia 24 – Festa da Oase – 100 anos. No salão da Oase, junto à Comunidade Evangélica de Estrela. Início às 14h.

Dia 26 – 2º Baile Típico com Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela. Início às 20h, no Centro Comunitário Cristo Rei.

Dia 27 – Encontro e apresentação de grupos de danças folclóricas da região. Início às 16h.

Foram 28 carros participando do desfile de divulgação do festival do Chucrute

Dançarinos representaram os 420 que participam do grupo folclórico alemão

FOTO DE WILSON MARTINI

Fonte: Jornal *A Hora*, 8/5/2012, p. 8.

Nesta caso, podemos constatar aquilo que Bhabha (2001, p. 21) afirma sobre a invenção de tradições: “O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’”. De fato, os integrantes que se divertem no desfile em carros tematizados não são herdeiros de uma identidade legítima, mas participam de um processo de reinvenção de um passado do qual não fizeram parte, e com o qual, em muitos casos, sequer possuem vinculação étnica. São atores sociais que assumem uma função na construção de uma identidade para o território onde vivem, conscientemente ou não.

A ornamentação do salão no qual ocorreram os dois bailes do 47º Festival do Chucrute também foi realizada pelos membros da *Comunidade Evangélica*, coordenados pelos casais comendadores. No ano de 2012, esta atividade iniciou já no domingo (13/05/2012) que antecedeu o primeiro baile. A etapa inicial da ornamentação consistiu na separação dos galhos de cipreste, planta doada por pessoas do município e que é considerada símbolo da festa. Os membros mais antigos da comunidade fazem questão de manter o uso desta planta na ornamentação. “Naquela época as flores eram naturais, hoje trocaram por flores de papel. Mas o resto continua igual, senão perde o valor.” (depoimento de Érica Gaussmann – ANEXO N). Em equipes, os membros da Comenda do 47º Festival do Chucrute foram realizando a

montagem das “correntes” e guirlandas que enfeitam o salão.

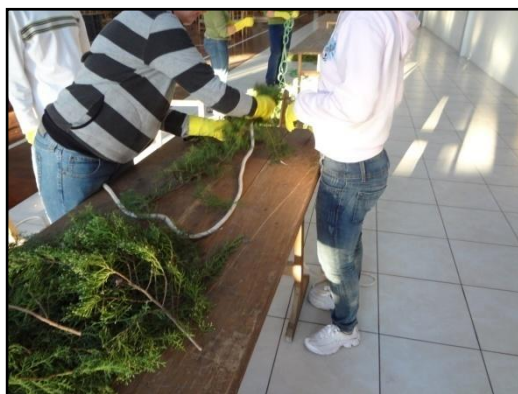
Fotografias 32 e 33 - Separação do cipreste e preparo das correntes e guirlandas para a decoração do salão do *Festival do Chucrute*.



Fonte: Fotografias do autor, 13/05/2012.

Enquanto as mulheres separavam os galhos no pátio do ginásio, os homens carregavam-nos para o interior do salão, no qual eram espalhados sobre mesas por outro grupo de mulheres. Em seguida, as integrantes mais experientes iam ensinando o modo de amarrar os galhos para as estreantes na tarefa. Estes galhos foram amarrados formando extensas cordas de cipreste. Algumas dessas cordas eram separadas para formatar as guirlandas, que mais tarde receberam flores coloridas de papel. Este material foi exposto pelo salão, com o auxílio de escadas e andaimes, trabalho reservado para os homens. Após esta ornamentação, foram penduradas flâmulas, bandeiras e repolhos nas guirlandas, lembrando o alimento principal do evento.

**Fotografias 34, 35, 36 e 37 - Divisão de tarefas na ornamentação do salão para o 47º
*Festival do Chucrute.***



Fonte: Fotografias do autor, 13 e 14/05/2012.

Este trabalho de ornamentação e preparação do salão para o *Festival* durou uma semana, se estendendo até o dia 19/05/2012, data do primeiro baile típico. Como afirmaram os participantes, todo esforço empregado foi voluntário, da mesma forma que ocorreu na primeira edição do *Baile do Chucrute*, em 1966. Esta ênfase do caráter comunitário da festividade demonstra a valorização de características identitárias que os envolvidos nesta manifestação cultural buscam evidenciar, apesar das alterações que ocorreram ao longo destes quase cinquenta anos de existência. “Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece ‘real’ – que poderia validar a identidade que reivindicamos.” (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 27).

4.3.2 Os bailes do 47º Festival do Chucrute: cultura germânica ou cultura híbrida?

A pesquisa de campo etnográfica, dentro da perspectiva dos estudos culturais, partiu principalmente do campo da sociologia, de onde “[...] veio um interesse ampliado pela etnografia, pelas subculturas. Talvez o ‘que’ enfocam os estudos culturais seja menos importante do que ‘como’ e ‘por que’ enfocam seus objetos.” (CEVASCO, 2003, p. 73). Neste sentido, o objeto desta pesquisa não é o 47º Festival do Chucrute ou os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela em si, mas sim os processos de produção de sentido e as motivações dos atores sociais envolvidos nestas manifestações culturais.

A partir desta concepção do objeto e após o acompanhamento de todas as etapas preparatórias do 47º Festival do Chucrute, partiu-se para a observação das festividades em si, de acordo com o calendário do evento exposto anteriormente. No dia 19 de maio de 2012, realizou-se o primeiro baile do Festival, no ginásio Cristo Rei. Chegando ao local, antes do horário de início do evento, pode-se verificar o cenário preparado ao longo da semana. Na porta de entrada, o casal de mascotes *Chuck* e *Ruth* aguardava as pessoas. Os casais comendadores e representantes dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela faziam a recepção e davam as boas vindas aos que chegavam. Em seguida, recolhia-se o ingresso (ilustração 12), de onde era destacada uma parte em troca de um brinde - um copo de vidro com a logomarca do evento e dos patrocinadores.

Ilustração 12 - Ingressos para o 47º Festival do Chucrute (19 e 26 de maio de 2012).



Fonte: Comenda do 47º Festival do Chucrute, maio de 2012.

O salão estava muito colorido, repleto de símbolos e ornamentos, cujo aroma de cipreste

complementava um cenário peculiar. A música inspirada na cultura germânica também se associava ao ambiente, motivando sensações no público que chegava. As impressões variam de acordo com as vivências e percepções de cada pessoa, mas o ambiente estimulava, à primeira vista, a sensação de uma “viagem imaginária” a algum lugar diferenciado da realidade – o país dos antepassados, a colônia, o interior... Grandes painéis retratavam paisagens da Alemanha, destacando casas em estilo *enxaimel*, montanhas e outros elementos da natureza. Do teto pendiam bandeiras e flâmulas simbolizando regiões da Alemanha, os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, o *Festival do Chucrute* e o município de Estrela. O cenário estava montado, cabia a cada participante do evento interagir com a sua simbologia.

Fotografias 38, 39 e 40 - Salão decorado para as festividades do 47º Festival do Chucrute.

No detalhe, painéis expostos no local.



Fonte: Fotografias do autor, 19/05/2012.

A abertura do 47º *Festival do Chucrute* iniciou com o discurso dos organizadores e as boas vindas ao público presente. A categoria oficial dos *Grupos de Danças Folclóricas*

Alemãs de Estrela deu início às apresentações através de uma “coreografia moderna”, como anunciou o instrutor Andreas Hamester. Este grupo de jovens ocupou o espaço central do salão, vestindo o uniforme dos *Grupos* (azul marinho com o símbolo da entidade). A dança foi bastante diferente das coreografias típicas que costumam apresentar, provocando surpresa no público presente. Ao invés de passos tradicionais das danças folclóricas, os jovens faziam malabarismos e movimentos sob o efeito de luzes coloridas (fotografia 41). No final da coreografia, eles tiraram lenços escondidos na roupa e abriram em direção ao público, nos quais estavam destacadas palavras como *amizade, respeito, alegria, cultura, folclore*, etc.

Fotografia 41 - Coreografia de abertura do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

O grupo de danças Mirim (fotografia 42) foi o segundo a se apresentar na noite, anunciado pelo instrutor geral, que evidenciou o fato desta categoria existir há quarenta e sete anos, desde o surgimento do *Festival do Chucrute*. Ele frisou que essas crianças são “[...] o segredo do sucesso do trabalho realizado na comunidade, pois mantém a continuidade dos *Grupos* até a terceira idade.”⁵⁶

⁵⁶ Discurso feito pelo instrutor Andreas Hamester, ao anunciar a entrada da categoria Mirim.

Fotografia 42 - Apresentação da categoria Mirim no 47º Festival do Chucrute.

Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

Em seguida, anunciou que mais de vinte municípios se faziam presentes na noite, através de grupos de excursão ou visitantes individuais. Saudou os representantes dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, bem como dos municípios gaúchos (foram citados trinta e dois). Convidou para que todos conhecessem a cerveja artesanal, cuja produção estava sendo demonstrada num local do salão, com degustação e venda de vários tipos da bebida. Esta foi a primeira edição do *Festival* que contou com esta atração, sendo que os responsáveis eram fabricantes da região do Vale do Taquari. Também havia outro estande no qual eram confeccionados canecos com a fotografia das pessoas, tirada na hora. Estas fotografias eram produzidas com o uso de acessórios da indumentária típica dos *Grupos de Danças Folclóricas* (chapéus, tiaras de flores, etc.).

Notícia de jornal 9 – Imprensa noticia primeiro Baile do 47º Festival do Chucrute.

4 GERAL O INFORMATIVO DO VALE. SÁBADO E DOMINGO, 19 E 20 DE MAIO DE 2012

FESTIVAL

Noite para comer chucrute

Primeiro baile típico ocorre hoje, às 20h. Ingressos ainda podem ser adquiridos

ESTRELA

Tudo pronto para o tão esperado baile típico do 47º Festival do Chucrute. Logo mais, às 20h, os apreciadores da gastronomia e cultura germânica irão se deliciar com os quitutes e apreciar uma boa música alemã no Centro Comunitário Cristo Rei. O evento organizado pela Comunidade Evangélica deve reunir cerca de 1,5 mil pessoas, sendo que 450 são dançarinos, e 200 trabalham nos preparativos.

O presidente da comunidade e coordenador do festival, Ermani Sehn, diz que durante a semana, voluntários ajudam na decoração do salão. Na noite de ontem, os últimos detalhes foram finalizados. “Colocamos as bandeiras do município nas mesas e ornamentamos a frente



Salão Cristo Rei está preparado para receber o público do centro comunitário.”

Gastronomia
O prato principal da noite e que dá nome ao festival, o chucrute, completa hoje 40 dias dentro de barris, misturado ao sal. “Depois disso, ele é lavado para tirar o excesso do sal e refogado na manteiga”, diz. Além do prato germânico, serão servidos salsicha bock, batata a vapor, eisbein (joelho de porco) e carré. Também serão oferecidos galeto, massas, arroz, molho de língua e saladas.

Durante toda a noite serão vendidas tortas, cucas e linguça. “A bebida está no ponto, e o pessoal da cozinha está engajado em servir um belo banquete”, argumenta Sehn. O jantar ocorre das 20h às 23h, e durante a refeição, cerca de 450 dançarinos do município farão um espetáculo de dança e encenação para o público, tudo para lembrar a cultura do país de origem de muitos estrelenses: a Alemanha.

Ingressos
Quem quiser participar do festival ainda pode adquirir o ingresso hoje, até o meio-dia, na secretaria da Comunidade Evangélica. Mais informações pelo 3712-1120. Os valores são R\$ 40, R\$ 50, R\$ 60 e R\$ 70, este último para o mezanino. “É claro que se tiver alguma caravana que queira participar, podemos vender os ingressos à tarde”, completa. Aqueles que não conseguirem participar do evento hoje têm mais uma chance no dia 26, quando ocorre o segundo baile típico, nos mesmos moldes. Para este restam poucos ingressos.

Em comemoração aos

Bruna Lovato
brunal@informativo.com.br

Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, 19 e 20/5/2012, p. 4.

Durante as apresentações, o público foi convidado a se dirigir ao *buffet*, que foi servido no espaço lateral do salão (fotografias 43 e 44). Enquanto os dançarinos se revezavam no palco central, as pessoas jantavam nas mesas que circundavam este espaço. O cardápio tinha como prato principal o chucrute - cujo preparo se iniciou no mês de abril -, juntamente com saladas, *eisbein* (joelho de porco), salsicha *bock*, batata a vapor e carré. Os itens deste cardápio, segundo os organizadores do evento, são inspirados na “culinária dos antepassados alemães”. No entanto, outros revelaram que nem todos os alimentos servidos na atualidade são típicos do *Festival*, sendo que foram incorporados ao longo do tempo.⁵⁷

⁵⁷ Depoimentos das senhoras da OASE, que trabalharam na cozinha durante o evento. Tradicionalmente, elas assumem esta função dentro do *Festival do Chucrute*.

Fotografias 43 e 44 - Buffet servido no 47º Festival do Chucrute.

Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

Após a apresentação da categoria Mirim, o instrutor geral anunciou o grupo de danças das Senhoras, denominado *Caminhando Juntos*. As integrantes fazem parte da *OASE*, e ensaiam as suas coreografias com uma instrutora própria. Na noite, elas homenagearam os vinte anos de existência desta categoria, apresentando uma dramatização na qual a Rainha Mirim do 47º Festival do Chucrute entregou um presente para a integrante mais idosa do grupo, de 86 anos de idade; o presente era uma caixa com flores, as quais foram distribuídas às demais dançarinas da categoria. Em seguida, elas apresentaram uma coreografia inspirada nas danças folclóricas alemãs.

Fotografia 45 - Apresentação da categoria das Senhoras no 47º Festival do Chucrute.

Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

As apresentações continuaram com as demais categorias, formadas por crianças, jovens e adultos (fotografia 46). Foram diversas coreografias inspiradas no folclore alemão, cujos dançarinos trocavam os trajes sem que houvesse intervalo entre cada categoria. Alguns saíam às pressas do palco para trocar os figurinos, entrando novamente logo em seguida. Entre os integrantes dos *Grupos*, percebia-se a concentração e a alegria ao encerrar cada etapa do espetáculo. Alguns comemoravam, outros se abraçavam ou auxiliavam os colegas nos detalhes dos figurinos.

Fotografia 46 - Coreografia da categoria Juvenil no 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

Após estas danças, o instrutor pediu que abrissem mais espaço no centro do salão, pois os dançarinos iriam apresentar uma dramatização, intitulada *Lenda da Floresta de Grunenwald* (fotografia 47), originária de uma região da Alemanha. Esta lenda já havia sido apresentada em outros anos, sendo que em 2012 foi feita a sua reedição para o *Festival*. Os dançarinos entraram com figurinos representando os personagens da lenda, a qual narrava uma história de princesas, reis, bruxas e outros seres míticos da Idade Média europeia. Neste momento, percebeu-se que grande parte do público dispersou-se, pois a apresentação foi feita no centro do salão, mas apenas uma ala da plateia via o espetáculo “de frente”, enquanto os demais assistiram no lado oposto. Quando retomaram as danças e a música, a interação do público parecia ser mais intensa.

**Fotografia 47 - Dramatização da *Lenda da Floresta de Grunenwald*
no 47º *Festival do Chucrute*.**



Fonte: Fotografia do autor, 19/05/2012.

Durante a realização do baile, foi possível conversar com algumas pessoas do público presente, buscando as impressões daqueles que participavam do evento e recebiam as informações transmitidas pelos realizadores do *Festival*. Uma empresa de Estrela, por exemplo, trouxe como convidados um grupo de Rio Claro (SP), sendo que um dos seus integrantes se disse impressionado com a “riqueza de detalhes e o capricho do festival”⁵⁸. Outro convidado da empresa mencionou a “valorização da cultura local” como um aspecto relevante por ele observado. Ele afirmou que já conhecia Estrela, mas era a primeira vez que participava do *Festival do Chucrute*. Uma visitante do Mato Grosso do Sul destacou a beleza da festa típica, a sua decoração e os elementos “germânicos” presentes no salão.

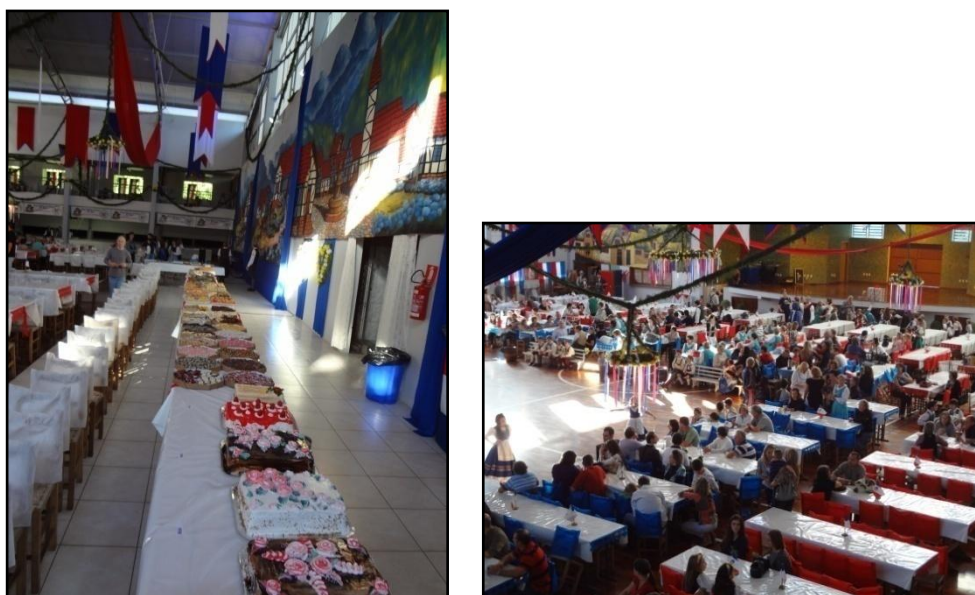
As últimas danças foram apresentadas pela categoria de casais (coroas) e pelos membros da comenda do 47º *Festival do Chucrute*. Os casais comendadores dançaram simbolizando o convite para que todo o público participasse da festa. Neste momento, todos os integrantes voltaram ao palco e dançaram, de forma entusiasmada, a música *Viva a Colônia*, fazendo um agradecimento e encerrando o espetáculo dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* naquela noite. Após a finalização das danças, portanto, teve início o baile, quando o público pode ocupar o centro do salão para dançar ao som de uma banda musical. Inicialmente foram tocadas músicas tradicionais das festas germânicas (bandinhas). Em seguida, outros estilos musicais deram continuidade ao baile, que se estendeu até a madrugada.

No dia 20 de maio de 2012, à tarde, foi realizado o tradicional café colonial do *Festival*

⁵⁸Estes depoimentos não foram gravados. Apenas registraram-se as falas em um bloco de anotações, porém não foi solicitado que as pessoas informassem nomes; somente era solicitado que indicassem o local de onde vinham.

do *Chucrute*, quando o público foi novamente recepcionado no salão Cristo Rei, no mesmo cenário montado para os bailes (fotografias 48 e 49). Neste dia, a entrada para assistir às danças dos *Grupos* foi um quilo de alimento não perecível, doado a entidades do município. O café colonial foi cobrado de acordo com o peso do prato, sendo servido enquanto os dançarinos repetiam algumas das coreografias apresentadas na noite anterior. Foram servidos doces e salgados variados, acompanhados de chá, café e refrigerantes. Neste dia, as crianças participaram mais intensamente da festa, sendo que muitas famílias vieram prestigiar o evento.

Fotografias 48 e 49 - Café colonial do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografias do autor, 20/05/2012.

Ao longo das suas quarenta e sete edições, o *Festival do Chucrute* foi incorporando novas atrações ao seu calendário. Se no início era composto apenas de um baile típico, hoje se estende ao longo de toda uma semana, entre os sábados que antecedem e sucedem o aniversário de emancipação do município de Estrela (20 de maio). Assim, na segunda-feira, dia 21 de maio de 2012, foi realizada a 6ª *Festa das APAES*⁵⁹. De acordo com a diretora da *APAE* de Estrela, Cristiane Loposzinski, este evento surgiu em 2007, quando “[...] os alunos ouviam o som vindo do ginásio, quando ocorria o *Baile dos Idosos* [evento que integra o *Festival do Chucrute*, realizado durante a semana]. Naquele ano, a *APAE* de Estrela falou com

⁵⁹ Neste dia, se fizeram presentes representantes do 8º *Conselho das APAES* - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - do Rio Grande do Sul, composto pelos municípios de Estrela, Lajeado, Teutônia, Bom Retiro do Sul, Taquari, Encantado e Arvorezinha. Além das APAES, a Creche Colmeia, mantida pela *IECLB* de Estrela, também participou desta festa.

os organizadores obre a curiosidade dos alunos. Então, o casal Ernani e Aneli Sehn nos ligou e convidou para uma festa especial somente para as *APAES* da região”. Assim, em 2012 ocorreu a sexta edição deste evento, que agora integra o calendário oficial do *Festival do Chucrute*. O evento, incorporando mais segmentos da sociedade, amplia também o seu significado e a sua atuação no território ao qual pertence.

A *6ª Festa das APAES* (fotografia 50) teve início com a apresentação de algumas danças da categoria Juvenil dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*. Em seguida, foi oferecido um lanche para os alunos, preparado pelas colaboradoras da *OASE*. Os alunos foram convidados para dançar ao som de música típica, sendo que alguns não quiseram participar. Outros se dirigiram ao centro do salão com as suas professoras e se divertiram, dançando e brincando de forma extrovertida. A imprensa também se fez presente, registrando depoimentos de alguns visitantes, o que foi publicado no dia seguinte sob o título *Baile germânico para quem é especial*. Nesta reportagem, consta que uma aluna da *APAE* de Estrela disse: “Gosto do Michel Teló, mas vou dar uma chance para a música alemã”. O autor do texto destacou que “[...] cerca de 130 frequentadores das associações [...] participaram do encontro, que tem como objetivo disseminar a cultura germânica e servir de espaço para a ressocialização dos alunos.” (Jornal *O Informativo do Vale*, 22/05/2012, p. 15).

Fotografia 50 - 6ª Festa das APAES, no 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografia do autor, 21/05/2012.

Também constando no calendário oficial do *Festival do Chucrute* está a *Festa do Idoso*, que em 2012 chegou à sua 19ª edição, no dia 23 de maio. Nesta ocasião, grupos de danças da terceira idade, oriundos de diversas regiões do estado, se reuniram no local do festival para confraternizar. Os convidados chegaram durante a manhã - a maioria vestindo trajes típicos.

Foram recepcionados pelos bonecos *Chuck e Ruth*, ao som de uma banda que tocava músicas típicas do baile na porta de entrada do ginásio. Conforme o representante da Comenda do 47º *Festival do Chucrute*, estiveram presentes vinte grupos de terceira idade neste dia. A maioria era composta de mulheres de origem germânica, o que podia ser percebido nas conversas que eram feitas em língua alemã.

A 19ª *Festa do Idoso* iniciou com um culto ecumênico, coordenado pela pastora Ângela Ulrich, da *IECLB* de Estrela. Ela saudou a todos e usou a cuia de chimarrão para falar sobre cultura e identidade: “[...] o *Grupo Caminhando Juntos* vai entregar para cada um de vocês uma cuia de chimarrão, que é símbolo de uma cultura. E o que nos traz aqui hoje? A cultura alemã. Quem de vocês dança músicas alemãs? Quem dança bandinha? Nós dançamos músicas alemãs, mas não deixamos isto, a cuia, o que nos identifica com a cultura riograndense, que é o chimarrão.” (ANEXO I). Esta fala evidencia a valorização de duas identidades, a alemã e a gaúcha, apesar das múltiplas identidades presentes no evento. A partir deste discurso, é possível verificar de que forma se dá a seleção de determinadas culturas em contraposição a outras, a partir de uma visão essencialista.

Após o culto, os idosos realizaram apresentações de danças folclóricas, sendo que cada grupo presente estava identificado com uma bandeira ou flâmula. Estas destacavam o nome dos grupos e o local de origem. Cada grupo ocupou um espaço determinado no salão, e enquanto ocorriam as danças, foi servido o café da manhã. No cardápio, haviaucas, café, chá, doces e salgados. Alguns convidados iam até uma mesa para se servir, enquanto idosos mais debilitados foram auxiliados por enfermeiros, voluntários e familiares presentes. Ao meio dia foi servido o almoço, sendo que à tarde a festividade seguiu com um baile, animado por músicas típicas germânicas. Segundo destacou a pastora Ângela Ulrich, o trabalho realizado pela *IECLB* junto aos grupos de terceira idade é bastante significativo, o qual integra inúmeros segmentos da comunidade. Para ela, esta reunião dos grupos na *Festa do Idoso* é uma forma de “[...] integrá-los através de uma festividade, promovendo reencontros e dando sentido à vida deles.”⁶⁰

⁶⁰ Depoimento realizado na ocasião da 19ª *Festa do Idoso* (22/05/2012).

Fotografias 51 e 52 - 19ª Festa do Idoso, na programação do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografias do autor, 23/05/2012.

O segundo baile do 47º *Festival do Chucrute* ocorreu no dia 26 de maio de 2012, no mesmo local. A abertura foi feita pelo presidente da *IECLB* e comendador do evento, Ernani Sehn, que destacou: “Além da boa música, ocorrerá a troca da Comenda, bem como a coroação das rainhas adulta e mirim, que serão responsáveis pela divulgação do 48º *Festival do Chucrute*, em 2013.” (ANEXO K). Em seguida, o pastor da *IECLB* de Estrela, Gilcinei Tetzner, frisou que o *Festival do Chucrute*

[...] é uma festa muito alegre, uma festa típica, e queremos que todos se sintam muito bem e que a paz do Nosso Senhor esteja com todos vocês. Saudamos com muita alegria nos nossos *hermanos* argentinos para juntos fazermos um grande *Festival do Chucrute*, sejam todos *benvenidos* e tenhamos uma noite iluminada [em seguida, o pastor deu as boas vindas em alemão e espanhol]. (ANEXO M).

O funcionamento foi semelhante ao do primeiro baile, sendo que as apresentações dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* foram realizadas na mesma sequência. O instrutor destacou, no discurso de abertura, a presença do jornalista Alexandre Garcia, que viveu em Estrela e veio prestigiar o *Festival*. Lembrou que quatrocentos e doze dançarinos iriam se apresentar na noite, como no baile anterior. Em seguida, foram apresentadas as danças de todas as categorias. No final, a categoria dos Casais apresentou uma representação dos bailes de *Kerb*, lembrando, conforme o instrutor de danças destacou, “[...] a origem dos costumes dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, no Vale do Taquari e em Estrela”⁶¹. Os casais entraram em cena vestindo roupas e utilizando acessórios alusivos à vida nas colônias alemãs (trajes de agricultores, que é a representação típica do colono alemão), dramatizando de forma cômica a chegada dos parentes para a festa, a organização da residência, o culto

⁶¹ Citado no momento em que anunciou a apresentação.

religioso, as refeições, as danças e, finalmente, a despedida dos convidados (fotografia 53).

Fotografia 53 - Categoria de Casais dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* representam um baile de *Kerb*, no segundo baile do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Fotografia do autor, 26/05/2012.

No entanto, o público presente foi significativamente maior, ocupando todas as mesas disponíveis (fotografias 54 e 55). Nesta noite também se fizeram presentes três grupos de danças folclóricas alemãs vindos da Argentina, convidados pelo instrutor Andreas Hamester (o qual coordena intercâmbios entre os grupos estrelenses e argentinos). Outro aspecto que se destacou neste segundo baile foi o grande número de famílias que vieram trajadas com roupas típicas, semelhantes àsquelas usadas pelos *Grupos de Danças Folclóricas*.⁶²

⁶² Consta nos documentos e depoimentos de pessoas ligadas à história do evento que era costume, nos primeiros bailes, as pessoas irem ao *Baile do Chucrute* trajadas com estas vestimentas. No cartaz de 1966, por exemplo, sugere-se: “Traje: Passeio ou Típico - (Bávaro ou Tirolês).” (Fonte: Cartaz do 1º *Baile do Chucrute* (1966), Acervo da IECLB, 2012).

Fotografias 54 e 55 - Segundo baile do 47º *Festival do Chucrute*.



Fonte: Fotografia do autor, 26/05/2012.

Durante a noite, várias pessoas paravam para serem fotografadas com as rainhas do 47º *Festival do Chucrute*, as dançarinas Tamie Hatori⁶³ e Dandara Gross. Diversos grupos de pessoas, de diferentes locais e diferentes contextos culturais estavam presentes neste baile. Ao se observar o lugar, foi possível perceber uma multiplicidade de diálogos ocorrendo naquele espaço, a partir das vivências de cada ator social que integrava o cenário da festa. E cada ator, pertencendo a outros contextos nos quais atuam em outros momentos, trazia consigo elementos que deram complexidade ao artefato cultural observado a partir da etnografia.

⁶³ A rainha adulta do 47º *Festival do Chucrute*, Tamie Hatori, é descendente direta de japoneses, o que revela a multiplicidade étnica e cultural presente nos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e no próprio evento. A escolha das Rainhas do próximo ano é feita através de votação secreta, durante os ensaios dos *Grupos*, cujo resultado é revelado na noite do segundo baile do festival.

Notícia de jornal 10 - Imprensa divulga o encerramento do 47º Festival do Chucrute.



Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, 28/05/2012, p. 7.

Neste momento, percebeu-se a dificuldade de captar todos os sinais que os atores transmitiam, todas as suas mensagens verbais e corporais. Os depoimentos, os discursos, as vestimentas, o cenário, a música, o aroma... nem mesmo todos esses ingredientes reunidos são suficientes para compreender a totalidade do significado do objeto pesquisado. Após a realização do trabalho de campo e a organização dos dados, chegou-se à fase mais complexa da etnografia: ou seja, analisar o que todos estes elementos representam. Que respostas nos oferecem? Muitas vezes, novas perguntas. A festa criada para valorizar e divulgar a cultura alemã no território do Vale do Taquari se transformou numa festa de culturas que se encontram e se comunicam, passando a representar um espaço no qual o hibridismo cultural se torna cada vez mais evidente, apesar dos discursos e das representações buscarem essencializar este evento como uma manifestação cultural *germânica*.

4.3.3 Repercussões e resultados do 47º Festival do Chucrute

Durante o mês de maio de 2012, Estrela recebeu inúmeros visitantes de diferentes municípios e estados do Brasil, bem como representantes da Alemanha e da Argentina (notícia jornalística 12). O *site* da prefeitura municipal destacou, naquele período:

Neste sábado Estrela vai receber 96 argentinos que integram o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs daquele país, para uma apresentação no café colonial do Festival do Chucrute. Os dançarinos argentinos vão ficar hospedados nas casas de dançarinos

do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela, configurando assim o intercâmbio cultural firmado naquele país, em novembro [2011], quando o instrutor estrelense Andreas Hamester ministrou aulas para 20 grupos de cinco províncias diferentes. Ele explica que interessados em assistir a apresentação, sábado, às 16hs, irão se impressionar com a performance, que inclui sapateado e tirol. A entrada é gratuita, apenas o café colonial possui custo. Na mesma tarde um grupo de Massaranduba, Santa Catarina, fará participação. (Fonte: <www.estrela-rs.com.br.> Acesso em: 7 jan. 2013).

A realização do *47º Festival do Chucrute*, portanto, trouxe para Estrela e para a região do Vale do Taquari um público de diferentes localidades, os quais interagiram, durante uma ou mais semanas, com aquilo que o município e a região ofereceram, representando as suas peculiaridades; ou seja, aquilo que os atores locais planejaram que fosse exibido aos atores externos. Por isso, pode-se avaliar que as festas típicas são momentos privilegiados para a comunicação do discurso identitário que se constrói, ao longo do tempo, no e sobre o território.

Notícia de jornal 11 - Divulgação da participação dos argentinos no *47º Festival do Chucrute*.



Fonte: Jornal *O Informativo do Vale*, 26 e 27/05/2012, p. 21.

O público que participou do *47º Festival do Chucrute*, pertencente ou não ao território onde ele ocorreu, trouxe consigo elementos que interferiram na sua percepção acerca das

manifestações culturais representadas durante a sua realização. Da mesma forma ocorre quando os dançarinos estrelenses levam estas manifestações para outros territórios. Assim:

Na medida em que as culturas possam se expressar em diferentes territórios, a partir da comunicação e da mobilidade, é possível falar na reterritorialização de manifestações e símbolos culturais. Isso nos leva a pensar em termos de uma localidade como um espaço aonde elementos culturais vindos de fora também compõem as identidades locais em constante definição. Desse modo, ocorre uma apropriação de valores e bens impostos por outros universos culturais que são transformados a partir de interesses próprios passando a integrar os modos de vida e os universos culturais dos “povos do lugar” e sendo devolvido, de uma maneira particular, aos “de fora”[...]. (CARNEIRO, 2008, p. 72).

Como afirma Hall (2006), foram superadas as concepções essencialistas, fixas ou permanentes acerca da identidade; ela é construída historicamente e não determinada biologicamente. A partir desta ideia, é possível compreender que as representações acerca da identidade cultural associada à *germanidade* não são algo da essência do território do Vale do Taquari, como também não pode ser vista como algo fixo e permanente. Este processo de construção se dá através da atuação de atores sociais, os quais investem na elaboração, manutenção e fortalecimento de representações que sustentem tal projeto. Neste cenário é que atuam os organizadores e mantenedores do *Festival do Chucrute*, o qual integra, na atualidade, um conjunto amplo de estratégias para diferenciar o território e projetá-lo de forma positiva no contexto da globalização. Assim:

O deslocamento de determinados instrumentos e utensílios, assim como o festejo de tradições resgatadas (valorização de certas práticas e elementos culturais do passado) são mecanismos acionados na elaboração dessas novas identidades, cabendo investigar o papel dos diferentes atores sociais (turistas, neo-rurais, agricultores, agentes de organismos oficiais) nesse processo. (CARNEIRO, 2008, p. 73).

Considerando esta contextualização, buscou-se perceber quais foram os resultados e a repercussão do 47º *Festival do Chucrute*. Após o encerramento das festividades, foram realizadas visitas e entrevistas com os organizadores do evento, bem como consultas aos dados disponibilizados pela secretaria da *IECLB* de Estrela. A partir destes dados, pode-se levantar dados quantitativos e qualitativos sobre os resultados desta edição do festival. De acordo com informações da secretaria da *IECLB* de Estrela, foram estes os resultados numéricos do evento em 2012⁶⁴:

⁶⁴ Estes dados incluem apenas os números informados acerca dos bailes, pela secretária da *IECLB* de Estrela, sendo que não incluem os valores do *Café Colonial*, da *19ª Baile do Idoso* e da *6ª Festa das APAES*, que não revertem, segundo ela, em lucros significativos para a *Comunidade Evangélica*. O lucro total, segundo a

Tabela 2 - Resultados do 47º Festival do Chucrute em números.

Bailes do 47º Festival do Chuçrute	Jantas servidas	Público presente*	Total em R\$
1º Baile (19/05/2012)	1135	2400	-
2º Baile (26/05/2012)	1447	2500	-
Total:	2582	4900	84.912,78

*Número aproximado.

Fonte: Secretaria da IECLB de Estrela. Elaboração gráfica do autor, 2012.

Analisando a tabela 2, não é possível afirmar se o evento representa uma fonte de lucros significativos para a *Comunidade Evangélica de Estrela*. Mesmo que o resultado seja economicamente positivo à entidade, pode-se afirmar que o objetivo maior de todo o trabalho realizado em função do festival não reside neste fator. Neste sentido, a motivação cultural se faz mais presente que a econômica, ainda que ambas as dimensões não possam ser dissociadas. O significado do *47º Festival do Chuçrute* vai muito além de números e de cálculos. Sua participação no território, pelo que se observou ao longo deste ano, não pode ser medida, apenas observada, analisada e, talvez, captada a partir de metodologias como a etnografia.

A imprensa também divulgou números e resultados do *47º Festival do Chuçrute*: “Entre a realização dos dois principais bailes do festival foram consumidos em torno de 400 quilos de chuçrute [...]. Muita cerveja também foi degustada, inclusive com a novidade deste ano: cerveja artesanal.” (Fonte: *O Informativo do Vale*, 28/05/2012, p. 7). Os jornais anunciaram, também, os novos integrantes da comenda e as novas rainhas do festival pra o próximo ano, bem como fizeram uma avaliação do evento: “O *Festival do Chuçrute* não pode ser considerado um evento local. No fim de semana, um grupo de 96 argentinos, pertencentes a três grupos de danças folclóricas, prestigiou o baile [...]. Além de provar o chuçrute gaúcho, os argentinos conheceram pontos turísticos do Vale por meio do roteiro *Delícias da Colônia*.” (Idem).

Assim, estas produções culturais atuam na construção de uma identidade territorial, reafirmando um discurso que, mesmo em movimento, estabelece verdades e cristaliza as representações acerca do Vale do Taquari no contexto global. Quando se projeta o desenvolvimento regional a partir da perspectiva territorial, é fundamental que esta de produção cultural e suas respectivas identidades sejam percebidos não como a *essência* do

secretária, restante após a quitação das despesas pendentes – lembrando que há patrocínio e outras fontes de arrecadação de recursos prévias ao evento -, é revertido totalmente às ações da IECLB. (Informações obtidas em janeiro de 2013).

território, mas como um processo de lutas, negociações e escolhas que visam marcar a diferença no contexto da globalização.

5 CONCLUSÃO

A velocidade com que as trocas culturais transitam pelo mundo globalizado tende a criar a sensação de enfraquecimento das identidades locais e regionais. No entanto, estas mudanças não ocorrem de forma tão simplificada, sendo que a realidade apresenta uma complexidade de relações subestimadas por aqueles que crêem na homogeneização das diferentes culturas do globo. Assim, as transformações globais “[...] do mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade [...]. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza.” (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 24-25).

Os estudos culturais surgem como uma estratégia teórica e metodológica para acompanhar os processos que constituem este cenário de mudanças, instrumentalizando a pesquisa que busca compreender a cultura numa perspectiva mais ampla. Estes estudos surgiram com a tarefa de “[...] juntar sua teorização à de outros pensadores influentes do marxismo cultural e refinar os modos de pensar a determinação da cultura pela base econômica.” (CEVASCO, 2003, p. 66). A partir de um grupo de estudiosos que criou as bases deste campo intelectual, foram se desenvolvendo novas abordagens e redirecionamentos ao longo da segunda metade do século XX. Hoje, num contexto que recebe denominações variadas – modernidade tardia, pós-modernidade, mundialização, globalização -, os estudos culturais são bem vindos quando se pretende empreender investigações que contemplem as relações entre a cultura e as demais esferas da sociedade.

Um dos temas centrais das discussões contemporâneas constitui-se dos processos de desenvolvimento dos territórios frente às mudanças globais. Após a Segunda Guerra Mundial, a concepção de desenvolvimento transcendeu as interpretações que o associavam estritamente ao crescimento econômico, passando a contemplar também outras dimensões da realidade. Quando o *político*, o *social* e o *cultural* foram integrados aos estudos e projetos destinados a pensar e estimular o desenvolvimento, a dimensão territorial surgiu como uma nova perspectiva de análise e compreensão da dinâmica espacial. Neste sentido, os atores locais e regionais são visualizados como os principais elementos dos diferentes cenários que compõem o espaço global.

O desenvolvimento regional, dentro da perspectiva territorial, tem como fator indissociável a questão da cultura e, conseqüentemente, da identidade cultural. “(...) Fica difícil intervir na sociedade a partir de uma concepção da cultura como separada da

organização social, um campo apartado de onde efetivamente se desenrola a vida social. Esta é uma das percepções fundantes dos estudos culturais.” (CEVASCO, 2003, p. 48). Cultura e desenvolvimento, vistos como dinâmicas integradas, representam objetos privilegiados deste campo teórico, na medida em que seus referenciais viabilizam a observação, a análise e a compreensão dos chamados produtos culturais.

Esta dissertação apresentou uma descrição analítica a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico, cujos objetos foram duas manifestações culturais que atuam no território denominado Vale do Taquari – RS – Brasil. Os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute*, criados no município de Estrela na década de 60, representam importantes representações de um determinado projeto identitário construído pelos atores locais e regionais. Do final do ano de 2011 ao início de 2013, realizou-se a referida pesquisa, empregando técnicas e instrumentos correspondentes à etnografia. Buscando conciliar teoria e prática em todos os momentos do trabalho desenvolvido, foram realizadas diversas idas a campo e leituras teóricas acerca da temática cultura e desenvolvimento.

Durante este período de pesquisa, foi possível conviver com os atores do território, cujas ações desencadeiam um processo de construção de identidade cultural a partir de uma determinada comunidade – a *IECLB* -, mas que acaba se tornando referência cultural no município de Estrela e no Vale do Taquari. Este processo ocorre em função de um projeto mais amplo, identificado na maioria dos municípios de colonização germânica e italiana da região, segundo o qual as representações inspiradas na imigração e no passado colonial são evidenciadas através de inúmeras estratégias das instituições públicas, privadas e comunitárias pertencentes ao território. São estes atores sociais que buscam marcar a diferença do lugar frente às incertezas da globalização.

Conforme ressalta Seyferth (2000, p. 147), “(...) o relativo isolamento [dos imigrantes] (...), bem como a formação de instituições comunitárias específicas (...), deram posterior respaldo à formulação das identidades étnicas.” Da mesma forma, quando os municípios colonizados por alemães ou italianos buscam legitimar a sua identidade cultural, são estas instituições comunitárias que exercem importante função na construção discursiva e na elaboração das representações desta identidade. A escola, a igreja, as festas, os grupos de danças, os corais, dentre outras instituições criadas e mantidas pelos imigrantes e seus descendentes, são materializações deste imaginário acerca do passado, cuja função é a de garantir a sustentação deste discurso. No Vale do Taquari, a manutenção destas tradições se desenvolve através de inúmeras manifestações materiais e imateriais, dando vida a um

patrimônio histórico e cultural que identifica a região como potencial cenário turístico, atraindo visitantes e investimentos nos mais diversos setores. Economia e cultura, assim, atuam de forma conjunta no desenvolvimento regional, mesmo que ambas permaneçam como esferas distintas da realidade.

Na atualidade, mais do que em qualquer outro momento da história, devem ser destacadas “[...] as diversidades regionais ou locais. Mesmo que estejam em constante processo de transformação, são pertinentes, pois é nesse terreno movediço das construções históricas das sociedades que se identificam orientações plausíveis para o desenvolvimento regional.” (BELINAZO; JACOMELLI, 2006, p. 11). Na perspectiva territorial do desenvolvimento, a diversidade e a diferença se transformam em elementos indispensáveis para que a cultura global possa prosperar. Pensar o desenvolvimento é reconhecer e valorizar estas especificidades dos diferentes territórios.

Ao serem analisadas as manifestações culturais do Vale do Taquari, identificou-se um jogo de forças dentro do próprio território. Os atores locais e regionais, ao edificarem uma determinada identidade cultural predominante, acabam por excluir outras representações, mesmo que discursivamente estas permaneçam integradas à cultura regional. Assim, diante das tensões e lutas pela hegemonia cultural no território, os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute* vêm divulgando uma identidade principal, que serve de inspiração para as suas manifestações – a identidade germânica ou teuto-brasileira. No entanto, ao longo da sua existência, este caráter passou por desconstruções, reelaborações e adaptações às diferentes épocas e lugares.

Alguns atores lutam para manter vivas estas referências, principalmente os coordenadores, os participantes mais antigos e os idealizadores dos *Grupos* e do *Festival*; aqueles cuja memória ainda está direta ou parcialmente ligada aos antepassados. Mas, para muitos, a alegria, a amizade, a festa, ou até mesmo os interesses econômicos estão acima da preocupação em preservar *o passado e a cultura germânica*. São múltiplos saberes e vivências que se integram a estas manifestações culturais, tornando-as cenários em que não apenas uma identidade se faz visível, apesar da hegemonia de um determinado grupo que as realiza. Sendo assim, são manifestações *híbridas*. Apesar das danças, da música, dos trajes, da gastronomia e dos demais elementos estarem associados a uma determinada identidade cultural, o hibridismo se manifesta em todos os momentos de atuação dos dançarinos e do desenvolvimento da festividade.

A partir do trabalho de campo realizado junto aos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e durante a preparação e realização do *47º Festival do Chucrute*, pode-se

acompanhar situações em que a identidade destas manifestações era evidenciada ou relativizada, dependendo dos atores e cenários envolvidos. As duas instituições, que surgiram independentes mas hoje se unem nas suas ações, já nasceram híbridas. Na perspectiva dos estudos culturais, nenhuma identidade é natural ou homogênea. Por isso, quando estas manifestações culturais surgiram, na segunda metade do século XX, ambas já mesclavam duas identidades que deram origem à chamada cultura teuto-brasileira. Além desta dupla identificação, os atores locais e regionais incorporavam nesta identidade mista as diferenças religiosas, sociais, de gênero, etc. No decorrer destes quase cinquenta anos de existência ininterrupta, os *Grupos* e o *Festival* foram recebendo respostas do público que participou, no palco ou na plateia, das suas representações. Esta retroalimentação oferecida pelos consumidores da cultura faz com que o artefato cultural se modifique, criando uma dinâmica na qual a identidade é constantemente redimensionada.

Apesar dessas transformações, as manifestações culturais do Vale do Taquari inspiradas na identidade germânica atuaram e permanecem produzindo representações acerca do território. No momento em que estas produções interagem com os atores locais, regionais ou de outros territórios, a diferenciação se manifesta através da linguagem e dos símbolos evidenciados como essência do lugar que representam. Frente ao movimento de *desterritorialização*, eis que surgem os atores do território para marcar a sua diferenciação, o seu pertencimento a uma região que, apesar do hibridismo, evidencia uma identidade hegemonicamente construída ao longo de tempo. Por isso, quando se pensa o desenvolvimento regional, é preciso identificar e compreender estes processos de construção da identidade territorial, reconhecendo-a não como uma essência inata e cristalizada do lugar, mas como uma materialização das intenções daqueles que são os principais agentes deste desenvolvimento: os próprios atores do território.

Pensar além da compreensão da identidade territorial como um processo de construção social e histórico é o desafio que emerge desta discussão teórico-empírica. Como esta identidade forjada pelos atores locais e regionais pode ser interpretada e empregada na elaboração das estratégias para o desenvolvimento regional? Talvez nesta nova questão resida uma das principais tarefas dos agentes sociais responsáveis por organizar e gerenciar os projetos de desenvolvimento. Iniciativas públicas, privadas ou comunitárias necessitam lançar este olhar sobre a dimensão cultural do desenvolvimento, para que não se perca de vista aquilo que o território afirma como as suas características, mas também não se limite a somente compreender estas manifestações. Lembrando que a cultura e a economia não funcionam de forma segmentada, é necessário levar em conta os valores, as crenças e os

projetos de identidade que as pessoas do lugar manifestam. Ao mesmo tempo, é indispensável identificar os conflitos e exclusões que estas manifestações trazem consigo, para que não seja projetado um desenvolvimento parcial, ou seja, voltado somente para os atores hegemônicos.

Perpetuar discursos que negam determinadas identidades em contraposição a outras significa um obstáculo para o desenvolvimento regional. Se o território são as pessoas e o lugar onde elas atuam, não há viabilidade sustentável em estratégias de desenvolvimento cujo princípio não seja a valorização e a inclusão dos diversos atores locais e regionais, situados no respectivo cenário. Valorizar as múltiplas identidades e as potencialidades do território exige a não homogeneização das manifestações culturais. Associar o território a uma única identidade é uma estratégia que, mesmo funcionando como atrativo econômico para a região, não corresponde ao desenvolvimento territorial de fato, no qual todos se sintam atores, e não figurantes dos processos sociais.

Esta perspectiva do desenvolvimento desafia os atores sociais a repensarem as suas estratégias políticas e econômicas, incluindo a cultura e a historicidade dos lugares no planejamento territorial. No Vale do Taquari, apesar da hegemonia assumida pela identidade germânica e italiana nas representações do território, é fundamental que se elaborem políticas de reconhecimento da diversidade que compõe os trinta e seis municípios da região. As culturas indígena, afrodescendente, polonesa, portuguesa, açoriana, dentre outras que se integraram ao território historicamente, também não possuem caráter essencial ou natural; assim como a identidade italiana e germânica, elas são construídas a partir de representações do passado e de referenciais étnicos, religiosos, sociais, etc. No entanto, atualmente não há uma visibilidade significativa destas manifestações culturais diversas, em função de um investimento na identidade hegemônica. Além destas identidades inspiradas na etnicidade, existem ainda as outras identificações que integram este *mosaico cultural* da região, associadas ao gênero, aos grupos e aos movimentos sociais, às filiações políticas e partidárias, às filosofias de vida, etc.

Os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute*, numa perspectiva multicultural, não perdem a sua importância e significado no processo de construção da identidade territorial do Vale do Taquari. Apenas deixam de ocupar um espaço hegemônico e singularizado para admitir que Estrela e a região não se resumem a uma única representação identitária. No contexto da globalização e das tentativas de homogeneização cultural, valorizar as identidades locais e regionais permanece como uma estratégia viável e sustentável, desde que não seja pretexto para uma nova forma de padronização imposta aos territórios. Enquanto descendentes de outras etnias e grupos sociais permanecerem

invisibilizados pelas iniciativas públicas, privadas e comunitárias, a cultura e as demais instâncias da realidade permanecerão sendo compreendidas como esferas dissociadas. Os estudos culturais, ao mostrarem que a “cultura é ordinária” (WILLIAMS, 1993), que permeia e media todas as relações, contribuem para o redirecionamento desta interpretação, levando à inserção das múltiplas expressões culturais do território no planejamento das estratégias de desenvolvimento.

A perspectiva territorial do desenvolvimento, portanto, não pressupõe a *assimilação cultural* daqueles que não se identificam com as representações predominantes, mas o reconhecimento e a valorização desta diversidade. Os depoimentos constantes nesta dissertação, obtidos a partir da etnografia, revelam a tentativa de naturalizar a identidade germânica no Vale do Taquari, atribuindo-lhe uma posição de destaque no cenário regional. O trabalho de campo realizado a partir destas manifestações culturais possibilitou uma análise teórico-empírica acerca deste processo de construção identitária. A partir das vivências dos próprios atores regionais, percebeu-se de que forma as representações viabilizam a materialização de um discurso. Esta dinâmica não ocorre isenta de conflitos, dúvidas, indefinições e contradições. Constatou-se que identidades antes consideradas fixas e permanentes, hoje se revelam instáveis diante da aceleração dos fluxos de informação, das trocas culturais e das incertezas trazidas pela globalização.

“As nações e as etnias continuam existindo. Estão deixando de ser para as maiorias as principais produtoras de coesão social. Mas o problema não parece ser o risco de que a globalização as arrase, mas entender como as identidades étnicas, regionais e nacionais, se reconstroem em processos de hibridização intercultural.” (CANCLINI, 1999, p. 172). Este processo de mistura cultural, acelerado no final do século XX, trouxe consigo o desafio de repensar as identidades. Apesar de aparentemente manterem as tradições e os costumes do passado, cujas representações sustentam a coesão dos grupos sociais, é impossível compreender estas manifestações como culturas legítimas dos lugares. As vestimentas, a gastronomia, as danças, as músicas e a decoração que compõem o cenário das festas típicas do Vale do Taquari são exemplos destas expressões que buscam manter práticas legitimadoras de uma identidade. No entanto, ao observar-se o cotidiano destes atores sociais, detalhes da produção cultural revelam as mudanças que se incorporaram ao longo do tempo. As tradições e o folclore não são abandonados, mas estes se transformam e hibridizam na medida em que interagem com públicos e cenários diversos, cujas trocas culturais acrescentam, excluem e modificam elementos que os constituem.

O dilema que emerge neste contexto de hibridização reside numa questão que, a partir da etnografia, evidenciou-se nos depoimentos e nas ações dos atores envolvidos na produção cultural dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e do *Festival do Chucrute*: como manter estas tradições, a partir da comunidade em que surgiram (*IECLB*), frente às transformações da sociedade global, sem que se percam os referenciais identitários que dão sentido a estas manifestações culturais? Talvez não possa se responder a este questionamento a partir desta dissertação, mas acredita-se que, a partir de reflexões como esta, resultantes de pesquisas que contemplem a dimensão cultural da realidade, utilizando metodologias pertinentes como a etnografia, é possível oferecer subsídios teóricos que estimulem a elaboração de um planejamento territorial sustentável, cujas dimensões analítica e prática transcendam a concepção do desenvolvimento apenas como crescimento econômico. Desenvolver, na perspectiva da cultura e do território, representa identificar, compreender e estimular as múltiplas expressões dos atores sociais, cuja atuação se dá no universo material, mediada pela dimensão cultural.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Lucildo. *Diversidade étnica das imigrações europeias* (2001). Disponível em: www.valedotaquari.org.br. Acesso em: 13 jan. 2013.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, 80: 71-96, 2010.
- AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa “à brasileira”. *TAE – Trabalhos de Antropologia e Etnologia* - Revista inter e intradisciplinar de Ciências Sociais. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. V. 40, n. 1-2 - 2000 b.
- ARRUDA, Gilmar. História, historiadores, regiões e fronteiras. *História - Debates e Tendências*. Revista do PPG em História da UPF. “Fronteiras”. V. 3, n.2 - dezembro/ 2002.
- AZEVEDO, Thales. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A nação, IEL, 1975.
- BALLER, Gisele Inês. *Espaços de memória e construção de identidades: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS*. Porto Alegre, UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em História).
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BELINAZO, D. P.; JACOMELLI, J. Diversidade e hibridismo culturais: bases do desenvolvimento regional. *Revista FAE*, Curitiba, v.9, n.2, p.1-12, jul./dez. 2006.
- BERGESCH, Herbert. *A Virada do Milênio: história e memória*. Vol. 1 e 2. Colinas, 2003.
- BERNARDES, Nilo. *Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Doc On-line*, n.3, p. 137-157, dez. 2007.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- _____. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANTON, Osmar Fadanni. *Raízes e Evolução*. Porto Alegre: Imprensa Livre Editora, 2003.
- CARNEIRO, Maria José. Sobre “lugar”, “território” e “globalização”. *Revista Desenvolvimento Social*, Montes Claros, n. 2, p. 69-75, dez. 2008.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.11, p. 173-188, 1991.

COLLISCHONN, W. H.; RICHTER, G. H. *Arquitetura em Enxaimel* (Fachwerk): Lajeado, Forquetinha e Canudos do Vale. Lajeado, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região: a tradição geográfica. In: CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajétoérias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Identidade étnica em meio urbano. *ÁGORA*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2, jul./dez. 2001.

CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in América: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

COSTA, Carmen Lucia Oliveira. *Informação e cultura: estudo sobre informações turísticas em Estrela-RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Monografia de Conclusão (Graduação em Biblioteconomia).

COSTA, Rogério Haesbaert. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 169-190.

DALLABRIDA, Valdir Roque. *Desenvolvimento regional: por que algumas regiões se desenvolvem e outras não?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

DUBY, Georges. História Social e Ideologias das Sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. 2 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Cartografias dos estudos culturais*. Ed. on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Stuart Hall: um esboço de um itinerário biointelectual. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 21, p. 61-74, ago. 2003.

ETGES, Virgínia Elisabeta. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

FINO, Carlos Nogueira. *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*. Universidade da Madeira, 2003.

FLORES, Murilo. *A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte*. Santiago: Chile: RIMISP, 2006. Disponível em: <www.rimisp.org.> Acesso em: 2 jun. 2011.

GERHARDT, Ruben. *Colonização de Teutônia e Corvo: imigração alemã no sul do Brasil*. Lajeado: Univates, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIRON, Loraine Slomp. Da Memória nasce a História. In: LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma. *A Memória e o Ensino de História*. Santa Cruz do Sul: ANPUH/RS, EDUNISC, 2000.

GONÇALVES, A. B. R.; BOFF, C. (orgs). *Turismo e Cultura – História Regional*. Vol 2. URI: Campus Santo Ângelo. CCM- Centro de Cultura Missioneira. Gráfica Venâncio Ayres: Santo Ângelo, 2001.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 2001.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.22, n. 2, pp. 201-210, mai/ago 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

_____. *O significado dos Novos Tempos*. Tradução de Sílvia Helena Simões Borelli e Wilma R. R. Gomes. Londres, Routledge, p. 223-237, 1996.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. *O Rio Grande do Sul: a Terra e o Homem*. 2ed. Rio de Janeiro/ Porto Alegre/ São Paulo: Editora Globo, 1952.

HESSEL, Lothar. *O Município de Estrela: história e crônica*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS/ Martins Livreiro Editor, 1983.

_____. *Município de Imigrante: registros e memórias*. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

HERRLEIN JR., R.; CARVALHO, V. R. F. *O Vale do Taquari (Rio Grande do Sul) durante o período colonial brasileiro - 1500-1822*. In: Segundas Jornadas Uruguayas de Historia

- Económica, 1999. Disponível em: <www.valedotaquari.org.br.> Acesso em: 12 jan. 2013.
- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUPPES, Ivete (org.). *Vale do Taquari: sinais de uma identidade*. Lajeado: UNIVATES, 2002.
- IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.
- JUNIOR, André Bozzeto. *Ilópolis: origens e raízes*. Lajeado: Grafocem, 2004.
- KARAM, Elaine Maria Consoli. *Raízes da Colonização – Brasil – Rio Grande do Sul: em destaque a Colônia Guaporé e o município de Dois Lajeados*. Porto Alegre: CORAG, 1992.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LE GOFF, J.; NORA, P. *História: Novos Problemas*. 2 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LENCIONE, Sandra. Região e Geografia – a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani. *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MAESTRI, Mário. A imagem no espelho. In: CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in América: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Etnografia como prática e experiência*. Horizontes Antropológicos, UFRGS/ IFCH. Ano 15, n.32, 2009. Porto Alegre: PPGAS, 2009, p. 129-156.
- MALTZAHN, Paulo César. *Construção e formação da identidade étnica teuto-brasileira: algumas considerações*. In: Congresso Internacional de História. Maringá, set. 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Técnicas, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Revista Dia-Logos de la Comunicación*. México: FELAFACS, n. 64, p. 8-23, 2002.
- MATTEI, Ilsi Maria Schons. *Resgatando a História de Sério*. Prefeitura Municipal de Sério: Lajeado, 2000.
- MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. Disponível em: <www.ines.gov.br.> Acesso em: 16 out. 2011.
- MAUCH, Cláudia. *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994.
- MIGOT, Aldo F. *História de Carlos Barbosa*. Prefeitura Municipal. Porto Alegre: EST/ Caxias

do Sul: EDUCS, 1989, p.44. In: KNOB, F. P.; KNOB, D. *Poço das Antas: Primeiro Lugar no Ranking de Alfabetização*. Porto Alegre: EVANGRAF, 1998.

MORIGGI, V. J.; ROCHA, C. P. V. da; SEMENSATTO, S. Memória, representações sociais e cultura imaterial. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Ano 09, n. 14, p. 182-191, 2012.

NAGEL, Liane Maria. A História das Missões e a Questão da Identidade Missioneira em Santo Ângelo. In: GONÇALVES, A. B. R.; BOFF, C. (orgs). *Turismo e Cultura – História Regional*, URI/ CCM-Centro de Cultura Missioneira, Santo Ângelo, v.2, p.20-28, 2001.

NICOLINI, Cristiano. “*Entre Vales e Montanhas...*”: análise das representações históricas dos imigrantes e a construção da identidade regional no Vale do Taquari. Santa Cruz do Sul, UNISC, 2006. Monografia (Curso de Pós-Graduação - Especialização em História do Brasil: Novas Perspectivas em Ensino e Pesquisa II).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, A. N. de; CALVENTE, M. D. C. M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. *Interações*, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista da FAE*, Curitiba, 5(2): 37-48, maio/ago, 2002.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PECQUEUR, Bernard. *A guinada territorial da economia global*. Política & Sociedade – Revista de Sociologia Política, PPSP UFSC, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br>> Acesso em: 5 mai. 2011.

PEIRANO, Mariza. O paradoxo dos documentos de identidade. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS/ IFCH. Ano 15, n.32, 2009. Porto Alegre: PPGAS, 2009, p. 53-80.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Gaúcho: integração do múltiplo. In: KERN, Arno A. *Rio Grande do Sul: Continente Múltiplo*. Porto Alegre: Riocell, 1993.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

RAMBO, A.; RÜCKERT, A. *O Sistema Territorial de Claude Raffestin: para pensar o Desenvolvimento Territorial*. 2008. Disponível em: <www.agbpa.com.br> Acesso em: 22 set. 2011.

RAMBO, Arthur Blásio (trad.) *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul: 1824 – 1924*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. 2vls. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo:

Hucitec, 1996.

Secretaria Municipal de Educação de Capitão. *Capitão: nossa gente fazendo História*. Encantado: Grafen, 2002.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado Brasileiro. *RBCS*, nº 26, ano 9, p. 103-122, out. 1994.

_____. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional In: *Horizontes Antropológicos* (Relações interétnicas), Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p.11-27.

_____. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M. C.; SANTOS R. V. (Orgs.) *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

_____. *Os alemães no Brasil: Uma síntese*. Disponível em: <www.comciencia.br> Acesso em 8 jan. 2013.

_____. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul./dez. 2004.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: ontem e hoje*. Lajeado: O autor, 2002.

_____. *ANAIS do I e II Simpósios "Raízes do Vale"*: O resgate de raízes históricas e culturais dos municípios do Vale do Taquari. Prefeitura Municipal de Lajeado/ UNIVATES/ 3ª DE/ Associação Nacional dos Pesquisadores de História: Lajeado, 2000.

_____. *Lajeado I*. 1ªed. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STRAUB, Ericson. *A tipografia gótica e sua identidade*. Blog AbcDesign, 21/08/2009. Disponível em: <abcdesign.com.br> Acesso em: 7 jan. 2013.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2007.

WASSERMAN, Claudia. Identidade: Conceito, Teoria e História. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.7, n. 2, p. 7-19, jul./ dez. 2001.

WEBER, Roswithia. *Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica - RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2006 (Tese de Doutorado PPGH).

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 23, n.1, pp. 27-32, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Bernardo do Campo: Paz e Terra, 2000.

_____. Culture is ordinary. In: GRAY, Ann; MCGUIGAN, Jim. (orgs). *Studyine culture*. London: Arnold, 1993.

WOLFF, Juçara Nair. *Bandinhas e a festa do Kerb*. Chapecó: Argos, 2001.

FONTES PRIMÁRIAS:

Abertura das apresentações de danças, feita pelo instrutor geral dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, Andreas Hamester, no segundo baile típico do 47º Festival do Chucrute, 26 de maio de 2012.

Acervo documental da *IECLB* de Estrela. A pesquisa foi realizada durante as visitas à paróquia, no ano de 2012.

Álbum Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrella. Estrela, Rio Grande do Sul, 1926.

Caminhos do Vale. Revista da Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales - *AMTURVALES*. Lajeado, 2000.

Culto celebrado pela pastora da *IECLB* de Estrela, Ângela Ulrich, na abertura do 19ª Festa do Idoso, dentro da programação do 47º Festival do Chucrute, 23 de maio de 2012.

Discurso de Ernani Sehn, presidente da *IECLB* de Estrela e da Comenda do 47º Festival do Chucrute, na abertura do segundo baile típico do evento, 26 de maio de 2012.

Discurso do instrutor geral de danças dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, Andreas Hamester, no lançamento oficial do 47º Festival do Chucrute, 13 de abril de 2012.

Discurso do pastor da *IECLB* de Estrela, Gilcinei Tetzner, na abertura do segundo baile típico do 47º Festival do Chucrute, 26 de maio de 2012.

Discurso do prefeito municipal de Estrela, Celso Brönstrup, no lançamento oficial do 47º Festival do Chucrute, 13 de abril de 2012.

Discurso do presidente da *IECLB* de Estrela, Ernani Sehn, durante a 19ª Festa do Idoso, 23 de maio de 2012.

Entrevista com Érica Gaussmann, sobre os primeiros *Bailes do Chucrute* (hoje *Festival do Chucrute*), 5 de janeiro de 2013.

Entrevista com o casal Ernani e Aneli Sehn, integrantes da viagem dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* à Europa, realizada no período de 10 de junho a 12 de julho de

2012. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

Entrevista não-estruturada com ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, abril de 2012.

Jornal *A Hora*, de Lajeado. A pesquisa foi realizada nas edições do ano de 2012.

Jornal *Folha de Estrela*. Suplemento especial sobre os 40 anos do *Festival do Chucrute*. Estrela, maio de 2005.

Jornal *O Informativo do Vale*, de Lajeado. A pesquisa foi realizada nas edições do ano de 2012.

Jornal *Tribuna de Petrópolis*, de Petrópolis (RJ). A pesquisa foi realizada a partir de recortes disponíveis no acervo da IECLB de Estrela – ano de 1992.

Materiais de divulgação dos municípios do Vale do Taquari, publicados pelas *Secretarias de Educação, Cultura e Turismo*, entre os anos de 2000 a 2012.

Questionários aplicados com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (março a dezembro de 2012).

SITES E BLOGS UTILIZADOS:

AEPAN - ONG. Blog desenvolvido pela Associação Estrelense de Proteção ao Ambiente Natural. Apresenta informações sobre a história e atualidades do município de Estrela. Disponível em: <<http://aepan.blogspot.com.br>> Acesso de março a dezembro de 2012.

AMTURVALES – ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE TURISMO DA REGIÃO DOS VALES. Site desenvolvido pela AMTURVALES. Apresenta informações sobre a entidade e sobre o turismo na região do Vale do Taquari e municípios próximos. Disponível em: <www.sitesdovale.com.br> Acesso em: 14 jan. 2013.

BANCO DE DADOS REGIONAL (BDR). Disponível em: <www.valedotaquari.org.br> Acesso em: 20 set. 2011.

CALENDÁRIO DE EVENTOS DA SECRETARIA DO TURISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 1º SEMESTRE DE 2013. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br>> Acesso em: 2 nov. 2012.

ESPIADA NO VALE. Blog desenvolvido por autor desconhecido. Apresenta informações sobre o turismo no Vale do Taquari. Disponível em: <<http://espiadanovale.blogspot.com.br>> Acesso em: 14 jan. 2013.

FESTIVAL DO CHUCRUTE 2012. Desenvolvido pela IECLB de Estrela. Apresenta informações sobre a 47ª Edição do Festival do Chucrute de Estrela. Disponível em: <www.festivaldochucrute.com.br> Acesso de março a novembro de 2012.

GRUPOS DA DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA. Desenvolvido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de Estrela. Apresenta informações sobre os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela. Disponível em:

<www.gruposfolcloricosdeestrela.com.br> Acesso de março a dezembro de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOUTOR RICARDO. Desenvolvido pela prefeitura Municipal de Doutor Ricardo. Apresenta dados do município. Disponível em: <www.doutorricardo.rs.gov.br> Acesso em: 18 jan. 2012.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB. Desenvolvido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Apresenta informações sobre a IECLB. Disponível em: <www.ieclb.org.br> Acesso de maio a novembro de 2012.

PORTAL DO VALE DO TAQUARI. Desenvolvido pela Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Taquari. Apresenta informações sobre os municípios da região do Vale do Taquari. Disponível em: <www.valedotaquari.org.br> Acesso em: 31 out. 2012.

PORTAL REGIÃO DOS VALES. Desenvolvido por Região dos Vales Comunicação Digital. Apresenta dados sobre os municípios do Vale do Taquari. Disponível em: <www.regiaodosvales.com.br> Acesso em: 14 jan. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA. Desenvolvido pela administração municipal de Estrela. Apresenta informações sobre o município de Estrela. Disponível em: <www.estrela-rs.com.br> Acesso em: 7 jan. 2013.

ROTA GERMÂNICA. Desenvolvido pela administração municipal de Teutônia. Apresenta dados sobre a Rota Germânica. Disponível em: <www.rotagermanicateutonia.com> Acesso em: 14 jan. 2013.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E PARTICIPAÇÃO CIDADÃ DO RIO GRANDE DO SUL – SEPLAG. Desenvolvido pela SEPLAG RS. Apresenta informações sobre SEPLAG RS. Disponível em: <www.scp.rs.gov.br> Acesso em: 28 jun. 2012.

SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Desenvolvido pela Secretaria de Turismo do RS. Apresenta informações sobre as diversas regiões turísticas do estado. Disponível em: <www.turismo.rs.gov.br> Acesso em: 2 nov. 2012.

ANEXO A - Roteiro da *entrevista-piloto* com a família Nunes (novembro de 2011)

- a) Sobre a participação de vocês no grupo: desde quando participam? Qual o grau de envolvimento nos *Grupos de Danças* e no *Festival do Chucrute*?
- b) Quem foram os fundadores dos *Grupos* e do *Festival*? Qual o contexto em que foram criados?
- c) Como os *Grupos* e o *Festival* estão vinculados ao contexto municipal e regional?
- d) Quais as possibilidades de realizar uma pesquisa de mestrado a partir dos *Grupos* e do *Festival*? Como posso ter acesso aos documentos e pessoas envolvidas?
- e) Que instituições estão historicamente envolvidas com os *Grupos* e o *Festival*?
- f) Sobre o *Festival de 2012*, existe a possibilidade de participar do evento, acompanhando-o desde os preparativos até a execução e finalização? Quais os meios para se obter autorização à realização desta pesquisa de campo?

ANEXO B - Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (março a dezembro de 2012)

Gostaria de contar com a sua colaboração no desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado intitulada “AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS GERMÂNICAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL NO VALE DO TAQUARI: UM ESTUDO SOBRE OS *GRUPOS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS DE ESTRELA* E O *FESTIVAL DO CHUCRUTE*”.

- 1. Idade:**
- 2. Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):**
- 3. Tempo de participação nos *Grupos*:**
- 4. Motivos que levaram a integrar os *Grupos*:**
- 5. Relação da sua família com os *Grupos*:**
- 6. O que representa para você ser um (a) integrante dos *Grupos*?**
- 7. Qual o papel dos *Grupos* na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?**
- 8. Considerando a atuação dos *Grupos* em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?**

Obrigado pela sua colaboração.

Cristiano Nicolini

Mestrando em Desenvolvimento Regional - PPGDR/ UNISC

ANEXO C - Ofício encaminhado ao instrutor dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* (dezembro de 2011)

Estrela, 28 de dezembro de 2011.

Sr. Andréas Hamester

Eu, Cristiano Nicolini, mestrando do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, venho por meio deste solicitar o vosso auxílio na realização da minha pesquisa acerca das manifestações culturais germânicas no Vale do Taquari, cujo objeto específico de análise são os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute*. Para isso, solicito a autorização para acompanhar as atividades dos Grupos durante o ano de 2012, nas ocasiões e datas possíveis. O trabalho elege esta manifestação cultural como objeto de análise em função da sua relevância no contexto histórico e cultural da região, especificamente no município de Estrela. A partir deste estudo, busca-se compreender o papel dos *Grupos* e do *Festival* na formação da identidade territorial da região do Vale do Taquari.

Desde já, agradeço pela atenção e colaboração.

Cristiano Nicolini
Mestrando em Desenvolvimento Regional
UNISC – Santa Cruz do Sul

Ao Sr. Andréas Hamester
Instrutor Geral dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*

ANEXO D - Ofício encaminhado aos membros da Comenda do 47º Festival do Chucrute de Estrela (dezembro de 2011)

Estrela, 28 de dezembro de 2011.

Caros membros da diretoria do 47º Festival do Chucrute:

Eu, Cristiano Nicolini, mestrando do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, venho por meio deste solicitar o vosso auxílio na realização da minha pesquisa acerca das manifestações culturais germânicas no Vale do Taquari, cujo objeto específico de análise são os *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* e o *Festival do Chucrute*. Para isso, solicito a vossa autorização para acompanhar as atividades do Festival durante o ano de 2012, nas ocasiões e datas possíveis. O trabalho elege esta manifestação cultural como objeto de análise em função da sua relevância no contexto histórico e cultural da região, especificamente no município de Estrela. A partir deste estudo, busca-se compreender o papel dos *Grupos* e do *Festival* na formação da identidade territorial da região do Vale do Taquari.

Desde já, agradeço pela atenção e colaboração.

Cristiano Nicolini
Mestrando em Desenvolvimento Regional
UNISC – Santa Cruz do Sul

Aos membros da diretoria do 47º Festival do Chucrute de Estrela

**ANEXO E - Transcrição de áudio da entrevista não-estruturada com ex-integrantes dos
Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela (abril de 2012)**

Utilizam-se na transcrição da entrevista as iniciais dos entrevistados e entrevistador:

CN: Cristiano Nicolini (entrevistador)

MN: Mônica Nunes – 31 anos

JT: Janaína Tenn-Pass – 31 anos

DM: Dolores Mussnich – 56 anos

CN: Como vocês ingressaram nos *Grupos*?

MN: Por incentivo da família.

CN: Há quantos anos?

JT: Mais ou menos desde 1984 ou 1985.

CN: Ambas as famílias já participavam dos *Grupos* ou da *Comunidade Evangélica*?

JT: Acho que está muito ligado à questão da Igreja Luterana.

DM: A gente era da Comenda, e automaticamente levava os filhos.

JT: Em função de participar da Comunidade, mesmo. Como era uma festa mais da Comunidade Evangélica, as famílias participavam, eram atuantes...

CN: Isso na década de 80?

JT: É, mais ou menos.

CN: E, naquela época, a maioria dos dançarinos que participava com vocês o fazia por serem vinculados à Igreja Luterana?

JT: A maioria não era luterana ou vinculada à Igreja.

CN: Não era um critério, então, para participar dos *Grupos*?

MN: Não. É uma questão bem tradicional do município de Estrela. Então, assim como cada município tem algo a oferecer, isso era oferecido em Estrela, pra nós, pela nossa Comunidade. Mas havia crianças de todas as religiões, de outros bairros, também, não só do bairro da comunidade. Eu também ingressei na década de 80, com 4 anos de idade, e dancei até os 25, eu acho.

CN: Quem mantém os *Grupos de Danças*?

MN: A mantenedora dos *Grupos* é a *Comunidade*, mas na verdade os *Grupos* são muito mais abertos que a *Comunidade*. O baile [*Festival do Chucrute*] é feito mais pela *Comunidade*, mas os *Grupos* são mais abertos.

JT: Não sei como é hoje, mas o baile é mais ligado à *Comunidade*.

MN: É mais ligado à *Comunidade*, mas os *Grupos Folclóricos* são mais abertos.

JT: É que tem outra questão: algumas categorias ensaiam somente até o *baile*, o que é uma preparação para o baile. Por exemplo, o grupo de crianças não ensaia o ano inteiro. O grupo dos adultos participa de apresentações em outros lugares, ensaiando o ano inteiro.

MN: O grupo de senhoras ensaia também o ano inteiro, pois para elas é uma atividade para cuidar da saúde. Naquela época, já iam nas escolas divulgar... na verdade, para nós duas a realidade é que participamos por ter relação com a *Comunidade*.

JT: Para nós teve relação com a *Igreja*, por sermos de famílias atuantes, mas nas escolas do município era feita a divulgação dos *Grupos*, convidando os alunos a participarem.

CN: Em termos de número de integrantes, quando vocês ingressaram, em relação a hoje, aumentou ou diminuiu?

JT: Aumentou o número de categorias, pois a da *Terceira Idade*, por exemplo, não existia... *Esperas* não tinha... Tem mais categorias hoje. Mas acho que tinha mais crianças que hoje.

CN: Desde 1985 o instrutor geral de danças dos Grupos é o Andreas Hamester?

MN: Sim, desde lá é ele quem coordena.

JT: Mas ele coordena determinadas categorias.

MN: Hoje, não. Ele coordena todas as categorias.

CN: Mas existem instrutores auxiliares?

JT: Sim, nós éramos instrutoras titulares, não auxiliares. Mas hoje existem os auxiliares, sendo ele o coordenador geral. Exceto o grupo das senhoras, que ele não ensaia, pois elas têm sua própria instrutora.

CN: Outra questão: no tempo em que vocês permaneceram nos Grupos – 25 anos, aproximadamente -, nunca se desligaram?

JT: Eu entrei com 4 anos e saí com 27 anos, mais ou menos. Na verdade eu saí em 2007 das categorias principais e depois fiquei um ano na sênior. Não faz muito tempo que me afastei.

MN: Eu dancei dois anos no sênior (em 2010 e 2009), mas agora eu saí.

CN: Pretendem voltar?

MN: Tudo é possível (risos).

JT: Eu não pretendo, pela questão de eu estar distante... mas é algo que eu sinto, toda vez que a gente vem, é uma boa lembrança, eu acho.

CN: Sentem falta?

JT: Eu sinto. Porque além desta questão cultural, era uma atividade física, principalmente quando a gente tava nessas categorias principais. Não sei como tá agora, mas a gente pegou um grupo bom, unido, a gente viajava, então era uma família...

MN: E a questão das amizades, isso é o principal, porque todos os nossos programas de finais

de semana estavam relacionados ao *Grupo*... então, as pessoas que estavam de fora achavam meio engraçado: “Ah, eu tenho que ir no *Grupo*!”

JT: Às vezes acontecia de sextas, sábados e domingos a gente ter apresentação, por exemplo. Então, a gente passava praticamente o final de semana juntos.

MN: E eu conheço São Paulo, Rio de Janeiro, por causa do *Grupo*.

CN: Pra vocês, havia uma identificação com aquilo?

MN: Havia uma identificação porque os valores ali dentro são muito bons. São valores de respeito, de amizade,... sempre há conflitos, porque no momento que há pessoas reunidas, de idades diferentes, muitos profissionais diferentes, há conflitos. Mas o que é mais importante é a integração.

CN: Por ser um grupo de inspiração na cultura alemã, há abertura para danças de outros tipos, origens?

MN: Apenas no ano 2000, foi um ano atípico, em função dos 500 anos do Descobrimento. Naquele ano, eu ajudei a elaborar esse programa, porque nós pensamos assim: 500 anos do Brasil, vamos homenagear o país. Então nós pensamos assim: primeiro na questão dos índios, dos africanos, e dos portugueses. Depois, então, os imigrantes: alemães, italianos e espanhóis. E depois, dentro do Brasil, algumas regiões. Aí entrou o Nordeste, através do frevo; o Rio Grande do Sul, através da dança gauchesca; e o bumba-meu-boi, do Norte.

CN: As lendas encenadas (como neste ano) são inspiradas na cultura alemã?

MN: Sim, é a Lenda da Floresta Negra.

CN: Vocês são de famílias de origem alemã? Os integrantes dos Grupos têm, em sua maioria, sobrenomes de origem alemã?

MN: Dentro dos Grupos tem, por exemplo, afrodescendentes, nem todos integrantes são de origem alemã. Mas a maioria é, pela própria cultura da cidade.

JT: Mas nunca foi critério.

CN: Vocês participavam da pesquisa e elaboração dos figurinos e das danças? Estudavam para isso?

MN: Fizemos, como instrutoras, cursos em Gramado. Estudamos questões da língua, das regras sobre a confecção dos trajes, etc.

JT: Mas o instrutor que decidia e organizava isso.

CN: E os trajes hoje são mais detalhados?

MN: Sim, hoje a questão financeira facilita na confecção dos trajes.

CN: O poder público municipal e as empresas apoiavam os Grupos?

MN: No começo a comunidade mantinha, mas se tornou inviável. Não há retorno financeiro.

O que aconteceu: procurou-se mais apoio público. Um dos trajes foi pago, certa vez, pela prefeitura...

JT: Mas não havia este apoio normalmente.

MN: Outros grupos pequenos recebem mais apoio, à vezes.

JT: O *Grupo* leva o nome da cidade e da região pelo Brasil.

CN: Aparentemente, os integrantes não têm medo ou vergonha de se trajarem e dançar, o que para alguns parece estranho.

MN: Não. Por ser um Grupo, todos assumem o seu papel e não se envergonham. Meus alunos, ainda hoje, não têm vergonha e gostam. Pedem para que volte ao Grupo.

ANEXO F - Discurso do instrutor geral de danças dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, Andreas Hamester, no lançamento oficial do 47º *Festival do Chucrute* (13 de abril de 2012) – transcrito a partir de vídeo.

“Muito boa noite. Saúdo a todos da comunidade aqui presentes. Eu pensei numa coisa para dizer para vocês hoje... aqui neste lançamento do *Festival do Chucrute*, e pensei... o que que é tradição? O que é tradição? Ah! Uma coisa que a gente gosta de fazer várias vezes, né? Aí eu pensei: por que surgiu o *Festival do Chucrute*, em 1966, e que pessoas foram essas que por que elas resolveram inventar esta festa típica? Numa época...numa época em que não existiam festas típicas alemãs, produzidas e organizadas especificamente para serem festas típicas. Existiam as festas tradicionais, que nem o *Kerb*, encontro dos corais,... Numa época em que não existiam grupos folclóricos de danças alemãs em nenhuma parte do Brasil. Naquele ano, um grupo de pessoas teve saudade das suas tradições, de algumas coisas que elas lembravam de seus avós, dos pais, que sabiam que tinha alguma coisa na área cultural, na comida típica alemã, ou na decoração das mesas, elas se lembravam de alguma coisa, e elas inventaram então um evento que, no íntimo delas, tenho certeza, tinha como objetivo elas matarem a saudade e terem esta tradição que havia se esquecido. No tempo... que o casal Schinke e outros historiadores escreveram sobre como é que se criou o *Festival*. Eles diziam: surgiu de um pequeno grupo de danças, com a intenção de resgatar danças, músicas e sons esquecidos... os *chotes*, as *polkas*, as valsas,... que os jovens não dançam mais. Mais ou menos assim ta escrito lá. E esse *Festival do Chucrute* surgiu com esse espírito, movido pela saudade, pela lembrança de uma coisa que não era mais feita, e assim o *Festival do Chucrute* veio, foi de agrado das pessoas e se consolidou até os dias de hoje. Atualmente, o evento visa arrecadar fundos para a comunidade evangélica, mas o festival é diferente, porque mantém a mesma decoração de 1966, cujo modelo é inspirado na Baviera...o cheiro do cipreste fica impregnado no salão. Esta tradição é passada de pai para filho, de geração para geração... isso é folclore, onde jovens e idosos de até 88 anos [se referindo à integrante mais idosa dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*] se reúnem há 48 anos [referindo-se aos *Grupos*, que surgiram dois anos antes do *Festival*]” em atividades ininterruptas. Nós gostamos de vestir esses trajes, de ver o festival, que é um super *Kerb*, onde mais de mil pessoas vêm aos bailes...metade de fora. Alguns ficam nas casas dos dançarinos, e os ex-dançarinos também vêm para prestigiar.”

ANEXO G - Discurso do prefeito municipal de Estrela, Celso Brönstrup, no lançamento oficial do 47º Festival do Chucrute (13 de abril de 2012) – transcrito a partir de vídeo.

“Saudações a todos os presentes. Hoje, quero falar sobre o papel do fator cultural no desenvolvimento de um município e de uma região. Os povos que cultivam as suas tradições, que valorizam o fator cultural, são mais fortes porque têm raízes culturais. [...] parecem mais fácil aqueles que não têm tradições. Por exemplo, podemos falar da história do povo judeu, que há mais de três mil anos passou dissabores com os egípcios, babilônios, depois o holocausto, e mesmo assim o mito de Moisés é mantido com pouquíssimas modificações. Hoje, o *Festival do Chucrute* potencializa as tradições; a gastronomia, a dança, a decoração, as crianças [...]. Este evento fomenta o comércio, os serviços e o turismo na região. Os gestores devem buscar oportunidades, promover eventos, transformando Estrela em referencial turístico. Para isso, estamos construindo o *Centro Cultural*, que é mais um opção para este segmento. O governo de Estrela vem resgatando os pontos históricos, como a limpeza das escadarias de acesso ao Rio Taquari. Há outros projetos em fase embrionária, como a revitalização da *Cascata da Santa Rita*, o mirante do *Morro Roncador*, etc. Espero que o *Festival do Chucrute* se consolide como evento que leva a garra e a determinação dos estrelenses, os encontros e reencontros, a amizade. Que a mais tradicional festa do folclore alemão do Rio Grande do Sul seja um momento que intensifique a alegria e a diversão.”

ANEXO H - Roteiro prévio de observação do 47º Festival do Chucrute (maio de 2012)

- a) Organização do evento: participantes, papel da esfera pública, recursos financeiros, obtenção de patrocínios e demais atores envolvidos.
- b) Divulgação do evento: materiais, locais, meios, colaboradores, ações locais e regionais, papel das mídias.
- c) Escolha da rainha da festa: critérios, ritos, papel dos atores.
- d) Desfile de divulgação: adereços, vestimentas, meio de divulgação, municípios visitados, recepção do público, atuação dos integrantes.
- e) O *Festival*: organização, decoração, preparação do cardápio, ensaios dos *Grupos*, vestimentas, público participante, interação entre público e integrantes, a comissão organizadora (comenda), símbolos germânicos, as danças folclóricas, etc.
- f) Resultados obtidos: público total, opiniões sobre a festa, repercussão na mídia, permanências e mudanças em relação aos outros festivais, etc.
- g) Outras observações.

ANEXO I - Culto celebrado pela pastora da IECLB de Estrela, Ângela Ulrich, na abertura do 19ª Festa do Idoso, dentro da programação do 47º Festival do Chucrute (23 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.

“Nós vamos começar agora pedindo que todos façam silêncio para que façamos um momento de reflexão, de meditação. Eu sei que muitos que vêm de longe e tem outros que vêm de perto (pausa para canto religioso). Com este canto acolhemos a todos vocês, queremos dar a todos as boas vindas, e eu quero convidar o presidente da nossa Comunidade Evangélica de Estrela, para trazer também a sua palavra neste dia (fala do presidente da IECLB de Estrela – anexo X). Agradecemos as palavras do Sr. Ernani Sehn, presidente da Comunidade Evangélica de Estrela (pausa para canto e oração). Agora, o *Grupo Caminhando Juntos* vai entregar para cada um de vocês uma cuia de chimarrão, que é símbolo de uma cultura. E o que nos traz aqui hoje? A cultura alemã. Quem de vocês dança músicas alemãs? Quem dança bandinha? Nós dançamos músicas alemãs, mas não deixamos isto, a cuia, o que nos identifica com a cultura riograndense, que é o chimarrão. Eu particularmente gosto muito. Quando eu bebo chimarrão, lembro lá dos meus tempos da infância, talvez na casa de muitos de vocês também é assim. A primeira coisa que nós fazíamos, às 6h da manhã era...tomar chimarrão. Alguém de vocês fazia isso? Até hoje, né? A nossa primeira atividade é...tomar chimarrão. Como tomamos chimarrão? Numa roda... e o que acontece? A gente tem o encontro com o outro, a gente tem comunhão, a gente vive unido. A gente tomava chimarrão, lá em casa, de manhã cedo, antes de tirar leite das vacas, depois, antes do meio dia [...] E hoje ainda oferecemos isso às visitas. Com isso a pessoa é bem vinda, ela é recebida. Tomar chimarrão é ter hospitalidade. [...] Celebrem, estejam unidos, celebrem a alegria da cultura alemã e da cultura gaúcha [...].”

ANEXO J - Discurso do presidente da IECLB de Estrela, Ernani Sehn, durante a 19ª Festa do Idoso (23 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.

“Bom dia a todos! Sejam todos bem vindos à 19ª Festa do Idoso, que acontece durante a realização do 47º Festival do Chucrute, a festa da alegria, a festa da amizade. Que bom que caravanas vieram, e que bom que aqui estão. A Comunidade Evangélica de Estrela e o Grupo Caminhando Juntos se sentem felizes por proporcionar este momento de convivência fraterna. Tudo foi preparado com muito carinho, da recepção ao almoço típico que será servido logo mais. Foi feito com esmero pelas senhoras da OASE. Queremos lembrar que neste ano, mais precisamente no mês de setembro, a OASE está completando 100 anos de existência. Agradecemos a todos os voluntários, desta comunidade, que de uma ou de outra forma, nos auxiliaram para que esta Festa do Idoso seja de muita descontração e alegria. Obrigado e divirtam-se!”

ANEXO K - Discurso de Ernani Sehn, presidente da IECLB de Estrela e da Comenda do 47º Festival do Chucrute, na abertura do segundo baile típico do evento (26 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.

“O 47º Festival do Chucrute, a festa da alegria, a festa do conagraçamento. Hoje, realizando o segundo baile, a comunidade evangélica de Estrela sente-se feliz por proporcionar estes momentos de convivência nesse segundo baile. Além da boa música, ocorrerá a troca da Comenda, bem como a coroação das rainhas adulta e mirim, que serão responsáveis pela divulgação do 48º Festival do Chucrute, em 2013. Para esta noite, está tudo preparado. Tudo o que vocês irão ver foi trabalho voluntário, de todos os departamentos da comunidade evangélica de Estrela: Caminhando Juntos; OASE, que está preparando o nosso jantar; os Grupos Folclóricos, responsáveis pela dança; gostaria também de saudar o nosso instrutor, Andreas Hamester, pelos trabalhos relevantes com os Grupos Folclóricos; a Creche Colmeia, nossa parceira no Festival, também; também não podemos deixar de agradecer a equipe da ornamentação; agradecemos aos patrocinadores, pela parceria, pela forma como nos auxiliaram. Obrigado e todos e bom divertimento a todos!”

ANEXO L - Abertura das apresentações de danças, feita pelo instrutor geral dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela*, Andreas Hamester, no segundo baile típico do *47º Festival do Chucrute* (26 de maio de 2012) – transcrição de gravação de áudio.

“Destacamos a presença e corajosos viajantes que vêm lá de Massaranduba, Santa Catarina, sejam bem vindos. Muito obrigado pela presença e amanhã vamos ter o prazer de ver vocês dançando no café da tarde. Vamos fazer a abertura das apresentações folclóricas do *47º Festival do Chucrute*, com os dançarinos do Grupo Especial, com uma abertura diferente... vamos lá! [após esta dança, o instrutor anunciou cada grupo e suas respectivas danças].”

ANEXO M - Discurso do pastor da IECLB de Estrela, Gilcinei Tetzner, na abertura do segundo baile típico do 47º Festival do Chucrute (26 de maio de 2012) - transcrição de gravação de áudio.

“Saúdo de maneira especial todas as pessoas que atenderam o convite, compraram seu ingresso. Com muita alegria, saúdo o pastor sinodal do Vale do Taquari, pastor Marcos Bechert, que está presente aqui nesta noite [...]. Saúdo a todas as pessoas que tornam este Festival uma realidade, os Grupos Folclóricos, a OASE, o Grupo Caminhando Juntos [...]. O Festival do Chucrute é uma festa muito alegre, uma festa típica, e queremos que todos se sintam muito bem e que a paz do Nosso Senhor esteja com todos vocês. Saudamos com muita alegria nos nossos *hermanos* argentinos para juntos fazermos um grande Festival do Chucrute, sejam todos *benvenidos* e tenhamos uma noite iluminada [em seguida, o pastor deu as boas vindas em alemão e espanhol].”

ANEXO N - Entrevista sobre os primeiros *Bailes do Chucrute* (hoje *Festival do Chucrute*)

Nome: Erica Gaussmann – ex-membro da OASE; participou da organização do *Baile do Chucrute* e depois *Festival do Chucrute*, durante 40 anos.

Idade: 84 anos

Data da entrevista: 5 de janeiro de 2013.

1. Qual o período em que você participou da organização dos Bailes do Chucrute (hoje Festival)?

Erica Gaussmann: De 1966 a 2005.

2. Como era a sua atuação na preparação dos bailes?

Erica Gaussmann: Ajudava na preparação do cardápio do baile e na ornamentação do salão.

3. Como era participação da comunidade – homens, mulheres e crianças – neste evento?

Erica Gaussmann: Os homens ajudavam na montagem da ornamentação, as crianças apresentavam danças sob a coordenação da professora da escola luterana e as mulheres preparavam os adereços para a ornamentação e preparavam os alimentos do baile.

4. Que lembranças são mais marcantes sobre os primeiros Bailes do Chucrute?

Erica Gaussmann: Lembro da preparação do chucrute, que era feita em recipientes de madeira; das atividades na cozinha, junto com as senhoras da OASE; não acompanhava muito o baile, pois nós ficávamos na cozinha.

5. O público que participava dos primeiros bailes era, em sua maioria, de origem alemã?

Erica Gaussmann: Sim, mas havia pessoas de outras origens. Mas a língua que se falava era o alemão. Mas tinha que aceitar os outros. Não estávamos na Alemanha!

6. Como era vista a participação de pessoas que não eram de origem alemã?

Erica Gaussmann: Eram aceitas, inclusive católicos eram aceitos, apesar de que a festa era organizada pela comunidade luterana. Mas os alemães trabalhavam... Os alemães trabalham muito.

7. Na sua opinião, o que motivava as pessoas a realizarem o Baile do Chucrute nos primeiros anos?

Erica Gaussmann: A vontade de ajudar a comunidade.

8. Como eram os bailes – música, comida, danças, decoração?

Erica Gaussmann: A música não lembro, mas a comida era o chucrute, o Joelho de Porco, a batata cozida a vapor e outras coisas. O cardápio não era tão completo como hoje. Naquela época as flores eram naturais, hoje trocaram por flores de papel. Mas o resto continua igual, senão perde o valor.

9. De onde surgiam as ideias para organizar os Bailes (decoreção, os pratos, etc.)?

Erica Gaussmann: Nós mesmas criávamos. Não lembro exatamente de onde vinham as ideias.

10. Quando o Baile do Chucrute passou a receber público de outros municípios e estados?

Erica Gaussmann: Desde o início havia gente de fora, mas foi aumentando com o tempo.

ANEXO O - Entrevista com o casal Ernani e Aneli Sehn, integrantes da viagem dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela à Europa, realizada no período de 10/06 a 12/07/2012 (entrevista realizada em janeiro de 2013).

1. Qual foi o roteiro da viagem?

Portugal, Alemanha, França, Suíça, Áustria e República Tcheca, passando por várias cidades destes países.

2. Desde quando ocorre esta viagem?

Desde 1994.

3. Com que frequência?

Foram quatro viagens, sem um intervalo regular (1994, 1996, 2005, 2008 e 2012).

4. Como é a organização desta viagem?

Durante dois anos, realizamos atividades para angariar fundos, e as pessoas envolvidas pagam mensalidades. O instrutor Andreas e o pastor Marcos entram em contato com os lugares na Europa e organizam o roteiro lá.

5. Quais os objetivos da viagem?

Integração, trocas culturais, diversão e aprendizagens. Tem uma cidade da Alemanha que é parceira de Estrela, onde há uma banda musical que faz intercâmbio. Eles estiveram em Estrela em outubro de 2012, retribuindo a visita feita em junho e julho.

6. Como foi a rotina dos integrantes na Europa?

Conhecemos cidades do interior, onde realizamos apresentações de danças em escolas, casas de idosos, comunidades. Eram cidades muito pequenas, e as pessoas gostavam muito. Também realizamos vários passeios, ficávamos em hotéis e pousadas reservados pelos organizadores, e o trajeto era feito de ônibus entre os países.

7. Que impressões foram mais marcantes para os integrantes?

A educação do povo de lá, principalmente na Alemanha, o respeito às leis. A cultura europeia em si é bastante diferente, os hábitos, etc.

8. Como foi a receptividade dos europeus em relação ao trabalho desenvolvido pelos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela?

Eles prestigiaram muito o nosso trabalho, aplaudindo em pé... chegavam a coletar dinheiro para doar aos Grupos. O que mais gostam de assistir são apresentações diferentes das danças alemãs; valorizam o carnaval, as danças gauchescas, o bumba-meu-boi (danças ensaiadas por coreógrafos que os Grupos contratam). A dança alemã eles já conhecem, querem ver coisas diferentes.

9. Existem grupos semelhantes na Europa?

Somente da terceira idade, mas são poucos. Não vimos quase nenhum lá.

**ANEXO P – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos Grupos de Danças
Folclóricas Alemãs de Estrela - via email.**

Entrevista nº 1

Idade: 30 anos

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Semi-I, Semi-II, Esperas, Oficial A e atualmente Sênior

Tempo de participação nos Grupos:

Aproximadamente 18 anos

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Deixei o grupo 2 vezes enquanto titular do grupo Oficial por questão de compromissos com faculdade, família, etc uma vez que dançar nas principais categorias exige tempo e dedicação. Retornei ao grupo sempre por questões de amizade.

Relação da sua família com os Grupos:

Acompanham desde que meu irmão e eu começamos a dançar quando pequenos, sempre nos incentivaram por acreditar ser algo “saudável”.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Faz parte da minha história. Conheci muitos lugares que talvez jamais tivesse conhecido se não fossem as apresentações com o Grupo.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Penso que o Grupo tem um papel fundamental na comunidade, uma vez que se formam amigos e famílias dentro do grupo. Ir nos ensaios não significa apenas ir dançar, e sim, um ponto de encontro pra se juntar semanalmente com os amigos.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Acredito que divulgam o vale como um todo, claro que destacando muito mais o município de origem. Já dancei em CTG's e vejo que apenas se destacam dentro do Estado, uma vez que o Grupo leva o nome do município e do vale para fora.

ANEXO Q – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - via email.

Entrevista nº 2

Idade: 30 anos

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Juvenil, semi-um e semi-dois.

Tempo de participação nos Grupos:

De 3 a 4 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Adorava dançar, é divertido e fazemos muitos amigos, não lembro muito bem mas parei por uma escolha bem pessoal.

Relação da sua família com os Grupos:

Eu e minha irmã dançávamos, e nossos pais participavam sempre, até das excursões e passeios.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Me sinto muito feliz por ter podido participar, fiz muito amigos com os quais me relaciono até hoje, e dizer que já dancei é muito importante pra mim.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Os grupos tem um papel muito importante tanto para a comunidade evangélica quanto para a cidade pois é um evento folclórico que leva o nome de Estrela para todo canto do mundo.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Acho que representam não só Estrela mas todo o vale, o Grupo faz parte da história dos alemães e também pode ser uma das atrações turísticas da nossa região.

ANEXO R – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - via email.

Entrevista nº 3

Idade: 26 anos

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Juvenil, Semi-1, Semi-2, Esperas, Especial.

Tempo de participação nos Grupos:

11 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Indisponibilidade de tempo para conciliar dos ensaios e, principalmente, das viagens para apresentações, com estudos e outros compromissos.

Relação da sua família com os Grupos:

Minha irmã foi a primeira a ingressar no grupo, em seguida eu também passei a integrar, de forma que meus pais sempre acompanharam. Quanto passei a integrar a categoria Especial, meus pais foram convidados a fazer parte dos ‘Casais Conselheiros’, uma espécie de monitores que nos acompanhavam em viagens e apresentações.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Tenho muito orgulho de ter feito parte desta ‘família’, sempre muito unida e focada na busca de seus objetivos, levando a cultura germânica a muitos cantos do país.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Disseminar a cultura germânica e o nome de Estrela e do Vale por todo o país, inclusive exterior.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Acredito que os Grupos representam todo o Vale na medida em que levam a cultura germânica, que ainda está tão fortemente ligada a nossa região.

ANEXO S – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* – respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 4

Idade: 54 e 62 anos

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Casais.

Tempo de participação nos Grupos:

24 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Preservar a cultura alemã. Participar junto dos pais e de nossas filhas, bem como integrar com demais membros da comunidade.

Relação da sua família com os Grupos:

Nossos pais e as três filhas já integraram o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Cultura, alegria, amizade. Para nós é um orgulho ser integrante dos Grupos.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Projeta a IECLB (comunidade) como um todo, independente de credo religioso. Representar o município e a cultura em todas participações em eventos, tanto municipais, estaduais, nacionais e até mesmo intercâmbio com outros países.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Representam Estrela, mas também a região do Vale do Taquari, pois a sua colonização é predominantemente alemã.

ANEXO T – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 5

Idade: 56 e 61 anos.

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Categoria Casais (Grupo de Coroas).

Tempo de participação nos Grupos:

29 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Por convite de amigos participantes; gosto pela dança; oportunidade de novas amizades e intercâmbio com outras entidades (grupos).

Relação da sua família com os Grupos:

Relação direta; filhas dançam desde os três anos, formando muita amizade entre os componentes. Nas promoções (Festival do Chucrute), a participação das famílias na organização é fundamental.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

O mais importante é a amizade que se forma entre os participantes. Cito um exemplo quando no período de férias das atividades, cada encontro com algum componente é motivo “daquele abraço”. É como se fosse uma grande família, em torno de um objetivo, o folclore.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

A comunidade evangélica de Estrela é uma entidade de fins filantrópicos, então oferece diversas opções de lazer à comunidade estrelense, seja no folclore, canto, juventude, etc. O “Grupo” representa para o município a divulgação do folclore germânico através da dança.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

O Grupo Folclórico de Danças Alemãs de Estrela, em todas as suas categorias (12 grupos) dos 3 aos 86 anos, representa com certeza a divulgação do folclore germânico de todo o Vale do Taquari, tanto pela dança como pela variedade de trajes típicos.

ANEXO U – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 6

Idade: 61 e 57 anos.

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Casais.

Tempo de participação nos Grupos:

Desde 1988.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Integração de toda família (4 pessoas) em uma atividade sadia e que traz uma história cultural de longa data.

Relação da sua família com os Grupos:

Hoje restrita ao casal, pois os filhos residem e trabalham fora de Estrela.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Representa participar de uma “entidade” que bem representa todo o trabalho da Comunidade Evangélica de Estrela.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Mostrar que a criança, o jovem, o adulto e o idoso tem vez, voz e lugar ao abrigo de um mesmo teto, ou seja, o Grupo de Danças que representa além da Comunidade Evangélica, o município de Estrela, a nível de região, Estado, País e fora deste com excursões de aprendizado para todos nós.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Representam o trabalho incessante de membros da “Comunidade de Estrela”. Obs: deveria representar o Vale do Taquari.

ANEXO V – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 7

Idade: 52 e 57 anos.

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Casais.

Tempo de participação nos Grupos:

5 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Fui convidada a participar do Grupo logo que me mudei para a cidade, por integrantes do Grupo que já eram conhecidos meus.

Relação da sua família com os Grupos:

Tenho um filho que participa do Grupo Sênior.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

É motivo de muito orgulho pela integração e amizade que mantém o Grupo.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Representa e divulga o nome de Estrela não só no Estado, mas no exterior também.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Não só divulga o nome do Estado como toda região do Vale do Taquari, pela beleza de suas danças e seus trajes variados.

ANEXO X – Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 8

Idade: 49 anos.

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Casais.

Tempo de participação nos Grupos:

9 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Após assistir a uma apresentação do Grupo, chamou-me a atenção a alegria dos mesmos na dança e a amizade entre os integrantes.

Relação da sua família com os Grupos:

Todos os nossos três filhos já passaram pelos Grupos em alguma coreografia, ou ainda participam (um deles).

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

A sensação de alegria e a amizade que formamos com os integrantes é muito especial.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Pelo número de convites que recebemos para participarmos dos eventos dentro do município e também fora dele, e inclusive em outros estados divulga em muito o município e a comunidade.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Com certeza não só a região, como também o estado, e por que não o país, quando estamos no exterior.

ANEXO Y– Questionário aplicado com atuais e ex-integrantes dos *Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela* - respondido pelos integrantes após um ensaio.

Entrevista nº 9

Idade: 50 e 52 anos.

Categoria(s) na(s) qual(is) atua(ou):

Casais (coroas).

Tempo de participação nos Grupos:

9 anos.

Motivos que levaram a integrar e deixar os Grupos:

Convite de um casal amigo e expectativa de integração.

Relação da sua família com os Grupos:

Relação de reconhecimento e admiração pela atividade cultural.

O que representa para você ser/ter sido um (a) integrante dos Grupos?

Representa preservar e valorizar a cultura; integrar e conviver com um grupo.

Qual o papel dos Grupos na Comunidade Evangélica (IECLB) e no município de Estrela?

Os Grupos através de seus componentes se comprometem com a filosofia da Comunidade Evangélica, convivendo em comunidade e preservando suas origens e viabilizando intercâmbios. Em relação ao município de Estrela, divulgam a alegria e a cultura germânica, representando o mesmo nos mais diversos locais do Brasil e exterior.

Considerando a atuação dos Grupos em diversos lugares do estado, do país e do mundo, eles representam (na sua opinião) apenas o município de Estrela ou toda a região do Vale do Taquari? Por quê?

Representam a região do Vale do Taquari, pois há integrantes de municípios vizinhos e a cultura germânica em todo o vale é bastante expressiva.